

NUNO NEPOMUCENO

AUTOR DA SÉRIE *BESTSELLER AFONSO CATALÃO*

A NOIVA JUDIA



ESCANDALIZAR É UM DIREITO.
SER ESCANDALIZADO
É UM PRAZER.



“

Havia no cenário do crime uma decadência chocante, que ultrapassava a degradação daquelas paredes húmidas e deterioradas, necessitadas de restauro. Era a deposição da vida humana, reduzida à completa insignificância.

a noiva judia

a noiva judia
nuno nepomuceno



© Nuno Nepomuceno e Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO: *A Noiva Judia — Escandalizar é um direito. Ser escandalizado é um prazer.*

AUTORIA: Nuno Nepomuceno

REVISÃO: Paula Caetano

PAGINAÇÃO: Ana Gaspar Pinto

CAPA: Vera Braga

IMAGEM DE CAPA: © Jun Hao — Unsplash

FOTOGRAFIAS DO AUTOR: Marisa Martins e Luka Mario

O livro *A Noiva Judia* é inspirado num crime real.

Os nomes e acontecimentos narrados foram parcialmente alterados pelo autor.

ISBN: 978-989-9096-10-3

EDIÇÃO EM PAPEL: janeiro de 2022

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Cultura Editora é uma chancela



info@particular.pt | www.particular.pt

Cannaregio, Veneza, Itália

O sexo exposto da vítima foi o primeiro pormenor em que o inspetor Guido Pelosi reparou quando entrou no quarto. Fora mutilado, com grandes manchas ensanguentadas de uma tonalidade vermelho-escura a tingirem o cetim branco que o envolvia, lembrando as marcas do desflorar de uma virgem inocente.

Havia no cenário do crime uma decadência chocante, que ultrapassava a degradação daquelas paredes húmidas e deterioradas, necessitadas de restauro. Era a deposição da vida humana, reduzida à completa insignificância.

O corpo fora deixado agachado, parcialmente curvado sobre o ventre, com as pernas e as nádegas empinadas, viradas para a porta. As mãos encontravam-se estendidas para a frente, sobre o colchão sujo, numa posição passiva, de completa rendição, e o cabelo louro platinado parecia demasiado composto para quem fora alvo de uma violência extrema.

O ato fora executado de forma célere, meticulosa e planeada, por um homicida frio e sem escrúpulos. O agressor servira-se dela, usara-a para seu prazer, assassinara-a e, no fim, deixara-a à disposição de quem mais quisesse aproveitar-se.

Deveria ter um pai, uma mãe, uma família que talvez se preocupasse com o seu bem-estar, com o que lhe acontecesse e com o mal que pudessem vir a fazer-lhe, mas para aquele assassino nada disso interessara. Tratara-a como lixo, a única condição que lhe reconhecera.

Um dos elementos da equipa forense presente no local do crime trocou um olhar consternado com o inspetor e afastou-se da cama,

deixando-o aproximar-se, guardando na mala as últimas provas que recolhera, restos de sémen e pelos púbicos – dele, e não dela.

As molas enferrujadas do colchão rangeram, queixando-se do peso do corpo do polícia quando se sentou na beira. Guido contemplou novamente o cadáver. Tinha o rosto apoiado na coberta de algodão, virado para o lado e, por isso, parcialmente encoberto, e a única íris que ficara visível, esverdeada, fitava o vazio, sem vida. Conhecia superficialmente a sua história. Fora uma existência marcada pela infelicidade.

Sob o olhar grave dos outros colegas, sentindo-se perturbado, o inspetor calçou umas luvas brancas, removeu a lente de contacto da vítima e guardou-a num saco pequeno de plástico, fechando-lhe de seguida a pálpebra. Depois, começou a trabalhar cuidadosamente sobre o corpo. Baixou-o, dispondo-o completamente na horizontal, abriu o corpete rendado e afastou o saiote e a cauda. O véu e a peruca foram as últimas coisas a serem retiradas. Cobriu o corpo despido com uma manta velha e pousou as peças do vestido onde encontrou espaço, do outro lado do colchão, perto da única mesa de cabeceira existente na divisão, na qual se encontrava um exemplar gasto da Tora, o livro sagrado da fé judaica.

São seis os ritos principais que uma mulher deverá cumprir durante um casamento de tradição hebraica. Assinar o contrato; caminhar até ao altar ladeada de ambos os pais; ler as sete bênçãos na companhia do futuro cônjuge; partir um copo de vidro; gritar *Mazeltôv*, um desejo de boa sorte; e passar oito minutos em reclusão com o consorte, para refletirem sobre a vida em comum.

A vítima, apesar de ter sido descoberta nas imediações do gueto judaico de Veneza, não tivera direito a qualquer um destes costumes. Nascera Mario, embora preferisse que lhe chamassem Maria.

Entre os polícias, a partir da noite em que a encontraram morta, o seu caso passou a ser referido simplesmente como o de *A Noiva Judia*.

«Penso que escandalizar é um direito, ser escandalizado é um prazer e aqueles que se recusam a ser escandalizados são moralistas.»

Pier Paolo Pasolini

Preâmbulo

Setembro

Dois Meses Depois do Homicídio de *A Noiva Judia*,
Véspera do Festival Internacional
de Arte Cinematográfica da Bienal de Veneza

«Queres ir dar uma volta?», perguntara-lhe o homem, de pé, encostado ao automóvel de aparência potente, enquanto retirava os óculos escuros que lhe cobriam parcialmente a expressão do rosto. Naquele entardecer, em que o Canal Grande de Veneza parecera revestir-se de uma beleza deslumbrante, vira nele um magnetismo indescritível, apenas igualável pela mágoa e dor profundas que encontrou nos seus olhos.

Parado à saída da estação ferroviária de Santa Lucia, o jovem hesitara, receoso daquilo que o desconhecido teria para lhe oferecer. Ao longe, a noite começara a descer sobre a imensidão da água, tingindo o céu com os últimos raios de sol, como se fossem pinceladas vermelhas, desferidas furiosamente sobre uma tela, executadas num momento de ressentimento por um pintor enraivecido com o desfalecer da sua obra-prima.

Houvera esperança.

E simultaneamente, um prelúdio de morte.

O rapaz titubeara. Nas suas costas, por trás da fachada do edifício da estação, o assobio de um comboio em movimento chegara até aos dois. Partia, deixando-os a sós naquela praça com vista para a água.

Fitara o carro. O *Alfa Romeo* reluzia, sob a claridade que envolvia lentamente a cidade, adormecendo-a.

«Vem comigo», insistira o homem.

Indeciso, ele não se movera.

«Vem comigo», estendera-lhe a mão. «E dar-te-ei um presente.»

Via Alberoni, Lido de Veneza, Itália

Na Madrugada Seguinte

O *Alfa Romeo* cinzento continuou a acelerar ao longo da marginal, perseguido pelo som das sirenes da patrulha da Polícia, como se fosse o carpido derradeiro de um homem moribundo. As rodas giravam furiosamente, queimando o asfalto; os acordes futuristas de uma música infernal evadiam-se do interior do automóvel, bradando no ar; e o luar, que jorrava abundantemente sobre a lagoa, deixava entrever ao largo a presença atenta de uma ilha. Tratava-se de Giudecca, uma das maiores entre as várias que circundavam Veneza.

Contrariamente à sabedoria popular, não devia o seu nome aos judeus que em tempos a haviam povoado. Tal como naquela noite, em que se mantinha em silêncio, observando placidamente a corrida frenética que se desenrolava, chamava-se assim porque no passado albergara aqueles que a cidade viria a julgar.

O automóvel continuou a evoluir rapidamente pela Via Alberoni e aproximou-se de um cruzamento. A visão do semáforo a fechar-se fez com que o condutor ganhasse velocidade. Era tanto uma decisão motivada por um sentimento de desespero, como pelo próprio instinto de sobrevivência. Todavia, um carro igualmente vistoso, que avançava em sentido perpendicular, surgiu, forçando-o a parar.

Os pneus chiaram estridentemente sobre a estrada e os dois bólides acabaram por não embater um no outro, evitando por pouco o acidente que momentos antes parecera inevitável. Rodopiaram, até se imobilizarem, envoltos em fumo, no meio da encruzilhada que o destino preparara.

A patrulha da Polícia cercou aparatosamente o *Alfa Romeo*. Dois pares de *carabinieri* fardados a rigor saíram do interior dos seus automóveis e aproximaram-se com passos decididos do veículo do fugitivo, empunhando armas. Sentado ao volante, o condutor não esboçou qualquer reação. Por instantes, apenas existiu entre eles aquela música que não parava. Era diferente, praticamente visionária.

Os acordes inovadores cessaram subitamente. A porta abriu-se e um vulto começou a sair devagar. De braços no ar, acossado, evidenciava no olhar uma expressão difícil de interpretar. Mas havia nela, pelo menos, uma ponta de medo. Não passava de um rapaz.

Os quatro agentes manietaram-no rapidamente e com facilidade, empurrando-o contra a carroçaria cinzenta. Ofegante, ele não ofereceu resistência, deixando-se dominar, enquanto irrompia num choro entrecortado por soluços. A fachada desmoronara-se. Pouco ou nada restava do mesmo jovem irreverente que apenas alguns minutos antes fugia à Polícia pela marginal do Lido de Veneza.

— Sabes a que velocidade ias, rapaz?

Ele não respondeu aos polícias.

— A quem pertence este carro? Não é teu, certamente. Tens carta de condução?

O jovem permaneceu em silêncio. O *carabiniere* que liderava o interrogatório ainda foi para insistir; queria que ele falasse. No entanto, algo o impediu — a visão súbita de uma marca, ainda fresca, deixada na ombreira da porta.

Era sangue.

O cadáver foi encontrado por um grupo de pescadores algumas horas mais tarde, pela alvorada, já o Sol rompia no horizonte e raiava sobre o mar calmo. Fora deixado numa zona baldia, cheia de gravetos, lixo, preservativos usados e outros detritos, protegido de olhares indiscretos pelas dunas que antecederiam o caminho até à praia de Alberoni.

O Lido era a estância balnear da mítica cidade de Veneza. Naquela altura do ano, pautava-se, sobretudo, pela beleza e elegância, recebendo atores e realizadores mais cintilantes do que as estrelas que à noite iluminavam o céu. Contudo, não existiu nada de distinto, carismático, gracioso, ou pulcro na descoberta do corpo mutilado do homem.

Evidenciava no rosto diversos hematomas e tinha espalhadas pelo corpo muitas outras contusões, como os chorões negros que cobriam sinistramente os bancos de areia. Provavelmente, fora agredido com os pedaços de madeira ensanguentados que mais tarde a Polícia veio a recolher no local, junto a um anel com uma pedra vermelha, um colete manchado de carmesim e um molho de chaves abandonado.

Contudo, a sua morte chegara de um outro modo, consideravelmente mais horrível, algo que rapidamente se tornou evidente assim que viraram completamente o corpo para cima e repararam nos rastros de pneus que mostrava nas vestes rasgadas. Fora cruelmente atropelado.

Este homem tinha um nome e um apelido, dados pelos pais há muito falecidos, embora, por questões comerciais, preferisse usar a forma judaica do último.

Era um escritor famoso.

E todos o conheciam como Adam Immanuel.

O rapaz que naquela noite fora preso por excesso de velocidade, furto automóvel e condução sem carta, confessou o crime algumas horas mais tarde, durante o dia, quando a Polícia, após descobrir a correspondência direta entre o proprietário do carro e a identidade da vítima do homicídio, o interrogou.

O jovem alegou que o escritor, depois de o apanhar na estação ferroviária de Santa Lucia, em Veneza, o levara a jantar uma refeição rápida, embarcando de seguida com o carro num dos *ferries* com destino ao Lido, uma das ilhas ao largo de Veneza. Aí, conduzira-os até uma das praias mais recônditas da estância de veraneio, localizada junto à pequena vila de Alberoni, conhecida pela prática de nudismo e de outras

atividades menos pudicas, que ficavam melhor escondidas entre as dunas.

Ainda sentado dentro do *Alfa Romeo* cinzento, o par dialogara durante vários minutos, tendo como única testemunha os murmúrios soturnos da água do mar. A discussão começara pouco depois, quando o mais velho dos dois tentara avançar sexualmente sobre o outro.

– Ele quis fazer-me algo que não aceitei.

Sentado diante do jovem numa sala praticamente vazia, o inspetor Guido Pelosi, um homem pelos seus 50 anos, pouco habituado a crimes violentos como aquele, observou-o, ouvindo atentamente as suas palavras, enquanto coçava a barba de dois dias. O que estava a acontecer ultimamente em Veneza? Dois meses antes, surgira um caso de uma sordícia impensável, que estava ainda por resolver e, agora, novamente, sentia que a conversa entre ambos estaria prestes a enveredar pelo caminho das trevas. Aquela cidade parecia-lhe cada vez mais negra.

– O que foi?

– Quis sodomizar-me com um pau.

O polícia agitou-se na cadeira. Era pai de dois adolescentes e o assunto incomodava-o sobremaneira. Ainda não tinham conseguido localizar a família do rapaz, mas não ansiava por esse momento. Como reagiriam ao saber da tragédia em que o filho se envolvera?

O homem respirou fundo e verificou se o gravador antigo do qual a esquadra dispunha estava a funcionar. Mais recomposto, resolveu abrir um bloco de notas e retomar o interrogatório. Talvez assim fosse mais fácil prosseguir.

– Por favor, repete o teu nome.

O jovem fitou-o, mostrando alguma contrariedade, mas acedeu ao pedido. Ele registou-o na folha e manteve o lápis assente sobre o papel, pronto a continuar a escrever:

– Disseste que a vítima te propôs algo que não aceitaste — enfatizou.

– Sim.

– O que foi?

– Quis sodomizar-me com um pau.

O inspetor pestanejou em silêncio durante alguns segundos, tentando não revelar demasiado a sua reação. Eram palavras difíceis de se ouvir.

– Como assim? – perguntou-lhe, concentrado nas notas.

– Quis sodomizar-me, foder-me, enrabar-me, comer-me à bruta, ir-me ao cu com um pau.

O bico do lápis que o polícia apontava à folha de papel partiu-se, ao mesmo tempo que o *carabiniere* engolia em seco.

– Agradecia-te que reservasses para ti a linguagem obscena. És homossexual? Costumas prostituir-te?

A insolência do rapaz deu lugar à inexpressão:

– Isso foi uma pergunta, ou uma afirmação?

– Aceitaste boleia de um homem que assumes que até esta noite era para ti um desconhecido. Isso é um facto, uma constatação.

– Nunca lhe prometi que teria relações sexuais com ele. Esse nunca foi o acordo.

– Qual era?

– Conversar.

– Diz-me, então, o que aconteceu depois da conversa.

– Discutimos.

– E a seguir?

– Ele insistiu e tentou forçar-me.

– Como respondeste?

– Fugi para fora do carro, mas ele apanhou-me logo a seguir. Era maior do que eu.

– E foi nessa altura que o agrediste?

– Apanhei do chão uma tábua de madeira que encontrei e usei-a para lhe bater na cabeça.

O inspetor voltou a garatujar os seus apontamentos. A autópsia detetara um traumatismo craniano. Tudo batia certo.

– Como é que ele ficou?

– Estendido no chão.

– Só com uma pancada na cabeça?

– Bati-lhe várias vezes, até a prancha de madeira se partir e ele não ser capaz de me seguir.

– E depois?

– Deixei-o lá. Peguei no carro e fugi. Acho que terá sido nessa altura que o atrolei.

– Descobrimos uma impressão digital ensanguentada na ombreira da porta. Como é que foi lá parar, se a vítima ficou estendida na areia, quando correste para dentro do *Alfa Romeo*?

– Devo ter-me apoiado, quando entrei.

– Não é tua.

O jovem fitou Guido com alguma perplexidade. Ao inspetor, deixou a impressão de que raciocinava.

– Tentou agarrar-me à força quando ainda estávamos dentro do carro, para me beijar, e eu mordi-lhe.

– Então, ter-se-á agarrado à ombreira da porta, quem sabe quando saiu do carro?

– Precisamente.

– Continuando, atropelaste-o propositadamente?

– Não. Estava escuro. Não havia luz. Com a pressa, passei por algo que me pareceu um tronco, ou outra coisa qualquer. Era o corpo dele. Deve ter sido nesse momento que o matei. Atrolei-o.

A sessão de perguntas e respostas foi interrompida quando dois homens entraram na sala. Um deles era um colega de Pelosi. A presença do outro foi muito mais inesperada. Tratava-se de Luca Detti, um jovem inspetor vindo de Roma. Pertencia ao Departamento de Proteção ao Património Cultural dos *Carabinieri*, ou seja, à unidade italiana de combate ao crime de arte. Em silêncio, ficou parado à porta da sala com um saco de plástico na mão. No interior, via-se uma camisola ensanguentada. A conversa prosseguiu:

– Encontrámos perto do corpo um anel com uma pedra vermelha. Pertence-te?

– Sim.

– E a camisola?

– Qual camisola?

O polícia apontou com a cabeça para o objeto nas mãos de Luca Detti.

– Descobrimo-la no banco traseiro do *Alfa Romeo* – acrescentou.

– É minha – admitiu o rapaz, mentindo.

O inspetor Pelosi trocou um olhar com os dois colegas presentes na sala de interrogatórios. Resolveu desistir:

– Como é que te declaras?

O jovem não hesitou:

– Culpado – voltou a mentir.

Nos Dias que se Seguiram à Morte de Adam Immanuel

Existiram três razões pelas quais a morte do escritor britânico se tornou num assunto mediático. Em primeiro lugar, a sua celebridade. Adam era uma estrela literária, com provas dadas desde o início da carreira. Vencera o Prémio Man Booker, o mais prestigiado no Reino Unido; os seus primeiros três romances haviam sido grandes êxitos, quer junto da crítica, como do público; e o mais recente, inspirado na morte do Papa Mateus I, não protagonizara apenas uma mudança inesperada de género, como fora um sucesso mundial sem precedentes.

Por isso, o segundo motivo estava intrinsecamente associado ao primeiro. Decorria por aqueles dias no Lido de Veneza o Festival Internacional de Cinema, um evento que justificava a presença do autor na ilha balnear. Era o argumentista de um dos filmes a concurso, a adaptação cinematográfica da sua derradeira obra, que no certame italiano seria exibido em antestreia.

Ao saber do crime, nomeadamente da forma hedionda como Adam morrera, a organização da Bienal decidira prosseguir com o evento, embora suspendesse a exibição da película. Na realidade, apenas à justa conseguira integrar a seleção oficial, não sendo claramente um dos candidatos ao Leão de Ouro.

Quem não gostou nada da decisão foi o realizador, que imediatamente dirigiu a fúria que sentira para o *Twitter*, uma rede social, a única que considerava equiparável ao seu intelecto, desabafando em letras maiúsculas, até ao limite de caracteres, toda a mágoa que lhe ia dentro do coração. Aqueles italianos, além de barulhentos e falsos magros, eram, sobretudo, falsos moralistas. Faziam de tudo para não reconhecer a verdadeira forma da arte.

Foi aí que começou a polémica, sobretudo, porque Geneviève, a atriz principal, uma ex-modelo que no passado mantivera um relacionamento tempestuoso com Adam, se recusara a comentar o filme, dirigindo o seu ressentimento para outro alvo. «Ele foi sempre conhecido por gerar à sua volta um grande burburinho. Maior do que a sua pila», dissera ela, com um sorriso mordaz, numa conferência de imprensa improvisada, enquanto, rodeada de malas, aguardava no cais do Lido pelo barco que a transportaria para Veneza. «É natural que mesmo na sua morte, tenha conseguido capturar toda a atenção, escandalizando a sociedade, exibindo-a a quem quisesse vê-la.»

A terceira razão foi talvez a mais forte e, logicamente, aquela que acabou por sobressair. Havia uma violência latente naquele crime, que, tendo em conta o passado recente do escritor britânico, não deixava de constituir *per se* uma grande ironia. Cerca de dezoito meses antes, fora preso, acusado de um duplo homicídio ocorrido na pacata cidade universitária de Cambridge, onde vivia, que envolvera a sua tia idosa e acamada, e uma criança.

O caso, que na altura gerara no Reino Unido uma torrente noticiosa de grande dimensão, com os meios de comunicação social a batizarem Adam de *O Carniceiro de Cambridge*, acabara por culminar com a prisão da irmã, Lizzie, em troca da sua liberdade. Morrer assim, espancado e atropelado, depois de se insinuar sexualmente a um jovem, parecia ser uma troca justa. No fim, como escrevera no seu último livro, afinal, o pecado não ficaria impune.

Deste modo, o primeiro órgão de comunicação social a narrar os acontecimentos daquela noite fúnebre na praia escondida de Alberoni foi *Il Gazzettino*, um dos jornais transalpinos mais antigos e tradicionais, sediado na localidade de Mestre, a vila que liga a península de Veneza ao continente italiano. Fê-lo com contenção, numa das suas edições diárias, inserindo o relato na discreta, mas sempre muito lida, secção criminal.

Mas assim que os jornalistas britânicos presentes no Lido para fazerem a cobertura do festival de cinema se deram conta do ocorrido, depressa a

notícia chegou a Londres. Afinal, desde a atribuição do Prémio Nobel a Bob Dylan que não existia uma notícia literária tão quente. Nas redações dos principais meios de comunicação social, convencionais, ou *online*, os telefones começaram a tocar ao mesmo ritmo que saltavam canetas.

A BBC foi a primeira a reagir, utilizando os canais televisivos e estações de rádio próprios para informar o público de que o país se vira privado de um dos seus maiores talentos. A forma como morrera, as ações de que o acusavam, eram insignificantes.

Um tratamento semelhante foi dado por outra imprensa internacional, como o respeitável *Le Monde*, em França, que não quis entrar em pormenores vulgares, ou o alemão *Spiegel*, dois países onde toda a obra de Adam continuava a gerar reedições. Até em Itália, onde o seu livro mais recente, intitulado *La Morte del Papa*, fora particularmente polémico, o *Corriere della Sera* não escapou.

A própria revista *Time* consagrou-lhe uma página inteira, onde a metade inferior era ocupada por uma infografia complexa, com chamadas e balões a retratarem cronologicamente a sucessão de acontecimentos: o encontro na estação ferroviária de Santa Lucia, o jantar a dois, a travessia da lagoa no *ferry*, a chegada ao Lido, a viagem até à praia de Alberoni, a discussão que se gerara entretanto, a fuga do agressor no carro roubado, a sua prisão por excesso de velocidade e, finalmente, a descoberta do cadáver. Alguém na redação andava a tentar ganhar um Prémio Pulitzer.

Claro que, com este tipo de ingredientes, o assunto acabou por se transformar num festim para as publicações sensacionalistas, que viram na história mais uma grande oportunidade de extravasar a sua inegável, e hilariante, criatividade. Lideradas pelo sempre alcoviteiro *The Sun*, nos dias que se seguiram à sua morte, muitos foram os relatos indecorosos que vieram a lume: a forma indecente como seduzira o jovem antes de o subornar com uma refeição, o motivo pelo qual preferira usar um pau para tentar penetrá-lo, em vez de executar o ato ao natural, ou se alguma

vez tencionara usar proteção. Sabiam tudo, embora, na realidade, não contassem nada.

A notícia recuperou dignidade quando, lento como sempre a reagir, uma semana depois, o mundo literário se manifestou finalmente. A revista *Granta*, que curiosamente fora fundada pela Universidade de Cambridge, a última instituição, além da editora, para a qual se sabia que trabalhara, decidiu publicar um pequeno artigo a recordar a sua obra. Seguiram-se outras, como a norte-americana *The New Yorker*, que o homenageou com um conto inédito para o qual nunca antes encontrara espaço, ou a francesa *Paris Review*.

Salvo a portuguesa *Ler*, demasiado ocupada a ignorar um autor nacional insignificante que tivera a ousadia de recuperar o seu primeiro livro numa reedição de colecionador, comemorativa dos dez anos de pseudocarreira, quase todas as grandes publicações do setor editorial internacional, umas atrás das outras, mais ou menos relevantes, quiseram dedicar-lhe um último gesto de veneração e respeito.

Mas a demonstração mais genuína de carinho acabou por vir mesmo do seu editor, Ellis Bloom. Sentado à secretária de madeira lacada a branco do seu escritório minimalista em Londres com vista para o rio Tamisa, de costas direitas, vestido com o habitual casaco de *tweed* e laço, os dedos trémulos do homem afagaram o teclado, enquanto lágrimas grossas lhe escorriam em catadupa pela face pálida. Inicialmente, o texto, simples, mas sentido, foi somente deixado no *site* da editora e posteriormente replicado nas plataformas sociais, através de uma publicação originada pelo clube de fãs do autor.

O mundo fora privado de um homem singular, com um temperamento irascível. No entanto, a sua obra exímia e o contributo que dera à literatura mundial eram o que mais importava. Não só Ellis, mas todos aqueles que ainda apreciavam verdadeiramente a leitura, iriam sentir imenso a sua falta. Havia poucos escritores bons no mundo e Adam não se encontrava entre eles. Pertencia a uma classe à parte. Era simplesmente genial.

Quem acabou por ser bastante mais efusiva foi Vanessa Robbins, uma escritora cuja carreira florescera inesperadamente depois de se saber do seu envolvimento na descoberta da verdade sobre os *Crimes de Cambridge* e que, nessa altura, dissera ter mantido um romance com o escritor. Numa publicação que fez nas redes sociais quando ainda estava em choque ao saber segundos antes do seu falecimento, mostrara uma fotografia a preto-e-branco tirada em sua casa, de perfil e em contraluz, onde mal se via a sua silhueta. Aquela era a prova derradeira do amor imenso e tórrido que tinham vivido juntos. Partilhara a cama com um mito.

Apesar da notoriedade que a sua morte alcançou e da popularidade dos seus livros, o funeral de Adam acabou por ser extremamente solitário. Dois dias depois de ser encontrado morto, além do padre que celebrou a missa, quase mais ninguém o acompanhou até à sua última morada, no cemitério da ilha mortuária de São Miguel, ao largo de Veneza.

A exceção tomou a forma de uma mulher, cuja existência até ali fora sempre desconhecida. Magra e coberta de luto, as suas feições permaneceram enigmáticas, indistintas sob o véu preto que lhe caía sobre o rosto, o que contribuiu substancialmente para a aura de mistério que passou a rodeá-la assim que saiu da igreja e embarcou na gôndola funerária, ao lado do caixão.

Dela pouco se sabia; apenas que o cabelo que se percebia sob o tecido parecia ser de uma tonalidade castanho-clara e que esta mulher adquirira recentemente um dos vários palácios abandonados que existiam em Veneza, uma casa que se dizia estar amaldiçoada.

Por isso, quem a viu afastar-se pelas águas da lagoa, com a figura esfíngica hirta e indiferente ao bando de corvos que voava em círculos sobre o caixão, passou a referir-se a ela simplesmente como a viúva-negra.

Mas para Adam, fora apenas a sua noiva.

Arquivo Antigo, Universidade de Pádua, Itália

Depois da Morte de Adam Immanuel

As notícias acerca do falecimento do escritor britânico ainda correram o mundo durante o par de semanas que se seguiu ao seu funeral, mas acabaram por chegar consideravelmente mais tarde ao conhecimento de um certo professor universitário que em tempos se vira envolvido numa história que lhe dissera respeito.

Os dois homens nunca se haviam entendido muito bem, notando-se da parte de Adam Immanuel uma animosidade óbvia em relação a ele, que só veio a explicar-se completamente quando foi ilibado dos *Crimes de Cambridge*. O motivo residia no passado, mais especificamente no seu primeiro amor, apesar da diferença de idades. Era caso para dizer que existia azedume entre ambos.

— É como ácido. A ferida dói mais quando decidimos arrancar o penso de supetão, sem estar curada — discursava o professor catedrático, apoiado sobre o púlpito da biblioteca.

Ao seu lado, enquadrado pelas paredes forradas com estantes antigas, carregadas com volumes de aparência gasta e pesada, encontrava-se a edição de autor de um livro: *Um Silêncio Adormecido. O ressurgimento do terror num mundo pós-pandémico*. Fora escrito por Afonso Catalão.

De pé sobre o palanque, o professor português compôs os óculos de leitura que teimavam em escorregar-lhe pela cana do nariz, compôs o casaco azul-escuro que vestia por cima de uma camisa branca e preparou-se para prosseguir com o seu argumento. O ar grave e sério, os mais de cinquenta anos e o cabelo espesso e encaracolado, a tornar-se grisalho, projetavam um imagem austera.

Mas a sensação que a sua voz transmitia à audiência que o escutava era bem diferente. Segura e bem colocada, com um timbre forte e masculino, era apaixonada, transparecendo não só uma integridade desarmante, como um fascínio imenso pelo que estudava, capaz de arrebatá-lo até o público mais cético.

Naquele dia, a plateia era diversificada. Sentados à sua frente nas cadeiras forradas a veludo vermelho, duas filas de acadêmicos respeitados escutavam-no reverentemente, imitados pelos estudantes, que, nos lugares atrás, enchiam o resto do auditório, admirando-o. Viam-no como um exemplo a seguir.

— Em todos os sentidos, a guerra será sempre um desperdício inútil de tempo, dinheiro e, acima de tudo, da vida humana. As tropas que combateram no Afeganistão devem manter a cabeça erguida, pois têm motivos para estar orgulhosas, mas o mesmo não pode ser dito acerca dos decisores políticos.

»Aqueles soldados foram enviados para lá com o intuito de impedir um novo ataque, semelhante ao 11 de Setembro, e construir um muro do outro lado do mundo que nos mantivesse a salvo. Graças ao seu trabalho árduo, vários milhões de cidadãos locais, como mulheres e crianças, deixaram de ser iletrados, viram aumentar substancialmente a sua esperança média de vida e tiveram acesso a tecnologias cuja existência desconheciam.

»Mas não se enganem com estas vitórias, porque há outros seres humanos a quem devemos *outras* derrotas. Tal como aconteceu no Vietname, não interessa quem perdeu a guerra do Afeganistão. Esse debate está apenas no limiar e a lista de suspeitos é inumerável. A nossa história fará o seu percurso e dir-nos-á no futuro que lições deveríamos ter aprendido, porque há uma na qual nós, ocidentais, já sabemos que falhámos redondamente.

Afonso fez uma pausa breve, aproveitando para fitar os seus espectadores. Era um orador por excelência e, devido aos anos de experiência que acumulara, aprendera a gerir aqueles momentos. Desde

jovem que dava aulas de Política e Relações Internacionais, tendo passado por diversas universidades portuguesas e estrangeiras, quer como vinculado, quer como mero convidado.

Por isso, intencionalmente, baixou a voz. O que tinha para lhes contar naquele fim de tarde aconchegante no arquivo de uma das bibliotecas mais antigas do mundo não era segredo, mas assemelhou-se a uma partilha, um pensamento íntimo, ou uma reflexão, que, por ser tão importante e grave, só se revela na presença dos amigos mais próximos:

– Não se intervém militar e economicamente num país sem conhecer as suas tradições, cultura e língua. O Afeganistão é uma derrota pessoal que recai sobre os ombros de todos nós. Dos meus; dos vossos; das nossas esposas; dos nossos maridos; das nossas crianças. Porque, bem vistas as coisas, afinal, não passamos de vítimas da nossa arrogância e do nosso excesso de confiança.

»Nunca criámos condições que permitissem sustentar um esforço a longo prazo. Depois do 11 de Setembro, à medida que os governantes dos países Aliados foram mudando, todos nós deixámos de ouvir falar no Afeganistão, nas baixas humanas que continuaram a ocorrer, ou sequer no motivo real pelo qual, em primeiro lugar, enviámos para lá os nossos jovens.

»Foi pela paz? Terá sido em nome da guerra? Essa é a pergunta que vos deixo hoje, aqui, nesta sala tão cheia de história, de conhecimento. A ocupação do Afeganistão deu-nos duas décadas de silêncio, um terror controlável que realmente nunca conseguimos erradicar. E está na altura de analisarmos, de julgarmos o que fizemos de mal, de modo a que este pequeno ruído que esteve adormecido, camuflado durante tanto tempo, não volte a tornar-se numa discussão desmesurada. Obrigado por me ouvirem. Até à próxima sessão!

Sobre o palco, grato, Afonso sorriu ligeiramente, agraciado por uma salva de palmas. Deitou um olhar nostálgico ao livro e retirou-o do expositor, deixando-o sobre o púlpito. Aquele exemplar pertencia à universidade.

Seguido de alguns alunos mais ousados, um grupo de catedráticos liderado pelo reitor aproximou-se, desejando cumprimentá-lo pessoalmente. O professor estava de passagem por Pádua, cidade para a qual fora convidado durante uns dias para falar um pouco sobre o seu ensaio.

Contudo, quando ia para os saudar, sentiu no bolso interior do casaco uma vibração. Vendo que recebia uma chamada de Diana, a esposa, pediu licença para se ausentar por apenas alguns minutos. Já no início da palestra lhe recusara um telefonema e a insistência era preocupante. Ela respeitava o seu trabalho e sabia que mais tarde ele acabaria por contactá-la.

– Desculpa – justificou-se Afonso, enquanto abandonava por breves minutos a sala do Arquivo Antigo. – Está tudo bem com o Rodrigo?

O marido referia-se ao filho adotivo de ambos, um menino louro, com óculos como os dele, que na realidade era sobrinho direto da esposa. Ficara órfão depois do homicídio dos pais, cerca de quatro anos antes.

– Sim. Deve estar a acabar as aulas. Tenho de ir buscá-lo. Só queria falar primeiro contigo.

O professor Catalão sentiu algo de diferente no timbre da voz da mulher. Conheciam-se havia cinco anos e meio, e mantinham uma relação sólida, em que a amizade e a honestidade dominavam. Parecia ser um acaso ridículo do destino, uma vez que, devido ao passado dele e à profissão dela, ao longo da curta vida em comum, já se tinham visto em situações algo inusitadas para um casal, com crimes e outros mistérios igualmente perigosos a cruzarem-se no seu caminho. E talvez fossem essas vivências extremas que lhes tinham dado uma maior cumplicidade. Sabiam perfeitamente como cada um reagia perante dificuldades.

– O que se passa? – pressionou-a Afonso, ao chegar ao Pátio Antigo.

Era um largo empedrado, composto por dois pisos, com uma forma quadrangular. Perante o seu silêncio, sob um dos alpendres, ou *loggias*, como lhes chamavam os italianos, o professor português olhou

apreensivamente para as nuvens tenebrosas que pairavam sobre o Palácio Bo, o edifício que albergava os serviços da universidade. Avizinhava-se uma tempestade. Conseguiu senti-lo.

– Encontraste uma nova história, não foi?

– Como é que sabes?

– A tua voz fica diferente, menos aveludada. Mas pareces-me apreensiva.

Diana não conseguia estar sem trabalho. Era um sofrimento imenso para ela se não pudesse exercer a sua profissão. Formada em Jornalismo, fora em tempos uma estrela em ascensão num dos canais noticiosos portugueses. No entanto, quase um ano depois de se terem conhecido, vira-se envolvida num escândalo relacionado com o uso indevido de fontes, entre as quais, o atual marido.

Ela retaliara e levara o caso a tribunal, vencendo-o. Todavia, por essa altura, já a polémica que entretanto se gerara lhe destruíra a carreira, acabando por passar a trabalhar em regime de *freelance*. Fora uma solução pouco eficaz. O currículo extenso e os prémios que recebera jogavam frequentemente contra ela, pois todos os possíveis empregadores a consideravam demasiado relevante, ou qualificada, para lhe oferecerem aquilo do qual dispunham – o salário de um estagiário.

O ponto de viragem acontecera quando, em conjunto com um colega italiano, começara a investigar a corrupção no Vaticano. A parceria prolongara-se durante quase um ano, mas dera frutos. A obra documental que tinham escrito juntos – *O Anjo do Diabo. Como a vida corrupta do Papa De Santis conduziu à sua morte*. –, contrariamente à do marido, estava a ser um grande êxito, não só em Itália e Portugal, mas também em diversos países europeus, para os quais os direitos de tradução haviam sido vendidos. Decorria ainda uma negociação com um dos grandes grupos editoriais norte-americanos.

– Conta-me o que se passa – insistiu Afonso. – Quero saber.

Avenidas Novas, Lisboa, Portugal

Na Mesma Tarde

Sentada no escritório do marido com o seu computador portátil aberto, Diana hesitou, ouvindo pelo telefone a sua respiração expectante. Não desejara incomodá-lo e dentro de pouco tempo teria de ir buscar Rodrigo à escola, mas apesar de saber que Afonso estava ocupado com as conferências na Universidade de Pádua, sentia que tinha de partilhar com ele aquele assunto.

– Foi o Adam – acabou ela por dizer.

O professor demorou algum tempo a responder, suspirando enquanto o fazia finalmente:

– O Immanuel, presumo.

– Sim.

– Diana, disse-lhe tudo o que quis no ano passado, em Cambridge, antes de regressarmos a Portugal para cumprirmos o primeiro confinamento. Não quero saber mais dele. Para mim, esse sujeito, por melhor que escreva, é como se estivesse morto.

– As tuas palavras não poderiam ser mais exatas, querido.

Foi o tom soturno da voz da mulher que fez com que Afonso percebesse. Apesar de não gostar do britânico, não evitou um pesar acentuado, falando como se estivesse necessitado de ar.

– Como é que aconteceu?

– Foi encontrado sem vida numa praia italiana depois de ser espancado e atropelado. Teve uma morte horrível – relatou ela, mantendo um tom neutro. A profissão habituara-a a dar este tipo de notícias. – Também ainda não me apercebera, até receber esta manhã um *e-mail* do Paolo a avisar-me.

Diana referia-se ao colega com o qual escrevera o livro sobre a corrupção no Vaticano. Embora ele residisse atualmente em Roma, o contacto inicial dera-se muitos anos antes, em Lisboa, quando haviam trabalhado juntos na redação de um jornal sediado na capital portuguesa, numa altura em que ela era apenas uma estagiária.

– Morreu aqui, em Itália?

– Sim, por acaso, muito perto de Pádua, numa pequena vila localizada no Lido de Veneza.

– A ilha onde é realizado o Festival de Cinema?

– Precisamente. Encontrava-se lá por causa da antestreia da adaptação cinematográfica de *A Morte do Papa*. Parece que sempre conseguiu escrever o argumento.

O professor ficou a matutar na notícia que acabara de saber. Na realidade, não era de estranhar que não se tivesse apercebido de nada. Andara muito ocupado nos últimos meses, com a preparação do novo ano letivo. Contrariamente ao que se pudesse pensar, a viagem para Itália não ajudara. Desde que chegara, ainda não tivera tempo para passar os olhos por qualquer espécie de jornal local. Imaginava que algo assim tivesse sido publicado.

– Bom, pelo menos, a Polícia sabe o que se passou?

– Sim. Prenderam um rapaz, que, segundo o depoimento que prestou, foi sexualmente atacado pelo Adam. Defendeu-se e os dois envolveram-se numa discussão, que culminou no crime.

– Um rapaz?

– Estou tão abismada quanto tu.

Um aviso sonoro assinalou a aparição de um lembrete no ecrã do computador de Diana. Dizia apenas: «São horas de ir buscar o Rodrigo.» Fechou a tampa do aparelho e começou a procurar no interior da mala as chaves do carro. Ao sair do escritório com o telemóvel ao ouvido, parcialmente encoberto pelo cabelo ruivo e comprido, interpelou o marido, estranhando o seu silêncio.

– Tenho de ir. Andam à minha procura – justificou-se ele. – De qualquer modo, não penses mais nisso. Por mais chocante que seja a sua morte, na realidade, não temos nada que ver com o Adam.

– Não o colocaria nesses termos.

– Por favor, larga este assunto. Tu admitiste que não conseguiste provar qualquer tipo de envolvimento dele na investigação que fizeste com o Paolo e que, por esse motivo, acabaste por excluí-lo do livro. Foi uma boa decisão.

– Não creio. Continuo a achar que há coisas no comportamento dele que foram mal explicadas.

– Tais como?

– A prisão da irmã, por exemplo.

– Não nos diz respeito. Fizemos tudo o que podíamos.

– Sei, mas não consigo tirar da cabeça a ideia de que ela é inocente.

– Uma testemunha ocular bastante credível viu-a a transportar de bicicleta partes do corpo da tia desmembrada e há ainda a morte encomendada do reitor Asthon-Davies. Acho que é culpada.

– Pronto, não insisto, mas quando eu te contar o resto, juro que serás tu quem não irá conseguir deixar de pensar nesta história. Ele estava noivo, sabias?

– De quem, da tal Vanessa Robbins? – Afonso soltou um riso abafado. – Não me digas que ela vai escrever outro livro, agora sobre o casamento que não chegou a acontecer.

– Não se trata dela.

– Então, de quem?

Em Pádua, Afonso parou à entrada da biblioteca ao ouvir o nome que lhe era dito pelo telefone. A voz de Diana chegara até ele ligeiramente entrecortada, provavelmente, devido à transição que fizera para o sistema de alta-voz do carro.

O reitor da universidade, que estendia calorosamente os braços na direção do professor Catalão com uma expressão satisfeita, estacou,

vendo-o mudar de semblante. Empalidecia.

— Sofia? — indagou o professor português, parado à entrada do Arquivo Antigo. — Qual Sofia?

No entanto, a sua pergunta fora praticamente retórica, uma vez que a resposta que Diana lhe deu foi exatamente a que antecipara.

Tratava-se de Sofia Conti, uma ex-aluna sua.

Curiosamente, era a mesma mulher que dois anos antes ludibriara tudo e todos, ele incluído, e roubara um quadro.

Pátio Antigo, Universidade de Pádua, Itália

Na Mesma Tarde

Afonso escusou-se perante o reitor, prometendo-lhe que não se demoraria, e deixou a biblioteca, regressando ao saguão, onde começou a caminhar aleatoriamente sobre o empedrado, enquanto continuava a conversa telefónica com Diana. Se não fosse por ele, o recinto de dois pisos encontrar-se-ia vazio, o que fazia com que tivesse de manter um tom de voz baixo, de modo a não provocar eco.

Em seu redor, espalhadas pelas *loggias* do períbolo, via estátuas repletas de simbolismo. Alusivas às várias disciplinas do conhecimento, intercalavam-se com esculturas grotescas de figuras mitológicas. Eram os únicos espectadores do seu sobressalto.

— Tens a certeza de que se trata da Sofia Conti?

A jovem mulher, filha de um antigo embaixador italiano em Lisboa, era uma ex-aluna do professor, que vivera na capital portuguesa até à morte dos pais. Alguns anos mais tarde, já de regresso a Itália, reencontrara Afonso quando se envolvera com um ladrão de arte milionário. A familiaridade que ele tinha com ela fora usada pelas autoridades para a tornar numa fonte e desmascarar o marido. Contudo, Sofia encontrara a sua forma de dar a volta à situação.

— Foi vista no funeral, vestida de negro da cabeça aos pés, embora na altura ninguém conseguisse identificá-la. Entretanto, deu uma entrevista a uma revista italiana de atualidades, onde confirmou a existência de uma relação com o Adam.

— Vestida de preto, disseste tu?

— Sozinha com o padre, a bordo da gôndola funerária que transportou o caixão até à ilha mortuária que serve a cidade de Veneza. Parece uma

cena retirada de um filme.

— Uma autêntica viúva-negra — comentou o professor, entre dentes, sem conseguir evitar uma leve ironia. — Ela sempre adorou um pouco de drama.

— Pensava que, no ano passado, quando foste conversar com ela à residência de Como a propósito dos *Crimes de Cambridge*, ela te dissera que não conhecia o Adam.

— Sim, mas ela sabe mentir muito bem. Aposto que, neste momento, aquele quadro na capela de King's College já deve estar pendurado na mansão que herdou do ex-marido, só para ela admirar, enquanto contempla o lago na companhia do *Leonardo*.

— Talvez não. Parece que comprou uma casa nova, em Veneza. Um palácio assombrado — ironizou Diana, enquanto do seu lado se percebia o ruído característico do trânsito lisboeta.

— Ajusta-se bem a ela, mas não me engana. Tive sempre a intuição de que, desde o início, anda atrás de *A Adoração dos Reis Magos*. Só não quis admiti-lo. Aquela rapariga não dá ponto sem nó. É mais forte do que ela.

— Achas que seria capaz de matar o Adam, só para poder ficar com ele? Isto, assumindo que o quadro foi efetivamente comprado.

— Isso será fácil de descobrir. De qualquer modo, ninguém herda nada só por ter estado noiva. Se for o caso, ela terá arranjado outra solução.

— Não me disseste que naquele dia ela tinha lá um homem em casa?

— Sim, pareceu-me que eram amantes. Este noivado é, no mínimo, inusitado. A entrevista dá alguma informação sobre como ela e o Adam se terão conhecido?

— Não. É relativamente longa, mas tem muitas fotografias e foca-se essencialmente na noite do crime.

— O que é que ela tem a dizer sobre o assunto?

— Mais ou menos o mesmo que nós. Que o Adam não era bissexual e que a história do tal rapaz está muito mal contada.

— Tu e eu achamos que esta história está mal contada?

– Claro que achamos, querido.

– Não sei se gosto desse teu uso do plural, amor.

Ao volante, Diana riu-se. O mesmo não aconteceu com o marido, que se manteve sisudo, até se aperceber da saída dos outros professores. Com um ar aborrecido, começavam a abandonar o Arquivo Antigo, desfilando sob um dos alpendres do pátio.

– Não consegues ver uma história à tua frente e deixá-la passar, não é?
– perguntou-lhe ele, acenando na direção dos homens, para que esperassem.

– Tens de concordar comigo que há coisas estranhas neste caso. Começemos pelo noivado fulgurante.

Afonso não lhe respondeu, caminhando, apressado, para se desculpar perante os outros catedráticos.

– A própria noite do crime deixou algumas pontas soltas, às quais a Polícia parece ter feito vista grossa – comentou ela, continuando a tagarelar, distraída pela condução. – Recolheram o depoimento, conseguiram uma confissão e, pronto, encerraram o caso. Foram eficientes, sem dúvida, mas não explicaram que molho de chaves era aquele, que foi encontrado na praia de Alberoni, junto ao cadáver. Poderia ser da Sofia?

»Ou, afinal, a quem pertencia uma camisola que estava no automóvel, quando foi apreendida. Não era do rapaz, nem do Adam, tal como a impressão digital ensanguentada na ombreira da porta do carro. O jovem disse que lhe mordera e que ele deveria ter-se apoiado ao sair, quando o perseguiu, mas na realidade não foram encontradas quaisquer marcas de dentadas.

»Já para não falar dos exames forenses *post-mortem*. Adivinha só o que revelaram? É impossível que uma só pessoa conseguisse provocar tantas lesões, mesmo que o atropelamento tenha sido muito violento. Ah, e nem imaginas quem é este rapaz. Lembras-te do...

– *Mi scusi. Mia moglie mi fa saltare la testa.*

– Eu ouvi isso – avisou ela.

Contrariamente à aflição do professor português, o reitor reagiu com mais descontração. Logo conversariam melhor no dia seguinte. Queria falar-lhe sobre um assunto.

Afonso ficou parado no alpendre, vendo-os afastarem-se. Distraía-se com a conversa. Resignado, dirigiu-se ao Arquivo Antigo. A sala encontrava-se vazia. Apenas lá estavam a sua velha pasta de cabedal coçado e o livro.

— Já se foram embora — explicou à esposa, pegando na mala, e dirigindo-se para a saída.

— Desculpa.

— Não tem mal. Falo com o reitor amanhã. Então, como se chama o tal jovem?

— Ah, ficaste interessado!

— Não, estou apenas a tentar dar-te atenção, porque sou um bom marido.

— Está bem, eu satisfaço a tua curiosidade. Dou-te apenas um nome: Daniele.

Avançando ao longo do Palácio Bo, o professor, que ainda não se familiarizara completamente com os corredores, hesitou antes de encontrar o caminho que o levaria até à saída.

— Esse nome não me diz nada.

— E Accardi, faz-te lembrar alguma coisa?

Afonso estacou à saída do edifício universitário, sob o arco do leão de São Marcos. A vida de Pádua decorria à sua frente, com alguns transeuntes mostrando um ar atarefado, enquanto se desviavam das lambretas. Olhou novamente para o céu e pareceu-lhe que caía já um chuvisco ligeiro. Era melhor apressar-se, para não se molhar antes de chegar ao pequeno apartamento no centro da cidade, que a universidade providenciara para si.

— Accardi, como a Gabriella Accardi? — quis ele confirmar, dando passadas largas.

— A própria. Trata-se do irmão.

– É uma coincidência estranha, admito-o.

– Lembras-te de quando fomos com o Paolo àquela igreja romana, onde descobriste a escultura de Bernini?

– Era a Basílica de Santa Maria Del Popolo.

– Sim. Nesse dia, o Daniele apareceu lá e o Paolo ainda tentou falar com ele, mas fugiu. Tem a certeza de que o rapaz queria dizer-lhe mais qualquer coisa.

– Sobre o desaparecimento da irmã? Ela está morta.

– Não, acerca do Pedro.

Diana referia-se a um pirata informático que revelara informação comprometedoras sobre a morte do Papa Mateus I. Afonso suspirou, aconchegando ao corpo o casaco. Corria pelas ruas uma brisa fresca e até as praças de Pádua, pelas quais ia passando, lhe pareciam algo despidas, prontas a acolherem o outono.

– Nunca mais ouvi falar nele.

– Precisamente, desde que o Jack prendeu o Adam por causa dos *Crimes de Cambridge*, que desapareceu. – Diana referia-se ao inspetor McCallister, da esquadra de Cambridgeshire, o homem que na altura liderara a investigação. – Tal como o Mark, aliás.

– Qual Mark?

– O Emanuel, o *Cardeal*.

O nome de família era assim e não Immanuel, a adaptação hebraica que Adam escolhera quando se tornara num escritor, por na altura todos terem considerado que seria mais comercial. Quanto a o *Cardeal*, tratava-se do epíteto de um homem com quem o casal Catalão se cruzara e que servira de fonte à esposa durante a redação do livro. Da última vez que o tinham visto, haviam deduzido que na realidade era Mark, o irmão mais velho do escritor britânico, de quem ninguém nunca ouvira falar.

– Outra vez este assunto? É um assassino profissional. Deixa-o em paz.

– Ninguém desaparece assim, da noite para o dia.

– Já pensaste que ele talvez simplesmente não queira falar contigo?
Afinal, és uma jornalista.

– Não.

– Porque achas que há aqui uma relação?

– É uma história estranha, admite-o. Pelo menos, merece que lhe dediquemos um olhar mais atento.

– Tu e eu?

– Claro. Somos o Watson e o Holmes, recordas-te?

– Temos uma criança para criar, Diana. Já é altura de ganharmos juízo. O que aconteceu em Amesterdão serviu-me de lição.

– Estou sem emprego, outra vez. Preciso de trabalhar, ou começo a ficar demasiado chata, sempre a implicar contigo. Faz-me a vontade. O nosso casamento precisa disto.

A provocação de Diana ficou sem resposta. Estranhando-o, ela calou-se, indecisa sobre se teria ido demasiado longe. Estava apenas a tentar convencê-lo, valendo-se do seu melhor humor e sarcasmo, mas o silêncio do marido começou a incomodá-la.

– Afonso?

O professor não lhe respondeu. Parado na rua, junto à entrada de um dos bairros mais antigos de Pádua, olhava em frente, perplexo, sem saber ao certo se a visão que estava a ter era real.

Vários metros à frente, uma figura familiar passava entre as colunas antigas, desaparecendo imediatamente a seguir. Uma cesta na mão; as roupas tradicionais; um lenço a cobrir-lhe o cabelo.

Tratava-se de uma mulher.

E julgara-a enterrada no seu passado.

Livro Primeiro

Narrativa

(nome feminino)

relato minucioso de um facto, acontecimento, ou sequência de eventos; texto em que se expõe um universo constituído por personagens e eventos reais ou imaginários situados no tempo e no espaço; história contada por alguém.

Capela de King's College, Cambridge, Reino Unido

Infância de Adam Immanuel

Um rapaz de 10 anos, vestido com um fato completo, de cabelo castanho-escuro e olhos verdes, que transmitiam uma profundidade incomum para a sua idade, manteve-se de pé, no meio das filas de bancos de madeira, entre a família – os tios, os pais e os irmãos. Sentia os pés enregelados e um tédio enorme, que tentava disfarçar, enquanto observava casualmente o estilo gótico da igreja no interior da qual se encontrava.

Era véspera de Natal. Na rua, um nevão caía suavemente há vários dias, o que só tornava as noites, como aquela, ainda mais frias, algo que se notava perfeitamente ali dentro, apesar do reflexo gracioso que os castiçais acesos projetavam sobre os vitrais e da música que emanava do órgão, acompanhando os cânticos do coro de estudantes.

Organizado em três filas consoante a altura dos alunos, o orfeão entoava melodias em direto para a BBC, a estação televisiva nacional, ao mesmo tempo que as câmaras o enquadravam perfeitamente, ao lado da pintura a óleo exposta sobre o altar.

Junto a Adam, igualmente de pé, Lizzie, a sua irmã quatro anos mais nova, agitou-se. Uma cauda preta comprida escapava-se por debaixo do casaco azul-claro que usava. Pertencia a *Bubbles*, o gato.

– Esconde-o – ralhou secamente o rapaz, em surdina. – A mãe não irá gostar.

– Ele quis vir.

– Esconde-o agora, ou eu conto à mãe e ao pai que o trouxeste. Vão pôr-te de castigo.

Para Adam, a irmã não passava de uma menina sonhadora, sem nada na cabeça, a não ser o estúpido do gato, ao qual dormia agarrada todas as noites, e as histórias ridículas, cheias de príncipes, fadas e princesas, que lhe contavam à noite, quando ia para a cama. Era tão infantil.

De pé, do outro lado da fila, Mark, o mais velho dos três irmãos, que seguia atentamente a exibição do coro, apercebendo-se da comoção que eclodira entre as duas crianças, interveio, puxando Lizzie mais para junto de si e abrindo o sobretudo para a envolver, *Bubbles* incluído. Afagou o cabelo liso e espetado da irmã e, baixando-se até à sua altura, tranquilizou-a:

— Não te preocupes, bolota — segredou-lhe ao ouvido, tratando-a carinhosamente. Eu protejo-te.

A exibição do coro acabou imediatamente a seguir. Enquanto as câmaras paravam de filmar e a equipa de produção começava a arrumar discretamente o material televisivo, o reverendo da capela fez um último sermão, durante o qual aproveitou para desejar a todos os fiéis os votos habituais para a época.

Assim que o pároco terminou, as pessoas começaram a movimentar-se, saindo ordeiramente dos bancos e entrando no corredor da nave principal da igreja. Não eram muitas, mas tratava-se de um grupo bem selecionado de individualidades ilustres da cidade, entre as quais se encontravam Laura e Peter Emanuel, um casal com várias propriedades e ainda mais dinheiro.

Thomas, o irmão dele, e Elizabeth, a esposa, eram seus convidados para passarem a quadra natalícia. Os dois não tinham filhos e a companhia dos três sobrinhos era uma bênção tão grande como a própria vida. Andavam a pensar levá-los a Itália no ano seguinte. O cardeal de Veneza, Stefano Uggeri, era amigo de Laura e de certeza que as crianças iriam adorar a viagem.

Reconhecendo a família, um casal constituído por uma mulher e um homem alto, ainda elegante, bem-parecido, com o bigode e o cabelo a embranquecerem, aproximou-se. Eram Olivia e John Ashton-Davies, o

diretor de um dos departamentos principais da Faculdade de Estudos Orientais e do Médio Oriente de Cambridge. Ele e Peter davam-se bem, tendo alguns negócios em comum.

— Na realidade, somos velhos amigos — reparou o professor, ao ser apresentado ao seu irmão e à respetiva esposa. — Eu e a Elizabeth fomos colegas, aqui mesmo, em King's College. Vejo que continuas deslumbrada por aquele quadro.

John referia-se a *A Adoração dos Reis Magos*, a pintura a óleo sobre tela da autoria de Rubens, com quatro metros e vinte centímetros de altura por três metros e vinte centímetros de comprimento, que se encontrava em exibição sobre o altar do santuário e para a qual ela olhava insistentemente.

— É uma obra de arte extraordinária. Sinto-me grata quando cá venho, só pela oportunidade de a ver.

— A Elizabeth costumava esconder-se na capela — acrescentou o homem, com um semblante ligeiramente nostálgico. — Dizia que o silêncio a ajudava a estudar, quando, na realidade, se limitava a ficar aqui, horas e horas, a adorar o quadro. Eram bons tempos.

A mulher fitou o professor Ashton-Davies durante mais alguns segundos do que o adequado, algo do qual Olivia pareceu aperceber-se. Sentindo-se embaraçada, corrigiu o seu comportamento rapidamente:

— Felizmente, muita coisa mudou desde essa altura. Já não somos meros jovens iludidos, pois não, John? Este é o meu marido.

Ao lado dela, com um ar pouco interessado, Thomas estendeu-lhe a mão. Apenas desejava que fossem para casa. O ar frio que se fazia sentir dentro da igreja gótica era cortante.

— E estes são os meus filhos, o Adam e o Mark — continuou Elizabeth. Vendo que John reparava na grande diferença de idades que existia entre os dois rapazes, acrescentou: — O Mark é estudante de Literatura Inglesa, mas está a pensar em entrar para um seminário. Estamos muito orgulhosos da coragem que revelou, ao preferir seguir a sua vocação.

O antigo colega cumprimentou-os, não conseguindo deixar de reparar na rapariguinha que se mantinha muito encolhida, dentro do sobretudo do irmão mais velho.

– E quem é este besouro delicioso?

– Elizabeth Ann – explicou a mãe. – Mas todos a tratamos por Lizzie, se bem que o pai prefira Lizz.

A menina escondeu-se ainda mais, encobrindo o rosto contra o tronco de Mark. Na verdade, esforçava-se imenso para que *Bubbles*, que tinha uma pata cravada na sua mão, não se mostrasse, desatando a fugir pela igreja.

No entanto, Adam, sentindo-se irritado pela atitude protetora do irmão, espirrou propositadamente, assustando ainda mais o gato, que, agitado, surgiu de repente entre a gola do casaco. De seguida, saltou e, miando, começou a correr, dirigindo-se a uma das portas da igreja, acabando por sair para o exterior.

– Lizzie! – bradou a mãe. – Como pudeste trazê-lo?

– Ele... Ele... – gaguejou a menina, aflita. – Quis vir.

– Vou apanhá-lo – ofereceu-se o pai, sentindo-se envergonhado pelos gritos da esposa. – Anda, Mark, ajuda-me.

A família Emanuel correu para a rua, sendo acolhida por uma escuridão acentuada, apenas quebrada pela luz parca que brotava dos candeeiros antigos. A tempestade perdera intensidade, mas a neve acumulada sobre o chão de pedra era muita, o que mesmo assim não dificultava a progressão de *Bubbles*. Mais à frente, com o rabo alçado, saltitava, desaparecendo entre as outras pessoas, em direção a uma travessa que o levaria ao centro da cidade.

Olivia, Thomas, Peter, Laura e Mark ainda perseguiram o gato preto durante alguns metros, chamando-o, acompanhados com dificuldade por Lizzie, que corria atrás dos cinco adultos. Mas o esforço foi em vão. Assim que entraram na Passagem da Casa do Senado, apesar de uma ou outra família que ia mais à frente tentar apanhá-lo, viram-no confundir-se

com a noite, ganhando cada vez mais distância, até deixarem de perceber onde se encontrava. A menina desatou num pranto convulsivo.

– Não te preocupes, Lizz – tentou consolá-la o pai, abraçando-lhe os ombros estreitos. – Ele há de aparecer. Se calhar, vai para casa.

– Não somos daqui. Ele não conhece esta cidade. Quero voltar para Londres – choramingou ela.

– Deixa estar, bolota. Anda comigo – pediu Mark, lançando um olhar recriminatório a Adam, que entretanto se juntara também. – Vamos atrás dele. Está apenas assustado. De certeza que daqui a pouco, quando estas pessoas se forem embora, o *Bubbles* aparece. Há um banco na praça da universidade. Sentamo-nos lá e chamamo-lo.

Sentindo-se mais esperançosa devido às palavras do irmão, Lizzie fungou e deu-lhe a mão, seguindo-o, ainda a soluçar. O gato era tudo para ela.

Mais atrás, vendo os dois filhos começarem a avançar sobre a neve, Thomas olhou em redor, sentindo a falta da mulher. Por onde andaria Elizabeth?

– Não sei – disse Laura. – Saímos todos a correr da igreja. Pensei que ela estivesse connosco.

– Viste a tua mãe? – perguntou o pai a Adam.

– Deve ter ficado na igreja – explicou sucintamente o rapaz.

– Aquele maldito quadro... – resmungou o homem. – Vai buscá-la, por favor. Eu e os teus tios estamos a congelar aqui, parados na rua.

Contrariado, o filho anuiu. Não era moço de recados. O pai, se quisesse criados, que os arranjasse. Mesmo assim, rodou sobre os calcanhares e, com os pés encharcados pela neve, tomou o caminho inverso, dirigindo-se novamente à capela de King's College. Ao fim de alguns metros, acedeu à porta lateral pela qual todos haviam saído e entrou, avançando pela igreja vazia em busca da mãe. A nave ainda se encontrava iluminada, com os castiçais a brilharem, resplandecendo sob a abóbada cor de pérola. Ali dentro, apesar de o frio se manter, era muito mais aconchegante.

Adam teve a primeira sensação de desconforto assim que passou o órgão e ficou com uma vista desafogada sobre o altar leste. Seguiram-se outras emoções, que na altura, com apenas dez anos, não soube identificar tão nitidamente.

Tal como o título dos primeiros três livros que viria a escrever, eram dor, ódio e raiva, ao deparar-se com a mãe, de pé junto ao quadro, enquanto beijava languidamente outro homem, que não era o pai.

Capela de King's College, Cambridge, Reino Unido

Catorze Meses Antes da Morte de Adam Immanuel

Sentado nos bancos de madeira que davam para o altar leste da igreja gótica, Adam fitou longamente a obra de arte. Tinha nos olhos verdes uma expressão de grande desgosto e angústia, apesar de ser o fim da primavera e o Sol jorrar pelos vitrais, refletindo-se nos painéis que protegiam o quadro. Encontravam-se abertos, exibindo-o, e quando estavam iluminados, como naquela ocasião, projetavam sobre a tela de Rubens um brilho intenso, que dava à pintura a óleo ainda mais vida e cor.

Nela, reproduzindo uma interpretação tão magistral quanto controversa do episódio bíblico narrado no Evangelho Segundo São Mateus, Jesus, um bebé recém-nascido, era apresentado por Maria aos três Reis Magos, que, sendo enviados por Herodes a Belém, iam visitá-lo. Cada um dos três soberanos lhe oferecia um presente, símbolos do sacrifício e liderança que ainda estariam por vir.

Sentindo-se protegido do mundo exterior ali dentro, o escritor britânico não soube dizer exatamente em que momento é que se apercebera da presença da mulher no interior da capela. Entrara certamente algum tempo depois dele, ou simplesmente aparecera, como costumava acontecer-lhe quando no passado sofrera de alucinações.

– Houve uma altura em que julguei que não fosse real.

A observação de Adam soou particularmente soturna. Possuía uma voz grave, muito masculina, que dentro do santuário se tornava ainda mais forte, especialmente quando se encontrava quase vazio, como no fim daquela manhã.

— E ainda hoje não sei dizer se não passa de um sonho, ou de um pesadelo perturbador — concluiu, mantendo-se virado na direção do quadro, limitando-se a vê-la somente de soslaio.

A mulher pestanejou, permanecendo sentada, em silêncio, com uma mala pousada sobre o banco ao lado do seu, enquanto observava *A Adoração dos Reis Magos*. Ela também poderia ser considerada uma obra de arte.

Os olhos não eram verdes, ou azuis, adornados por pestanas grossas e longas, como em muitos modelos de beleza contemporânea, mas castanhos; nem era particularmente alta, com uma estatura que se poderia classificar somente como média. Vestia roupas simples e calçava sapatos de salto raso, e o cabelo claro, de um tom natural, que não chegava a ser louro, dava-lhe pelas costas.

De facto, não havia nada de extraordinário a dizer sobre ela. Era simplesmente a harmonia do conjunto que ostentava e a pele cor de alabastro, como uma mulher da Renascença pintada num quadro, imortalizada a óleo sobre uma tela, que faziam com que pudesse ser considerada de rara beleza.

— Escreve, cria. É normal que tenha ilusões. Eu também padeceria de alucinações, se tivesse de viver com tantas personagens.

Adam virou-se pela primeira vez sobre o ombro. Aquela mulher quase o levava à loucura, atormentando-o, à sua espera, sempre que ele ali viera, como uma viúva-negra a aguardar pacientemente pelo momento fatal de lhe roubar a vida. Pelo menos, naquele dia, e nos demais que se seguiram, ela era real.

— O meu trabalho não tem nada que ver com este lugar — rebateu ele.
— É santo.

— É um homem crente?

— Fui criado e ensinado na fé.

— Não lhe perguntei isso.

— E eu dei-lhe uma resposta sincera. Crença e fé são palavras com um significado que devemos considerar próprio e não aquilo que os outros

querem que pensemos sobre elas.

– Também faz a sua interpretação deste quadro?

– Significa traição, mentira e decepção. Considero que são palavras com um sentido universal.

– Refere-se ao facto de o evangelho nunca referir realmente que são três reis magos, mas apenas três presentes. O número de homens é uma extrapolação da sociedade contemporânea.

– Não só.

– Então, a quê?

Adam suspirou, revelando algum desagrado pelo rumo do diálogo. Levantou-se e preparou-se para abandonar a capela. Ao passar pela fila da mulher, ela estendeu o braço e agarrou-lhe na mão, obrigando-o a parar.

– Um verdadeiro artista não tem de viver na sombra da sua arte.

O escritor britânico fez um esgar enfadado. Já tivera a sua dose de loucura. Fosse ela real ou não, jamais permitiria que voltasse a assombrá-lo.

– Não sei ao que se refere. Preciso de ir. – Fez por se libertar, mantendo uma expressão enfasiada.

A mulher agarrou-lhe com mais força na mão. Os olhos castanhos, fixos nos seus, brilhavam com uma argúcia invulgar. A sua voz, que apesar do ligeiro sotaque estrangeiro, era excepcionalmente melodiosa, ganhou uma intencionalidade inesperada:

– Há quanto tempo é que não consegue escrever uma palavra?

O semblante dele alterou-se, tornando-se irado.

– Não se atreva – ameaçou-a.

– Tem um argumento para entregar e, no entanto, há semanas, quem sabe meses, que não consegue passar da mesma página.

– A minha vida, o meu trabalho, não são da sua conta.

– São-no, se envolverem aquele quadro.

Adam, que continuava de pé entre os bancos de madeira, virou-se novamente sobre o ombro. O seu olhar oscilou entre a pintura a óleo exposta no altar e a mulher. Quem era ela?

— Lamento informá-la, mas *A Adoração dos Reis Magos* tem dono. E não me refiro à universidade. Sou eu! — anunciou, de modo triunfante. — Já fechei o negócio com o novo reitor. Deu-me a sua palavra. Entregarmos-a assim que forem concluídas as últimas formalidades.

— Para fazer o quê com ele? Destruí-lo, em nome da dor, da ira e da raiva que lhe suscitam?

Adam contraiu o maxilar. Sentia-se afrontado, com o coração a bater fortemente dentro do peito.

— Dar-lhe-ei o destino que entender. Sou o proprietário. Será o meu direito.

— Leve-o para minha casa.

— O quê?

— Estou a recuperar um palácio abandonado em Veneza. Leve-o para lá, pelo menos, durante uns tempos. Mude-se com ele. E talvez altere a sua opinião quando eu lhe ensinar a apreciar a verdadeira beleza desta obra de arte.

— Não a conheço — observou o escritor britânico, sentindo-se exasperado. — É louca.

— Veneza é a cidade dos artistas — tentou ela persuadi-lo. — James, Rogers, Byron, Hemingway, Mann, só para nomear alguns. Todos os grandes nomes passaram por lá; escreveram sobre ela.

»Isto para não falar no génio de Tintoretto, Tiziano, Bellini, ou Veronese, que encontrará espalhado pela igreja mais singela em que possa pensar. Venha comigo. Sou colecionadora e mecenas. Será um privilégio poder patrocinar a sua arte.

Adam fitou-a, perplexo, pelo seu discurso apaixonado. Tudo naquela proposta inesperada parecia irreal.

— Não posso deixar Cambridge — acabou por dizer, subitamente cabisbaixo.

— Porquê?

— O meu trabalho. Tenho um contrato com a universidade, aulas e palestras para dar.

– Não se importarão. Também conheço o novo reitor. Dar-lhe-ei uma palavrinha em seu favor, caso prefira manter o lugar em aberto, para quando decidir regressar.

– Nem sequer sei o seu nome.

– Chamo-me Sofia Conti Baresi, embora prefira o meu apelido de solteira, ou simplesmente o meu primeiro nome. Pode tratar-me por Sofia.

– É casada?

– Não, viúva.

– É demasiado jovem. Nunca pensei.

– O destino consegue levar-nos por caminhos tão imprevistos quanto espinhosos.

O escritor britânico levou a mão ao cabelo encaracolado, deixando transparecer alguma hesitação nos olhos verdes. Ela conseguira deixá-lo na dúvida.

– É por causa da sua irmã?

– A minha irmã está presa – apressou-se ele a dizer. – Vai lá ficar o resto da vida.

– Então, por existir mais alguém que não quer deixar para trás?

– Não há aqui ninguém.

A empresária italiana, que herdara do primeiro marido um grande império, fitou-o longamente, até que a sua voz perdeu toda a paixão, mantendo apenas a tonalidade melodiosa:

– Venha comigo, Adam, e verá que a sua inspiração regressará novamente. Nem imagina aquilo que o futuro nos reserva.

– Está a convidar um estranho para uma casa que deseja renovar numa altura destas, em que o mundo está parado, escondido sobre si mesmo, com medo de um vírus?

Sofia sorriu-lhe enigmaticamente, dizendo-lhe apenas:

– É quando os nossos inimigos dormem, que devemos preparar-nos para os surpreender.

The City, Londres, Reino Unido

Uma Semana Depois do Encontro Entre Adam Immanuel e Sofia Conti

Atrás da secretária de madeira lacada a branco do seu escritório minimalista localizado no centro financeiro da cidade, onde a única peça colorida, exceto as lombadas dos livros arrumados na estante — um exemplar por cada título que editara —, era uma obra de arte extravagante pintada por Banksy, afixada na parede, Ellis Bloom conteve um assomo temperamental ao ouvir aquelas palavras. Não queria acreditar.

Sentado à sua frente, no sofá de pele, com um braço por cima das almofadas, as pernas traçadas e uma expressão descontraída, encontrava-se Adam, que acabara de lhe dar a notícia de chofre. Dentro de apenas alguns dias, iria mudar-se para Veneza. Já tomara a decisão. Aguardava apenas que lhe entregassem um quadro.

— Porque é que queres ir-te embora? — insistiu o editor, sentindo-se derrotado.

Apesar de ele lhe ter explicado que uma mudança de ares lhe faria bem, não conseguia compreender por que razão o seu melhor escritor precisava de se isolar. Onde é que falhara?

Deveria tê-lo apoiado mais. Os últimos meses tinham sido terríveis para ambos. O envolvimento do escritor nos *Crimes de Cambridge* ameaçara destruir-lhes a vida, mas haviam sobrevivido.

Eram os dois uns lutadores e pessoas como eles não podiam desistir assim. Teriam de se empenhar com todo o coração.

— E depois de entregares o argumento, irás escrever um novo livro? — indagou Ellis, esperançoso de que Adam tivesse pelo menos uma boa notícia para lhe dar.

— A propósito desse assunto, necessitamos de falar.

O editor, que vestia o habitual casaco de *tweed* azul-escuro, sentiu os óculos de massa escorregarem pelo nariz e apertou o laço, um tique nervoso que se manifestava sempre que pressentia algum tipo de apuros.

— O que queres dizer com isso?

— O meu plano é entregar o quanto antes o argumento à Working Title e depois tirar pelo menos um ano sabático sem escrever, enquanto o filme entra em produção. Sou da opinião de que o descanso me fará bem. Ando a precisar.

— Ai, andas?

O tom de voz de Ellis saiu mais esganiçado do que desejara. Sentia um torvelinho na garganta só de ouvi-lo mencionar o nome da produtora inglesa. Fora ele quem viabilizara o negócio e, agora, ali estava o seu prodígio à sua frente, a informá-lo de que se encontrava pronto a colher os frutos do que tão arduamente semeara.

— Quero dizer.... — recomeçou o editor, tentando recompor-se, mas sem sucesso. — Isto não tem nada que ver com o facto de a tua irmã se encontrar presa, pois não?

— O que é que a Lizzie tem que ver com este assunto?

Ellis deixou escapar um riso abafado. Adam era um homem arrogante e autoritário, que, no passado, aprendera rapidamente a usar a posição de superioridade à qual ascendera ao tornar-se num autor *bestseller* e premiado, para o humilhar, sempre que tentava contrariá-lo. Mas naquela tarde, em que exigira uma reunião de última hora quando mais de metade de Londres estava fechada, o editor não iria permiti-lo. Sentia-se simplesmente farto.

— Deixa-te de mentiras — recomeçou o homem, com a voz por um fio.

— Tu e eu sabemos muito bem que esse bloqueio do qual te queixas e que esperas ultrapassar com esta ida ridícula para Veneza dura há vários anos. Dos quatro livros que tens publicados, todos por mim, diga-se a verdade, apenas escreveste um, o primeiro. Os outros, deve-os à tua irmã!

Continuando calmamente sentado no sofá, Adam semicerrou os olhos, pestanejando longamente, indeciso de como haveria de lhe responder. Sentiu uma dose considerável de ódio a formar-se no peito, mas manteve-se sereno:

— Não tens provas, Ellis. Aconselho-te a não levatares falsos testemunhos. Os meus advogados não irão gostar.

— Oh, não ouses. A tua irmã é a prova viva de que não minto. Eu fiz-te. Aquilo em que te tornaste, deve-lo a mim. Se me provocares, prometo que te destruo. E há ainda aquela jornalista portuguesa. Ela também sabe.

— A minha irmã está trancada numa prisão — riu-se cinicamente o escritor, tentando desviar a atenção de Diana Santos Silva. Detestava-a. — Será a palavra de uma reclusa, sedenta de vingança, contra a minha, um dos autores mais vendidos no mundo. Em quem é que achas que todos irão acreditar? Nem tu terás qualquer credibilidade, quando se souber a quantidade de comprimidos que tomas por dia, só para conseguires andar em pé. Vou arrasar-te.

Sentado à secretária, o editor estremeceu, fazendo um esforço imenso para não soçobrar. Precisava urgentemente de falar com o psicólogo. O seu dia a dia era demasiado extenuante.

— Porque é que estás a fazer-me isto? — lamentou-se ele, tomado por um carpido angustiado.

— A última vez que consegui escrever foi quando estava na prisão. Não sei dizer o que é, mas talvez o problema seja Cambridge. A mudança de ares irá fazer-me bem.

— Não podes, por exemplo, vir para Londres?

— Necessito de descansar — contrapôs Adam. — Não consigo escrever mais. Sinto-me seco; preciso de me distanciar de tudo, de me reinventar. Não percebes?

— Só quero mais um livro teu. Peço-te apenas mais um. Prometo que te darei tudo o que me pedires. Edições eletrónicas, audiolivros, capa mole, capa dura, relevos, vernizes, presenças em programas de televisão,

sei lá. Até te consigo uma entrevista com a Oprah — garantiu ele, com um olhar ligeiramente esgazeado. — Imagina só, os dois no palco e, de repente, ela começa a apontar para várias pessoas da audiência e diz: «Tu recebes um livro, tu recebes um livro, tu recebes um livro, tu recebes um livro, *todos* vão receber um livro!» Conta-me, confia-me o que queres e será teu. Juro-te — garantiu-lhe ele, ofegante. — Com todo o meu coração.

— Ellis... Apenas quero escrever o meu argumento em paz e descansar, pelo menos, durante um ano. Depois, poderemos voltar a falar.

— Não, Adam, por favor, não.

— Talvez um conto, ou uma coletânea, se me apetecer escrever alguma coisa, mas nada com a envergadura e a exigência de um livro.

— Peço-te que reconsideres. Dá-me só mais um livro — suplicou o editor. Apesar da exaltação inicial, estava agora novamente pronto a humilhar-se.

— Vai pedir à tal da Vanessa Robbins. Parece que anda por aí, sempre a anunciar que tem ideias novas.

— Não! Por favor, não voltes a mencionar o nome dessa mulher aqui dentro — pediu-lhe Ellis, pousando dramaticamente a cabeça contra o tampo da secretária e escondendo-a entre as mãos. — É mentira. Nego-o, nego-o, nego-o quantas vezes venham a ser precisas, mas nunca lhe prometi um contrato para um livro.

Adam traçou os braços pacientemente sobre o ventre, esperando sentado no sofá que o surto emocional do editor passasse. Era dado a altos e baixos, e espetáculos deploráveis, como aquele, faziam parte da relação entre os dois, sempre que se via acossado.

O escritor procurou distrair-se e olhou em redor, para o rio que se via a serpentear por entre a cidade, pelos vidros das janelas panorâmicas do escritório. Londres brilhava intensamente, sob a luz do pôr do sol, antecipando o anoitecer. Muitos achariam aquela visão deslumbrante, mas ele não.

Nunca fora grande fã da azáfama que se vivia nas ruas, com os carros e as pessoas a correrem por todo o lado. Encontrara em Cambridge parte da serenidade que procurara, mas já nem isso parecia aplacar o desassossego que sentia. Mostrara-se pouco recetivo, quando uma semana antes lhe fora feita a proposta, mas talvez fosse mesmo boa ideia ir viver para Veneza. De certeza que os ares da lagoa lhe fariam bem.

— Bom, devo ir. Combinei encontrar-me com a Sofia. Ainda está hospedada no hotel Shangri-La do Shard.

Ellis, que entretanto parara de chorar, levantou subitamente os olhos molhados, fitando-o. Quem era aquela mulher?

— Sofia Conti. É italiana. Trata-se da dona da casa para onde irei mudar-me, em Veneza. É um palácio antigo. Ela quer ser a minha mecenas.

Os óculos de massa escorregaram novamente pela cana do nariz do editor. Então, ali estava finalmente o motivo para a decisão repentina. Teria de se vingar dos dois. Certamente que ela não passava de uma putefiazinha esfomeada, desejosa de abrir as pernas para Adam na primeira noite que passassem juntos.

Ellis ainda não a conhecia, mas já a detestava.

King's College, Cambridge, Reino Unido

Dois Dias Antes de Adam Immanuel Chegar a Veneza

Assim que o escritor britânico entrou no seu gabinete na universidade, deparou-se com um homem louro, vestido com um fato de esgrima branco, sentado no sofá, virado para as janelas. Pierre era dois anos mais novo do que ele. Tinha o cabelo húmido e os olhos acinzentados fixos nos vidros que davam para o famoso pátio fronteiro.

Estava um dia bonito, com poucas nuvens no céu e imenso sol, mas o suíço, o seu parceiro regular de treinos, mostrava um semblante assaz carregado, como se fosse um latifundiário caído em desgraça num romance de Jane Austen, que devido à falência da propriedade, se vira forçado a vender a filha em casamento ao seu maior rival.

Adam reparou na caixa do florete encostada à mesa de apoio, sobre a qual se viam uma pasta de cabedal fino com um computador portátil no interior e uma pilha de livros por cima. O caderno pautado que se encontrava no topo estava aberto. No entanto, mantinha-se em branco, sendo apenas ocupado por uma caneta de tinta permanente que marcava o vinco da lombada.

O inglês saudou o colega, mas não obtendo resposta, avançou pelo escritório e depositou sobre a secretária a caixa de cartão que carregava, começando a arrumar os poucos pertences que tinha ali. Sempre usara o gabinete como um mero apoio às aulas e palestras que lhe eram atribuídas, preferindo guardar em casa o mais importante. O recolhimento ao qual todos tinham sido forçados nos últimos meses fizera com que tratasse com ainda maior desprezo aquele espaço de trabalho. Pela forma como se recusava a encará-lo, Pierre parecia pensar o mesmo sobre o modo como ele o considerava.

O suíço manteve-se fixo nas janelas e no curso distante do rio Cam, que se via a serpentear ao longo da vila universitária, ouvindo o mentor a arrumar calmamente os cadernos e outros apontamentos. Por fim, decidiu romper o silêncio, e a sua voz não disfarçou uma amargura profunda:

— Quando é que estavas a pensar em contar-me?

— Vou-me embora daqui a dois dias, Pierre. Aceita-o e sofrerás menos.

— Tive de saber pelo reitor, que hoje de manhã, ao ver-me a treinar com aqueles tipos de Trinity, me perguntou se eu já decidira o que iria fazer em relação aos meus estudos. — O suíço exalou ligeiramente, tomado por uma grande conclusão: — Como se eu soubesse sequer que tinha de escolher alguma coisa.

— O departamento de Literatura está cheio de bons professores. Aliás, sinceramente, sou o menos experiente de todos. Ficarás mais bem servido sem mim.

— Vim para Cambridge para poder estudar contigo. Deixei Genebra e a minha família, e mudei-me para um país estrangeiro por tua causa.

— Tentei apoiar-te e orientar-te o melhor que sabia.

— Vou ficar com a minha pós-graduação a meio — continuou Pierre, abanando melancolicamente a cabeça, sem deixar de contemplar a paisagem exterior. — O que irei fazer?

— Os outros professores poderão ajudar-te. Escolhe um nome e deixarei uma carta a recomendar-te e a explicar o trabalho que desenvolvemos. Será uma ajuda.

A expressão do suíço alterou-se subitamente, passando da apatia para o ódio:

— O que é que isso irá fazer por mim? Todos aqui dentro te detestam. Até os alunos! És considerado inacessível, antipático e arrogante.

Adam interrompeu o que estava a fazer e fitou Pierre. Pareceu momentaneamente incomodado pelos insultos e depois voltou a concentrar-se na tarefa que tinha em mãos.

— Então, ficarás melhor sem mim.

O suíço engoliu em seco. O rosto exprimia uma grande perturbação, que quase se assemelhava a raiva, mas não parecia predisposto a continuar aquela discussão, ou mesmo fazer um escândalo. Acima de tudo, sentia-se dececionado.

Colocou ao ombro a caixa do florete, agarrou na pasta de cabedal, nos livros e no caderno, e dirigiu-se à porta do gabinete. Antes de a abrir, com a mão livre depositada sobre o puxador, virou-se pela última vez para trás, preparando-se para se despedir do homem que até ali considerara o seu mentor.

– Nunca deveria ter vindo para Cambridge.

– Lamento que penses assim.

– Hei de encontrar uma forma de concluir a minha pós-graduação e não estou ressentido contigo por te ires embora, se achas que essa viagem será o melhor que poderás fazer por ti. Mas não te perdoo por me teres destruído a vida. Não serei eu, mas um dia, espero que alguém te faça pagar por isso.

Adam interrompeu a arrumação, levantando novamente o rosto da caixa. Pierre acusava-o de coisas das quais só os dois sabiam, mas a ameaça implícita nas suas palavras não o perturbou. Os olhos verdes revelavam exatamente o mesmo brilho neutro que exibiam desde o momento em que entrara no gabinete:

– Acho que conseguiste fazer isso sozinho.

– Não tenho a mesma certeza que tu.

– Há algo que queiras dizer-me, ou a mais alguém que esteja na disposição de te ouvir?

– Sei qual é a verdade.

– Cuidado, Pierre.

Encarando-o longamente, o suíço continuou a agarrar o puxador da porta. Fazia uma força desmesurada e os dedos, transpirados, tremiam, tal como ele, por dentro. Depois, o confronto silencioso deu apenas lugar à sua resignação.

– Não te manipulei, se é isso que julgas de mim – justificou-se o inglês.

– Às vezes, tenho dúvidas. Os teus jogos deixam-me baralhado.

– Deixa este assunto em paz, Pierre, e faz-te à vida. Escreve o tal livro sobre o qual andas sempre a falar. Quem sabe, um dia, nos reencontremos.

– Onde irás, depois de acabares as arrumações que vieste cá fazer?

– Para casa. Tenho uma mala para encher de roupas.

– E amanhã? Será que não poderíamos voltar a falar, só para nos despedirmos? Hoje sinto-me demasiado... – Pierre deixou escapar um lamento conformado. – Foi um choque muito grande. Estou de cabeça quente.

– Não será possível. Quero ir a Peterborough despedir-me da minha irmã.

– E depois de ires à prisão?

– Não me parece que tenha muito mais tempo.

– Peterborough não é longe daqui.

– Será impossível. Irei para Londres amanhã à noite e no dia seguinte apanharei o avião para Veneza.

– E eu?

– Ficarás aqui, sozinho.

Prisão Mista de Peterborough, Condado de
Cambridgeshire, Reino Unido
Um Dia Antes de Adam Immanuel Chegar a Veneza

A impressão que ele teve quando viu surgir a irmã à porta da sala de visitas da penitenciária foi que ela lhe parecia ainda mais franzina do que se recordava. Dava passos curtos, acompanhada por um par de guardas prisionais e vestida com um fato de treino cinzento demasiado largo. O cabelo castanho-escuro, pelos ombros, outrora liso, espetado e brilhante, estava cortado, embora de modo desajeitado e extremamente irregular. Aparentava não ser lavado havia alguns dias.

As duas polícias avisaram-nos de que não poderiam tocar-se e afastaram-se para a periferia da divisão, deixando-os com mais privacidade para falarem à vontade. A sala de visitas era agradável, com imensa claridade a entrar pelas janelas, apesar do tom azul-celeste, irritante, da alcatifa e das cadeiras de madeira. Sentada numa delas, à frente de Adam, Lizzie fitou-o, em silêncio.

Os dois irmãos não se viam há mais de quatro meses, desde o dia em que ela fora presa na casa dele, após o depoimento de um grupo de professores assistentes da universidade que praticavam alpinismo urbano. Numa das noites em que andavam pelos telhados, tinham-na visto a pedalar, de um lado para o outro, atarefada a transportar até ao rio no cesto da bicicleta os membros decepados da tia idosa.

Depois da morte do marido, não tendo filhos, Laura, que sofria de várias doenças crónicas, acabara por ficar acamada, passando a estar ao cuidado dos dois sobrinhos, que se tinham mudado para Cambridge, para a ajudar. No entanto, desaparecera misteriosamente. Um dia depois, um menino chamado Andy, que vivia na casa da frente,

conhecera um destino semelhante, até ser encontrado morto num bosque localizado perto de uma das pontes mais famosas da cidade.

Lizzie acabara por ser levada pela Polícia num ambiente de grande comoção, sendo acusada de vários crimes: da morte da tia; da morte da criança, que alegadamente teria visto alguma coisa comprometedor a partir da claraboia do sótão da casa, e da do seu padrasto, o homem que tentara incriminar; e da morte de John Ashton-Davies, diretor de King's College e um velho amigo da família, a quem Laura confidenciara terríveis segredos de família sobre o acidente que vitimara os cunhados.

A rapariga gritara e chorara, admitindo que contratara um assassino para silenciar o reitor e que atraíra o padrasto de Andy para o moinho no qual o seu cadáver acabara por ser encontrado, mas recusara qualquer responsabilidade nos homicídios de Andy e da tia Laura, apontando o dedo ao irmão. Ele ainda se comovera, ao vê-la ser algemada. Porém, mantivera a integridade. Se a irmã era culpada, então o seu lugar seria na cadeia, onde deveria pagar pelos crimes hediondos que cometera.

Adam sentiu um ardor no olhar ao recordar aquele fim de tarde em que fora forçado a fazer uma opção, mas rapidamente recuperou a compostura, percebendo que a sua emotividade não era recíproca. Lizzie mantinha-se dura, com um brilho resoluto no olhar, que, contrariamente ao que pensara, não era de ódio. Tratava-se de desprezo. Para onde desaparecera a menina encantadora que só pensava no gato e no livro que iria ler a seguir?

— O que aconteceu ao teu cabelo? — acabou por lhe perguntar, tentando quebrar o gelo.

— Peterborough deu-me as boas-vindas.

— Andam a tratar-te mal, aqui dentro?

— É uma prisão, Adam. Tratam-me tão bem quanto se pode esperar.

Os dois mergulharam num novo período de silêncio. Ela parecia completamente irreduzível, não revelando qualquer tipo de reação à sua visita. O irmão sentiu vontade de se ir embora; talvez tivesse sido melhor deixá-la ali e nunca mais a ver.

– Porque vieste? – perguntou ela.

Adam aclarou a garganta e só depois é que conseguiu responder:

– Vim despedir-me.

– Nunca mais cá virás, ou vais-te embora para algum lado?

– Vou mudar-me para Veneza. Pelo menos, durante um ano. Depois, logo vejo.

– Porquê?

– Necessito de uma mudança. Quero voltar a escrever.

A irmã exalou ironicamente.

– E irás encontrar isso por lá?

– Assim o espero.

– O que vais fazer com o apartamento de Cambridge?

– Ainda não sei.

– Irás mantê-lo?

– Acho que não. Talvez gostasse de vendê-lo.

– Porquê?

Sentindo-se desconfortável, Adam balançou o tronco na cadeira.

– Diz-me porquê – insistiu ela. – Quero saber.

– Demasiadas más recordações, Lizz.

A irmã deixou escapar as lágrimas que até então tentara conter.

– Não me chames assim. Só o pai é que me tratava assim.

– Desculpa.

– Foste sempre um mau irmão, sempre. A única coisa que eu queria era ser como tu, escrever como tu, que as pessoas olhassem para mim e me adorassem como faziam contigo.

»Abdiquei da minha vida, de ter uma família, por causa dos teus sonhos. E no fim, depois de eu te ter protegido, esta foi a minha recompensa. Vou ficar presa neste inferno até ao fim da minha vida e é tudo culpa tua, porque és demasiado fraco para assumir os teus defeitos.

Adam permaneceu calado, ouvindo estoicamente as injúrias que lhe eram dirigidas, com os olhos verdes e profundos muito abertos. Quando

Lizzie se acalmou, limpando as lágrimas com os dedos, disse simplesmente:

– Tu não és assim tão inocente, mana.

A irmã parou de se lamentar e afastou lentamente as mãos do rosto.

– Confessei aquilo de que sou culpada.

– Referes-te ao presente, ou ao passado?

Lizzie fitou-o duramente, enquanto as lágrimas desapareciam dos seus olhos.

– O pai e a mãe morreram num acidente de carro. Ponto final, parágrafo.

– Isso dependerá do narrador. Ou da narrativa.

– Não há mais nada com o qual possas ameaçar-me. Já estou presa.

– Experimenta levantar uma centelha de dúvida que seja sobre a verdade e verás o que acontecerá.

– O Mark sabe a verdade. Virá em meu auxílio, se eu precisar.

– O Mark está morto, ou desaparecido numa prisão qualquer a apodrecer na solitária, sei lá – rebateu o irmão, com um ar aborrecido.

– Sabes tão bem quanto eu que não.

– Quem te deu essa certeza?

– O Pedro.

A expressão nos olhos de Adam mudou drasticamente perante a mera referência ao nome do pirata informático que cerca de um ano antes ganhara notoriedade mundial com a divulgação de dados comprometedores sobre altas individualidades políticas e, sobretudo, com a revelação de filmagens da Praça de São Pedro na noite em que o Papa Mateus I aparecera morto, nos seus aposentos no Palácio Apostólico, na Cidade do Vaticano.

– É melhor parares com as ameaças, mana.

– Como te disse, já estou presa. Não tenho nada a perder.

– Vim aqui para me despedir de ti. Somos irmãos.

– Deixaste de ser meu irmão naquele fim de tarde em Cambridge, quando o inspetor McCallister foi lá a casa para me prender. Quem sabe,

um dia destes, apareçam por aqui uma jornalista portuguesa abelhuda e um professor universitário a fazerem perguntas sobre ti. Talvez eles queiram ouvir tudo o que tenho para dizer.

O escritor ainda tentou conter-se, mas a irritação que sentia acabou por levar a melhor sobre ele, fazendo-o explodir:

— Foda-se, Lizzie. Tive de falar com a merda de não-sei-quantas pessoas para conseguir esta visita, levei com a porra de uma zaragatoa pelo nariz acima antes de entrar e ainda estou a usar o caralho de uma máscara de proteção respiratória. Deixa de fazer ameaças e mostra alguma gratidão.

— Tu não sabes o que isso é.

— Não? Até arranjei forma de te colocar numa prisão mista. Talvez aqui encontres alguém que queira casar contigo.

O som da bofetada que Adam recebeu no rosto ecoou pela sala. Perplexo com a reação da irmã, limitou-se simplesmente a fitá-la com uma das faces rosadas.

Sentada à sua frente, Lizzie chorava novamente, enquanto por trás dela, as guardas corriam para os dois, alarmadas, receosas de uma nova agressão.

O irmão levantou-se e compôs o cabelo desalinhado. Voltou costas e disse:

— Adeus, Lizz.

Canal Grande, Veneza, Itália

No Dia em que Adam Immanuel Chegou a Veneza

O casal entrou ao início do entardecer na cidade. Aterrou no Aeroporto de Marco Polo, apanhou um táxi marítimo, atravessou velozmente a lagoa e rapidamente aceitou o Canal Grande, onde um espelho de água prateado refletia o Sol que começava a descer, em direção ao horizonte.

De pé na lancha, ao lado de Sofia, assim que contornaram a estação ferroviária de Santa Lucia, Adam retirou do rosto os óculos escuros e permitiu-se um momento para se deixar deslumbrar pela obra de arte que era gradualmente desvendada diante dos seus olhos.

O canal resplandecia, repleto de vida. *Vaporettos*, embarcações de transporte coletivo de passageiros, navegavam vagarosamente, enquanto se desviavam das gôndolas e das pequenas lanchas, que, saindo das paliçadas às quais estavam ancoradas, se faziam à água.

Várias pessoas caminhavam ao longo das *fondamentas*, ou marginais, deambulando entre as bancas que vendiam peixe fresco, ou outros alimentos, e as lojas de comércio tradicional, com toldos de várias cores. Porém, o que mais o fez sentir-se maravilhado foram as fachadas ocres. Antigas e degradadas, não havia nelas qualquer tipo de decadência, mas tão simplesmente uma beleza intemporal.

Vendo-o admirado, Sofia explicou-lhe que em Veneza não existiam automóveis. Os carros ficavam à entrada, num parque de estacionamento localizado nas imediações da estação ferroviária. As bicicletas eram igualmente proibidas, o que fazia com que naquela cidade mágica, implantada sobre a água da lagoa, a população se deslocasse a pé. A alternativa mais prática seria o barco.

Ao fim de algum tempo, o táxi que os transportava entrou numa zona de maior claridade, onde o Sol incidia diretamente sobre os edifícios, pintando-os de alegria, até que, depois de uma curva, surgiu uma estrutura de madeira que descrevia um grande arco, a Ponte da Academia. Por trás dela, uma das imagens mais icónicas de Veneza – a Igreja da Santa Maria da Saúde – ganhou nitidez, com o seu domo de pedra a contrastar com os tons pastel que decoravam o céu.

Sofia fez sinal ao condutor da lancha assim que passaram um edifício branco bem conservado, em cujo jardim existia uma escultura contemporânea de um homem a cavalo, e pediu-lhe que se desviassem do Canal Grande. Logo à frente, encontrava-se um palacete velho, mas imponente, dominado por uma fusão de elementos arquitetónicos dos estilos gótico e renascentista.

Um barco com um contentor, no interior do qual havia um amontoado de entulho, encontrava-se encostado à fachada do edifício que dava para o Canal Grande. Nela, estavam aplicados vários andaimes apoiados em estacas, que deveriam ir até uma profundidade incalculável. Haviam finalmente chegado à nova residência de Sofia Conti Baresi.

O táxi enveredou por um braço de água estreito, contíguo à casa. Enquanto progrediam devagar, Adam reparou na aparência sombria daquelas paredes cor-de-rosa. Ao entrar em Veneza, sentira uma grande nostalgia, como se vivesse noutra época, mas ali, a sensação que tinha era a de estar numa viela escura, onde a qualquer momento algo de mau pudesse acontecer.

Depois de passarem sob uma ponte baixa, ancoraram junto a umas escadas que davam acesso a uma praça pequena, ajardinada. Arrastando a bagagem, Adam seguiu Sofia ao longo do Campiello Barbaro, um largo nomeado em honra de um dos antigos habitantes da casa, Vincenzo Barbaro. Recebera-a como prenda de casamento com a filha do homem que no século XV mandara erigir o palacete, na altura um cidadão ilustre da República Veneziana.

Ao contornarem o muro do jardim, atrás do qual se percebiam as copas frondosas das árvores, a italiana chamou a sua atenção para uma inscrição numa placa de mármore afixada na parede: «Nesta casa antiga de Dario, Henri de Regnier – poeta francês – viveu e escreveu sobre Veneza. Anos 1899 e 1901.» Fora deixada por uma condessa, uma ex-proprietária, que certamente se sentira orgulhosa do seu patronato. Ele sorriu ligeiramente, esperançoso de que fosse um bom augúrio.

Parada junto a uma porta de ferro, Sofia tocou a uma campainha. Alguns segundos depois, ela e Adam foram recebidos por uma mulher morena, com cerca de 60 anos, o cabelo pintado de escuro e uma expressão séria. Tratava-se de Francesca, a empregada doméstica da residência de Como.

A criada guiou-os pelo jardim até entrarem em casa. Havia no ar um odor agradável a marisco cozido, que combinava bem com a decoração das divisões do palácio. As obras interiores estavam terminadas. O mobiliário era parco, mas elegante e com linhas de uma beleza acentuada. Todavia, o que mais se destacava eram os tons aplicados nas divisões, que variavam entre cores fortes, como o azul-petróleo, o verde-marinho e o púrpura.

Eram paredes despidas, sem qualquer quadro, adornos, ou outra peça de arte em exibição. Sofia confidenciara a Adam que queria começar ali uma nova coleção, inspirada nos pintores flamengos. Embora fosse lá ficar temporariamente, *A Adoração dos Reis Magos*, que estava em trânsito e chegaria nos próximos dias, seria a forma perfeita de começar a concretizar a sua intenção.

Ela não o deixou ver muito mais, levando-o de seguida para o primeiro andar. Uma das varandas oferecia uma vista desafogada sobre os telhados antigos do Dorsoduro, o *sestiere* de Veneza onde se localizava o palácio. Apoiado no parapeito, o escritor estremeceu ao perceber um restolhar junto a um arbusto do jardim. Até que o viu aparecer. Tratava-se de um tigre da Sibéria, um macho de grande porte, de pelo listrado preto, dourado e branco.

– Não se assuste. O *Leonardo* é inofensivo.

Adam contraiu o maxilar. Alguns metros mais abaixo, o felídeo fitava-o, inclinando a cabeça na sua direção, enquanto pestanejava, curioso.

– Tem-no como animal doméstico? – conseguiu ele perguntar, sentindo-se perplexo e intimidado pela grandiosidade do animal.

– Pertencia ao Giancarlo, o meu marido. Encontrou-o quando ainda era uma cria, numa expedição que fez com o pai perto da fronteira entre a China e o Sudeste da Rússia. Estava ferido, esfomeado e desorientado, e resolveu acolhê-lo.

– Isso é sequer legal?

Sofia semicerrou os olhos, exalando enquanto contemplava a paisagem.

– O meu marido era um homem fascinante, mas que também possuía um lado negro, assustador. O *Leonardo* foi uma das poucas coisas boas que me deixou. Sinto-me em dívida para com ele. Temos uma ligação muito forte, que não pode ser explicada.

O escritor anuiu, embora estivesse pouco convencido. Aquela fora uma revelação inesperada.

– Mas não se preocupe – assegurou-lhe Sofia. – Não passa de um gato grande. Tenho a certeza de que o tempo que viveremos juntos nesta casa será inesquecível. Um futuro brilhante aguarda-nos.

Adam sentiu a mão dela pousar-se sobre a dele. A única reação que teve foi a de virar o rosto na sua direção, mas a mulher fitava o horizonte. De dedos entrelaçados, seguiu-lhe o olhar. Ao longe, como uma sombra negra, uma espessa camada de nevoeiro asfixiava o Sol que se punha e avançava sobre os telhados de Veneza.

Vinha na sua direção.

Naquele fim de tarde, enquanto Adam e Sofia se encontravam na varanda do palácio – ou *Cà*, como se dizia antigamente em Veneza –, o escritor não se apercebeu de um pormenor. Tratou-se de um som, o mero tinido de uma campainha que tocava no andar de baixo.

Ouvindo-o na cozinha, Francesca enxugou as mãos no avental preto e interrompeu momentaneamente a preparação do jantar. Pacientemente, atravessou o corredor e dirigiu-se à entrada. Não via a hora de poder regressar à mansão de Como. Detestava aquela casa escura. Havia ali, por trás das paredes pintadas de novo, qualquer coisa que não conseguia precisar, mas que certamente era malévola.

A criada atravessou o jardim e abriu a porta exatamente antes de a campainha tocar novamente. Deparou-se com uma jovem de pé, à entrada, vestida com uma calças de ganga justas e uma camisa branca, muito feminina.

A rapariga tinha um corpo macilento, quase como o de um rapaz. Os olhos eram verdes. Apesar de não usar batom, a pele parecia ter uma grande quantidade de maquilhagem e o cabelo era comprido, fino e louro, de uma tonalidade platinada. Francesca acolheu-a de bom grado. Vinha candidatar-se à vaga de empregada doméstica.

A jovem agradeceu-lhe por a receber àquela hora tardia, mas aceitou o convite para entrar. Enquanto as duas caminhavam ao longo do jardim, em direção à casa, apresentou-se.

Era de ascendência judaica e gostava de ser chamada simplesmente de Maria.

Lisboa, Portugal

Cerca de Um Ano Antes da Morte de Adam Immanuel

Afonso Catalão limpou com um pano pequeno as lentes dos óculos de leitura e guardou-os no bolso interior do casaco, fechando-o. Corria pela rua uma brisa ligeira, própria do outono recém-chegado, que fazia com que se sentisse a arrefecer. Olhando casualmente para a entrada da escola básica, deixou-se ficar por ali, enquanto tentava não se mostrar demasiado ciente da curiosidade que suscitava nos outros pais.

No interior dos automóveis, ou no passeio, de pé, à espera, como ele, de que os filhos terminassem as aulas e saíssem, fitavam-no pouco discretamente, quem sabe estranhando a óbvia diferença de idades. O professor era mais velho do que Diana, o elemento do casal que normalmente ia buscar Rodrigo, e aquelas pessoas não estavam claramente familiarizadas com a sua presença.

Ainda que abafado pelas paredes do edifício, o toque da campainha chegou à rua. Alguns minutos mais tarde, surgiram as crianças, acompanhadas por duas auxiliares de ação educativa, que tentavam, embora sem grande sucesso, manter alguma ordem naquela matilha rebelde.

Um menino de sete anos, louro, com olhos azuis e uns óculos de armações vermelhas, fechava a fila indiana, caminhando calmamente ao lado de uma das mulheres. Carregava nas costas uma mochila com desenhos alusivos à história dos *101 Dálmatas*.

Afonso aguardou que as outras crianças passassem a correr e aproximou-se da entrada, sorrindo na direção de Rodrigo, que lhe acenou alegremente, assim que os dois cruzaram o olhar. Quando ia para

lhe dar a mão, foi interpelado por uma das auxiliares, que, com um semblante fechado, lhe perguntou se vinha buscá-lo.

— A Diana está ocupada — respondeu-lhe o professor.

A expressão na cara da mulher alterou-se subitamente, transformando-se numa máscara agradável:

— Adoro-a. É formidável. Tenho de trazer o meu livro para ela o assinar.

Afonso anuiu, desejando ir-se embora. Viera diretamente da universidade, onde passara o dia a preparar os novos cursos de mestrado, e ansiava pelo momento em que pudesse refugiar-se em casa. Além disso, tal como ele, também a criança deveria ter trabalhos para fazer.

— É o avô?

Afonso estarreceu. Parado no meio da rua, enquanto os outros pais começavam a arrancar nos automóveis, deixou o braço esticado na direção de Rodrigo. Em silêncio, o menino inclinou a cabeça para trás, fitando os dois alternadamente.

— Não, sou o pai — conseguiu articular educadamente. — Como lhe expliquei há pouco, a minha mulher hoje encontra-se ocupada. Vim buscá-lo.

A auxiliar de ação educativa fez uma expressão embaraçada, que ele preferiu ignorar. O professor aliviou a criança do peso da mochila, colocando-a às suas costas, e deu-lhe a mão. Os dois começaram a caminhar ao longo do passeio, sem trocarem uma palavra, evoluindo paralelamente às árvores que os separavam dos carros que circulavam devagar na rua.

— Estás bem? — perguntou-lhe o menino, um pouco depois de contornarem o recinto da escola e enveredarem por uma avenida.

Afonso puxou-o para si e abraçou-o carinhosamente pelos ombros, enquanto andavam, curvando-se ligeiramente para lhe beijar o cabelo fino e ruivo.

— Não poderia estar melhor.

— Porque é que hoje não tens óculos?

Rodrigo adorava o facto de ambos os usarem. Fazia-o sentir-se muito mais crescido.

— Só preciso deles para ler. E, além do mais, se não os puser, as pessoas pensam que sou muito mais novo — ironizou o professor Catalão, não contendo um sorriso de través.

— Mas usa-los quase sempre.

— Alguém anda a aprender algumas coisas nas aulas de Português.

— O quê?

— Estava a dizer que és um menino muito inteligente.

— Acho que a professora não tem a mesma opinião do que tu — discordou a criança, fazendo um ar aborrecido. — Só tive Muito Bom na ficha que fizemos de manhã.

— Mas isso é formidável.

— Excelente seria melhor.

Afonso parou de caminhar e baixou-se, colocando-se à altura do menino. Compôs-lhe os óculos, que estavam ligeiramente tortos, e abraçou-o com força.

— Muito bom é «fantabuloso» — segredou-lhe. — Estás de parabéns.

— Mas quem consegue Excelente ganha um recreio maior e, assim, eu poderia ter brincado mais.

— Tens toda a razão — riu-se o professor.

Os dois voltaram a arrancar. Ainda faltava um pouco para chegarem a casa, o que não era totalmente mau. Afonso queixava-se frequentemente de cansaço ocular, porque passava a maior parte do dia a ler, ou concentrado, a trabalhar num ecrã de computador, enquanto fazia investigação, orientava os alunos nas teses, ou tratava de outros assuntos administrativos mais enfadonhos.

Desde 2012, quando regressara a Portugal após passar vários anos em Cambridge e Istambul, a estudar e a lecionar em instituições estrangeiras de ensino, que aceitara dirigir o Departamento de Estudos Políticos da Universidade Nova de Lisboa. Por causa do tempo que passava fechado,

no gabinete ou no escritório de casa, a sensação do vento na cara era agradável. Fazia com que tudo lhe parecesse ser mais leve.

– Porque é que não vamos de carro?

Distraído pela presença na rua de um homem vestido de cabedal preto, com um capacete opaco da mesma cor, em cima de uma mota que se encontrava estacionada adiante, o professor não respondeu.

– Porquê? – insistiu Rodrigo.

O motociclista arrancou, começando a acelerar sobre o alcatrão, passando velozmente pelos dois. Afonso ignorou-o e respondeu ao menino com uma voz sumida:

– Sabes que não tenho carta de condução.

– Porquê?

– Porque nunca precisei de ter um carro. Não gostas de andar de bicicleta?

A criança anuiu. Costumavam fazê-lo juntos, normalmente aos fins de semana, sempre que não chovia.

– E é bom andar pela rua, não achas? – perguntou-lhe o professor. – Ver as casas e as outras pessoas.

– Pensei que fosse perigoso.

– Onde é que ouviste isso?

– Na televisão.

– Não. Estamos completamente seguros. Eu protejo-te – prometeu Afonso, apertando-lhe mais a mão.

O menino calou-se novamente. Era muito curioso e, apesar do trauma que sofrera ao testemunhar a morte dos pais, o que durante muito tempo o levava a dormir no quarto do casal, não perdera nenhuma da sua afabilidade inata. No entanto, os segundos de silêncio duraram pouquíssimo.

– Onde é que está a tia?

Rodrigo nunca se referia a Diana, ou ao professor, como pais, apesar de o terem adotado depois de ficar órfão. Aliás, esse acontecimento

triste fora o motivo principal pelo qual haviam decidido oficializar a relação que mantinham na altura, de modo a facilitar o processo legal.

– Ocupada. Foi a um programa de televisão falar sobre o livro dela. Queres vê-la?

O menino anuiu veementemente com a cabeça, cheio de energia. Afonso tirou do interior da pasta de cabedal o telemóvel e tentou aceder rapidamente à aplicação de um dos canais portugueses de televisão generalista.

A emissão em direto demorou algum tempo a carregar, mas, no fim, a imagem lá acabou por aparecer. Sentadas de perna traçada, frente a frente, com um cenário colorido, mas intimista, por trás, duas mulheres com trinta e alguns anos conversavam animadamente. A realização passou para um primeiro plano, enquadrando uma delas do peito para cima. Tinha olhos castanhos e era ruiva, com um cabelo forte e liso, que lhe chegava aos ombros. No rodapé da emissão, liam-se duas frases:

«Diana Santos Silva. A jornalista fala-nos sobre o êxito do seu primeiro livro.»

– A tia está bonita, não está? – perguntou Afonso.

A reação de Rodrigo foi algo inusitada. A criança arregalou os olhos e arqueou duas vezes as sobrancelhas, em sinal de grande concordância.

– Onde é que aprendeste a fazer isso?

– Na escola. É assim que o António faz, sempre que a Luísa vai de saias.

O professor ficou mudo, sentindo-se surpreendido. Recuperando a compostura, decidiu dar um conselho ao sobrinho:

– Não devemos fazer isso às meninas. Elas podem sentir-se ofendidas.

– Oh. – O menino mostrou um ar dececionado. – E agora, o que é que vai acontecer ao António?

– Talvez tenha de casar-se com a Luísa.

– Ah, e isso é antes ou depois do sexo?

O professor Catalão engasgou-se com a saliva, começando a tossir. Quando conseguiu finalmente recuperar, notou que, alguns metros

adiante, se via uma esquina, a aresta que a Avenida Elias Garcia fazia com a Marquês de Tomar, na qual se destacava um prédio renovado com uma bonita fachada amarela e branca, e varandas de ferro verde.

Sentindo-se aliviado, suspirou. Estavam prestes a chegar a casa.

Avenidas Novas, Lisboa, Portugal

Na Mesma Tarde

Afonso encontrava-se sentado no sofá da sala de estar do apartamento no qual vivia, quando ouviu o som da chave na fechadura da porta principal. Já passava da hora do jantar e pelas cortinas entreabertas da janela percebia-se que no exterior a escuridão noturna se acentuava cada vez mais.

Depois de chegar com Rodrigo, os dois tinham passado o resto do dia no escritório, um de cada lado da sua secretária, enquanto o menino fazia os deveres e ele se dedicava a retribuir alguma correspondência eletrónica à qual durante o horário de trabalho não dispusera de tempo para responder.

De seguida, tratara do banho da criança, preparara-lhe uma refeição ligeira e deitara-se um pouco ao seu lado, na cama pequena, enquanto o acalmava ao som das palavras que lhe contava sob a forma de uma história. Era um rapazinho cheio de vida e, por isso, exausto, adormecera poucos minutos depois, o que lhe permitira dedicar-se a um dos seus maiores prazeres – ler.

Tratava-se de um romance de espionagem, recuperado pelo seu autor predileto numa edição de colecionador, que o levava por países como a Áustria, a Suécia e a Itália, ao mesmo tempo que acompanhava a vida de um jovem com um interior conturbado. O professor não conteve um sorriso discreto ao deparar-se com uma passagem mais romântica, evitando levantar os olhos do livro, apesar de Diana, a esposa, se sentar ao seu lado.

A jornalista, que ainda tinha no rosto a maquilhagem que usara no programa de televisão em que participara durante a tarde, inclinou a

cabeça para trás e recostou-se, deixando-se ficar em silêncio, a descansar. Durante alguns minutos, apenas se ouviram no interior da casa a sua respiração e o ruído ligeiro que o marido fazia ao virar as páginas do livro. De repente, deu um salto do sofá.

– Onde está o Rodrigo? – perguntou ela, alarmada.

– A dormir.

– Jantou?

– Eu e ele jantámos os dois há mais de uma hora – explicou Afonso, continuando absorto no que lia. – O teu prato está na mesa da cozinha.

– Obrigada. Tive uma reunião na editora. Não consegui chegar mais cedo.

– Tu tinhas-me dito.

– A gravação do programa foi uma tortura. Deixaram-me para último lugar. Sinto-me mesmo cansada.

– Dá para ver – comentou o professor, fechando subitamente o livro, sem a encarar, levantando-se do sofá.

Admirada com a reação do marido, Diana ficou a fitá-lo, enquanto enveredava pelo corredor e desaparecia rumo a uma das divisões mais interiores do apartamento. Ainda permaneceu na sala de estar durante um par de minutos, tentando decidir se iria jantar, ou atrás dele. Optou pela segunda hipótese. A sua prioridade era o casamento.

A jornalista encontrou Afonso no escritório, sentado à secretária, em frente ao seu computador, onde parecia estar a escrever furiosamente, de olhos postos no ecrã, enquanto os dedos passavam velozmente pelas letras do teclado. Os óculos encontravam-se novamente no rosto e permanecia aparentemente concentrado no seu trabalho, com uma expressão adorável, de quem fingia que não a via.

– Está tudo bem?

O professor não respondeu. Engoliu em seco, como se necessitasse de tomar balanço, e prosseguiu com a tarefa que tinha em mãos. No monitor, parágrafos e mais parágrafos enchiam uma página.

– Afonso, por favor, fala comigo.

Ele parou finalmente de escrever. Torceu os lábios, fazendo um esgar aborrecido, e acabou por tirar os óculos, esfregando os olhos avermelhados.

– Achas que estou a ficar velho?

– Sempre te achei incrivelmente charmoso.

– Mesmo quando me puseste entre a espada e a parede, e me deixaste a transpirar?

O professor referia-se às circunstâncias nas quais se haviam conhecido. Na altura, Diana apresentava uma edição noticiosa e, na sequência de um atentado terrorista em Lisboa perpetrado por uma célula adormecida, a produção convidara-o para ser entrevistado e comentar a atualidade. A jornalista fora duríssima, fazendo-lhe perguntas tão acutilantes, quanto perspicazes.

– Até nesse dia – respondeu ela, sorrindo nostalgicamente.

– Bom, não me parece que as outras pessoas partilhem da tua opinião. Hoje à tarde, quando fui buscar o Rodrigo, perguntaram-me se era seu avô.

Diana riu-se. O marido andava a trabalhar muitas horas, ainda mais do que ela, enquanto tentava terminar um ensaio. Parecia apenas cansado. De resto, preservava todo o encanto e carisma pelos quais se apaixonara. Desencostou-se da ombreira da porta e puxou uma cadeira, sentando-se ao seu lado.

– Amo-te, professor Catalão – disse ela, simplesmente, apoiando a cabeça no seu ombro.

– Como é que correu a entrevista, hoje à tarde? Só consegui ver um bocado, quando trazia o Rodrigo para casa.

– Bem. Foi agradável regressar à minha antiga estação. Além da Raquel, ainda lá tenho um conhecido ou outro.

A jornalista referia-se à sua antiga produtora, com quem mantivera uma relação de amizade, mesmo depois de ser despedida. O grupo de comunicação social para o qual trabalhara tinha vários canais, além do

noticioso, entre os quais, o generalista, em cuja emissão participara durante aquela tarde.

– Viste o Luís? – indagou Afonso.

Tratava-se do diretor de informação de Diana na altura em que rebentara o escândalo em que ela fora implicada. Ele e o professor tinham sido colegas na universidade e, apesar dos problemas pessoais, a cordialidade e o respeito entre os dois perdurava.

– Não. Fui diretamente para o estúdio e, depois, para a editora.

Afonso fez um ar desinteressado e olhou casualmente para o ecrã do computador. O livro no qual trabalhava, um ensaio sobre a evolução do terrorismo na sociedade contemporânea, parecia-lhe cada vez mais enfadonho.

– O que é que eles te queriam? – acabou ele por não resistir a perguntar-lhe.

– Discutir o meu próximo livro.

O professor virou-se subitamente na direção da mulher, provocando nela uma reação idêntica, que levantou a cabeça do seu ombro.

– Já?

– Disseram que querem aproveitar o momento. Hoje em dia, os livros são muito efémeros. Qualquer título com mais de dois ou três meses é considerado ultrapassado e as pessoas perdem rapidamente o interesse.

– Não lhes disseste que sim, pois não?

Diana franziu o sobrolho, sem saber muito bem como haveria de responder.

– Talvez deva ir ver o Rodrigo. Às vezes, acorda pouco depois de adormecer.

Afonso colocou a sua mão sobre o braço dela, não lhe dando qualquer hipótese de fuga:

– Está ótimo; ferrado que nem um porquinho. Acabei de vir de lá.

Diana voltou a sentar-se e fez um ar embaraçado.

– Disseste-lhes que sim, não foi?

– Mais ou menos.

- Isso é algo indefinido.
- Precisamente.
- Não, o que quis dizer é que essa tua explicação é algo indefinida.
- Disse-lhes que ia pensar no assunto – esclareceu ela. E acrescentou:
- Um dia destes, quando a poeira assentar mais e tiver tempo.
- Algo me diz que já pensaste muito nesse assunto.
- A jornalista mexeu casualmente no cabelo, esticando-o.
- Talvez. Já sabes que o meu cérebro não tem descanso.
- Diana...
- Pronto, está bem, eu tenho uma ideia.
- Que seria?

A mulher encarou-o, fitando-o com os olhos castanhos possuídos por um brilho intenso, de quem não conseguia conter a curiosidade própria da profissão que tinha.

– *O Cardeal*. E o Pedro.

Afonso suspirou, resignado. O primeiro era um assassino profissional, com o qual ela se cruzara durante a investigação que fizera sobre a corrupção na Santa Sé e que motivara a escrita do seu livro. O segundo tratava-se de um pirata informático. O contacto fora realizado antes, mas revelara-se uma teia demasiado intrincada para ser seguida, até por ela.

– *O Cardeal* está desaparecido, tanto quanto me tens contado – escarneceu Afonso. – Na realidade, talvez seja pelo melhor, uma vez que, na última vez em que o entrevistaste, ias sendo morta.

O encontro ocorrera no fim do inverno, num dos hotéis mais requintados de Roma, numa ocasião em que o casal viajara até à capital italiana. A jornalista fora inadvertidamente apanhada numa rivalidade entre o mercenário e um outro assassino, que tentara vingar-se de um trabalho que o primeiro sabotara. Apenas a reação rápida de *O Cardeal* a salvara.

– Na realidade, estão ambos desaparecidos, ele e o Pedro – comentou Diana. – Não consigo contactar com os dois há vários meses.

– Talvez tenham decidido juntar-se e, neste momento, se encontrem numa ilha paradisíaca qualquer, para onde se possa viajar, ainda em lua de mel. A união entre pessoas do mesmo sexo está na ordem do dia. Até eu estou a pensar em fazer o mesmo, sabes? – voltou a ironizar o marido. E acrescentou: – Com o meu computador, uma vez que parece ser a única coisa com que tenho uma relação.

– Afonso...

– O Paolo sabe disto?

A jornalista hesitou. O colega, com quem escrevera o livro, ainda não fora informado das suas intenções.

– O *Cardenal* foi sempre uma investigação minha.

– Mas o Pedro, não.

– Não estás a ser justo. Na realidade, foi de ambos. Só por termos seguido a mesma pista é que acabámos por nos reencontrar.

– Estou a ser justo para a nossa família, Diana. O Rodrigo precisa de ti. Tem sete anos e um passado que infelizmente é muito traumático. E eu não me fico atrás. Também preciso de ti. Imenso.

A mulher fez uma expressão séria, anuindo em silêncio. Quando ia para responder, o telemóvel do marido tocou subitamente, interrompendo-a. Ele fez um ar aborrecido e viu de quem provinha a chamada. Tratava-se de David, o meio-irmão.

Sem mais paciência, o professor rejeitou o telefonema e levantou-se, abandonando o escritório perante a perplexidade da esposa. Queria ir deitar-se.

Campolide, Portugal

Na Semana Seguinte

Afonso continuou a subir a rua, levando na mão a velha pasta de cabedal. Entardecia. O Sol começava a enfraquecer e a sombra que os edifícios projetavam sobre a cidade faziam-no recordar-se de fantasmas antigos, que preferia manter afastados. Diana fora à escola buscar Rodrigo, o que o deixara com alguma disponibilidade para visitar um amigo. Sentia que talvez não viesse a ter o privilégio da sua presença durante muito mais tempo.

No passeio, o professor esperou que um semáforo abrisse, fitando distraidamente a fachada de tijolo acastanhado da mesquita. No passado, aquela localização central, onde nem sequer faltava uma escola, fora muito movimentada, mas agora, nos tempos que viviam, a solidão, que se instalara na vida de todos, tomara igualmente conta das estradas e das avenidas.

Vendo a luz mudar, Afonso atravessou o alcatrão, continuando para cima, em direção ao lanço de escadas que se perfilava adiante. As celebrações continuavam proibidas. No passado, algumas pessoas pertencentes à comunidade islâmica da cidade costumavam deambular por ali, entrando e saindo do templo, ou simplesmente convivendo.

Aliás, fora a observação dos seus hábitos e tradições que, quando tinha 18 anos e viera estudar para Lisboa, o fizera sentir-se fascinado por aquela cultura tão rica, quanto singular. Mas agora, só um ou outro aluno se cruzavam com ele. Era o caso de uma rapariga loura, de ar jovial, com um copo de papel na mão, que ouvia música através de um auricular, enquanto descia a rua no passeio oposto. Antes de mudar de

direção, deitou a bebida no lixo. O professor detetou-a, mas não o revelou. Ignorou-a e seguiu para o interior do edifício.

Afonso transpôs um arco retangular muito bonito, revestido de azulejos azuis e verdes, onde flores se fundiam com frases escritas em português e árabe, e acedeu ao vestíbulo da Mesquita Central de Lisboa. Um homem calvo, com 45 anos, de tez morena, que se encontrava dentro de um gabinete protegido por uma porta de vidro, levantou a cabeça dos papéis nos quais se concentrava e anuiu, autorizando-o a entrar. Fez-lhe sinal na direção do pátio.

O professor Catalão acenou ao secretário da mesquita, afastou as baias e seguiu para o saguão, esperando encontrar lá uma figura familiar. Todavia, ao deparar-se com a praceta interior vazia, sobretudo ao reparar na porta aberta da sala de orações, rapidamente deduziu onde deveria estar o seu velho amigo — a rezar.

Afonso sentou-se num banco de madeira, descalçando-se, arrumou os sapatos na estante para o efeito e dirigiu-se ao interior da sala, entrando num espaço amplo, dominado pelo lustre grandioso que pendia do teto e pela alcatifa vermelha, com retângulos debruados a índigo. Serviam para demarcar o lugar dos fiéis. No entanto, naquela ocasião, era ocupada por apenas um.

Acompanhado pelos painéis onde se liam palavras retiradas do Alcorão, o professor avançou devagar em direção ao idoso, que, prostrado, vestido com uma túnica branca de algodão, orava, virado para o *mihrab*, o símbolo do caminho para Meca. Os lábios ressequidos pela idade movimentavam-se em surdina, mas ainda assim com dificuldade, enquanto o homem rezava fervorosamente.

A amizade remontava ao ano em que Afonso regressara a Lisboa, depois de ter vivido em Istambul. Os dois haviam-se conhecido durante uma palestra organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian, na qual eram oradores, e a empatia entre ambos fora tal, que o professor passara a conviver com a família.

O imã Yusef e a esposa, Hana, viviam dedicados às atividades da mesquita, e embora o professor não pertencesse à comunidade muçulmana da cidade, tratavam-no como se fosse um filho, aconselhando-o, ou simplesmente convidando-o frequentemente para partilharem refeições.

Afonso nunca lhes contara pormenorizadamente o que acontecera com o seu primeiro casamento, enquanto vivera na Turquia, e o que, depois de se converter ao Islão, levava a que se afastasse. Mas o casal sentira que havia nele um peso, uma procura constante de redenção, que o fazia regressar ali, àquele templo minoritário que convivia pacificamente com a cidade.

O professor costumava dizer que a solidão e a paz que encontrava na mesquita o ajudavam a pensar. No entanto, para o imã, que depois da morte da esposa, Hana, vira a sua memória cada vez mais condicionada pela doença que o afetava, aquele homem representava simplesmente a mão amiga que Alá enviara para ajudá-lo.

Afonso sentou-se ao seu lado e permaneceu em silêncio, deixando Yusef concluir as suas preces. Murmurava baixinho palavras em árabe, enquanto cumpria com o *Asr*, a quarta das cinco orações diárias obrigatórias na fé islâmica e que assinalava o meio da tarde. Naquele dia, ainda haveria lugar ao *Isha*, a última, tradicionalmente realizada mais de uma hora depois do ocaso.

No fim, quando viu que Yusef terminara, ofereceu-se para ajudá-lo. O homem apoiou-se nele e, com dificuldade, gemendo, trocou de posição, passando a sentar-se. Sofria de Huntingdon, uma síndrome degenerativa do sistema nervoso central, que acarretava várias complicações, desde dificuldades na fala e mobilidade, até à incapacidade de deglutir.

– Poderia rezar numa cadeira, imã – aconselhou-o Afonso, desejando apenas que ele se sentisse confortável.

– Gosto do tapete. Lembra-me Moçambique, quando era pequeno.

– Ainda assim, não se esqueça de que Alá aceitará as suas preces, independentemente da posição em que as fizer. Deveria poupar-se.

Yusef levantou a mão devagar, tentando admoestá-lo. Ele preocupava-se demasiado.

– Como está a tua mulher? E a criança?

– Bem.

– Prometes que ma trazes? – O idoso fitou o professor com os seus olhos leitosos, enevoados pela idade avançada. – Gostaria de conhecê-la.

– Fez uma pausa. – Antes de partir, quero dizer.

Afonso tentou esconder a emoção que aquelas palavras lhe provocavam. Detestava a morte. A mãe; o pai; Fatima, a sua primeira esposa; e Hana, entre outros. Acompanhava-o desde muito jovem e continuava a odiá-la, porque insistia em não o abandonar. Era como um bando de aves de mau agoiro, a voar em círculos sobre si, alertando-o, assombrando-o permanentemente.

– É perigoso vir aqui. Não quero que fique doente.

– Mas tu vens, quase todos os dias. Nem sempre consigo lembrar-me do teu nome, mas sei que vens.

– Não quero que esteja sozinho.

O professor teve de parar de falar, sentindo a vista a arder por trás das lentes dos óculos. Foi com esforço que continuou a falar:

– Sou o Afonso. Conhecemo-nos quando a Hana ainda era viva.

– A minha doce Hana. Juntar-me-ei a ela brevemente, sabes?

– Tem muito tempo para viver. Não parta já.

– Quero ir. – Yusef afagou-lhe a cara com os dedos morenos e trémulos. – Mas, antes, tens de me trazer o teu filho. Desejo abençoá-lo. E ao teu casamento

Afonso baixou o rosto. Diana era tolerante, conhecia o seu passado negro e aceitava-o, mas os dois nunca tinham discutido a sua convivência com a mesquita. O pedido do imã não era recente. Mesmo assim, teriam de ponderá-lo enquanto casal.

A voz do secretário da mesquita anunciou a sua chegada, pedindo licença para os interromper. O professor limpou discretamente o rosto

molhado pelas lágrimas e tentou armar uma expressão neutra. O homem trazia na mão um telefone fixo, sem fios.

– O que se passa? – perguntou-lhe.

– Importa-se de falar com este senhor? Não estou a conseguir compreendê-lo muito bem. É da penitenciária.

– Disse do que se trata? – indagou Afonso, naturalmente curioso.

– É sobre o rapaz Fahrán.

O professor Catalão fitou o homem, que esticava o braço na sua direção, oferecendo-lhe o aparelho. Ahmad Fahrán era um jovem sírio que se refugiara em Portugal na companhia do pai e da irmã, depois de os três terem sobrevivido à travessia para a Europa.

A família acabara por conhecer um destino trágico e o rapaz, seduzido por más companhias, envolvera-se com uma célula adormecida que executara um atentado em Lisboa. Embora na altura fosse menor de idade, condição em que enfrentara o julgamento, não escapara a uma condenação por terrorismo.

Afonso trocou um olhar com o imã, apercebendo-se de que Yusef não reconhecera o nome do jovem. Por respeito ao pai dele, costumava visitá-lo esporadicamente na penitenciária, mas desde que regressara de Cambridge, seis meses antes, para cumprir com o dever de confinamento, que nunca mais lá fora. Até isso os novos tempos tinham dificultado.

– Sim? – perguntou o professor Catalão, colocando o telefone ao ouvido.

O seu interlocutor era um homem. Após se apresentar, reconheceu a sua voz. Tratava-se do diretor da prisão, um velho conhecido que nutria por ele uma elevada consideração e que, como tal, lidava sempre com muita atenção sobre tudo o que envolvia o caso de Ahmad.

Naquele dia em particular, tinha uma boa notícia para dar. Iriam libertá-lo.

Avenidas Novas, Lisboa, Portugal

Naquela Noite

De pé à janela da sala de estar do apartamento, Afonso compôs disfarçadamente as cortinas, espreitando para o exterior através de uma fresta. Lá em baixo, na rua, viam-se vários carros estacionados, encostados ao passeio. Entre eles, encontrava-se um que se destacava por aparentar ser mais velho. Estava imediatamente atrás do de Diana, mas, ao contrário do dela, tinha a particularidade de se perceber um vulto no interior. Havia pelo menos uma meia hora que permanecia ali.

O professor tentou não se desmascarar, continuando a fitar o automóvel, até que sentiu uma presença nas suas costas, que lhe puxava pela camisa. Virou-se e deu com Rodrigo com a cabeça toda inclinada para trás, olhando para ele, com *Lunetas*, o urso, de braçado. Já lavara os dentes e era altura de lhe contar uma história.

Ouvindo a mulher a arrumar a cozinha, deu-lhe a mão e seguiu-o para o quarto, entalando com força a roupa da cama em seu redor. O tempo começara a mudar. Nas ruas, as folhas cobriam já a calçada e o frio acentuava-se sempre que o dia chegava ao fim.

Os noticiários não paravam de mencionar a progressão da pandemia, vaticinando para os tempos vindouros algo de catastrófico nos hospitais portugueses. Pairava no ar a sensação de que uma mudança estaria a caminho, mas Afonso pressentia que não seria para melhor.

Recostado contra a cabeceira da cama, achando-o distraído, Rodrigo chamou-lhe a atenção para a história. O professor lia um conto sobre uma menina de lenço na cabeça que sonhava em viajar pelo mar. No entanto, perdendo-se, acabara por cair na água e se transformar numa sereia, ficando presa nas redes de um pescador.

Afonso, que já conhecia o fim do conto infantil, percebendo que o menino começava a afligir-se com o desfecho, tentou apressar o ritmo a que lia, mas, ao chegar à parte em que um príncipe a salvava, já ele adormecera. Cuidadosamente, tentou aconchegar melhor a roupa da cama, ajeitou-lhe o cabelo e beijou-lhe a face corada. De seguida, apagou a luz e saiu do quarto.

Quando regressou à sala de estar e se assomou novamente à janela, já o carro que detetara previamente na rua não se encontrava estacionado junto ao passeio. No seu lugar, estava agora um outro automóvel consideravelmente mais recente, com uma pintura vermelha, que reluzia sob a luz que jorrava dos candeeiros.

Sentada no sofá com o computador portátil no colo, entretida a consultar o correio eletrónico, Diana levantou os olhos do ecrã, apercebendo-se do sobressalto que o marido deveria estar a sentir. Algo se passava. No entanto, ao ser interpelado por ela, insistiu em não o admitir.

– Não sais dessa janela há uma hora – refutou a jornalista.

Afonso fez um ar resignado e sentou-se ao pé dela, puxando do livro que mantinha sobre a mesa de apoio. A mulher conhecia-o demasiado bem.

– Acho que ando a ser seguido – desabafou ele, deixando-se escorregar preguiçosamente.

– Outra vez?

A ligação do marido aos Serviços de Informação, apesar de secreta, era antiga. Começara em Istambul, quando fora recrutado como fonte dos britânicos. A experiência redundara em algo de mau, mas repetira-se em Lisboa, vários anos mais tarde, no âmbito do caso da célula adormecida. Prolongara-se durante os pecados santos de uma mulher e fora útil para apanhar o ladrão de uma cópia a óleo de *A Última Ceia*, mas aquando da morte do Papa Mateus I, o cardeal Stefano Uggeri, a parceria cessara.

Há um ano que Afonso não sabia do POC, o seu ponto de contacto com o SIS – o Serviço de Informações de Segurança português –, um

homem misterioso e frio, com quem mantivera uma relação dominada pelo sarcasmo. Admiravam-se, mas nenhum dos dois gostava particularmente de o mostrar.

Da última vez em que tinham conversado, no auditório deserto da Fundação Calouste Gulbenkian, o diálogo fora azedo, com trocas de acusações. Mas agora, algo lhe dizia que aquele sujeito que, independentemente da estação do ano em que se encontrassem, vestia sempre a mesma roupa, uma gabardina, estava de volta, a farejar como um leão em busca da sua presa.

Conseguira ver os sinais. Tomavam a forma do homem da mota, da estudante de cabelo louro que ouvia música, com um copo de papel na mão, e daquele carro misterioso parado à porta da sua casa. Tratava-se de um grupo de velhos amigos, os quais nunca chegara a conhecer, mas que suspeitava encontrarem-se mais uma vez vigilantes, observando-o, estudando o que fazia diariamente. Pouco deveria tardar para que a estrela principal entrasse em cena. Restava saber o que teria para lhe dizer.

– Mas o que é que ele pode querer de ti desta vez? Desde que regressámos de Cambridge que não nos metemos em sarilhos.

– Mais eu do que tu – referiu Afonso, apontando para o livro da mulher, que se encontrava igualmente sobre a mesa de apoio da sala de estar.

Fora lançado alguns meses antes, pelo início do verão, mas estava a tornar-se num grande êxito, atraindo a atenção tanto do público, como da comunicação social.

– Terei escrito alguma coisa da qual ele não tenha gostado?

– Não creio. O teu livro é sobre a corrupção na Santa Sé. Esse assunto foi algo no qual ele nunca se intrometeu.

– Então, o que é que ele quer?

O professor fechou o seu livro. Por mais empolgante que a história estivesse a ser, a leitura teria de ficar para outro dia. De óculos, fitou

silenciosamente a esposa, até que, após alguma ponderação, acabou por dizer:

– O Ahmad.

Diana demorou algum tempo a raciocinar, procurando nos arquivos da sua memória de onde é que conhecia aquele nome. Encontrou-se entre os anais de uma reportagem que fizera sobre a célula terrorista que atacara Lisboa, quando ainda trabalhava na estação televisiva, e que inclusivamente lhe valera prémios.

– Pensei que ele estivesse preso.

– Vai ser libertado.

– Já?

Afonso abanou a cabeça, compreendendo a estupefação sentida pela mulher, mas, depois de regressar da Mesquita Central, andara a pesquisar *online* na Constituição Portuguesa e descobrira que a pena por atos de terrorismo, que poderia ir até dez anos, era passível de ser atenuada em circunstâncias, como, por exemplo, a colaboração na obtenção de provas ou na captura de outros responsáveis.

O rapaz, que da última vez que o professor o visitara, antes de rumar a Cambridge no início daquele ano, tentara o suicídio, encaixara misteriosamente nesse abono. De todas as vezes em que se tinham encontrado, mostrara-se sempre muito revoltado e nada arrependido. Este volte-face ocorria por uma razão. Qual seria?

– O diretor da penitenciária que falou comigo hoje à tarde não quis comprometer-se com uma data para o libertar, mas deu a entender que acontecerá brevemente.

– E achas que o teu contacto nos Serviços de Informação anda novamente a seguir-te por causa dele?

– Ocorre-te outro motivo?

Diana, que tinha o braço apoiado nas costas do sofá a sustentar o peso da sua cabeça, pestanejou, admitindo que não. Ainda pensou numa alternativa, que foi para expressar, mas acabou por ser interrompida pelo toque do telemóvel do marido.

Preocupada em não acordar Rodrigo, deu um salto e correu ao aparador, silenciando rapidamente o aparelho.

— Se for o meu irmão outra vez, prefiro não atender. Não sei o que quererá, mas não estou com paciência para o aturar. Daqui a pouco, envio-lhe uma mensagem a prometer-lhe que amanhã devolverei a chamada.

A jornalista ficou com o telemóvel na mão, enquanto fitava com alguma surpresa o ecrã aceso.

— Não é ele. Toma — disse ela, dando-lhe o telefone. — Talvez seja melhor atenderes.

— Quem é?

— A tua madrastra.

A referência àquela mulher deixou Afonso em sobressalto. Os dois não se davam. O professor distanciara-se dela e do pai assim que atingira a maioridade e fora estudar para Lisboa, mantendo apenas uma relação distante com o meio-irmão mais novo, depois de regressar a Portugal.

No entanto, o sentimento era mútuo. Helena nunca se preocupara com ele, ou mostrara qualquer tipo de vontade de uma maior proximidade, mesmo depois da morte do marido. Se queria falar com o enteado, era porque algo de importante se passava. Resolveu atender a chamada.

O diálogo foi curto, sem qualquer tipo de cumprimento, saudação ou cordialidade preliminares, apenas com frases secas e rápidas trocadas entre os dois.

Ela precisava de falar melhor com Afonso.

Era sobre o pai.

A minha mãe foi hoje de manhã a enterrar.

Foi esta a expressão que a vizinha do lado usou, quando a ouvi a cochichar à porta do prédio com outras senhoras que moram aqui na rua. Andei à procura desta palavra no dicionário que o avô me deu e não gostei nada do significado. Aliás, há dois dias, desde que a mãe morreu, que não gosto de nada do que se passa à minha volta.

A mãe da Natália, que era amiga da mãe, veio cá a casa para ver como é que eu e o pai estávamos e disse-me que era pelo melhor, que a mãe fora para o Céu, e que, assim, já não sofria mais.

Voltei a responder-lhe que não percebia muito bem o que era o Céu, pois todos os dias, quando ia a pé para a escola, fartava-me de olhar para cima e nunca tinha conseguido ver lá ninguém. Por isso, como é que alguém podia ir para lá? Se encontrar um dos meus amigos e ele me disser que vai para a escola, quando eu lá chegar, vou vê-lo lá. Portanto, porque é nunca vejo ninguém quando olho para o céu?

Acho que é por causa de Deus. A mãe estava sempre a falar com Deus, uma coisa que eu também nunca percebi lá muito bem, porque já experimentei várias vezes e Ele nunca me respondeu. E cá para mim, os ~~dois~~ Dois (a professora disse-me que devemos referir-nos a Deus com letra maiúscula, porque é sinal de respeito; logo — esta semana também aprendi a usar o ponto e vírgula, o que dá muito jeito, tal como este travessão para informação complementar, que eu adoro —, se estou a escrever sobre a mãe e Deus, devo escrever Dois, e não dois, não é?)...

Bom, acho que já me perdi outra vez. Não percebo porquê, mas ultimamente isto anda sempre a acontecer. No outro dia, ouvi a professora a jogar aos segredos com outra professora e a dizer que era normal, porque eu deveria ter

muita coisa em que pensar. Mas eu juro que não ando a pensar em nada. Só quero vir para casa e que me deixem ir buscar mais livros à biblioteca. Será que é a isso que ela se refere?

Voltando atrás, estava eu a escrever que, antes de morrer, a mãe estava sempre a falar com Deus. Cá para mim, os Dois andaram a conspirar para ela ir para o Céu e eu deixar de a ver. Descobri esta palavra no jornal e conspiração significa plano secreto. Não gosto da ideia de nunca mais ver a mãe, mas adoro planos secretos. No outro dia, li um livro dos irmãos Hardy que era sobre um plano secreto, que eles deslindaram com a ajuda das namoradas, e achei-o espetacular.

Quem sabe, um dia, eu também venha a estar envolvido num plano secreto. Dispensó é a parte das namoradas. A Natália disse-me que ela e o Pedro namoram. E eu vi-os, os dois (neste caso, estou a usar letra minúscula porque não me refiro a Deus) muito agarradinhos, aos beijinhos na casa de banho da escola. Achei aquilo tão nojento.

E depois há outro problema. A Natália contou-me que a seguir ao namoro vem o casamento, e depois os filhos. E eu respondi-lhe que a seguir vem a morte, porque o pai e a mãe namoraram, casaram-se, tiveram filhos (eu) e depois ela morreu.

A Natália desatou a chorar, chamou-me estúpido e desapareceu a correr, o que eu não percebi lá muito bem. Ainda ontem, a mãe dela me disse que a mãe tinha ido para o Céu e que isso era uma coisa boa, porque no Céu se está muito bem, os anjos cantam para nós, há sempre sol e podemos andar a saltitar em cima das nuvens. Portanto, não percebo porque é que o facto de namorarmos, casarmos, termos filhos e depois morrermos é uma coisa má.

Só se for por causa do pai. Antes de a mãe adoecer, ele estava sempre em casa. Jogava connosco e jantava todos os dias a horas, antes de se sentar a ver televisão enquanto eu lavava os dentes e vestia o pijama.

Mas a seguir à mãe adoecer, passou tudo a ser tão diferente. Ouvia-os constantemente falar alto, enquanto a mãe chorava muito, e ele chegava sempre tarde a casa, não indo sequer ao meu quarto, apesar de eu ficar muito sossegado, acordado, à sua espera.

E depois aconteceu a morte da mãe, quando eu estava na cozinha, a arranjar o meu pequeno-almoço, e os dois gritavam um com o outro até ficarem em silêncio. Não entendi essa parte, e muito menos porque é que, quando fui ao quarto, o pai se apressou a esconder uma almofada no roupeiro.

Também não percebi outra coisa e isso, sim, anda a fazer-me confusão desde de manhã. Hoje, no fim do enterro, o pai chamou-me e apresentou-me uma senhora nova, alta, loura e bonita, que eu não conhecia. Vi-a ao lado dele durante todo o funeral, mas não sabia quem era.

Disse-me que se chamava Helena.

Não gostei nada dela.

Diário de Afonso Catalão.

Aos 10 anos.

Livro Segundo

Cinematografia

(nome feminino)

arte e métodos da fotografia de um filme; processo de projetar na tela imagens em movimento; arte que utiliza esse processo como meio de expressão.

Faculdade de Economia da Universidade Nova de
Lisboa, Portugal

Quando Afonso Catalão Tinha 26 Anos

O rosto do jovem assistente universitário de cabelo encaracolado e olhos castanho-escuros estremeceu ao ouvir a campainha do telefone. O aparelho tocava sobre a secretária, na qual se viam organizados metodicamente várias pastas, pilhas finas de papéis, o jornal diário e um livro com uma encadernação esverdeada e decorações douradas.

Afonso desviou a atenção do compêndio que consultava e parou de estudar, escutando com uma expressão grave o som irritante que invadia o gabinete de trabalho. Sentia algum ardor na vista avermelhada, apesar da luminosidade abundante que entrava pela janela.

Estava um dia bonito, típico da primavera, em que o Sol enchia o céu despido de nuvens e a cidade convidava a sair à rua, onde as pessoas já pareciam antecipar o calor, vestindo-se com roupas claras e leves. Sentado na outra secretária, Filipe, o colega com quem partilhava o gabinete, observou-o e fez um sorriso irónico, dizendo apenas:

– É um telefone, Afonso. Pegas no auscultador e falas.

O assistente ignorou a provocação e assim fez. Trocou algumas palavras com a administrativa e suspirou, comprovando os seus piores receios. Ela podia transferir a chamada. Tratava-se do pai. Só ele lhe telefonava.

A conversa começou de forma relativamente cordial. Deixara o Alentejo quando viera estudar para Lisboa, na altura com 18 anos, e desde esse momento que raramente fora a casa, limitando-se a cumprir com as visitas obrigatórias, nas ocasiões festivas.

A perda da mãe transformara a sua relação com o pai, que passara a definir-se por uma grande frieza e distância. Tolerara o seu segundo casamento, mas odiara Helena desde o primeiro dia em que a vira, no

funeral, tornando a convivência a três, sobretudo a felicidade de eles os dois, difícil de suportar.

Não fugira, mas era como se o tivesse feito. Assim que chegara a Lisboa, procurara emprego e um meio de se sustentar, enquanto estudava. Ao homem que o pusera no mundo reservava somente umas palavras ocasionais.

– Vamos ter outro filho – anunciou o pai, ao telefone.

Afonso contraiu o maxilar e fitou discretamente Filipe, que se mantinha ocupado na outra secretária. Sentiu um calafrio no estômago, que parecia revolver-se, mas tentou controlar-se, procurando evitar um escândalo à frente do amigo. No entanto, a amargura que se apoderara dele desde a infância emergiu e não foi capaz:

– Outro? Refere-se ao que terá tido com a Helena enquanto a mãe era viva?

A irritação latente nas palavras de Afonso foi correspondida com um silêncio que se prolongou durante vários segundos. O assistente universitário conseguia ouvir a respiração ofegante do pai, provavelmente a tentar não contrapor do mesmo modo:

– Eu e a Helena vamos dar-te um irmão.

Uma pontada de ciúmes apoderou-se do jovem. Os olhos castanhos ficaram ainda mais vermelhos, ardendo dolorosamente:

– Encontrou finalmente uma forma de me substituir, pai. Primeiro, a mãe; agora, eu. Parabéns.

– Consegues parar de me agredir? Estou apenas a tentar ser feliz.

– É uma pena que o faça à custa dos outros.

O pai exalou. Durante a adolescência, procurara compreender a resistência que o filho revelara à presença da madrasta, atribuindo-a ao seu crescimento, esperançoso de que um dia, quando fosse mais maduro, viesse a mudar de opinião. Mas não. Continuava tão casmurro como sempre.

– A que é que te referes? Afastaste-te de nós, porque quiseste. Já te pedi tantas vezes que cá viesses, ou que nos deixasses ir aí, mas não sei

sequer onde vives, ou qual é o teu número de telefone.

»Se quero falar contigo, tenho de telefonar para o teu emprego, como se fosse um zé-ninguém a implorar por um minuto de atenção do senhor doutor. Basta, Afonso.

Os lábios do assistente universitário contraíram-se numa linha fina. Na realidade, sentia vergonha do sítio onde vivia — um quarto, numa zona central de Lisboa, mas que precisava de obras e onde nem sequer dispunha de privacidade para ir aos lavabos. Contudo, o pai não precisava de sabê-lo. Se fosse necessário, até lhe diria que residia num palacete.

— Quando é que o bebé nasce? — conseguiu ele perguntar, engolindo o orgulho, enquanto tentava falar calmamente.

— Daqui a seis meses, lá para o fim de novembro. Vamos chamar-lhe David, como o teu avô.

O nome perfeito, escolhido pela esposa perfeita, para celebrar o casamento perfeito, pensou o jovem assistente.

— Pelo menos, vens cá nessa altura, para o conhecer?

— Não sei — contrapôs ele, de modo algo sorumbático.

— Não sabes? Porquê? Apanhas o comboio num fim de semana e vens ver o teu irmão. Só te peço isso, mais nada.

Afonso suspirou, focando-se na pilha fina de papéis arrumada junto a um livro e ao jornal do dia. Tinha uma decisão a tomar.

— Não sei se estarei no país nessa altura. Talvez vá para fora.

O pai voltou a fazer uma pausa, ainda mais prolongada. Por fim, percebendo tudo repentinamente, perguntou-lhe apenas:

— Porquê?

— Quero complementar os meus estudos. Gostaria de fazer um doutoramento.

— E cá, não serve?

— Não. É um curso do qual a universidade não dispõe.

— Quando é que estavas a pensar em dizer-mo?

Afonso esforçou-se por manter o tom cordial ao qual a conversa regressara, mas não conseguiu:

— Não me parece que seja da sua conta.

— É, quando sei que passas por dificuldades e continuas a ser demasiado teimoso para pedires ajuda.

— Tenho 26 anos e trabalho todos os dias desde os dezoito para me sustentar, pai. Não preciso da sua ajuda.

O pai, que tentava manter um tom de voz assertivo, acabou por não se conter, enveredando também ele por uma atitude mais cáustica:

— Estás a fugir, novamente! Vais arranjar forma de desaparecer de vez, e eu, a Helena e o teu irmão nunca mais saberemos por onde é que andas.

Afonso permaneceu em silêncio. Talvez existisse algum fundamento naquelas palavras cheias de mágoa que lhe eram dirigidas, mas sabia o que sentia: havia um chamamento dentro dele e decidira que era altura de deixar de lhe resistir. Desejava encontrar-se com o homem que pulsava no seu interior.

— Para onde é que vais?

— Ainda não sei. Estou a analisar propostas.

— Ao menos, virás cá? O David será teu irmão. — O pai deixou de falar e, por momentos, pareceu tomado pela emoção: — Ele não tem culpa dos meus erros — sussurrou.

Um brilho inusitado dominou os olhos castanhos do jovem assistente universitário, que virou o rosto para o lado, tentando que Filipe não percebesse o peso opressor que sentia dentro do peito.

— Não sei — admitiu. — As passagens aéreas são muito caras. Vou ter de alugar casa e talvez seja conveniente comprar uma bicicleta. Não sei se sobrá muito mais.

— Queres dinheiro?

— Não.

— Deverias assentar, ficar por cá, arranjar uma rapariga honesta e casarte. Por favor, pensa melhor. Custa-me saber que vives assim, sempre tão

solitário.

Afonso limpou rapidamente uma lágrima e esforçou-se para que a comoção que sentia não transparecesse na sua voz. Não era de agora que estava sozinho. Sentia-se assim desde criança, quando o pai o abandonara em casa, entregue ao diário e à mãe doente.

— Aceitarei o que o destino me reservar — acabou simplesmente por dizer.

A conversa entre os dois não se prolongou. Apesar da insistência do pai, ele manteve-se reservado, evitando promessas que não tencionava cumprir. Acabaria por conhecer o meio-irmão que iria nascer dali a alguns meses. Apenas o faria quando se sentisse preparado.

— Estás bem? — perguntou-lhe Filipe, no fim do telefonema, com um ar sério, levantando-se da secretária de carteira na mão.

Afonso limitou-se a anuir. Não estava, mas esse era outro assunto.

— Conheci uma rapariga espetacular. Chama-se Ema. Vou almoçar com ela. Queres vir?

— Não.

— Sinto que daqui a uns anos, os três vamos ser bons amigos. Estou pronto para assentar.

Afonso esboçou um sorriso de circunstância. Sentia alguma dificuldade em acreditar naquela afirmação, conhecendo o passado de bon vivant do amigo. Vendo-o sair do gabinete, tentou acalmar-se. As conversas com o pai, que invariavelmente acabavam numa discussão, deixavam-no sempre alterado. Até que os olhos acabaram por se depositar pesadamente sobre a pilha de papéis. Após alguma indecisão, estendeu a mão para lhes pegar.

A sós no gabinete, afastou o jornal, no qual, junto a um destaque grande, que enchia a primeira página com mais pormenores sobre o desastre que vitimara Ayrton Senna, se lia uma chamada para uma notícia sobre o encontro realizado no Cairo entre Itzhak Rabin e Yasser Arafat, que levara à assinatura do acordo israelo-árabe. Deixando-a para

mais tarde, pegou no livro arrumado ao lado, admirando a encadernação verde e dourada. Fora uma oferta de um dos seus professores.

Abriu-o, começando pela última página, folheando-o de trás para a frente, como era devido. O texto fora escrito numa língua que não conseguia ler. Determinado a mudar essa sua incapacidade, fechou-o e contemplou o maço fino de papéis. Num ímpeto, recordando com saudade a mãe, agarrou numa caneta e começou a preenchê-los com o seu nome.

Tratava-se da sua candidatura à Universidade de Cambridge. Iria formar-se em Política e Estudos Internacionais, ao mesmo tempo que estudaria árabe. Era fundamental para o que desejava fazer depois – ingressar na Faculdade de Estudos Orientais e do Médio Oriente, e conhecer melhor aquele livro que tanta curiosidade lhe suscitava.

Era o Alcorão.

FCSH da Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Cerca de Nove Meses Antes da Morte de Adam Immanuel

Afonso Catalão viu as horas no relógio de pulso e arrumou numa prateleira alta da estante do seu gabinete o livro encadernado com motivos verdes e dourados que segurava, colocando-o ao lado de outro, que estava imaculado. Possuía mais do que uma cópia escrita em árabe do Alcorão e aquela nunca fora aberta. Tratava-se de um presente de Sami, pai de Ahmad e Sarita Fahran, cujas recordações sobre a sua morte trágica continuavam a flagelá-lo dolorosamente.

O cozinheiro fora um homem bom, honesto, cumpridor das tradições islâmicas. Existiam na sociedade muçulmana muitas regras sobre o manuseio e a utilização do seu livro sagrado. Deveria ser oferecido e jamais comprado. A sua reciclagem, a reimpressão, ou o desperdício de exemplares velhos eram proibidos, sendo preferível enterrar, ou queimar, as folhas. Apenas a versão original era considerada autêntica; pelo contrário, as traduções não passavam de sombras fracas do seu significado. E o seu lugar era num sítio elevado, uma demonstração de grande respeito.

O semblante contemplativo do professor desfez-se ao ouvir tocar o telefone que se encontrava sobre a secretária. Acabou de arrumar o livro, fazendo-lhe uma última carícia na lombada, e deitou um olhar ao visor eletrónico, para perceber de quem provinha a chamada. Filipe, a velha amizade que mantinha desde os tempos em que viera estudar para Lisboa, desejava falar com ele.

Afonso pegou no auscultador do aparelho e, de fio esticado, dirigiu-se à janela, à qual se encostou, fitando com apatia o pátio deserto da faculdade, enquanto suspirava propositadamente, tentando provocar o

amigo. Aquela conversa diária era um hábito relativamente recente, que viera substituir os momentos em que o comparsa gostava de se instalar no seu gabinete para discutirem trivialidades.

No entanto, a universidade definira regras muito rígidas de prevenção ao contágio por SARS-CoV2 e, sempre que o trabalho o permitia, se não estivessem ocupados a dar alguma aula *online*, ou embrulhados com documentação, os dois acabavam por passar algum tempo ao telefone.

Cada um tinha o próprio gabinete – Afonso, por ser o diretor do departamento, e Filipe, porque era catedrático e um dos elementos principais do corpo docente. O bon vivant mudara imenso desde a altura em que partilhavam o mesmo espaço. Casara-se, ganhara peso, perdera muito cabelo e, agora, era um autêntico e orgulhoso pai de família. Naquela ocasião, tinha como intuito combinar um jantar com a sua prole, que incluiria naturalmente as duas mulheres. Fá-lo-iam por videoconferência, a partir das respetivas casas, usando os telemóveis. Alegadamente, ambos ainda poderiam ser considerados uns jovens. Como tal, nada mais lhes restava do que seguir a tendência.

O professor Catalão, que não se sentia tão novo quanto o colega, lá aceitou. Ema e Diana davam-se bem e estava certo de que Rodrigo adoraria. Só não concordava com a ementa, que para a ocasião parecer real, teria de ser a mesma para as duas famílias. Filipe falava a um ritmo elevado, sentindo-se, segundo o próprio, empolgado por finalmente ter a oportunidade de naquele dia conversar com alguém inteligente, em vez de passá-lo a resmungar com os alunos nas aulas virtuais. Mas pelo que Afonso percebera, o amigo começara uma nova dieta, à base de tofu, um alimento produzido a partir da coagulação do leite de soja. Dizia que era a nova carne.

Os dois continuaram o diálogo durante mais alguns minutos. O colega, que não era tão insensível quanto aparentava, vinha recentemente a notar nele alguma tensão. Das poucas vezes que se tinham visto, reparara sempre no semblante carregado e nas rugas de preocupação bem vincadas na testa.

Apesar da amizade de longa data entre ambos, o professor Catalão, que era naturalmente reservado e tímido, preferiu manter privadas as decisões que o consumiam. Helena, a madrastra, com quem nos últimos meses acabara por retomar o contacto, deixara-o numa posição difícil. Desejando evitar o assunto, acabou por desviar o rumo da conversa para a pandemia e para Diana, que não deveria tardar muito a passar pela universidade. Os dois iam com Rodrigo à Mesquita Central de Lisboa.

O outono e o Natal já haviam passado, correndo o mês de janeiro. O número de infeções subira para valores mais altos do que nunca e a comunicação social não parava de vaticinar um novo confinamento. Por isso, queria que o imã Yusef conhecesse finalmente a sua família, antes que todos fossem novamente obrigados a trancar-se em casa.

Filipe ainda teve tempo para fazer uma última inconfidência, que segredou ao telefone, como se se tratasse da conversa de corredor mais entusiasmante que ouvira nos últimos tempos. Maria Francisca, uma colega do departamento de Literatura, que alguns anos antes tentara aproximar-se de Afonso, e que tinha um filho já adulto, Miguel, um rapaz por quem o professor Catalão nutria um carinho especial, voltara a casar-se, com um conhecido de outra universidade de Lisboa.

Segundo parecia, o romance fora tempestuoso e começara através de uma aplicação eletrónica para relacionamentos entre pessoas de géneros diferentes, que acabava invariavelmente por redundar em *rendez-vous* de cariz sexual. O pior era que, desde que se soubera do compromisso, passara a correr o rumor de que os dois se tinham encontrado várias vezes ali dentro, nos gabinetes de trabalho e nas salas de aula, aproveitando o facto de estarem vazios para extravasar as suas fantasias mais ousadas, como se fossem um casal de paquidermes no cio. A galhofa era geral. Mais ninguém seria capaz de voltar a olhar da mesma forma para aquelas secretárias.

Afonso conseguiu rir-se do assunto, aproveitando para se desvencilhar de Filipe, uma vez que a conversa descambara para trivialidades. Despediu-se dele, prometendo que faria o seu melhor para

encontrar tofu à venda, e arrumou na pasta de cabedal os seus cadernos, saindo do escritório.

O professor chegou à rua, localizando facilmente o *Smart* de Diana, estacionado junto ao passeio. Estugando o passo, sentindo-se ligeiramente arrepiado, dirigiu-se ao automóvel, aconchegando ao corpo o sobretudo que vestia. Entrou rapidamente para o interior, onde Rodrigo, sentado no banco de trás, com um grande gorro na cabeça, esticou os braços, pedindo-lhe um abraço.

Afonso assim fez, beijou rapidamente a mulher e o carro arrancou, evoluindo facilmente pelo alcatrão, em direção aos semáforos. No seu interior, à espera de que abrissem, Afonso fitou o reflexo do Sol fraco sobre os vidros e suspirou.

Estava um dia bonito de inverno.

Era o dia em que Ahmad Fahran seria libertado.

Mesquita Central de Lisboa, Portugal

Na Mesma Tarde

Protegidos pelos óculos de armações vermelhas, os olhos castanho-claros de Rodrigo fitaram atentamente o homem idoso que se encontrava sentado no púlpito, diante dele. O menino, que por indicação de Afonso retirara respeitosamente da cabeça o gorro de lã, aproximou-se ainda mais, impelido pelas mãos fortes do professor, que se mantinha imediatamente atrás.

O imã Yusef fez uma expressão enternecida e sorriu, curvando-se ligeiramente e envolvendo o seu rosto com as mãos trémulas e enrugadas. De seguida, sussurrou uma prece em árabe ao ouvido direito do menino, abençoando-o.

– Que Deus te recompense bem e te dê a glória da Sua preferência – respondeu Afonso.

Ao lado, de pé, com um lenço azul-cobalto a cobrir o cabelo ruivo, Diana admirou o marido, enquanto ele cumpria com o ritual muçulmano da *aqiqah*, a cerimónia islâmica que os pais devem celebrar sete dias depois do nascimento de uma criança do sexo masculino.

Não seria certamente o caso de Rodrigo; a família Catalão não era sequer muçulmana. Porém, Yusef fizera as adaptações necessárias, ajustando-se às circunstâncias.

– *Allahu Akbar* – concluiu o imã. – *Mabruk*.

A jornalista anuiu na direção do ancião, agradecendo-lhe, enquanto o professor o fazia através de palavras. O sobrinho aproximou-se dela e inclinou a cabeça para trás, indicando-lhe que gostaria de contar-lhe um segredo.

– Ele tem um cheiro esquisito – sussurrou ele.

Receosa de que Yusef pudesse ouvir, Diana repreendeu-o com o olhar, tentando não empolar a situação. Quando chegasse a casa, logo lhe ensinaria que não se devia falar assim das outras pessoas.

Com o imã apoiado por Afonso, a família Catalão abandonou o templo. Yusef caminhava vagorosamente, denotando um cansaço acentuado, inclusive para respirar, o que fez com que demorassem algum tempo a atravessar o saguão do complexo da mesquita. O Sol continuava a baixar, enchendo-o de sombras desagradáveis, que mais pareciam ser sinais de mau agouro.

O professor escusou-se perante a mulher e pediu-lhe que ela e Rodrigo esperassem no vestíbulo, enquanto ele subia até ao primeiro andar, para se certificar de que o idoso ficaria a descansar em segurança. Confiava que durante o resto do dia o secretário da mesquita fosse velando pelo imã.

O título pelo qual todos o tratavam era praticamente honorário. Os dias de congregação e as orações do templo, em geral, já não eram lideradas por ele. Todavia, dedicara a vida inteira à comunidade muçulmana da cidade, o que o tornara num ente muito querido para todos os seus membros. Ninguém queria que se sentisse abandonado.

Diana ficou por ali, junto à porta grande de madeira que dava para a rua, aproveitando para preparar Rodrigo antes de saírem. Retirou o lenço que cobria o seu cabelo e voltou a proteger a cabeça do menino com o gorro. Conseguia ouvir ao longe a voz de um locutor de rádio, provavelmente oriunda de um aparelho qualquer que deveria existir na secretaria. Segundo o relato do jornalista, o governo português acabara de anunciar um aumento das restrições de circulação e um novo confinamento, a começar dali a dias.

Quando Afonso regressou do primeiro andar, Diana ainda foi para lhe contar, mas um som repentino, envolto em algum aparato, chegou ao átrio, vindo do exterior. Antevendo o que se passava, o secretário da mesquita apressou-se a sair do escritório e acelerou o passo, correndo na sua direção. O casal Catalão seguiu-o.

Três carros da Polícia descaracterizados tinham acabado de encostar ao passeio, junto ao sopé das escadas. Um rapaz franzino, que não aparentava ter mais de 20 anos, de pele morena e olhos azuis, iguais aos da mãe já falecida, com cabelo castanho-claro e uma barba rala da mesma cor, saía calmamente do interior de um deles, ladeado por um par de homens possantes, vestidos com blusões de cabedal.

O secretário da mesquita acolheu-os, tentando mostrar-se prestável, enquanto os três subiam os degraus. A comunidade muçulmana de Lisboa era pobre, com poucos recursos e, sentindo-se responsável pelo destino trágico que a cidade trouxera à família Fahrán, não encontrara outra solução senão albergar Ahmad num dos apartamentos vagos da mesquita.

Com Rodrigo bem seguro entre si e Diana, Afonso manteve-se numa posição resguardada, no alto das escadas, vendo-os passar. Desde a sua prisão que insistira em visitá-lo, tentando mostrar-se interessado pelo bem-estar do rapaz, algo que ele nunca reconhecera. Da última vez que o visitara na penitenciária, há cerca de um ano, antes de viajar para Cambridge, a conversa entre os dois correra tão mal que o jovem lhe cuspira na cara. Naquele dia, a reação foi algo diferente — limitou-se a ignorá-lo, desaparecendo para o interior.

— Acho isto uma péssima ideia — desabafou o professor Catalão, dirigindo-se à esposa, enquanto os três começavam a descer os degraus.

— Porque é que dizes isso? Não podem deixá-lo ficar na rua — observou a jornalista.

— Não me explicaram porque é que o libertaram mais cedo, mas de uma coisa tenho a certeza — admitiu ele, com um ar tenso. — O Ahmad não está arrependido. E esse facto só pode dar mau resultado.

Diana envolveu as costas do marido com um braço, acompanhando-o enquanto desciam a rua, em direção ao carro, que estava estacionado alguns metros mais abaixo. Mas houve qualquer coisa na atitude dele que fez com que se apercesse de que o professor não estava bem. De repente, estacou sobre o passeio.

– O que se passa?

O professor não respondeu; manteve-se simplesmente estarecido, de pé, fixo em frente. No meio do casal, Rodrigo agitou-se, olhando para os dois. Não percebia o que estava a acontecer.

– Afonso, o que se passa? Diz-me.

O marido limitou-se a esticar o queixo na direção do fundo da rua. Diana seguiu-o com o olhar e identificou na berma oposta um homem vestido com uma gabardina acastanhada. O contacto que tivera com ele fora sempre fugaz, mas durara o suficiente para que o reconhecesse.

Os sinais haviam continuado durante todo o outono. A intuição do professor não poderia estar mais correta. O Serviço de Informações de Segurança português encontrava-se ali. O POC entrou para um carro velho, ligou o motor e saiu do seu lugar, acelerando pela rua acima, sem sequer cruzar o olhar com o do casal.

Afonso pediu discretamente a Diana que seguisse com Rodrigo para o *Smart* e que fossem para casa, algo que ela aceitou prontamente.

Quanto a ele, começou a caminhar com a pasta na mão. Tinha um encontro ao qual comparecer.

Jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal

Na Mesma Tarde

Afonso entrou no parque arborizado já o Sol mergulhava a pique, escondendo-se em direção ao horizonte, envolvendo na semiobscuridade os trilhos de terra pelos quais passava, como se a morte caminhasse à sua frente. Os arbustos, deixados a crescer livremente durante os tempos de recolhimento obrigatório, fechavam-se em torno dele, tal como o piar das corujas, que o observavam furtivamente, escondidas nos ramos.

Viu-o quando entrou no anfiteatro ao ar livre. O homem encontrava-se ao fundo, sentado de costas para o professor na primeira fila de bancos de pedra, fitando gravemente o palco vazio. O tronco estava direito, quase como se fosse um sinal de orgulho, mas havia algo nos seus ombros descaídos que indiciava desânimo. Ou seria desencanto?

Afonso começou a descer lentamente os degraus, com a pasta de cabedal a balouçar junto ao corpo. Não havia mais ninguém no auditório e a temperatura baixava rapidamente, fazendo-o sentir cada mais frio. Desde o outono, quando se apercebera de que andava a ser vigiado, que sabia intimamente que aquele momento acabaria por chegar. Mas tentara sempre ignorá-lo, até momentos antes ver o POC na rua. O homem arriscara tudo, expondo-se. Portanto, era altura de acabar com o jogo do gato e do rato, e de ficar finalmente a saber qual era o intuito do seu perseguidor.

O professor sentou-se duas filas atrás, desencontrado com ele, tal como aprendera, e olhou igualmente em frente, aconchegando ao peito o casaco grosso. O frio era cortante como o gume de uma faca. O agente do SIS acabou por ser o primeiro a falar:

— Obrigado por vir — agradeceu-lhe.

– Anda a vigiar-me desde outubro. Julguei que tínhamos combinado que me deixaria em paz.

– Foi assim que interpretou a nossa última conversa?

– Ficou tudo muito claro para mim.

– Discordo. Apenas tivemos uma zanga ligeira. São coisas que acontecem, quando temos pontos de vista diferentes.

– Acusou-me de protelar a nossa colaboração, por vaidade.

O POC não respondeu imediatamente, limitando-se a focar melancolicamente os olhos cinzentos no palco deserto.

– E com isso, ofendi-o, não foi?

– De uma certa forma, sim. Sou um homem pacato. Só quero que me deixem em paz, para viver a minha vida com a minha mulher e o Rodrigo.

– Sei que estão bem. Fico contente. – O homem fez uma pausa curta, não esperando pela resposta de Afonso. – De qualquer modo, interpretou bem os sinais. Apanha-nos sempre.

– São muito pouco criativos.

– Não o convidei a vir até aqui para discutirmos novamente.

– Não?

O professor arqueou uma sobrancelha, soando mais mordaz e irónico do que sempre. Os encontros furtivos que tinham mantido no passado haviam sido marcados por um grande sarcasmo. E no que dependesse de si, aquele não seria a exceção:

– Então, para o que foi?

– Primeiro, as coisas mais importantes. E o Afonso, como é que tem passado?

A pergunta desarmou-o. Pouco ou nada sabia acerca daquele sujeito frio que não largava a gabardina. Seria possível que, ao fim de mais de um ano sem se verem, aprendera finalmente o significado da palavra «sentimentos»?

– Sente-se... Está doente?

– Não.

– Mas já esteve, não é?

Daquela vez, foi a perspicácia do seu interlocutor que apanhou o POC em contrapé. Os olhos semicerraram-se ainda mais e as narinas dilataram-se e contraíram-se um par de vezes. Tratou-se de um movimento discreto, mas claramente típico das situações em que se sentia nervoso.

– Fui infetado passado pouco tempo de o vírus chegar a Portugal. Fiquei dois meses internado no hospital.

– Lamento – deixou cair o professor Catalão, circunspecto.

– Não estive assim tão mal. A doença nem foi o mais difícil de suportar, mas a solidão. Nem sequer o meu filho foi lá ver-me.

Afonso anuiu em silêncio. Conheciam-se mal, embora tivesse uma ideia vaga de um dia ele lhe ter falado sobre a família. Era divorciado e pai de um rapaz, que entretanto se tornara num jovem adulto. Aparentemente, a relação dos dois era complicada.

– Foram 61 dias exatos, em que a única coisa que tive para fazer foi pensar na minha vida e em todos os erros que cometi.

– Talvez ele não tenha chegado a saber do seu internamento, ou não permitissem sequer que fosse visitá-lo. Houve muita desorganização e desinformação naquela altura.

– Ele soube – desabafou o homem, com a respiração pesada. – Mesmo assim, preferiu deixar-me na cama daquele hospital, à espera de que eu apodrecesse.

O professor considerou que o melhor seria ficar calado. Esperava que ele e Diana não estivessem a cometer nenhum erro com Rodrigo, mas quem sabia em que adulto a criança se tornaria? Ou que tipo de pais eram os dois. Seriam os certos para ele?

– Por isso, se lhe devo um pedido de desculpas, aqui o tem. Considere-o hoje. Não deveria ter-lhe dito aquelas coisas, quando nos vimos pela última vez, neste mesmo anfiteatro. É assim que se geram mal-entendidos e se quebram laços.

– Eu... Hum... – titubeou Afonso, sem palavras. – Está bem.

Os dois ficaram em silêncio, sentados nos bancos de pedra, iluminados somente por um candeeiro distante. O professor olhou em volta, procurando distrair-se. Estavam rodeados de árvores altas, sob um céu que escurecia rapidamente, separados dos sons longínquos da cidade que se ouviam amiúde. Até o anoitecer, que no centro de Lisboa era habitualmente frenético, parecia agora na posse de fantasmas.

— A minha presença aqui tem alguma coisa que ver com a libertação do Ahmad? — alvitrou ele, ao fim de algum tempo.

O POC tirou vagarosamente do bolso da gabardina um envelope pequeno de papel pardo. Abriu-o, mostrou uma fotografia e colocou-a sobre o banco de pedra ao seu lado. Apesar de estar a usar os óculos de leitura, Afonso teve de forçar a vista, dada a penumbra que em que mergulhara o anfiteatro.

— Não sei quem é — admitiu ele.

Tratava-se de um homem moreno, aparentemente de etnia árabe, com uma estatura média, e barriga, cuja idade deveria ser próxima da do professor.

— Chama-se Jamil — explicou o POC. — Essa fotografia foi tirada em Estocolmo, há alguns anos, mas a sua aparência é praticamente a mesma.

— E o que tem este... Jamil?

— Entre outras coisas, está envolvido no tráfico de seres humanos. Foi o Ahmad quem o denunciou. Era amigo do pai.

— Da altura em que viveram na Suécia, antes de virem para Lisboa?

— Exatamente. Foi por intermédio dele que acabaram por pedir acolhimento em Portugal, mas ao que parece as boas ações terminaram por aí. O rapaz Fahrán apercebeu-se de algumas coisas das quais o Sami, coitado, ingénuo como era, nem sequer suspeitou.

»O facto de ter falado connosco deixou-nos muito bem-vistos junto da Europol. Sair antecipadamente da prisão acabou por ser a recompensa que lhe deram. Não se pode dizer que o Estado português não é benemérito.

— E o tal Jamil foi preso?

– Ainda não.

– Mas a sua denúncia foi suficiente para perdoarem a sentença do Ahmad ao fim de tão pouco tempo?

– Digamos que o Jamil é um peixe graúdo. Tem muitos interesses.

– Imagino que seja um desses que me trouxe aqui e que motivou todo o tempo que tem passado no meu encalço.

– Estava apenas interessado em saber como andava a sua vida. Não leve a mal.

– Felizmente, a minha vida tem sido muito aborrecida. Só eu, a minha família e o meu livro.

– Que já conseguiu acabar. Os meus parabéns.

O professor fez um ar perplexo, sentindo vontade de se ir embora. Aceder ao seu computador era uma grande invasão de privacidade.

– Bom, se assim foi, então, deparou-se com um tédio enorme. O que mais esperava?

– Sei lá – respondeu o homem. – Quem sabe uma receção de boas-vindas com fogo de artifício e champanhe? Afinal, já não nos cruzávamos há mais de um ano.

– Vejo que recuperou rapidamente todo o seu sarcasmo. No entanto, lamento dececioná-lo. Não somos velhos amigos – frisou Afonso, com um tom de voz ligeiramente mais ácido do que desejava.

– Sei. – O homem fez um ar pesaroso, que tentou disfarçar rapidamente. – Mas também não precisaremos de o ser, para o favor que gostaria de lhe pedir.

O professor suspirou. Imaginava que Diana, sempre à procura de boas histórias, haveria de encorajá-lo, mas ele sentia-se pronto a dizer que não. Começava a cair alguma cacimba e, naquele momento, o seu único desejo era ir para casa, e não meter-se em sarilhos.

– Antes que recuse – adiantou-se o POC, pronto a esgrimir-se com os seus melhores argumentos –, devo avisá-lo de que terá de ser um pouco chato.

– Chato, eu?

– Sim. Vou começar por lhe confidenciar uma coisa. A operação na qual gostaria que participasse é sobre uma obra de arte.

– Um quadro?

– Nem mais – confirmou o homem, secretamente satisfeito por conseguir despertar o interesse de Afonso. – Uma pintura a óleo e, melhor do que isso, uma história bíblica.

Museu Hermitage de Amesterdão, Países Baixos Cerca de Seis Meses Antes da Morte de Adam Immanuel

Um homem de meia-idade, com uma compleição forte, de quipá na cabeça, vestido com um fato preto de onde sobressaía uma camisa branca, escusou-se perante um conhecido, interrompendo a conversa agradável que mantinham. De pé entre as mesas redondas preparadas para a refeição, fitou as fotografias a preto-e-branco que começavam a ser exibidas.

Um cinematógrafo velho projetava-as contra a tela grande que ocupava uma das paredes do átrio da igreja, uma das salas mais nobres do Museu Hermitage de Amesterdão. Apesar da idade avançada, a máquina providenciava um desempenho imaculado, imprimindo movimento à sucessão de imagens que passavam perante os convidados, enquanto oferecia uma demonstração artística rara das memórias sefarditas pertencentes ao passado judaico da cidade.

O rabino Gabriel esboçou um sorriso nostálgico, ao dar-se conta do gáudio generalizado que se manifestava entre os visitantes, assim que viram surgir um esboço antigo do edifício da sinagoga, ainda em construção. A fachada de tijolo vermelho estava incompleta, mas a sua graciosidade era já assinalável.

Esnoga, como era carinhosamente apelidada entre os amigos, já fora em tempos o maior templo judaico do mundo, mas seria eternamente apreciada. Fora construída para servir todos os sefarditas que, vítimas de perseguição, tinham encontrado refúgio na tolerância dos Países Baixos.

Atualmente, a comunidade, que chegara a representar dez por cento da população de Amesterdão, via-se reduzida a meras centenas, uma consequência do Holocausto, que deixara a sua marca. Por isso, noites

como aquela eram de extrema importância, fazendo-o sentir que, apesar de todos os problemas que enfrentava, ainda havia algo que dava algum significado à sua vida.

Decorria uma angariação de fundos em favor da associação cultural à qual presidia. A herança judaica necessitava de ser preservada e, para tal, nada melhor do que reunir algumas das personalidades mais notáveis da cidade. A arte, em todas as suas formas, era uma das suas paixões e, embora se considerasse um homem assaz reservado e, como tal, pouco à vontade em eventos públicos, fazia tudo por ela.

O sorriso no rosto do rabino foi desaparecendo gradualmente à medida que se apercebeu de uma cara familiar entre os convidados. Observava-o de longe, a partir da outra extremidade do átrio. Tratava-se de um homem, que parecia ter uma idade próxima da sua, mas era mais elegante, com um corpo seco, talvez devido à prática de algum desporto, e um cabelo encaracolado forte. Vestia um fato azul-escuro, um lenço comprido branco em torno do pescoço e usava óculos. Discretamente, estendeu na sua direção a flute de champanhe que segurava na mão, cumprimentando-o.

Gabriel sentiu-se ligeiramente acochado, assim que o viu começar a caminhar na sua direção, serpenteando calmamente entre as mesas. Desde janeiro que andava a evitar falar com ele, alegando falta de tempo, ou um motivo semelhante. Mas o sujeito fora insistente, nunca desistindo, e o brilho irónico que mantinha no olhar enquanto se aproximava só representava uma coisa. Faria tudo para chegar finalmente à conversa consigo.

No início, ele descartara todas as tentativas que o homem fizera para abordá-lo, beneficiando do conforto proporcionado pela impessoalidade dos contactos formais. Todavia, naquele instante ficou desde logo em desvantagem. Encontravam-se em público. E isso mudava tudo.

— Rabino Gabriel — começou o homem. — É um prazer conhecê-lo finalmente. Sou Afonso Catalão.

O homem olhou em redor, fazendo balouçar o peso do corpo de um pé para o outro. Quantas vezes teria de lhe dizer que não?

– Como é que conseguiu entrar? – indagou ele, sentindo-se ultrajado.

– Esta ala do museu está reservada somente a patronos.

– Recorri a um velho conhecido, que me devia um grande favor. Há meses que ando a tentar falar consigo.

– Persegue-me desde janeiro. Deixe de ser chato – sibilou venenosamente o rabino, preocupado em não levantar a voz e, com isso, provocar um escândalo. – Não compreende que o meu silêncio também é uma forma de resposta.

O professor Afonso Catalão fez uma expressão indecisa, como se fosse uma criança a quem acabara de ser dito que não poderia ir brincar. Tocou-lhe levemente no cotovelo, puxando-o para uma zona mais recôndita do átrio. Seria melhor se pudessem ter alguma privacidade.

– Não ouse tocar-me – ameaçou Gabriel, parecendo irritado, olhando de sobrolho franzido para a sua mão.

A fachada neutra e ligeiramente divertida que o português vinha a manter desfez-se rapidamente, transformando-se numa máscara dura e inflexível, que o surpreendeu.

– Por favor, venha comigo. Gostaria de falar consigo sobre um assunto.

– Não quero saber do seu ensaio. Arranje outro judeu qualquer.

– O meu ensaio já está concluído há muito tempo.

O rabino sentiu-se algo baralhado. Dois meses antes, ainda durante o mês de janeiro, o professor começara por enviar um *e-mail* para o endereço eletrónico geral da sinagoga. Continha o currículo e apresentava-se. Não lhe respondera. Depois, remetera-lhe uma carta. A sua reação fora a mesma. E, então, tinham começado as mensagens. Sem ele perceber como, descobrira o seu número de telemóvel e, semana sim, semana não, escrevera-lhe uma longa SMS a pedir-lhe que falasse com ele. Miraculosamente, o texto era diferente em todas elas.

Retribuíra sempre com indiferença, mas acabara por ler as missivas e de uma coisa tinha a certeza. O catedrático fora muito explícito.

Procurava alguém que pudesse dar-lhe uma citação sobre o futuro da relação israelo-árabe. Agora que a vacinação contra a COVID-19 arrancara, o mundo tinha finalmente a esperança de vir a retomar a sua vida normal, sendo de prever um regresso do sionismo.

Gabriel, que mantivera sempre a sua reação inicial, nunca o encorajando, passara a pensar nele como o professor chato. Chato e maluco.

— Por favor, venha comigo — voltou a pedir-lhe Afonso, com um ar cada vez mais grave. — Receio que o tenha enganado. Apenas desejo falar consigo.

— Mas, então, sobre o quê?

— Uma obra de arte.

— O Hermitage de Amesterdão tem em exibição uma coleção notável, que vai desde Matisse a Malevich. Só precisa de cá voltar amanhã e comprar um bilhete. Decerto que gostarão imenso de recebê-lo.

— Não me refiro a *essas* obras de arte, mas a uma muito particular. É uma história sobre reis.

A obstinação e persistência do rabino Gabriel esfumaram-se ainda mais depressa do que éter ao ar livre. De repente, sentiu um calafrio no estômago e as suas pernas fraquejaram. Não, não podia ser.

Afonso retribuiu com o seu melhor sorriso, constatando que conseguira finalmente captar a sua atenção.

— Deixemo-nos de engodos, Gabriel. Por favor, leve-me até ao quadro.

— Que quadro? — O rabino ainda tentou disfarçar, mas o esforço que fez acabou por ser em vão. — Não faço a mínima ideia do que está para aí a falar.

— Faz, sim — contrapôs o professor, muito calmo. — Refiro-me a *Isaac e Rebeca*.

Amesterdão, Países Baixos

Na Mesma Noite

Afonso e o rabino Gabriel saíram do Museu Hermitage exatamente vinte minutos depois de se dar o primeiro contacto. Pelo menos, foi essa a hora que ficou registada no relatório que um homem de gabardina preparava, enquanto passava por eles em sentido oposto, ao volante de um carro alugado.

Os dois caminhavam com um passo apressado, o mais rapidamente que a neve acumulada sobre o passeio lhes permitia, apertando contra o corpo os sobretudos grossos que vestiam. Do outro lado do rio Amstel, oposta à fachada clássica do edifício que abandonavam, uma fiada de casas de duas águas, dentro das quais se percebia luz, refletia-se sobre as margens.

Caíra uma pequena tempestade de manhã, quando o professor e o resto da equipa tinham chegado a Amesterdão. Todavia, apesar da melhoria que se verificara durante o dia, as temperaturas baixas que envolviam a cidade haviam impedido a neve de se derreter, tal como o gelo, que descia em pequenas placas ao longo do rio. Paralelamente a ele, o automóvel que era conduzido pelo POC afastou-se, sob o olhar atento de Afonso.

— Quem é? Porque está aqui? — tentou esclarecer o rabino.

Gabriel, que sofria de excesso de peso, esforçava-se por acompanhá-lo, mas o estado nervoso em que se encontrava tornava tudo ainda mais difícil.

— Sabe o meu nome. Não lhe menti sobre isso.

— Então, sobre o quê? — bradou o homem, quase histérico.

— Baixe a voz — admoestou-o Afonso. — Temos companhia e estes — explicou-lhe, apontando para o carro que já tinham pelas costas e depois,

para uma mulher que fumava um cigarro perto deles, apoiada no gradeamento que dava para o rio —, são apenas os que conheço.

O rabino olhou em redor, sentindo-se cada vez mais confuso. Mal tivera tempo de recuperar do choque que sofrera quando aquele homem o confrontara no interior do museu e, agora, tudo lhe parecia irreal, como se estivesse a viver um pesadelo.

— Quem são estas pessoas? Ou você?

— Serviço de Informações de Segurança português — esclareceu o professor Catalão. — E o AIVD também — fez notar, esticando o queixo novamente na direção da mulher.

Os lábios de Gabriel tremelicaram perante a referência à secreta holandesa. Sabia pouco sobre aquela instituição, mas o suficiente para ter a noção de que realmente estava metido em apuros. De repente, como se tivesse sido tomado por uma catarse, ficou imóvel na noite gelada, sobre o passeio.

— Então, é um agente? Veio prender-me?

— Duas vezes não — respondeu-lhe Afonso. — Pode ficar descansado. Sou mais uma espécie de colaborador, ou um consultor ocasional.

— Mas veio prender-me, é isso?

O professor Catalão, que desde há um ano, quando deixara Cambridge, nunca mais fora submetido a uma temperatura tão cortante como a que se fazia sentir na cidade, bateu impacientemente com os pés contra um sítio da calçada onde não existia neve, tentando aquecê-los, e apontou na direção da esquina que se via adiante.

— Acompanhe-me, por favor. E prometo que irei esclarecer todas as suas dúvidas.

O rabino anuiu nervosamente, mas acedeu ao pedido, retomando a caminhada.

— Pode começar agora — arriscou dizer o homem, assim que dobraram o cotovelo formado pelo edifício do museu e entraram numa nova rua, que seguia paralela a um dos canais.

— Está na posse de algo que não lhe pertence.

– Não sabia que o quadro era roubado quando o recebi como pagamento. Pensei que se tratasse de uma relíquia.

– Como é que isso aconteceu?

– A minha esposa estava doente. Tentei cobrar umas dívidas antigas junto de umas pessoas com quem a minha família tivera negócios. Precisava de dinheiro, mas quando ela a viu — prosseguiu Gabriel, referindo-se à pintura a óleo —, apaixonou-se e tive de aceitá-la.

– Matilda, não era?

– Sim, a minha Matilda. Morreu de cancro — admitiu o homem, com pesar.

– Lamento imenso, mas a meu ver, a sua situação é muito complicada. Tem dois problemas de solução consideravelmente difícil: a posse de arte roubada e um quadro valioso com o qual não sabe o que fazer.

O rabino anuiu novamente, admitindo a sua culpa. Sentia-se arrependido. Nunca deveria ter dado ouvidos à mulher e ficar com a tela como pagamento. Na altura, o que precisavam era de dinheiro para ela se tratar, e não de ainda mais sarilhos.

– Como é que chegou até mim?

– Não fui eu. Sou um mero intermediário.

– Muito bem, mas porque é que o escolheram?

– Tinha um bom pretexto para contactá-lo.

– O seu livro existe mesmo?

– Sim, sou professor universitário em Lisboa. Concluí-o antes do Natal — admitiu Afonso, exalando uma grande baforada de ar quente, que desapareceu rapidamente.

Os dois foram forçados a esperar antes de atravessar uma avenida larga, aguardando que uma meia dúzia de carros passasse por eles ao longo do alcatrão. De seguida, cruzaram-na para o outro lado, em direção ao pequeno arvoredo que existia alguns metros à frente.

– O meu livro não é tão chato quanto fiz parecer — avisou Afonso, sentindo-se na obrigação de se defender, enquanto retomava a conversa.

— Mas acabou por ser um bom motivo para tentar chegar à fala consigo. Isso, e o facto de ser português.

— Nasci em Lisboa. Ainda tenho lá a casa dos meus pais, perto do Largo do Rato, junto à sinagoga *Shaaré Tikva*. Conhece-a?

— Sim — respondeu Afonso, de modo algo fechado. Desejava esquecer os crimes que o tinham levado a frequentar aquele templo judaico.

— Desde a morte da Matilda que não vou lá — confessou Gabriel. Uma dúvida formou-se novamente na sua cabeça. — Mas continuo sem perceber como é que chegaram até mim.

Entretido a andar ao lado do homem, enquanto os dois atravessavam o pequeno parque, Afonso observou-o brevemente, antes de entregar o resto do jogo:

— Sabem tudo acerca do Jamil. O que ele anda a fazer-lhe, melhor dizendo.

O rabino voltou a parar. Os seus lábios torceram-se numa expressão resignada, de quem já refletira muito sobre o que estava prestes a dizer, e os olhos escuros endureceram:

— A extorsão é crime.

— Tem razão. Mas deverá admitir que também a posse de arte roubada o é. Como é que ele descobriu que tinha o quadro?

Gabriel baixou o olhar e bateu com a biqueira do sapato no chão coberto de neve.

— Fui imprudente. Acho que o fiz por vaidade, mas acabei por mostrar o quadro à pessoa errada.

— Que por acaso contou ao Jamil?

— Certo.

— Que agora anda a ameaçar denunciá-lo às autoridades se não lhe pagar.

— Não tenho essa quantidade de dinheiro! Ou não se recorda de como é que esta história começou? Precisava de ajuda para pagar as despesas de saúde da Matilda. Se não tivesse sido por ela, eu nunca teria sequer visto aquele quadro.

Parado no parque com as mãos enfiadas nos bolsos, Afonso respirou fundo e tentou tranquilizá-lo:

— Eles têm uma solução para lhe oferecer — explicou, referindo-se aos Serviços de Informação portugueses e holandeses. — Só precisam que me deixe ver o quadro. Querem ter a certeza de que tudo não passa de um embuste.

O rabino anuiu mais uma vez, cabisbaixo. Ainda que algo a contragosto, resolveu confiar novamente no professor e indicou-lhe o caminho que existia para lá das árvores. Uma fachada alta, revestida de tijolo vermelho-escuro, percebia-se adiante.

Os dois homens percorreram rapidamente o que restava do trilho até à sinagoga sefardita de Amesterdão. Gabriel sacou do porta-chaves que guardava no bolso e abriu o portão de madeira. Um candeeiro aceso esperava por eles, isolado no meio de um pátio, junto a uma árvore alta situada à direita da entrada para o templo sefardita.

O rabino pediu a Afonso que o seguisse e ambos enveredaram por uma ruela exígua, localizada entre a fachada do edifício da sinagoga e a fila de casas baixas, que a circundavam. Enquanto progrediam, iam vendo algumas placas, com inscrições tais como «cozinha» e «biblioteca».

No fim de todo o comprimento do templo judaico, chegaram a uma porta. Apesar da luz fraca, o professor Catalão apercebeu-se de que se tratava da entrada para um complexo de apartamentos. Gabriel voltou a sacar das chaves e os dois entraram. Seguiu-se um lanço de escadas e, por fim, a casa do rabino.

Afonso observou com admiração alguns dos objetos que identificou no interior da habitação, desde um exemplar antigo de um livro pousado sobre uma mesa, que deduziu ser a Tora — a compilação dos textos sagrados judaicos —, a vários *tallit*, os xailes tradicionais das orações, passando pelas *tefillin*, as famosas tiras de cabedal que nessas ocasiões os crentes usavam enroladas à volta da mão e do braço esquerdos.

Mas, como não poderia deixar de ser, o corolário acabou por ser o quadro. Sentiu-se maravilhado quando o rabino o levou até ao escritório

e lho mostrou. Era o único objeto pendurado na parede e merecia todo o destaque.

Ali estava *Isaac e Rebeca*, óleo sobre tela, um metro e vinte e um centímetros e meio de altura por um metro e sessenta e seis centímetros e meio de comprimento. Tratava-se de uma das maiores obras-primas de Rembrandt.

Sinagoga Sefardita de Amesterdão, Países Baixos

Na Mesma Noite

Afonso contemplou as duas figuras representadas na pintura a óleo. Contrapostos a um fundo escuro, no qual mal se percebia o esboço de uma planta, um homem e uma mulher vestidos faustosamente abraçavam-se, tocando nas mãos um do outro, numa exibição carinhosa e discreta do amor entre dois seres humanos.

Narra o Antigo Testamento que um dia, quando Isaac e Rebeca procuravam refúgio nas terras do rei Abimelech, para evitar que ele fosse morto e a esposa capturada pelos locais, devido à sua grande beleza, os dois tinham fingido que eram irmãos. No entanto, sem saber que eram espiados pelo soberano, acabaram por ser traídos por um momento de terna intimidade.

A ira de Abimelech, que se sentiu enganado, valeu-lhes uma valente reprimenda. Porém, tocado pela genuinidade dos sentimentos que nutriam um pelo outro, o rei acabou por ordenar que ninguém os maltratasse. Eram a personificação do casal perfeito: ele era leal, crente e dedicado; ela era feérica, modesta e obediente.

De pé no meio do escritório, ao lado do professor português, os olhos de Gabriel brilhavam, enquanto também o rabino admirava aquela obra de arte. Fora pintada num período mais tardio da vida de Rembrandt van Rijn, em que o artista preferira usar tons térreos e mostrar o seu trabalho a uma audiência reduzida. Encontrava-se na posse do rabino há dois anos e também era assim que a via — como um momento eterno de cumplicidade com a esposa entretanto falecida, Matilda.

— Repare na forma como as diferentes camadas de tinta foram trabalhadas — disse ele, apontando para o quadro. — O artista sobrepôs

várias, para compor e dar textura às dobras das mangas, mas os anéis das mãos e o colar no pescoço dela parecem ter sido executados somente com uma pincelada ligeira.

Afonso, cuja especialização não era aquela, embora fosse sensível à arte sacra, nomeadamente à importância que algumas obras tinham no contexto bíblico em que se inseriam, seguiu as indicações de Gabriel.

Realmente, não tinha capacidade para exprimir exatamente o quê, mas havia qualquer coisa de notável naquele trabalho de Rembrandt. Talvez fosse o fundo negro, que dava destaque ao casal; ou tão-somente a forma carinhosa como o homem envolvia os ombros da mulher com um braço, unindo a sua outra mão com a dela sobre o peito, num gesto pleno de respeito e pudor. Quem saberia? Havia naquela pintura a óleo o sentimento de posse nupcial, mas igualmente um grande carinho e amor, só possível na intimidade da vida a dois.

— Foram descobertas umas cartas escritas por Van Gogh — continuou o rabino —, nas quais ele terá confessado que se desfez em lágrimas quando viu este quadro. «Abdicaria felizmente de dez anos da minha vida só pela oportunidade de continuar aqui, diante desta imagem, durante quinze dias, alimentando-me apenas de côdeas secas de pão.» — citou.

— Isaac e Rebeca são considerados um dos patriarcas e matriarcas da nação judaica — observou o professor. — Mas porque é que neste quadro são representados sem quaisquer atributos religiosos? Parecem ser meros nobres.

— Rembrandt viveu durante muitos anos aqui perto, na Grande Rua Judaica, a artéria principal do bairro sefardita de Amesterdão — explicou Gabriel, não escondendo uma ponta de orgulho. — Na realidade, foi o primeiro pintor ocidental a abdicar de qualquer atributo religioso na representação dos seus judeus, porque, na altura, esta comunidade estava tão integrada na cidade, que era impossível diferenciá-los com qualquer tipo de adorno, ou singularidade.

— Eles não olham um para o outro, nem sequer para nós — reparou Afonso.

– Não. Esse é um dos traços de genialidade do quadro. Eles olham para algo, um momento que é só do casal. No fundo, estão a sós, enlevados pela intimidade que partilham na qualidade de marido e mulher.

– Não se pode dizer que tenha sido um casamento feliz até ao fim.

– Interessa-se por histórias bíblicas?

O professor Catalão fez uma expressão neutra, não querendo expor-se demasiado. Gabriel, e não ele, é que deveria ser o centro das atenções. Mas era verdade. Aprendera com a mãe a estudar a Bíblia. Os histórias de traição e amor que lá descobrira fascinavam-no, sobretudo porque muitas delas ainda poderiam ser consideradas a origem dos conflitos políticos em curso no mundo contemporâneo. E isso, sim, era a sua área de especialidade.

– Aprendi a extrair de lá o melhor – justificou-se ele. – Rebeca e Isaac conheceram-se por graça divina, quando o pai dele, Abraão, o grande patriarca da nação judaica, preocupado em ficar sem descendência, ordenou a um criado que procurasse uma esposa para o filho.

– Foi uma bênção que tenha encontrado uma jovem tão dedicada e, ainda por cima, bela – contrapôs o rabino.

– Sim. E eles foram felizes durante muitos anos, mas, com o tempo, a relação afundou-se.

– Refere-se à traição de Jacob?

– Sim. Quando os dois filhos gémeos, Esaú e Jacob, eram adultos, Rebeca, sabendo da intenção do marido de abençoar o primeiro como seu legítimo herdeiro, cobriu Jacob, o seu preferido, com a pele de um cordeiro.

» Esaú tinha um corpo especialmente hirsuto e ela, aproveitando-se da idade do marido, que entretanto cegara, enviou o filho mais novo para falar com o pai, que, desse modo, o confundiu com o primogénito, abençoando-o erradamente. Enganado pela mãe, o filho mais velho acabou por partir de Canaã. Já Jacob, fruto da astúcia de Rebeca, prosseguiu com o legado da família.

»A profecia divina de que duas nações nasceriam do ventre dela cumpriu-se finalmente. Esaú deu origem aos edomitas. Quanto a Jacob, com o par de esposas, as primas Lia e Raquel, e as outras duas mulheres que entretanto tomou como concubinas, teria doze filhos, os futuros líderes das famosas doze tribos, ou clãs, de Israel, que estiveram na origem do povo judaico: Ruben, Simeão, Levi, Judá, Zebulão, Isacar, Asher, Neftáli, Gad, Benjamim, Manassé e Efraim. Todos receberam porções da Terra de Canaã.

– Considera que as relações entre um homem e uma mulher irão, eventualmente, com o tempo, degradar-se?

Afonso ficou a ponderar sobre a questão colocada pelo rabino. O seu primeiro casamento com Fatima degenerara em algo realmente vil, mas o mesmo não se podia dizer de Diana, que, apesar de todo o sucesso que continuava a ter com o novo livro, se mantinha dedicada a ele e Rodrigo.

– Não.

– Também não penso assim. Amava a Matilda e é por isso que amo igualmente este quadro. O amor que vejo refletido nesta pintura é um símbolo e uma eternização dos sentimentos que nutríamos um pelo outro.

O professor Catalão fitou silenciosamente a obra de arte, olhando depois para Gabriel. Parecia bastante emocionado, enlevado por aquela demonstração única e sublime de amor conjugal.

– Não poderá ficar com o quadro – acabou por avisá-lo. – Pertence a um museu. Terá de devolvê-lo.

O rabino pareceu ficar momentaneamente desconcertado. Significava imenso para si.

– Quando é que será o seu próximo encontro com o Jamil? – insistiu Afonso.

– Foi por isso que cá veio?

– Sim.

– Daqui a dois dias – confessou o rabino, suspirando.

Afonso escondeu a insatisfação. Talvez conseguisse aproveitar o tempo até lá para rever algumas das partes mais importantes do seu livro. Havia sempre o que melhorar; era um trabalho inacabado. Ou, quem sabe, fazer alguns telefonemas para Portugal e tentar encontrar um editor. Já o experimentara e ninguém se mostrara interessado.

— Onde é que irão encontrar-se? — perguntou ele.

— Numa localização mais central, perto do Bairro da Luz Vermelha e de Chinatown. Fez-me um ultimato. Levo o dinheiro, ou denuncia-me às autoridades. E ainda exige o quadro.

— Um duplo pagamento — refletiu o professor. — Não creio que a situação seja assim tão simples quanto o Jamil leva a crer. Ele também tem motivos para não se meter com a Polícia.

— Não sei. Mas não tenho o dinheiro que me pediu. E acho muito injusto que ele fique com tudo.

— Provavelmente, tencionará vender o quadro no mercado negro. Teremos de agir rapidamente, sem qualquer risco de deixá-lo fugir.

— Como assim?

— Acontecem muitos imponderáveis durante uma operação, mas o nosso objetivo é apanhá-lo em flagrante delito. Seria importante para a Europol, uma vez que não têm provas sólidas de nenhum crime para o acusar. Esta detenção seria o início. Depois de o prenderem, tudo o resto se facilitará.

— A Euro... A Europol está cá? — gaguejou o rabino. Era um homem simples.

— A Europol, o AIVD, o Serviço de Informações de Segurança português e a Polícia holandesa. O nosso amigo não é arraia-miúda.

Gabriel levou a mão ao rosto, tentando acalmar-se. Parecia algo ruborizado, por causa da tensão nervosa que certamente sentiria. Onde é que ele ficaria no meio de tudo aquilo?

— As autoridades holandesas propõem um acordo, caso colabore de livre vontade — explicou o professor Catalão, percebendo o seu

tormento. – Não poderá sair do país, mas também não irá para a prisão. No seu lugar, eu aceitá-lo-ia. É uma oferta generosa.

O rabino anuiu lentamente, fitando o Rembrandt exposto na parede. Havia tanto de Matilda naquela pintura a óleo.

– E o quadro? O que irá acontecer-lhe?

Afonso remeteu-se ao silêncio.

Amesterdão, Países Baixos
Avenidas Novas, Lisboa, Portugal
Dois Dias Depois

Gabriel enveredou por uma rua onde o passeio se confundia com o empedrado da estrada. Anoitecia na cidade. A temperatura descia e à exceção dos bares, as últimas lojas que se mantinham abertas começavam a fechar, prontas a entrar em reclusão até ao dia seguinte.

Tentando situar-se, parou momentaneamente e olhou em redor, aproveitando para segurar melhor o volume retangular embrulhado em papel pardo que levava debaixo do braço. Carregava igualmente nos ombros uma mochila com o dinheiro que Jamil exigira. *Isaac e Rebeca*, e vários maços de notas seriam o preço a pagar pela sua liberdade.

O rabino identificou mais à frente a estrutura pintada de amarelo-pálido do santuário. Encontrava-se no bairro chinês de Amesterdão, um pequeno gueto localizado no centro histórico, onde não faltava sequer um templo, no qual a comunidade oriental pudesse meditar e orar.

Gabriel recomeçou a andar, cruzando-se com uma mulher de sobretudo castanho, que prosseguia calmamente em sentido oposto, em cima de uma bicicleta, enquanto ouvia música através de uns auriculares sem fio. Trazia no cesto da pasteleira uma mala de executivo. Tal como muitos naquela cidade, deveria ir a caminho de casa, ou ao encontro de um grupo de amigos, com os quais jantaria.

O homem estacou à porta do santuário e admirou a decoração esfuziante, com pormenores vermelhos e dourados. Viam-se mais pessoas na rua, todas elas a abandonarem os empregos enquanto havia alguma luz, mas nenhuma lhe parecia ser de etnia árabe. Iam simplesmente distraídas, a refletir sobre a vida.

Aflito, o rabino observou a porta fechada do templo. Os seus lábios tremiam e os olhos dançavam. Sentia-se nervoso, como se a qualquer momento pudesse sofrer um assalto. Como seria Jamil? De que modo aconteceria o encontro? Como iria reconhecê-lo? Nunca o vira. Costumavam falar apenas telefonicamente.

Parte das respostas às dúvidas que o atormentavam surgiram exatamente desse modo, quando estava prestes a pressionar o botão da campainha do santuário chinês e ouviu o seu telemóvel tocar. Atendeu a chamada. Era ele.

Tinha uma voz forte, na qual sobressaía um sotaque árabe acentuado, e falou durante pouco tempo. Não era preciso mais. Deu-lhe uma ordem. O rabino desligou e respirou fundo. Precisava de ar. Sentia-se demasiado nervoso. Depois, sem saber muito bem como, conseguiu arranjar ânimo para voltar a andar.

Encontrava-se no local errado.

Duas centenas de metros atrás, sentado num banco de madeira a ler um jornal, ao lado de uma composição de vasos com flores, um homem de cabelo grisalho encaracolado, vestido com um sobretudo escuro e um lenço branco em redor do pescoço, levantou ligeiramente a cabeça ao ver surgir a figura de Gabriel, caminhando em sentido oposto. Movimentava-se rapidamente, não como se estivesse apressado, mas por se sentir extremamente nervoso.

Aparentemente, Jamil mudara o local do encontro e fazia-o agora deslocar-se em direção a um novo destino. Antes de se enfiar numa transversal e desaparecer, o homem fitou momentaneamente uma tabuleta, procurando orientar-se. A placa apontava para uma das localizações mais centrais da cidade – a sempre fervilhante Praça Dam.

O professor Catalão retirou os óculos do rosto. O sinal fora dado. De seguida, um homem alto, vestido de cabedal preto, com um capacete da mesma cor, passou à sua frente, montado numa mota potente. Um automóvel velho cruzou-se com ele e encostou ao passeio.

Afonso entrou e sentou-se ao lado do POC. O carro arrancou, passando uma das pontes que atravessava o canal. No seu interior, os dois fitaram com preocupação o espelho retrovisor. À retaguarda, ainda conseguiam ver o rabino a desaparecer gradualmente ao longo da transversal, com a mochila às costas e o quadro embrulhado em papel pardo debaixo do braço. Uma mulher de sobretudo castanho-claro, que seguia numa pasteleira, ia atrás dele.

Sentada à secretária do escritório do marido com música a tocar baixo, o computador portátil aberto à sua frente e Rodrigo ao lado com um ar muito concentrado a fazer os trabalhos de Matemática, Diana pousou a chávena de chá da qual bebericava e tentou concentrar-se no documento que tinha aberto. A folha de rosto dizia: *O Assassino na Noite. A história do seminarista que foi acusado injustamente de homicídio e que anos mais tarde se transformou no homem que foi contratado para matar o Papa.*

A jornalista deixou o cursor ficar a piscar no fim do subtítulo, refletindo, frustrada sobre o que acabara de escrever. Talvez fosse demasiado longo. Não lhe ocorria mais nada, porque aquela era a história que queria narrar – como Mark Emanuel deixara de ser um jovem promissor e se transformara num mercenário sem escrúpulos, contratado por quem mais pagasse. Sentia que poderia ter algo ainda mais grandioso em mãos, do que o livro que editara recentemente. Só o que acontecera àquele homem na prisão e a forma como trocara de identidade era autêntica pólvora literária.

Diana acabou por retirar os dedos de cima do teclado e acariciou suavemente o cabelo molhado do sobrinho. Acabara de tomar banho. Tivera aula de Educação Física no último tempo e, quando fora buscá-lo, aparecera ao pé dela a transpirar e a cheirar mal. Começava a tornar-se num homenzinho.

O seu telemóvel tocou. Esperançosa de que se tratasse do marido, com o qual estava preocupada, deitou-lhe rapidamente a mão. O nome que

surgiu no visor proporcionou-lhe simultaneamente um sentimento de decepção e receio. Tratava-se de David, o meio-irmão do marido.

Rodrigo começou a olhar para ela com curiosidade, forçando a jornalista a atender a chamada. Lidava muito pouco com o jovem cunhado. Tinham-se conhecido no início do relacionamento com Afonso, quando o rapaz ainda morava com ele naquela casa, mas, seguindo o seu exemplo, perdera quase todo o contacto.

David Catalão fora uma das pessoas responsáveis pelo volte-face terrível e inesperado que sofrera na sua carreira. Deixando-se envolver por Isabel de Castro, a colega que publicara um artigo no qual a acusava de usar as suas relações pessoais para obter informações privilegiadas, revelara pormenores da intimidade com o esposo, expondo-o desnecessariamente perante a opinião pública, que aproveitou para enxovalhar o casal.

Ela sofrera em silêncio até vencer o processo em tribunal, ao ver todo o seu trabalho ruir e um percurso de vários anos, pleno de sacrifícios, desmoronar-se como um castelo de cartas, ao ponto de ficar sem emprego. Aquele rapaz mimado encontrava-se entre os culpados. Talvez um dia fosse capaz de lhe perdoar por isso, mas havia algo que jamais seria capaz de esquecer – o desgosto que infligira a Afonso.

Gabriel passou pela *Colmeia*, os armazéns de retalho mais conceituados e caros de Amesterdão, e suspirou de alívio, ao chegar finalmente à Praça Dam. Já escurecera e, apesar da aragem fria que corria pela noite, levava o rosto transpirado. O quadro e a mochila que carregava eram leves. Todavia, devido às circunstâncias, o seu peso era acima de tudo interior.

Não havia muitas pessoas por ali. A maior parte dos cidadãos ainda seguia as recomendações para ficar em casa; mesmo assim, o movimento era algum. Fora naquela zona que tudo começara. A praça principal da cidade localizava-se no sítio onde antes existira um dique do rio Amstel,

em torno do qual crescera, assumindo-se como o centro político e comercial da Amesterdão de outrora.

No entanto, no século XVII, o Damrack, o canal mais movimentado que existia na altura, fora parcialmente soterrado, dando lugar à rua pedonal que atualmente conduz à praça. Poderia pensar-se que o passar dos anos corroera alguma da sua grandiosidade, latente ainda hoje nos grandes edifícios clássicos do palácio real, do hotel, ou dos armazéns que a circundam, mas nunca o colorido e, muito menos, toda a sua vitalidade.

Não obstante o pouco movimento, havia ainda alguma agitação. Eram os estudantes que conversavam casualmente; os artistas de rua que davam um ar da sua graça em troca de algum dinheiro; as pessoas com roupas grossas que a atravessavam distraidamente; ou até um elétrico intemporal, que deslizava devagar.

O rabino entrou a medo na praça. Os olhos castanhos tremiam, tentando localizar alguém que pudesse ser Jamil. Uma rapariga de cabelo louro, com uma boina na cabeça, vestida à marinheiro, com a cara pintada de branco e os lábios em forma de coração, abraçou-se a ele e fez uma careta para a câmara do telemóvel, enquanto os fotografava.

Apavorado com o mimo, Gabriel gritou, afastando-se imediatamente, sem, no entanto, ninguém reparar. Os Países Baixos eram conhecidos pela boa disposição dos seus habitantes, mas numa metrópole como Amesterdão, ninguém se importava realmente com o bem-estar da pessoa que se encontrava imediatamente ao lado.

O homem continuou a andar. Tentando recompor-se, fitou o grande obelisco que existia na metade oposta da praça. Ao lá chegar, deixou-se ficar junto ao monumento de pedra, vendo por perto alguns rapazolas com aspeto de estudantes universitários. Entre eles, encontrava-se um jovem ligeiramente mais velho, de ar latino, com um leitor digital de livros na mão, sentado no chão, muito embrenhado na história de morte e vingança que devorava através daquelas palavras. Era a vida quotidiana a acontecer na cidade, como só em Amesterdão era possível.

Não existia localização mais central do que aquela. Se Jamil se encontrava ali, não havia como deixar de vê-lo.

Sentado a alguma distância no interior do carro do POC, Afonso desviou a atenção da mulher de sobretudo castanho-claro que passava por eles em cima de uma bicicleta com uma pasta guardada no cesto, e reparou nas imagens que o mimo enviava para o telemóvel do agente do SIS. O homem manipulava-as, ampliando-as, tentando encontrar nelas um rosto conhecido, com um auricular no ouvido esquerdo, que lhe trazia o som que era capturado na praça por um jovem que gostava de ler.

O professor sentia-se ansioso. Havia algo naquela mudança de planos que não lhe agradava e que o fazia temer pela vida do rabino. Passara os últimos meses a importuná-lo, seguindo à risca o plano que os Serviços haviam delineado para si, até não lhes restar outra hipótese senão aproveitar um evento presencial para o levar a Amesterdão com a missão de confrontar o homem e chegar ao quadro.

Talvez por causa dessa familiaridade cúmplice que partilhara com Gabriel, compreendera bem o que ele sentia. Na realidade, não era difícil de entender. *Isaac e Rebeca*, além de ser um Rembrandt e inquestionavelmente uma obra-prima da arte mundial, possuía igualmente um magnetismo poderoso e só quem nunca estivera apaixonado é que seria capaz de ficar indiferente.

Afonso apercebeu-se de que algo mudara, quando o POC desviou a atenção do ecrã do telemóvel e levantou a cabeça. A mulher do sobretudo castanho-claro passava novamente por eles, mas daquela vez sem a pasta a saltitar no cesto da bicicleta.

O homem saiu imediatamente do carro, imitado pelo professor. Fechou a gabardina e ajustou melhor o auricular, tentando ouvir com maior clareza.

Ao fundo, no centro da Praça Dam, junto ao obelisco, um sujeito de etnia árabe acabara de abordar Gabriel.

– Não considero esta conversa apropriada.

– Porquê?

– Porque o teu irmão não está presente.

– Telefonei-lhe e fui encaminhado para o sistema de mensagens. Tentei.

– O Afonso está a trabalhar. Deve ter o telemóvel desligado.

– O meu irmão é um homem muito ocupado. Que conveniente.

No escritório do marido, Diana reparou no desassossego de Rodrigo, ao aperceber-se da tensão que ela sentia. Tentou acalmá-lo, sorrindo-lhe tranquilizadamente, enquanto lhe acariciava o rosto e lhe pedia para continuar os trabalhos. O menino já acabara os deveres de Matemática e começava agora uma cópia. Prometeu-lhe que, se a terminasse depressa, o deixaria ver televisão antes do jantar.

– Porquê é que estás a telefonar, David?

– Quero saber se o Afonso já chegou a uma decisão.

– Isso é entre ele e a Helena – contrapôs Diana, referindo-se à madrastra do marido. – Estão em contacto.

– Também sou herdeiro do meu pai – protestou David. – Se o Afonso vai comprar a parte da casa que pertence à minha mãe, também tem de comprar a minha. O que é que eu faço com uma parcela de um apartamento a cair aos bocados?

A jornalista tentou não se exaltar. Helena Catalão, para quem o filho não era um descendente preocupado, tentara recorrer ao enteado, porque queria que ele lhe comprasse a sua parte da casa que pertencera ao marido, entretanto falecido.

O casal nem sequer lá vivia quando ele morrera, tendo adquirido uma vivenda nos arredores de Beja. No entanto, agora que ela se reformara, não queria suportar as despesas de uma segunda habitação e pedira a Afonso se poderia ficar com a casa, para que permanecesse na família.

David – que apesar de já ter terminado os estudos, saltitava entre empregos precários – não era uma opção.

Claro que o professor não queria sequer ouvir falar no assunto. Não se tratava somente de uma questão monetária. Conseguira, à custa de muito trabalho, fazer algumas poupanças, mas não entrava na sua antiga casa desde o dia em que o meio-irmão nascera e a ideia de lá regressar, àquele apartamento cheio de recordações nefastas, afligia-o profundamente.

– Não contes comigo para interceder por ti, ou pela tua mãe – avisou-o Diana, com um tom cortante. – Não vou andar a manipular o meu marido. Recuso-me a agir nas suas costas.

– Estás a exagerar.

– Chama-lhe o que quiseres. Este assunto é entre a Helena e o Afonso. E eu não irei intrometer-me.

– Quando te interessa, até que és metediça, não és? Ou devo recordar-te que foi por causa de ti que o meu irmão me pôs fora de casa?

Sentada na cadeira, Diana arquejou, sentindo-se ultrajada com a ousadia do rapaz. Ligeiramente ruborizada, olhou para Rodrigo e foi na criança que encontrou as forças para se conter e não rebater a agressividade do cunhado. Como é que ele se atrevia?

– Boa noite, David – disse. E desligou simplesmente.

A mulher ficou com o telemóvel na mão, tentando não se mostrar nervosa diante do sobrinho. Os seus dedos tremiam e, por dentro, fervia de raiva. David Catalão fizera com que perdesse o emprego e traíra a confiança do irmão. E agora, estava de volta, como se nada se tivesse passado.

O aparelho começou a tocar novamente. Perturbada, a jornalista fitou o visor. Não iria aguentar e estava pronta a dizer ao cunhado umas verdades. No entanto, a sua disposição mudou rapidamente ao perceber de quem provinha a chamada. Tratava-se da sua editora.

Em Amesterdão, Afonso acompanhou o passo do POC, que seguia à sua frente, cuidadoso, a caminhar devagar, em direção ao centro da Praça Dam, como se fosse um felino faminto que acabara de sinalizar a sua próxima presa. Apressadas, algumas pessoas iam passando por eles, andando rapidamente, em direção à próxima ligação viária, desejosas de se refugiarem em casa.

Ao longe, junto ao obelisco, Gabriel falava com um homem de tez morena e excesso de peso, cuja idade deveria rondar os 50 anos. Era difícil de dizer. Já anoitecera completamente. Alguns metros atrás, um estudante de aspeto latino continuava a ler e, numa posição algo afastada, mas igualmente vigilante, uma rapariga loura fantasiada de mimo com um telemóvel na mão ia registando tudo, presumivelmente divertida.

Trouxe o dinheiro?, ouviu o POC pelo auricular.

S... Sim, gaguejou Gabriel.

Quanto?

Um milhão de euros, como pediu.

E o quadro? É esse embrulho que tem debaixo do braço?

Sim.

Abra-o.

Como?

Abra o embrulho. Quero vê-lo, para ter a certeza de que é autêntico.

Juro que é. Apenas não quero que as outras pessoas o vejam. Poderão reconhecê-lo.

Se esse Rembrandt não for o original, ameaçou a voz de Jamil, prometo que assim que sair daqui, a primeira coisa que farei é denunciá-lo à Polícia. E se o dinheiro estiver a menos, então, nesse caso, volto para trás, tiro-lhe a merda do quipá e faço-o engoli-lo até sufocar.

Não fiz mal nenhum, bradou o rabino.

Exceto roubar um quadro.

Não o roubei! Foi-me oferecido, como forma de pagamento.

Vai tudo dar no mesmo.

Isto não é justo. Por que motivo não posso ficar com o quadro, se já vou dar-lhe o dinheiro?

Não tem o direito de decidir as regras. O Gabriel é o criminoso e eu sou o juiz. Se digo que vai entregar-me o quadro e dar um milhão de euros, então, se não quer ir parar à prisão, só lhe resta aceitar.

A alguns metros de distância, a assistir ao diálogo entre os dois homens enquanto caminhava devagar para eles, Afonso suspendeu momentaneamente a respiração, vendo o rabino tirar a mochila das costas e entregá-la ao árabe. De seguida, atingido por um surto emocional, rasgou violentamente o papel pardo que embrulhava a pintura, expondo a obra-prima de Rembrandt.

O POC, que seguia à frente do professor, começou a correr para os dois. Já tinham provas suficientes para incriminar Jamil. Ao mesmo tempo, o som de uma mota a acelerar ouviu-se na praça, enquanto os dois elementos mais jovens da equipa deixavam os disfarces e se preparavam para apoiar o seu líder.

Afonso foi para segui-lo, mas, repentinamente, sofreu um encontro violento de um homem qualquer de cabelo escuro que passou por ele, vestido com um casaco comprido de corte elegante. Desequilibrrou-se e caiu.

Estatelado no empedrado, só teve tempo de se aperceber de um elétrico a sair de uma das ruas e a confluir para o obelisco. Junto ao monumento, o rabino Gabriel continuava a discutir com Jamil, resistindo a entregar-lhe o quadro. E o POC corria para eles.

O árabe parou de falar e olhou em frente, para o homem que se aproximava, apercebendo-se de que fora atraído para uma cilada. A carruagem do elétrico entrou finalmente na praça e, por fim, o rugido de uma mota cruzou o largo.

De seguida, o impensável aconteceu.

— Estou sem palavras. Nunca pensei que isto pudesse vir a acontecer — observou Diana, sentada no escritório do marido.

Ao lado dela, Rodrigo, que parecia pouco entusiasmado com a cópia, puxando os óculos para cima com as duas mãos, perguntou-lhe, cochichando:

– Vamos à América?

– Apenas pediram a tradução de um excerto – avisou Marta Alencar, a editora da jornalista, parecendo que adivinhava a curiosidade do menino. – O livro está a correr bem, mas é importante que não crie demasiadas expectativas. Já estamos publicados noutras línguas e o sucesso não vem assim, repentinamente.

Um grupo internacional de publicações descobrira o livro de Diana através da edição espanhola e manifestara interesse. Por enquanto, não passava disso, mas era um bom prenúncio e uma motivação para ela, agora que queria começar a escrever um novo.

– Sei – admitiu a jornalista, apontando para o caderno do sobrinho, instigando-o a concluir o trabalho de casa. – Apenas acabei de ter uma conversa desagradável com o meu cunhado e sinto-me feliz por ter algo bom pelo qual ansiar.

– A propósito, como vai o seu próximo livro?

– Bem – pigarreou Diana, mentindo. – Desculpe-me, Marta, acho que estou algo constipada. São estas mudanças de temperatura do fim do inverno, sabe como é.

– Oh, trate-se – aconselhou-a a outra mulher. – Quero-a em excelentes condições para escrever o seu novo êxito. Vai ser mais um grande *best-seller*.

A jornalista fez um sorriso amarelo e lá arranjou forma de se despedir. Olhou para Rodrigo, cujo lápis já voltara a garatujar sobre as linhas das páginas do caderno, e abraçou-o pelos ombros estreitos, tentando não o perturbar. De seguida, fitou o documento aberto no computador portátil. O cursor continuava a piscar.

Há alguns meses que tentava novamente contactar o *Cardeal*, o assassino cuja história de vida iria inspirar o seu próximo livro. Recorria exclusivamente à forma como se tinham conhecido, através do *TOR*, o

navegador que dava acesso à *Dark Web*, um conjunto de redes cifradas escondidas dos utilizadores comuns da *internet*, que funcionava como um mercado negro digital, onde tudo o que era ilegal, proibido e condenável poderia ser encontrado. O seu problema era que ele nunca mais lhe respondera. Há mais de um ano que não o fazia. Recusava-se sequer a supor que pudesse ter morrido. Não podia ser.

Ao lado dela, Rodrigo levantou as mãos no ar, satisfeito por acabar a cópia. Diana sorriu-lhe e ajudou-o a arrumar os lápis e os cadernos. Poderia ir ver um episódio da sua série infantil preferida, enquanto ela acabava de preparar o jantar.

O menino saiu do escritório com a mochila às costas mais rápido do que um foguete. A jornalista fitou pela última vez o documento aberto. Só escrevera aquela página. Depois, fechou-o e procurou pensar em algo que a deixasse a sentir-se melhor. Pelo menos, o seu livro atual estava a correr bem e quem sabe, a primeira tradução nos Estados Unidos da América viesse a caminho.

Mal podia esperar por contar ao marido.

Ele ficaria tão contente.

Estação Central de Amesterdão, Países Baixos

Na Mesma Noite

Afonso permaneceu parado diante da fachada de tijolo vermelho-escuro do grande entreposto ferroviário da cidade. Já passava das onze horas da noite e não existia quase mais ninguém por ali, exceto ele e os dois jovens que o acompanhavam. O professor não tinha os óculos no rosto. A cara magra e seca continuava pálida, e os olhos castanho-escuros haviam perdido qualquer tipo de brilho.

Ao seu lado, a rapariga que se fizera passara por mimo colocou-lhe respeitosamente a mão sobre o ombro, tentando incentivá-lo. Ele fitou-a casualmente, sem deixar de reparar na sua maquilhagem esborratada e nas vestes de marinheiro sujas de sangue que tentava disfarçar com um casaco.

O falso estudante também se encontrava nas imediações. Corria, vindo do interior da estação com um bilhete na mão. Fechando os dedos em torno dos seus, entregou-lho. Estava ofegante, falando alto, tentando provocar nele uma reação que o resgatasse ao torpor no qual mergulhara.

Porém, nada seria capaz de fazê-lo naquele momento. O professor continuava refém do tempo, preso no passado, enquanto revivia freneticamente o que acontecera.

Algumas horas antes, depois de sofrer um encontrão violento, deitado sobre o empedrado da Praça Dam, Afonso içara o tronco, procurando não se perder. O POC corria mais à frente, na direção de Jamil e do rabino, que discutiam junto ao obelisco.

O árabe parara de falar e olhara para o homem de gabardina que se aproximava, apercebendo-se de que fora atraído para uma cilada. Agarrara na mochila e dera um puxão ao quadro, tentando arrancá-lo das

mãos de Gabriel. Em simultâneo, um elétrico entrara na praça e, por pouco, o agente do SIS passara à frente do comboio urbano.

Afonso vira a carruagem descrever um movimento circundante, tapando-lhe a visão, enquanto o motociclista que lhes dava apoio tentara rodear o elétrico. Mas quando a máquina passara, o professor só tivera tempo de ouvir um grito. Atacado pelas costas por alguém que se encontrava no interior do elétrico, o POC bradara e caíra no chão.

No meio de uma grande balbúrdia, o homem da mota lançara-se no encalço de Jamil, que desatara correr pela praça. Sem quadro e sem dinheiro, Gabriel levava as mãos à cabeça, desnortado, enquanto o falso estudante deixava cair no chão o aparelho onde lia e a rapariga que se fizera passar por mimo abafava um grito de terror, começando a correr.

Quando Afonso conseguira levantar-se e chegar ao pé do POC, já o homem clamava por ar, com golfadas de sangue a virem-lhe à boca, sufocando-o. Os dois jovens, que choravam, apoiavam-no debilmente, sem saber o que fazer, enquanto as outras pessoas que andavam por ali desatavam a fugir, subitamente conscientes do atentado que acabara de ocorrer na sua presença.

Ao fundo, furioso, o motociclista abalroara Jamil, saltando para cima dele, antes que o árabe se metesse por uma transversal. Gabriel ficara petrificado. E no elétrico que se afastava, uma mão recolhera uma faca ensanguentada.

O professor sentira o desespero evidente nos olhos cinzentos do POC, enquanto o homem se agarrava aos poucos segundos que tinha de vida. O rosto transpirava e a gabardina ia-se manchando de sangue, ao mesmo tempo que o rapaz e a rapariga tentavam desesperadamente mantê-lo confortável.

– A... Afonso... – gaguejara ele, ofegante.

– Estou aqui.

– Afonso... Por favor... Por favor...

– Sim, diga-me o que fazer – pedira-lhe o professor, sentindo, tal como os dois jovens, a emoção a tomar conta de si. – Quero ajudá-lo.

— Por favor... Por favor, fale com o meu filho e... diga-lhe... diga-lhe que eu... peço perdão.

Afonso ficara estarecido, sem saber como haveria de lhe responder. Como todos, estava em choque. Ainda tentara acalmá-lo, mas fora em vão.

De seguida, uma névoa baça cobrira os olhos cinzentos do POC.

Deixara de pestanejar. Já não respirava.

Na praça que antecedia a estação central de Amesterdão, sentindo os dedos do jovem em torno dos seus, o professor Catalão aceitou o bilhete que ele lhe dava para as mãos e tentou reagir. Não sabia como. Ainda se sentia incapaz de compreender o que acabara de acontecer.

— Está na hora — admoestou-o o rapaz. — Entre no edifício e siga as indicações até à plataforma. O comboio para Paris está quase a partir. Depois, terá uma ligação para Madrid e, em seguida, Lisboa. Vai demorar mais de um dia a chegar a casa, mas é mais seguro assim, do que por avião.

Afonso anuiu, sentindo-se perdido, e os olhos voltaram a fugir na direção das roupas ensanguentadas da rapariga. Como é que aquilo acontecera? Quem fora aquele assassino no interior da carruagem do elétrico?

— Onde... Onde está o rabino Gabriel? — balbuciou ele.

— A salvo, na sinagoga. O AIVD tomará medidas para que se mantenha em segurança e que nada de mal venha a acontecer-lhe.

— E o Rembrandt?

— Felizmente, não ficou danificado com a escaramuça na praça — explicou o jovem. — Será entregue às autoridades. Provavelmente, daqui a uns tempos, regressará ao museu de onde foi roubado.

— Quem é você? — perguntou-lhe subitamente o professor. — Ou você? — repetiu, dirigindo-se à rapariga.

As lágrimas subiram aos olhos dela, que fez um esforço por armar um sorriso, ainda que débil.

– Conhece-me bem e há vários anos, Afonso. Sou a estudante que passa por si e deita um copo de papel para um caixote de lixo, para dar o sinal de que se encontra bem. E ele, é meu colega.

– Onde está o homem da mota? Ou a mulher da bicicleta?

– A salvo. Ela vai neste momento a caminho de Portugal e ele está com os holandeses, a limpar a trapalhada da praça. Somos todos velhos conhecidos.

– E... *ele*? – conseguiu perguntar, sem no entanto encontrar forças para dizer o seu nome. – O que é feito *dele*?

Uma lágrima grossa manchou ainda mais a maquilhagem do mimo. Não era pintada; demonstrava somente todo o seu pesar pela perda do homem que lhe ensinara tudo.

– O POC morreu – admitiu ela. – Era assim que ele gostava de ser tratado.

Afonso anuiu, tolhido pela dor que sufocava dentro do peito. Precisava de ouvi-lo da boca de outra pessoa para se consciencializar de que era mesmo verdade. Os dois estavam constantemente a agredir-se verbalmente, mas desde o dia em que se tinham conhecido que se sentira sempre ligado àquele sujeito frio.

– E eu? O que faço agora?

– Irá para casa, dedicar-se à sua família, ao seu livro e aos seus alunos. Necessitará de fazer um esforço, mas irá esquecer-se do Rembrandt, dele, e de nós.

O professor respirou fundo e inalou um pouco do ar frio da noite. Amsterdão adormecia nas suas costas, despedindo-se de si, mas não poderia deixar de se sentir mais desperto do que naquele instante. A imagem dos olhos do POC a perderem o brilho não lhe saía da cabeça.

Aceitou o bilhete e deu o primeiro passo em direção ao esquecimento. Ao fim de alguns segundos, entrava na estação central e, antes de desaparecer, olhou para trás. Os dois jovens já não se encontravam na praça.

Ele faria o mesmo. Seguiu em frente, rumo ao oblívio.

Museu Nacional, Amesterdão, Países Baixos

Três Meses Antes da Morte de Adam Immanuel

Um táxi encostou ao passeio e as pernas longilíneas de uma mulher, decorosamente tapadas por uma saia travada dois dedos abaixo do joelho, revelaram-se, saindo para o exterior. O seu acompanhante, um homem alto e elegante, juntou-se a ela e os dois atravessaram o bonito jardim que se via à entrada do edifício vermelho, de decoração gótica e renascentista, enquanto o automóvel arrancava.

O casal entrou no túnel, com o cabelo dela, claro, quase louro, a ondular suavemente sobre as costas, ao som do troar que os seus sapatos altos faziam pisando o empedrado. Fardado com uma camisa azul-clara e uma gravata escura, o funcionário do Museu Nacional dos Países Baixos, mais conhecido por Rijksmuseum, fitou-os, assim que se aproximaram. Estavam encerrados, o que só poderia significar uma coisa; tratava-se de uma visita privada. Deitou um vislumbre à lista que lhe fora cedida pela direção e alvitrou um nome.

– Conti Baresi – corrigiu-o Sofia, ao ser chamada apenas pelo apelido do ex-marido.

– E o senhor deve ser...

– Adam Immanuel.

O segurança ficou a olhar para o casal. Faziam um par bonito e atraente, mas havia qualquer coisa de especial nele, como se o seu rosto lhe fosse familiar. Talvez fosse da badana de um livro? Ele não o confirmou. Mantendo um ar praticamente altivo, seguiu para o interior, acompanhando a mulher.

Os dois atravessaram calmamente o átrio, apesar da curiosidade de um ou de outro funcionário que andava por ali. O telhado de vidro deixava

passar alguma da luz do dia, que se refletia sobre uma jarra enorme, cheia de tulpas vermelhas, que existia ao centro, no meio da ilha que compunha a receção.

Em seu redor, ao alto, viam-se galerias, com arcos redondos, ou janelas retangulares, perfeitamente ordenados, que sobressaíam no meio do tijolo e conferiam àquele espaço, primordialmente destinado a receber os visitantes, um ambiente acolhedor e aprazível.

Contudo, não era o caso do casal. Sobretudo ela — que não se tratava de uma mera interessada, em busca de satisfazer a curiosidade, ou só de passar algumas horas na companhia de algumas das obras de arte mais belas do mundo —, conhecia bem o espaço e sabia ainda melhor o que a levava até ali.

Sofia guiou Adam na direção das escadas. Velados pelos vitrais, o par percorreu silenciosamente os dois lanços de degraus até chegar ao segundo piso, onde se localizava a coleção do século XVII, dominada pelas peças de Vermeer e Rembrandt. Um cartaz alusivo ao restauro de *A Ronda da Noite*, uma das obras principais do mestre barroco, antecedia umas portas de vidro.

Terminado em 1642, o quadro, cujas dimensões poderiam ser descritas simplesmente como monumentais, fora, setenta anos mais tarde, recortado, particularmente no lado esquerdo, para poder ser colocado em exibição numa parede mais pequena.

Baseando-se numa cópia do original pintada na época por outro artista, Gerrit Lundens, o Museu Nacional dos Países Baixos recorrera à Inteligência Artificial para recuperar a paleta de cores, precisão da perspetiva, o tipo de estrutura e a técnica de pintura que Rembrandt usara, replicando o estilo do artista. O resultado final, um óleo sobre tela com três metros e setenta e nove centímetros de altura por quatro metros e cinquenta e três centímetros de comprimento, que retratava a Guarda Civil de Amesterdão, sob o comando do capitão Frans Banningk Cocq, encontrava-se finalmente exposto.

Sofia ignorou o cartaz e abriu as portas envidraçadas. Ela e Adam foram acolhidos por um corredor enorme, em tons de madrepérola, que fez o escritor recordar-se do teto em abóbada de ventilador da capela de King's College. Naquele caso, tratava-se apenas de uma passagem, da qual saíam pequenas alas, que albergavam os quadros.

Penduradas nas paredes azuis, algumas das mais belas obras de arte que o homem poderia ter o privilégio de contemplar, observavam-nos, em quietude. Pinturas como *A Leiteira*, *O Retrato de uma Menina Vestida de Azul*, *Autorretrato como Apóstolo Paulo*, *Os Síndicos*, *A Queda do Homem*, *O Massacre dos Inocentes*, ou *O Cisne Ameaçado* iam passando por eles, até que o som que os sapatos altos da mulher faziam enquanto andava cessou subitamente.

Sentindo-se maravilhada, com dificuldade em esconder o êxtase, Sofia contemplou o quadro. Ali estava ele, a atração mais recente do Rijksmuseum, regressada finalmente às origens depois de ter sido roubada. Vestidos sumptuosamente, um homem e uma mulher inclinavam-se ternamente na direção um do outro. Ele abraçava-a com carinho, enquanto ela tinha o olhar sonhador.

A italiana sobressaltou-se e desviou a atenção de *Isaac e Rebeca* ao ouvir o som de passos. Ecoavam ao longo do corredor vazio, aproximando-se dela. Virou-se e deparou-se com um homem *sui generis*, que vestia um fato de três peças, tinha uma idade avançada e que poderia descrever-se apenas como sendo grande.

De costas largas, um vestígio do seu passado de nadador olímpico, ostentava ainda um queixo duplo, que fazia questão de exibir bem barbeado, os maxilares vincados e uma farta cabeleira preta, cuja cor só poderia ser pintada. Tratava-se do diretor de coleção, um cargo que aceitara recentemente, depois de quase ter mergulhado na bancarrota a Academia Real das Artes de Londres.

— Sofia Conti — apresentou-se ela. — E este é o Adam, o meu noivo. Vamos casar-nos em outubro — acrescentou, revelando um sotaque inglês

tão perfeito quanto o dele, que era natural. A convivência recente aperfeiçoara a sua pronúncia.

Richard Waterhouse fez uma expressão simpática, secretamente incomodado pela masculinidade que emanava do escritor. Era uma pessoa que gostava de agradar, sempre preocupado com o que os outros pensavam sobre si. Sabia quem era a empresária italiana. Tinham-se cruzado em tempos, quando o ex-marido dela, horas antes de morrer dramaticamente na sua mansão no Lago de Como, roubara uma das peças mais valiosas do museu que ele na altura dirigia – o *Taddei Tondo*, uma composição circular de mármore, da autoria de Miguel Ângelo. Que tragédia.

– Já nos conhecemos – reparou ele.

O semblante de Sofia transformou-se. Muito mudara desde essa altura, mas no que dependesse dela, aquele homem tolo e ligeiramente afetado continuaria a vê-la como a mesma jovem delicada e ingénua que fora enganada por um ladrão de arte.

– É verdade – admitiu ela, sorrindo-lhe falsamente. – Como tem passado a sua esposa, a Catherine? Espero que já se sinta melhor.

Prisão Mista de Peterborough, Condado de Cambridgeshire, Reino Unido

Poucos Dias Depois

A mulher sentou-se na sala de visitas, permitindo que o Sol que jorrava pelos vidros das janelas a aquecesse. O cabelo claro reluzia sob a luz, enquanto aguardava pacientemente na cadeira. Fora à penitenciária sozinha e assim continuou, até que ela surgiu.

Acompanhada por um par de guardas prisionais, Lizzie apareceu à porta. Se sentiu alguma surpresa ao deparar-se com a sua presença ali, não a manifestou. Limitou-se a caminhar devagar até ela, arrastando os pés sobre a alcatifa azul-celeste.

O fato de treino cinzento estava-lhe extremamente largo e o cabelo, de tão curto que o cortara, fazia com que parecesse um rapazinho. Nunca fora uma mulher grande. Com uma compleição franzina, destacara-se sempre pela fragilidade, como se fosse uma peça de porcelana delicada que a qualquer instante pudesse quebrar-se. O mesmo não poderia dizer-se da pessoa que naquele dia decidira visitá-la. Apesar da voz aguda e instável, a sua personalidade era forte e coriácea.

Susanna Perkins, a diretora da Biblioteca de Wren, em Trinity College, deixou-se ficar sentada e fitou a mais nova dos irmãos Emanuel. O cabelo liso, fino como espigas de trigo, adornava-lhe os ombros. A pele branca e bem hidratada, à qual não faltava uma boa dose de base, resplandecia. E os olhos azuis brilhavam intensamente, por trás dos óculos redondos.

Era uma mulher bonita, com ares de intelectual, que, se não fosse pela baixa estatura, quase poderia personificar as fantasias masculinas mais ousadas, associadas para sempre às pacatas bibliotecárias. Lizzie manteve-se em silêncio, sentindo-se ligeiramente incomodada. Trabalhara sob as

suas ordens até ao dia em que fora presa pelo homicídio da tia, Laura, mas as duas nunca haviam mantido uma relação amigável, o que transformava aquela visita num momento inusitado e com pouco sentido.

– Elizabeth Ann... – frisou Susanna, como se finalmente constatasse um facto incontestável. – Como tens passado?

A rapariga, que até suportava quando a tratavam pelo primeiro nome, mas que detestava a composição com o segundo, tentou camuflar a irritação. Desde o primeiro dia que entrara em Peterborough que a vida lhe corria mal, sofrendo constantemente abusos, infligidos pelas outras reclusas. A sua antiga diretora, por mais antipática que fosse na altura, fazia-a recordar-se do mundo no qual vivera antes de ir ali parar. Por isso, achou que o melhor que poderia fazer era mostrar-se minimamente simpática.

– Bem, obrigada.

– Deves estar a perguntar-te por que motivo vim visitar-te.

– Não costumo ter visitas.

– Ninguém?

– Não. A última pessoa que cá veio foi o meu irmão, há cerca de um ano. Desde essa altura que me encontro completamente sozinha.

Susanna anuiu silenciosamente, parecendo fazer uma associação qualquer que Lizzie não compreendeu. De repente, passou os olhos pela alcatifa e, sentindo-se incomodada, resfolegou. Era de uma tonalidade realmente irritante.

– Então – recomeçou ela, sem evitar uma vibração intensa na voz –, não fazes mesmo qualquer ideia da razão pela qual pedi para falar contigo?

– Não, mas para dizer que sente saudades do meu trabalho não deverá ser.

A bibliotecária riu-se e deitou a mão à mala, do interior da qual retirou um conjunto de cadernos e um estojo de lápis. Recordava-se de que Elizabeth Ann gostava de ir para a beira-rio, à hora de almoço,

aproveitando o tempo livre para tomar notas sobre os livros que lia. Ao fundo da sala, uma das polícias agitou-se e arrancou, decidida, na direção das duas mulheres.

— A prisão não permite lápis cá dentro — explicou a rapariga, entregando imediatamente à guarda o estojo. Virou-se novamente na direção de Susanna e acrescentou: — São pontiagudos, se é que me percebe.

— Desculpa, Elizabeth Ann. Não me lembrei disso.

— Não tem importância. Só o facto de me ter trazido cadernos já me faz sentir mais contente. Obrigada.

— Deixam-te ler, aqui dentro?

— A prisão tem uma biblioteca, mas a maior parte dos livros que lá existem são antigos, os quais já li.

— Da próxima vez que cá vier, trago-te um novo. Qual é o teu autor preferido?

Lizzie fitou-a. Além da promessa implícita de um regresso, havia mais no comportamento de Susanna que reconhecia como sendo pouco habitual. As duas tinham-se dado mal durante praticamente todo o tempo em que haviam trabalhado juntas, na Biblioteca de Wren, e aquela condescendência parecia deslocada.

Por outro lado, a sua visita fazia-a recordar-se da vida da qual fora privada. Fantasiava frequentemente com o que deixara para trás, cheia de saudades de sair diariamente de casa, pegar na bicicleta e pedalar pela cidade de Cambridge, até entrar no recinto de Trinity College.

Adorava passar pelas galerias dos claustros, admirando o relvado verdejante do pátio interior, ao mesmo tempo que sonhava com as histórias dos livros que levava de braçado. Mas, aquilo que sempre lhe parecera o início perfeito do seu dia, rapidamente se transformara constantemente num pesadelo, com a sua chefe, que chegava sempre antes dela, a recebê-la com um rol enorme de imposições, exigências e responsabilidades.

Por isso, Lizzie acabou por não responder diretamente à questão que lhe fora colocada pela bibliotecária. Conhecia-a bem e, apesar de julgar que a mulher fora uma das pessoas que se regozijara ao tomar conhecimento da sua detenção, havia algo no seu olhar que dizia o contrário, o que era surpreendente. A bem da honestidade, resolveu atalhar caminho e perguntar-lhe, afinal, o que queria ela:

– Diga ao que veio, Susanna. Decerto que não quererá candidatar-se ao lugar de diretora desta biblioteca.

– Não.

– Então, o que deseja de mim?

– Comprei o apartamento onde vivia o teu irmão – confessou ela, falando apressadamente.

Lizzie ficou calada. De facto, recordava-se vagamente de Adam lhe ter dito que tentaria livrar-se dele, quando ali fora visitá-la, antes de partir.

– Estava com um preço acessível, apesar do homicídio.

– Pensava que as cenas de crime desvalorizassem o preço de uma casa.

– Não – esclareceu a bibliotecária. – Normalmente, até aumentam, sobretudo quando alguém tão famoso e mediático como o teu irmão está envolvido. As pessoas sentem curiosidade e os preços acabam por ficar inflacionados.

A rapariga anuiu. Na verdade, não queria saber. Adam fora taxativamente claro quando a abandonara, cerca de um ano antes, naquela mesma sala de visitas. No que dependesse dele, ela bem que poderia apodrecer ali dentro.

– Não há nada que queiras perguntar-me, Elizabeth Ann?

– Não – respondeu ela, sentindo-se irritada.

– Então, e se eu te contar tudo o que precisas de saber para conseguires sair daqui?

Lizzie estremeceu repentinamente. Ao que se referia ela?

– Vivo no apartamento há mais de dois meses e, entretanto, descobri algo que poderá vir a ser do teu interesse.

– Diga... Porque é que está a fazer isto?

– Quero ajudar-te, mais nada.

– Porquê?

– Porque sim. Gosto de cumprir com o meu dever enquanto cidadã.

– Qual seria, neste caso?

– Contar a verdade. Não deixarei uma pessoa inocente fechada para sempre numa penitenciária.

Os olhos castanhos de Lizzie rejuvenesceram. Seria mesmo verdade? Poderia Susanna proporcionar-lhe uma hipótese real de sair dali?

– Diga-me o que sabe, por favor.

A bibliotecária fez uma curta pausa, como se estivesse a necessitar de ganhar coragem. Depois, disse de um só fôlego:

– Elizabeth Ann, sei quem matou a tua tia. E uma coisa posso garantir... – assegurou, assertivamente. – Certamente não foste tu.

Kent, Londres, Reino Unido

Quando Adam Immanuel Tinha 14 anos

Os dedos de Elizabeth continuaram a deslizar suavemente, enquanto o bico da esferográfica que segurava pintava palavras sobre a folha de papel. Sentada à escrivaninha do quarto, a mulher levantou ligeiramente a cabeça, parecendo-lhe que ouvira um barulho suspeito. Fora impressão sua.

Uma tempestade abatia-se sobre a cidade. Decorria o mês de novembro. A chuva caía torrencialmente e os ramos das árvores agitavam-se, balouçando sem norte ao sabor do vento. A mulher fitou a pintura a óleo que tinha exposta num cavalete simples, no quarto. Tratava-se de uma cópia em ponto pequeno de *A Adoração dos Reis Magos*, que ela própria replicara.

Não era uma artista dotada. A sua admiração pela arte não passava disso mesmo, de um sentimento de gratidão pelo talento de outrem. Todavia, aquele quadro incipiente fora pintado por si, o que lhe dava um significado ainda maior. Tal como a história bíblica que personificava, para ela, era sinónimo da sua verdade.

Elizabeth regressou à carta e palavras ardentes de amor começaram a fugir-lhe da esferográfica, escritas em linhas regulares e perfeitas, tal como era a sua paixão. A relação extraconjugal que mantinha com John Ashton-Davies durava há quatro anos, desde aquela noite de Natal em que se haviam reencontrado na capela de King's College.

Ainda tinham tentado resistir; respeitar o matrimónio de cada um. Mas o desejo arrebatador que sentiam um pelo outro fora mais forte e desde então que se encontravam, em quartos de hotel, ou pensões baratas, sempre que conseguiam. Não eram amantes, mas muito mais

que isso — de uma certa forma, eram o marido e a mulher que cada um reconhecia ter perdido dentro do próprio casamento.

Elizabeth voltou a ouvir um barulho estranho, diferente dos que eram produzidos pela tempestade. Levantou novamente a cabeça e olhou em redor, percorrendo o quarto. Eram quase horas de jantar. Thomas, o esposo, ainda não chegara a casa, e Lizzie e Mark, que viera visitá-los numa folga do seminário, encontravam-se no andar de baixo, a ler, junto à lareira. Mas onde andaria Adam?

A mulher reparou finalmente numa sombra atrás do cortinado. Levantando-se rapidamente, urgiu para ele e afastou aparatosamente o tecido, deparando-se com o filho do meio. O adolescente, que não reagiu com surpresa por ser apanhado, encarou-a, com os olhos verdes muito abertos enquadrados pelo cabelo cheio de caracóis.

— O que estavas a fazer aí atrás?

Adam não lhe respondeu. Ao contrário de Lizzie, que se mantinha franzina, ele crescera imenso nos últimos quatro anos e estava agora praticamente da altura da mãe, que para uma mulher, até poderia ser considerada relativamente alta.

— Estavas a espiar-me?

— Que carta é essa, que escreves?

Um ramo que se soltara de uma árvore embateu repentinamente contra a janela do quarto, sobressaltando Elizabeth. Mas o susto foi passageiro, porque rapidamente se recompôs, sentindo-se incomodada pela afronta do filho.

— Como é que te atreves? Vai para o teu quarto — ordenou-lhe. — Estás de castigo.

— Já fiz 14 anos. Não tenho idade para ser castigado.

— Vai para o teu quarto, agora, Adam!

O rapaz fincou os pés no soalho do quarto e traçou as mãos sobre o abdómen, desafiando claramente a mãe. Recusava-se a sair. Passara de uma criança irritante a um adolescente malcriado, difícil e arrogante.

— Sei para quem é essa carta que escreves com tanto afinco.

— Tem tento nessa língua, meu menino.

— É para ele, para o outro — acusou-a Adam, levantando a voz. — Quando o pai chegar a casa, contar-lhe-ei tudo. És uma adúltera!

Elizabeth ficou sem reação ao ouvir aquelas palavras saírem da boca do filho. Mas rapidamente despertou quando ele arrancou, decidido, em direção à escrivaninha.

— Não! — gritou ela, vendo-o deitar a mão à carta.

— Vou guardá-la e entregá-la ao pai. Vai saber tudo sobre ti.

— Dá-me a carta, Adam — ordenou ela, descontrolando-se. O marido não poderia saber da sua infidelidade. Morreria de tamanha vergonha.

Pelo contrário, o rapaz afastou-se, começando a ler com um tom de voz zombeteiro:

— Meu querido John. Foi há apenas dois dias que nos separámos, mas parece-me que passou uma eternidade. Sinto a falta dos teus braços...

As lágrimas marejaram os olhos de Elizabeth, deslizando-lhe subitamente pelo rosto, em catadupa. Não conseguia ouvir aquelas palavras a brotarem dos lábios do filho. Como é que tão grande desgraça acontecera? Como sairia ela daquela situação? Porque fora tão frágil e cedera ao desejo?

No entanto, ele não parou. Prosseguiu, escarnecendo da mãe, como se daí retirasse um prazer mórbido:

— Sinto a falta dos teus braços em redor do meu corpo despido, acariciando-me, enquanto fazes amor comigo. Quem me dera ter sido tocada assim desde sempre. Porque não podemos estar juntos? Sinto um peso tão grande no meu coração.

Elizabeth parou subitamente de chorar e agarrou-se ao cavalete do quadro. Necessitava de se apoiar em alguma coisa. Sentia-se ofegante e sem forças. Curvada, com os olhos raiados de sangue, fitou o filho, que continuava a sua recitação hedionda, sem a poupar.

— Dá-me a carta, Adam — implorou-lhe ela, em voz baixa, enquanto um clarão fortíssimo inundava o quarto. — Por favor.

Mas ele continuou a ler o texto que a mãe escrevera. Tornava-se mais denso e, claro, muito mais íntimo.

— Por favor, dá-me a carta — soluçou ela, destroçada. — Prometo que contarei tudo ao teu pai, mas terás de deixar que seja eu a fazê-lo.

— Não.

— Imploro-te. Para de ler e dá-me a carta. Tens a minha palavra.

O rapaz observou-a com os grandes olhos verdes. Eram de uma expressividade enorme, mas, se naquele momento sentia alguma compaixão pelo sofrimento e humilhação que acabara de infligir à mãe, não a revelava.

— Não — voltou a responder-lhe. — És uma adúltera, uma meretriz vulgar, uma mulher ordinária que manchou esta família e eu hei de fazer questão que todos venham a sabê-lo.

Elizabeth largou o cavalete e fitou o filho do meio. Enraivecida, deu-lhe uma valente bofetada.

Sentado no sofá, com a lareira acesa a crepitar diante dele, Mark Emanuel ouviu um som incharacterístico proveniente do andar de cima, mas ignorou-o. A tempestade que naquela noite se abatia sobre Londres era violentíssima, sendo natural haver algum barulho em casa. O seminarista, que apesar do sacerdócio iminente era um homem muito bonito, fez uma festa no cabelo da irmã e os dois voltaram a concentrar-se na leitura.

Lizzie estava no chão, com um livro de Charles Dickens aberto e *Bubbles*, o gato, no colo. Continuava inseparável do animal, que envelhecera. A pelagem começara a branquear, revelando umas manchas cinzentas aqui e ali, e a vontade de sair de casa, e conseqüentemente de ao pé dela, era pouca. Preferia dormir, de preferência num local quente, a salvo da chuva e do vento.

O som de vozes altas chegou à sala. Simultaneamente, um trovão mais forte ribombou perto dali, abalando a casa, ao mesmo tempo que a enchia com uma luz de um branco intenso.

Bubbles soltou um miado e saltou, correndo para debaixo da mesa, em busca de proteção. Aflita, Lizzie estremeceu, procurando conforto na presença do irmão. Adorava neve, mas detestava vento e chuva, que a deixavam ansiosa. E de onde vinham aqueles gritos?

— Anda comigo, bolota — pediu-lhe Mark, oferecendo-lhe a sua mão, enquanto se levantava do sofá. Parecia ter ouvido a voz da mãe.

Os irmãos começaram a subir as escadas, chegando rapidamente ao primeiro andar. As palavras que Adam e Elizabeth trocavam tornaram-se nítidas, à medida que os dois avançavam ao longo da balaustrada de madeira, rumo ao quarto. A porta encontrava-se entreaberta e, por uma fresta, viram a mãe esbofetear o irmão.

Enquanto outro relâmpago inundava a casa, Lizzie levou a mão à boca por reflexo, tentando conter a sua surpresa. Mas o choque foi ainda maior, quando Adam, revoltado, se atirou à mãe, agredindo-a.

— Mas o que vem a ser isto? — gritou Mark, irrompendo pelo quarto.

Elizabeth debatia-se, tentando defender-se do ataque vil do filho, mas o rapaz, cheio de força como o adolescente saudável que era, conseguiu dominá-la, preparando-se para lhe bater. A mulher foi salva pelo primogénito, que se colocou entre os dois, separando-os, enquanto parte do vestido da mãe se rasgava aparatosamente.

Adam soltou-se dos braços do irmão e agarrou em *A Adoração dos Reis Magos*. Antes de sair, sorriu na direção da mãe. Tratava-se de uma declaração de intenções.

— Não — pediu-lhe ela, desesperada, antevendo o que sucederia. Conseguia ver a maldade no seu olhar. — Detém-no, Mark. O teu irmão vai destruí-lo.

Mas o jovem, que ainda não descortinara o que acontecera no quarto, ficou parado, sem saber o que fazer. Adam saiu e empurrou Lizzie, seguido poucos segundos depois pela mãe.

Elizabeth ainda quis ajudar a filha a levantar-se, mas quando chegou à balaustrada, viu o filho do meio a bater com a pintura a óleo contra a madeira, ficou desesperada e correu para ele.

Os dois voltaram a envolver-se fisicamente, com o som da trovoada que desabava sobre o telhado a abafar o choro de Lizzie. A mãe tentou tirar o quadro das mãos de Adam, mas, acidentalmente, quando deu um puxão mais violento, acabou por largá-lo, embatendo violentamente contra as colunas. Um trovão estrondoso ribombou e um espasmo de luz incandescente entrou pela casa.

Ofegante, com o cabelo encaracolado em desalinho e os olhos verdes esbugalhados, ele fitou a mãe, que se equilibrou por pouco, segurando-se, antes de cair. No chão, Lizzie soluçava e foi então que Mark apareceu.

O rapaz viu o irmão mais velho à porta do quarto. Sem reação, chocado pela violência da cena familiar à qual acabara de assistir, ainda segurava o pedaço de tecido que rasgara acidentalmente do vestido da mãe, quando tentara defendê-la.

Os olhos verdes e profundos de Adam Emanuel fitaram a tira de algodão. De seguida, deu um passo em frente e empurrou a mãe contra a balaustrada.

Livro Terceiro

Mise-en-Scène

(nome feminino)

direção artística; montagem; cena principal de um filme;
encenação.

Kent, Londres, Reino Unido

Quando Adam Immanuel Tinha 14 Anos

Thomas Emanuel saiu apressadamente do automóvel, protegendo a cabeça da chuva que caía com força com a pasta de trabalho. Eram horas de jantar. Abatia-se sobre Londres uma tempestade violenta, com vento, precipitação e trovoada, a fustigarem barbaramente a cidade, o que o fazia ansiar pelo momento em que pudesse refugiar-se no ambiente quente e acolhedor da sua família.

O homem abriu o portão e correu pelo pequeno jardim, ensopando rapidamente o sobretudo. Finalmente a salvo sob o alpendre, sacudiu a água dos ombros e limpou os sapatos no tapete, enquanto fazia rodar a fechadura da porta.

Foi recebido por um ambiente estranho, assim que entrou em casa. Apenas se ouvia o som da tempestade a atacar as paredes e as janelas, e o miado de *Bubbles*, que surgiu, caminhando devagar, com o rabo alçado. Um relâmpago repentino entrou pela porta aberta e iluminou o vestíbulo. O gato trazia as patas sujas de sangue.

Alarmado, urgiu para o interior, seguindo a luz que provinha da sala. Assim que lá chegou, conteve um grito de terror, ao deparar-se com o corpo de Elizabeth estatelado no chão. Tinha uma perna dobrada e os braços numa posição estranha, desarticulada. Uma poça grande e vermelha crescia sob ela.

– Foi ele! – ouviu dizer uma voz.

Thomas olhou para cima e viu Adam, apontando para Mark. O jovem segurava um pedaço de tecido.

– Foi ele – acusou-o o irmão. – O Mark atacou a mãe. Os dois discutiram e ele empurrou-a.

O seminarista reagiu finalmente e avançou para Adam, ameaçando-o. Era uma pessoa pacífica, que escolhera viver segundo o chamamento que sentira, e tinha dificuldade em compreender toda aquela violência, à qual acabara de assistir.

— Ele vai matar-me — bradou Adam, para o pai. — Vai matar-nos a todos, para nos calar.

O rapaz deu um puxão na mão da irmã, que, quase sendo arrastada, foi a correr atrás dele, pelas escadas abaixo. Assim que lá chegou, escondeu-se atrás de Thomas, tentando proteger-se de Mark, que os perseguira.

— Pai... — explicou-se o mais velho dos irmãos, descendo o último degrau. — Eu... Não... Não tenho qualquer responsabilidade nisto.

— O que... — soluçou o homem, tentando proteger os dois filhos mais novos. — Por que razão é que tens na mão um bocado do vestido da tua mãe?

— Foi ele, pai, foi ele! — gritou Adam. — Temos de chamar a Polícia.

Mark ainda tentou justificar-se, mas o seu esforço foi em vão. Thomas deitou um último olhar ao cadáver ensanguentado de Elizabeth e começou a correr, em direção ao exterior, instigando Lizzie e o filho do meio à sua frente.

Quando o seminarista chegou à porta, já só teve tempo de os ver partir. O pai ajudara os irmãos a entrar para o carro e, mesmo antes de se sentar no lugar do condutor, *Bubbles*, o gato, saltara também, seguindo-os. O automóvel arrancava desvairadamente, deixando o jovem à chuva, no jardim, com um pedaço do vestido da mãe na mão.

Thomas conduziu furiosamente, tentando que o carro se agarrasse à estrada. A água corria como um riacho sobre o alcatrão, tornando a aderência ainda mais difícil. O homem sentia o coração a bater descompassadamente e um nó enorme na garganta, sendo incapaz de falar. Não sabia o que pensar acerca do que vira em casa.

Até ali, Mark revelara-se um filho exemplar, que só o enchera de orgulho. Gostava de dizer aos amigos o quão corajoso se mostrara ao

assumir que desejava deixar os estudos de Literatura Inglesa e ingressar no seminário. Nunca pensara que fosse capaz de matar a mãe. Como é que uma tragédia daquelas acontecera? Em sua casa?

O homem desconhecia a verdade, mas tinha uma convicção. Precisava de ir a uma esquadra da Polícia e pedir ajuda. Não sabia o que fazer, ou o que diria, quando lá chegasse, mas sentia essa necessidade. Era a única ação plausível. No entanto, uma dúvida assombrou-o repentinamente. Se houvesse uma hipótese remota de Mark estar mesmo inocente, o que queria isso dizer? Então, quem empurrara Elizabeth?

Thomas espreitou pelo espelho retrovisor. Estranhamente, os dois filhos não iam abraçados, como seria de esperar, numa situação em que, segundo o que Adam relatara, deveriam estar acoçados, a precisar de proteção e conforto. Não, mantinham-se separados, sentados no banco de trás, com Lizzie agarrada a *Bubbles*, enquanto olhava, receosa, na direção do irmão.

O carro mudou subitamente de faixa, perdendo a aderência ao alcatrão. O homem agarrou-se ao volante, tentando controlá-lo, até conseguir endireitar novamente a direção. Respirou de alívio e voltou a fitar o espelho retrovisor. De repente, o gato saltou do colo da filha e avançou para cima dele, que deu uma guinada.

O automóvel despistou-se e começou a ziguezaguear pela estrada, no meio da tempestade. Por fim, não fez uma curva e seguiu em frente, embatendo violentamente contra um muro alto.

Apenas Adam e Lizzie Emanuel sobreviveram ao acidente.

Dorsoduro, Veneza, Itália

Dois Meses e Meio Antes da Morte de Adam Immanuel

O casal emergiu do pequeno lanço de escadas que subia a partir do ancoradouro e começou a atravessar a praça, carregando atrás de si um par de malas grandes, que aparentavam ser pesadas. O sol do entardecer descia sobre eles, projetando-se no chão através das árvores, como se fosse um jogo de luz e sombras.

Paralelamente, o condutor da embarcação que os trouxera desde a estação ferroviária de Santa Lucia afastou-se, navegando devagar pela água escura, enquanto rumava de regresso ao Canal Grande. O homem, ao passar rente às paredes húmidas do palacete, franziu o sobrolho e benzeu-se. Fê-lo três vezes. De seguida, perderam-no de vista.

Pouco incomodados, Sofia e Adam continuaram a andar em direção à Casa Dario. Regressavam naquela tarde de uma viagem que durara quase três semanas e que incluía várias idas a Amesterdão e Londres. O escritor conseguira concluir no fim do ano anterior o argumento que tanto desejava acabar. A mudança para Veneza fora benéfica, inspirando-o como ele julgara que já não seria possível, e o filme entrara rapidamente em produção.

A passagem pelo Reino Unido tivera que ver com isso. As gravações haviam terminado e o estúdio desejava discutir com ele a estratégia promocional que iriam seguir, uma vez que, como o livro fora publicado somente um ano e meio antes e continuava a gerar novas edições e traduções, a história estava ainda muito presente no coração das pessoas.

As expectativas eram elevadas. Esperavam que *A Morte do Papa* tivesse um impacto grande no circuito comercial. Era um filme para massas,

sobre um tema polémico, que seria suficiente para suscitar muita discussão e curiosidade.

Nem sequer o afastamento do projeto de Ellis Bloom, o editor da edição original do livro, ensombrara a produção. Hollywood estava alerta e a participação no filme de uma modelo famosa só iria aguçar a curiosidade. A Working Title acreditava que tinha em mãos um futuro sucesso comercial e o homem que o escrevera e adaptara para cinema receberia todo o reconhecimento.

A hipótese de um ou outro galardão fora inclusivamente discutida. A temporada de prémios aproximava-se, com todos os grandes nomes a posicionarem-se estrategicamente. Quanto a eles, seriam cautelosos, e para já começariam por uma antestreia no sempre mediático Festival Internacional de Arte Cinematográfica da Bienal de Veneza. Um Leão de Ouro seria não só um arranque triunfal, mas também a consagração do grande Adam Immanuel.

Quanto à passagem por Amesterdão, essa estivera relacionada com Sofia. Richard Waterhouse, o novo diretor de coleção do Museu Nacional dos Países Baixos, aceitara o repto que lhe lançara e, brevemente, acompanhado por Catherine, a esposa, viria passar uma temporada ao palacete.

As obras tinham terminado, mas apesar do restauro exterior, muito ainda havia por fazer lá dentro. As paredes verde-marinho e púrpura das divisões principais continuavam despidas, por decorar, e ela contava com o bom gosto e contactos do homem para remediar isso. Tinha sonhos deslumbrantes para a *Cà* Dario, vendo-a, um dia, como a derradeira morada de um acervo artístico excecional.

Fazia-lhe bem regressar. Havia algo em Veneza que não encontrara em mais lado nenhum. A mansão de Como, que se mantinha à responsabilidade de Francesca, a empregada, era lindíssima, com uma vista desafogada para o lago que faria inveja a qualquer pessoa, mas viver lá tratara-se de uma opção do ex-marido, e não sua.

No entanto, fora ela quem escolhera a Casa Dario. A cidade era incomensuravelmente bela, com as embarcações a motor que navegavam nos canais a conviverem harmoniosamente com as gôndolas, e as ruas antigas, praticamente medievais, cheias de pessoas. Mas não era apenas isso que a atraía naquela antiga colônia de leprosos e mercenários. Era essencialmente a recordação de si mesma que lhe trazia, a reminiscência da sua vida em Roma, na casa da avó, quando não passava de uma funcionária simples de uma embaixada pobre.

Adam e Sofia foram atendidos à porta por Maria. A rapariga vinha vestida com um avental preto com renda branca, algo que a patroa não escolhera, nem sequer aprovava, mas que ela preferia usar. Deu-lhes as boas-vindas e ajudou-os com as malas, caminhando cuidadosamente sob o olhar curioso de *Leonardo*.

O tigre da Sibéria estava deitado ao longe, com o pelo listrado a reluzir sob o sol quente, com um ar pachorrento de quem acabara de jantar. Giuseppe, o tratador, que na realidade era natural de Treviso, uma localidade pequena, não muito longe de Veneza, localizada na parte continental de Itália, aceitara mudar-se temporariamente para o anexo do palacete. Ele e o animal dividiam os dias entre exercícios de obediência e agilidade. Para o homem, aquele felino com mais de trezentos quilos, por muito ameaçador que pudesse parecer a alguém que não estivesse familiarizado com ele, não passava de um gato grande.

Quando entraram em casa, Sofia e Adam foram diretamente para o primeiro andar. Ela sentia os pés massacrados pelos sapatos altos que usava e ele precisava de retribuir um *e-mail*. Apesar de ter terminado o seu principal trabalho, o argumento do filme, nos últimos meses, o britânico mantivera-se ocupado.

Escrevera um conto, que submetera a uma revista norte-americana que ainda lhe devia uma resposta, e preparava uma coletânea de poesia, com alguns carmes que recuperara da altura em que era jovem. Também aceitara ministrar umas aulas e palestras sobre Literatura na

Universidade de Pádua, a mais conceituada que existia nas imediações de Veneza.

Adam pegou no telemóvel e, lendo melhor o *e-mail* que recebera do reitor, dirigiu-se à varanda. Colocou no rosto os óculos escuros e recostou-se numa espreguiçadeira, com a vista da praça e dos telhados do Dorsoduro diante dele.

No andar de baixo, Maria, a jovem empregada, limpou as mãos a um pano de cozinha e olhou, satisfeita, para o jantar. Conseguiu preparar a refeição a tempo, mas ainda faltava um par de horas até à altura de servi-la. Ficaria a apurar.

Sofia costumava refugiar-se no quarto depois de chegar de viagem, ou mesmo tomar um banho demorado, que a ocuparia até ao fim do dia. A rapariga olhou para o relógio de parede e retirou apressadamente o avental. Aquela era a sua oportunidade. Num passo curto, dirigiu-se à porta e saiu. A patroa não daria pela sua falta.

Deitado na varanda, Adam desviou momentaneamente a atenção do telemóvel, vendo Maria atravessar a praça. O corpo escanzelado da empregada bamboleava-se, desaparecendo e ressurgindo entre as árvores, coberto somente por um *top* branco e uma saia curta. O cabelo comprido chegava-lhe ao fundo das costas.

O escritor britânico ficou a vê-la enfiar-se numa ruela e desaparecer. Indeciso, respirou fundo e levantou-se. Encontrou Sofia com o cabelo enrolado numa toalha e um robe vestido. Ao fundo, vindo da casa de banho, ouvia-se o som da água a correr, enchendo uma banheira.

— Aonde vais? — perguntou-lhe ela.

— Dar uma volta — explicou ele. — Talvez vá até ao Caffè Chioggia ou a Riva degli Schiavoni — acrescentou, referindo-se à marginal da Praça de São Marcos. — Costuma ser muito bonito a esta hora do dia.

— Estarás em casa a horas de jantar?

— Sim, certamente.

— Se houver alguma coisa para comermos — comentou ela, com um tom mordaz. — Com a Maria, nunca se sabe.

Adam fez apenas um esgar, algo que nem sequer se poderia dizer que se assemelhara a um sorriso. De seguida, sem se despedir da noiva, saiu.

Fondamenta di Cannaregio, Veneza, Itália

Naquela Tarde

Apoiada no sopé dos degraus que davam acesso à Ponte de Guglie, Maria alisou com uma das mãos o cabelo escorrido, tentando esticá-lo mais. Andavam por ali alguns turistas, que a olhavam disfarçadamente, enquanto outros apenas a ignoravam, sentando-se numa das esplanadas sobranceiras ao canal, contemplando o efeito do pôr do sol sobre a água.

Apesar de aquele bairro, que englobava o gueto judaico, onde a sua família vivia, ser dos mais tradicionais de Veneza, há muito que ela se habituara à curiosidade dos transeuntes. Desde jovem que recebia esse tipo de atenção e já não se sentia sequer incomodada. Apenas lhe importava a sua felicidade, independentemente de quem tivesse de sofrer para alcançá-la.

De pé ao seu lado, uma estudante universitária morena, de cabelo encaracolado, cuja etnia judaica era evidente no tom de avelã da pele e no formato exótico dos olhos, agitou-se, sentindo-se impaciente. Giorgia continuava a ser a única confidente que Maria mantinha desde o tempo da escola. Fora chamada — *talvez convocada fosse a palavra mais adequada*, pensava naquele momento a jovem — para a acompanhar no encontro.

Não sabia há quanto tempo durava o assédio, ou sequer quem o iniciara, se ela, ou o desconhecido. Mas aquele compromisso junto à ponte seria a primeira ocasião em que Maria e o homem com quem vinha recentemente a namoriscar por mensagens se conheceriam e, considerando as experiências anteriores, era melhor que a amiga não estivesse sozinha.

Apesar das diferenças, não conseguia separar-se dela. Conheciam-se desde a infância, quando costumavam brincar juntas na praça e ela lhe

emprestava as suas bonecas às escondidas sob o olhar reprovador dos seus pais. Era uma pessoa diferente, que já mais do que uma vez a agredira verbalmente, sempre que se sentira dececionada, descarregando em si as suas frustrações, mas, mesmo assim, isso não fazia com que esquecesse os seus olhos doces e a personalidade frágil. Queria protegê-la, porque no fundo a amava, nem que isso fosse um mero sentimento tolo sem qualquer tipo de conotação adicional.

Giorgia reparou na forma impaciente como Maria desbloqueava constantemente o telemóvel. Mexia ansiosamente no aparelho com os dedos macilentos, consultando a cada minuto a aplicação das mensagens, esperançosa de que pudesse ter recebido uma nova.

— Estás certa de que ele virá? — perguntou-lhe. Não duvidava dela; somente não queria que sofresse mais.

— Sim.

— Mas não passam já vinte minutos da hora?

— Ele disse-me que chegava hoje de viagem. Poderá ter-se atrasado.

— E nesse caso, não te avisaria?

— Deve estar ocupado. Não tarda nada, aparece, vais ver.

— E tu, não estás atrasada? A esta hora não deverias estar a trabalhar? —

Giorgia abriu as mãos, fazendo um gesto abrangente, na direção dos turistas que se sentavam nas esplanadas, apreciando um bom prato de massa com marisco. — São horas de jantar.

— Não — riu-se Maria.

— És impossível — suspirou Giorgia. — Ainda vais meter-te novamente em sarilhos.

— Desta vez, será diferente.

— Porque é que tens tanta certeza?

— Sei lá. Só o sei. Ele é mais educado do que os outros. Respeita-me.

Giorgia, que nunca tivera um namorado, olhou desconfiadamente para a amiga. Havia ali um padrão. Como qualquer pessoa com uma vida secreta, Maria recorria frequentemente a aplicações eletrónicas para tentar arranjar um relacionamento.

Dizia-se que serviam para isso, mas numa sociedade tão aberta como a contemporânea, sobretudo perante alguém com as suas características, o que os homens queriam era um encontro de cariz sexual. Quando chegavam ao pé dela, sentiam-se muitas vezes iludidos por ela, pensando que seria algo que ainda não era.

Claro que, nessas alturas, a decepção era grande. Alguns iam-se simplesmente embora, embaraçados; outros gozavam com a situação, com ela, acima de tudo; e alguns tinham inclusivamente sido agressivos, ao ponto de uma vez Maria chegar ao pé de Giorgia com o nariz a sangrar. Fora esmurrada em plena rua.

A jovem universitária tinha a certeza de que a amiga ainda era virgem. Se não fosse o caso, ela ter-lhe-ia dito. Existia esse tipo de intimidade entre ambas. No entanto, fosse pelas roupas diminutas, como pelas trocas ousadas de mensagens que mantinha com aqueles homens que muitas vezes nem sequer uma fotografia de rosto lhe mostravam, a amiga parecia decidida a alterar rapidamente a sua condição.

— Acho que deverias ir-te embora. Ele não vem — tentou fazê-la compreender. — Provavelmente, desistiu da ideia, ou atrasou-se mesmo e logo remarcará noutra ocasião.

Assim que a rapariga acabou de proferir aquelas palavras, uma campainha evadiu-se do telemóvel, iluminando o ecrã do aparelho.

— Vês? — observou Maria, com um ar muito altivo. — É ele. Eu bem te disse que ele não me enganaria.

— O que é que diz a mensagem?

A amiga levantou o telefone, impedindo Giorgia de a ler.

— Oh... — lamentou-se ela. — Pede que te vás embora. Está aqui perto, mas como te viu junto a mim, sente-se envergonhado. É tímido, coitado.

A rapariga exalou, traçando os braços e revirando os olhos:

— Sim, é um coitado. Que conveniente.

— Vai-te embora.

Giorgia sentiu um baque no peito. A amiga não percebia o risco que era encontrar-se assim, com um estranho, sem ninguém de confiança

presente?

– Estás louca?

– Vai-te embora, por favor, ou ele não aparece.

– Tu não conheces este homem.

– E ele também não quer conhecerte. Não penses que vais roubar o meu namorado. Vai-te embora!

Giorgia foi invadida por um sentimento de grande decepção. Como é que Maria podia acusá-la de uma coisa daquelas? Ela é que lhe pedira para a acompanhar e agora, enxotava-a, como se fosse um cão vadio, que já não quisesse ter por perto. Decidida, arrancou para fora dali. Não queria saber do que lhe aconteceria.

A rapariga deixou-se estar encostada ao sopé das escadas até ver a amiga desaparecer, serpenteando furiosamente entre os turistas que jantavam sossegados a contemplar o pôr do sol sobre o canal, acabando por enveredar pelo túnel que dava acesso ao gueto judaico. Deixada finalmente a sós na *fondamenta*, o nome que os italianos davam às ruas que eram atravessadas pelos canais, pegou no telemóvel e digitou rapidamente uma mensagem. Ele já poderia vir.

Cerca de um minuto depois, a figura bem-vestida de um homem surgiu no seu campo de visão, oriunda de São Leonardo, uma zona de ruas comerciais repleta de pequenas lojas e cafés. Acenou-lhe, mostrando-lhe o telefone que tinha na mão. Era ele.

Maria não quis acreditar na sua sorte. Adorava-o. Era tão masculino.

Dorsoduro, Veneza, Itália

Naquela Noite

Adam chegou à *Cà* Dario consideravelmente mais tarde do que era esperado. No jardim, não viu sinais de *Leonardo*, que provavelmente Giuseppe guardara na jaula, e quando entrou na casa, o palácio pareceu-lhe mergulhado num silêncio assombroso, com as paredes verdes e púrpuras a refletirem as luzes que entravam pelas janelas da fachada que dava para o Canal Grande.

O escritor britânico subiu em silêncio até ao primeiro andar, sem se preocupar com o ranger dos degraus de madeira das escadas sob os seus sapatos. Encontrou Sofia deitada, a dormir, com um lençol de cetim a cobri-la.

Corria pelo quarto uma aragem ligeira, que fazia dançar os cortinados de linho, como se fossem bailarinas com vestidos redondos a dançarem só para eles e, ao longe, distantes, os sons de Veneza chegavam através da fresta que fora deixada aberta. Eram as vozes longínquas das pessoas que ainda andavam pelas ruas e as enchiam de vida, e o fluir da água, que se agitava, em tumultos, à passagem de uma qualquer embarcação.

Sofia despertou com a sua presença e levantou brevemente da almofada a cabeça, certificando-se de que era ele. Adam despiu a camisa, sentou-se na beira da cama, junto a ela, e acariciou-lhe um dos ombros. As mãos fortes deslizaram sobre a sua pele e puxaram uma das alças, desnudando-lhe o ombro.

— Não quero — respondeu ela, com um ar sério e a voz rouca.

O inglês fitou-a com uma expressão indecifrável. Conheciam-se há cerca de um ano, vivendo juntos praticamente desde então, naquela casa, mas ela ainda sentia uma dificuldade imensa em compreendê-lo. Era

impossível perceber o que estaria por trás do seu olhar penetrante, que segredos escondia, ou de quanta maldade seria ele capaz.

– Onde é que andaste?

– Por aí – respondeu Adam, com um ar contrariado.

– Por aí? É isso que tens para me dizer?

– Não sou tua propriedade, Sofia. Só porque vivo em tua casa, não significa que não possa ter liberdade.

A mulher apoiou-se contra a cabeceira da cama e fitou-o. Os olhos cor de mel revelavam sono e o cabelo estava ligeiramente despenteado. Já deveria ter-se deitado há algum tempo.

– O Richard e a Catherine chegam no fim da semana que vem. Ele enviou-me uma mensagem quando estava a jantar, a confirmá-lo. Vê se, pelo menos, tentas ser simpático.

– Sou-o sempre, minha querida.

– Isso não é verdade e se por acaso insistires em continuar com estas tuas saídas noturnas, com certeza que irão fazer perguntas.

– Não me parece que tenham alguma coisa que ver com isso. Serão visitantes e eu e tu os donos desta casa, ou não é verdade?

Sofia fitou-o. No quarto, exceto os sons distantes que o vento trazia da cidade, só se ouviu a respiração tensa de ambos. Adam fez uma nova investida e acariciou-lhe um dos seios por cima da camisa de dormir, voltando a puxar a alça.

– Onde estiveste?

– Eu disse-te. Fui ao Caffè Chioggia. Havia um concerto na Praça de São Marcos e acabei por me deixar ficar, a assistir. Mal dei pelo passar das horas.

– Então, teremos de lá levar o casal Waterstone. Deverão gostar.

– Não me parece que sejam um casal – insinuou ele, pressionando com mais força o seio. – Pelo menos, não como eu e tu.

– O Richard é um homem bastante singular. O que se passa entre eles não é da nossa conta.

– Dormirão no mesmo quarto?

– Não. Deixaram de fazê-lo há anos.

– É verdade que ela enlouqueceu?

Sofia semicerrou os olhos, tentando perceber aonde é que ele queria chegar. Pegou-lhe na mão e afastou-a de cima dela.

– Como é que soubeste disso?

– Andei a pesquisar na *internet*. O caso do roubo de *A Última Ceia* está por todo o lado. E há ainda aquele livro que ele escreveu, presumivelmente autobiográfico. É verdade que estás envolvida?

– Cuidado, Adam. Não comeces uma conversa que não tens a certeza de querer acabar.

– Como assim?

– Todos temos segredos. Tu, eu, e até a coitada da empregada.

Adam permaneceu em silêncio perante a referência a Maria. Não passava de uma tola. Por fim, levantou-se da cama e acabou de se despir. Foi à janela, deixando o corpo nu ser envolvido pelos cortinados. No fim, enfiou-se na cama.

– Não compreendo por que motivo convidaste os Waterhouse cá para casa.

– O Richard tem um sentido estético muito apurado. Irá ajudar-me a fazer a minha coleção.

– É por isso que queres casar comigo? Por causa de *A Adoração dos Reis Magos*?

– Nunca escondi de ti que tentei comprá-lo, no passado.

– Mas agora é meu.

– Nosso, querias tu dizer, meu querido. Ou tal como esta casa, tudo aquilo que é teu, não será em breve meu?

Adam, que estava a deitar-se, parou de fazê-lo. Os olhos verdes desviaram-se dos dela.

– Talvez devamos fazer um acordo.

– Certamente que sim. Seria insensato se alguém com o meu património e tu, com o valor de propriedade intelectual que tens, não

definíssemos muito bem o que pertencerá a cada um. Mas recuso-me a que o meu casamento se transforme num contrato.

— Concordo. No entanto, sou da opinião que teremos de salvaguardar algumas coisas. Da minha parte, gostaria de acautelar *A Adoração dos Reis Magos*. Sabes que significa imenso para mim.

— Pensei que se ficasses com parte da casa, eu ficaria com o quadro.

— Pensei melhor.

Sofia ainda foi para contra-argumentar, mas preferiu não o fazer. Era tarde e não desejava começar uma discussão. Deixou-o deslizar para o interior da cama e afastou-se, deitando-se também ela, virada para o outro lado.

Mas o inglês investiu repentinamente sobre a noiva, metendo-lhe a mão por debaixo da camisa de dormir até as suas mãos chegarem ao seu pescoço, que agarrou com força. Com o outro braço, baixou-lhe as cuecas.

— Sei que gostas — sussurrou-lhe ele languidamente ao ouvido, enquanto a possuía por trás.

O corpo da italiana ficou inerte, à sua mercê, movimentando-se ao ritmo do de Adam. Nada mais se ouvia no quarto, além do ranger da cama e dos sons que fugiam da cidade, trazidos pelo vento.

Os olhos de Sofia focaram-se nos cortinados. Tal como ela, iam e vinham, esvoaçando como dançarinas com vestes redondas, a ensaiarem um bailado grotesco. Quando Adam se satisfez, ficou simplesmente a escutar os sons da casa.

Era o ranger do soalho; o ar nas condutas; os bichos que habitavam dentro das paredes.

Os venezianos chamavam-lhe o local de não-retorno, porque acreditavam que a *Cà* Dario estava amaldiçoada. Nunca ninguém morrera ali dentro, mas dizia-se que os seus proprietários, por mais que mudassem ao longo dos anos, estavam destinados a sofrer uma grande ruína. Isso, ou a cometer suicídio.

Não lhe parecia que viesse a ser o caso dela, ou dele.

Mas, felizmente para Sofia, havia muitas mais formas de alguém morrer.

Dorsoduro, Veneza, Itália

Na Manhã do Dia Seguinte

O modo soturno como a noite anterior terminara parecia ter sido esquecido quando Sofia e Adam tomavam juntos o pequeno-almoço na varanda das traseiras da casa. Estavam os dois vestidos casualmente, ele com os óculos escuros no rosto, como fazia sempre que a claridade o incomodava, e ela com um vestido listrado de branco e castanho.

O verão chegara a Veneza, enchendo-a com a vida que lhe faltara durante os meses em que todos tinham sido obrigados a manter-se em reclusão. O céu estava azul e os telhados do *sestiere* de Dorsoduro resplandeciam. Tratava-se de um bairro relativamente novo, construído tardiamente naquelas ilhas altas, que fora buscar o nome ao subsolo rijo, mais consistente do que o dos restantes que formavam a cidade.

O casal tinha planos para passar o dia perto de casa. Sofia combinara um encontro com Stella, a embaixadora da Christie's em Itália, que se encontrava numa viagem pessoal à Bienal, mas que arranjava uma pequena abertura na agenda para falarem um pouco sobre uma peça, ou outra, que poderia ser do seu interesse. Já Adam, talvez pegasse no computador portátil e fosse para o Campo de Santa Margarida, uma praça localizada a poucos metros dali, com boas sombras e ainda melhores esplanadas, onde poderia instalar-se e escrever sossegadamente.

Enquanto Maria lhes servia sumo e presunto fresco que fora comprar a uma das mercearias locais, a mulher, que lia uma revista internacional enquanto comia, fitou demoradamente *Leonardo*. O tigre parecia estar algo ansioso, andando, irrequieto, em círculos, enquanto Giuseppe certamente limpava a jaula. Talvez o jardim fosse demasiado pequeno para ele. Quem sabe, deveria tentar ampliá-lo, ou então, fizesse bem ao

felino ir passar uns tempos a Como. Afinal, habituara-se à propriedade desde pequeno, quando era ainda uma cria.

— O que é isso? — perguntou-lhe o noivo, ignorando a empregada, que se debruçava sobre ele, servindo-o.

— Ao que te referes?

— Ao artigo que lê. Quem é esse homem?

Sofia fitou a revista. Ao distrair-se com a visão do felídeo, limitara-se a virar a página, sem reparar realmente no que se seguia ao que acabara de ler. Olhou melhor e viu a fotografia do meio corpo de um homem, talvez alguns anos mais novo do que eles os dois, vestido com uma camisola de gola alta, e um fundo negro por trás. O título dizia apenas «*A Paixão*, segundo Cristo. Como John Christ se tornou no novo autor que não poderá deixar de ler.»

— Quem é esse tipo?

A mulher passou a página. Na realidade, o texto pertencia a uma série de artigos dedicados cada um às cem pessoas mais influentes da atualidade.

— Este livro não é da tua editora? — perguntou ela, apontando para uma capa que se via no canto inferior direito. Era fabulosa, uma autêntica obra de arte.

Adam ficou em silêncio, revelando no olhar toda a estranheza que sentia. Sim, ausentara-se; precisara de fazê-lo, para poder voltar a escrever. Porém, quem era aquele sujeito? Observou melhor a fotografia. Tudo nele o imitava, desde a camisola, ao olhar angustiado.

— Conhece-lo? — insistiu ela, indiferente à sua perturbação.

— Não.

— Bom, diz aqui que é o novo autor revelação do Reino Unido.

— Quantos livros é que já escreveu?

Sofia hesitou, procurando a resposta no meio do texto. Até que concluiu:

— Apenas este, mas parece que já assegurou traduções em vários países e também irá ter uma adaptação para um filme.

— De que se trata?

— *Uma longa metáfora sobre a existência humana* — começou ela a citar —, *inspirada numa adaptação moderna do Novo Testamento, redigida com uma prosa arrebatadora e poderosa. Um verdadeiro triunfo.*

— O jornalista responsável pelo artigo escreveu mesmo isso?

— Não — explicou Sofia. — Este excerto é de uma transcrição de uma crítica da autoria de um tal Antonio Miller.

Adam emudeceu, secretamente possuído pela fúria.

— Não acredito nisto.

— Porquê?

Não era uma pergunta que necessitasse de uma resposta. Tratava-se de um dos críticos literários mais conceituados do Reino Unido. Um livro que integrasse a sua predileção tinha o destino feito. Um artigo assinado por ele, onde quer que fosse publicado, fazia a carreira de qualquer autor.

Curiosamente, sentira sempre uma indiferença assinalável à obra de Adam, algo que o incomodava. *Dor, Ira e Raiva*, os seus primeiros três títulos, o último dos quais lhe valera o Prémio Man Booker, para ele, nunca tinham chegado a existir, e quando Ellis, contra sua vontade, tentara que escrevesse uma revisão sobre *A Morte do Papa*, Miller aproveitara a oportunidade para o dizimar completamente. A palavra «açougueiro» surgira inclusivamente no texto.

— Esse homem odeia-me — comentou Adam, entre dentes. — Não me humilha mais porque não consegue.

— Achas que este artigo é uma afronta direta a ti?

— Há anos que o Ellis não consegue um autor como eu, que reúna tanto consenso e, mesmo assim, consiga ser comercial ao ponto de sustentar aquela editorazinha ridícula que ele faz de conta que gere. Não compreendo de onde é que surge este tipo, agora.

— Ouvi dizer que o mercado livreiro floresceu imenso em Inglaterra durante a pandemia. As pessoas aproveitaram o tempo que passaram em casa para regressar à leitura.

– Pois, parece que o fizeram à minha custa.

Sofia preferiu manter-se em silêncio. Conseguia perceber que ele fervia de raiva, inveja, ou um misto das duas. Maria ressurgiu na varanda e serviu-os outra vez, mas, involuntariamente, acabou por entornar um pouco de sumo sobre a mesa, que salpicou a camisola de Adam.

O escritor reagiu intempestivamente, empurrando-a enquanto se levantava, desaparecendo em direção ao interior da casa. Quando regressou, trazia o telemóvel na mão, percorrendo com grande frenesim a lista de contactos.

– O que estás a fazer? – perguntou-lhe Sofia, preocupada.

Adam não respondeu. Encontrou o nome que procurava e começou a chamada.

– Diz-me. Pareces alterado.

Ele esboçou um sorriso azedo quando foi atendido pela voz de uma mulher. Seria só uma questão de tempo, mas Ellis receberia o troco. Estava sedento de vingança.

Canal Grande, Veneza, Itália

Cerca de Dois Meses Antes da Morte de Adam Immanuel

Richard e Catherine Waterhouse chegaram ao início da tarde. Um táxi marítimo fretado por Sofia aguardava-os, ancorado placidamente no cais do Aeroporto de Marco Polo, algo que desde logo denunciou que não eram pessoas vulgares. Aterraram diretamente de Amesterdão, onde tinham agora uma casa junto ao Prinsengracht, numa das zonas mais requintadas e bem frequentadas da cidade.

O recém-nomeado diretor de coleção do Museu Nacional dos Países Baixos vivia o sonho. Ia todos os dias de bicicleta para o trabalho, onde entrava sempre com um lenço comprido bem enrolado à volta do pescoço a sobressair por dentro do seu casaco *Burberry*, trazendo na mão um copo de *latte macchiato*, com o seu nome escrito, de uma conhecida cadeia norte-americana de restauração. Depois, passava o dia a fazer propostas para novas aquisições, a escolher padrões para as alas, ou a ponderar arduamente sobre qual seria o tema da sua próxima exposição.

Poderiam parecer tarefas simples, que qualquer pessoa com um mínimo de bom gosto e olho para a arte conseguisse desempenhar. Mas uma instituição tão prestigiada como aquela só poderia merecer o melhor – ele – e tamanha exigência fazia-o regressar diariamente a casa completamente esgotado e exausto.

Daí que tivesse acolhido o convite de Sofia Conti com uma mente aberta, embora acrescida de uma boa dose de surpresa inicial, claro. Tinha sentimentos agrídoces relativamente à forma como o ex-marido dela o ludibriara, apesar de admitir que só o logro orquestrado por aquele milionário lhe proporcionara a oportunidade de lançar a sua

autobiografia. O público pedira-a; quisera saber. E ele tivera tanto que contar.

Mas o que acontecera no passado deveria ficar lá enterrado. Richard também cometera erros, alguns dos quais não se orgulhava particularmente. Outros não passavam de meros rumores vis e baratos, espalhados por aquela cambada de invejosos que rodearia eternamente o mundo da arte.

Portanto, resolvera dar uma oportunidade à colecionadora. O sol abrasador que se sentia desde o momento em que aterrara faria maravilhas à pele delicada e mimosa. Necessitaria de um creme hidratante com um fator de proteção tão elevado como quando ia para a neve?

Quem não se sentia tão deslumbrada com a decisão tomada do marido era Catherine, a esposa. A antiga curadora da Christie's era uma sombra da mulher que fora. O seu fracasso na recuperação da cópia roubada de *A Última Ceia* não só mergulhara a leiloeira britânica num rol de dívidas, como a derrotara completamente, ao ponto de se ter internado de livre vontade numa clínica de repouso.

Não chegara a recuperar completamente. Aquela que em tempos fora conhecida nos meandros do mundo da arte como a mulher com o par de pernas mais famoso de Londres, perdera décadas de vida e, apesar de não ter 50 anos, aparentava consideravelmente mais.

O corpo magro tornara-se mais seco. O cabelo louro e fino, de uma tonalidade tão clara que quase parecia branco, perdera força e vitalidade, sendo agora ligeiramente ralo, e os olhos azuis estavam constantemente vítreos, quase avermelhados, devido à quantidade absurda de sedativos que ainda tomava. A queda fora enorme, gigante, melhor dizendo.

Além disso, odiava Itália. Eram os homens atiradiços, que não podiam ver um rabo de saias, o cheiro constante a comida que se sentia na rua à porta de qualquer loja pela qual passassem, e, o pior de tudo, as temperaturas quentes. *Quem é que raio seria capaz de apreciar um bom chá*

e torradas com aquele calor sufocante?, pensava ela, enquanto o táxi os conduzia pelo Canal Grande.

Richard rejubilou ao passarem pela Ponte do Rialto, cruzando-se com um barco no qual uns homens descarregavam caixas cheias de marisco fresco. Sofia contratara-o para a ajudar a formar a sua coleção num palacete que restaurara recentemente e ele imaginava-se perfeitamente numa das varandas, ou no terraço, enquanto os dois e os respetivos cônjuges jantavam, a apreciar a vista deslumbrante para a cúpula bem iluminada da Igreja de Santa Maria da Saúde, ao som de um trecho de Vivaldi, a degustar um saboroso prato de peixe, acompanhado de um sublime vinho branco.

Veneza, na qual entrava pela primeira vez, era tudo e mais do que alguma vez ouvira dizer sobre ela. Inspirara odes e outros tantos clássicos da Literatura, mas nada se poderia assemelhar a ver pessoalmente aquela paisagem deslumbrante.

Gôndolas partiam das margens repletas de turistas, desprendendo-se corajosamente das paliçadas, enquanto se faziam ao canal; várias outras embarcações, desde os *ferries* de passageiros, às lanchas privadas, como a sua, iam-se entrecortando, navegando pacificamente naquelas águas calmas; e nas marginais, elementos da arquitetura gótica e renascentista, uns mais bem preservados do que outros, mas todos com uma plasticidade imensurável, davam-lhe as boas-vindas, desenhados perfeitamente nas fachadas dos edifícios. Sentia-se bem acolhido em Veneza. A cidade fora erigida para ele.

Uma casa pintada em tons de ocre surgiu adiante, depois de passarem a Ponte da Academia, em direção a Punta della Dogana. O táxi abrandou e, de repente, o casal deu por si num braço de água estreito e escuro, ao fim do qual se via luz. Uma rapariga esperava por eles, junto ao ancoradouro. Tinha o cabelo louro comprido, de uma tonalidade que poderia descrever-se como quase platinada, usava a farda de uma criada e o seu corpo era tão escanzelado que mais parecia o de um rapaz.

Maria apresentou-se como sendo a empregada da casa e ajudou o casal Waterhouse a subir para a praça. «É magnífica», comentou Richard em voz alta, admirando as copas altas e frondosas das árvores, enquanto a lancha que os trouxera se afastava, de regresso ao Canal Grande. Aquele largo clássico fazia-lhe lembrar um filme antigo com *La Lollo*, a alcunha pela qual Gina Lollobrigida se celebrizara, que ele ultimamente revira vezes sem conta, quando estava em casa e Catherine dormia, sedada, durante as noites frias de Amesterdão.

A atriz italiana, a sua preferida entre as grandes divas, fora considerada a mulher mais bela do mundo e, para ele, por momentos, pareceu-lhe que estava diante dela, num pátio intemporal qualquer, enquanto a puxava pela cintura e a beijava arrebatadoramente até a deixar sem fôlego. Ao seu lado, vendo-o com um sorrisinho parvo no rosto, Catherine pigarreou, entediada. Os donos da casa esperavam-nos.

Maria guiou-os ao longo da praça, passou o muro alto e levou-os através do jardim, onde não se via *Leonardo*. Era dia de visitas e Giuseppe achara que seria mais sensato se ficasse trancado. Assim que Richard entrou na Cà Dario e passou o vestíbulo, fez um gesto extravagante:

– *Madonna mia!* – clamou, dramaticamente, ao reparar na tonalidade púrpura de uma das paredes. E concluiu o seu raciocínio, pronunciando enfática e pausadamente cada uma das três palavras que se seguiram: – Adoro. Esta. Cor.

Sofia, que descia a escada, vestida com um macacão de linho listrado, amarelo-mostarda, acolheu o casal, dando-lhe as boas-vindas.

– Espero que a viagem tenha corrido bem.

– Foi horrível – lamentou-se Catherine, puxando de um cigarro.

– Importa-se de não fumar dentro de casa?

Adam apareceu logo atrás da noiva, perfazendo os degraus, vestido com uma camisa clara e uns calções, que lhe revelavam as pernas viris e bronzeadas. Deveria ter acabado de tomar banho, pois o cabelo

encaracolado ainda vinha húmido. Guardou o telemóvel no bolso e depois, fazendo um ar desinteressado, acrescentou:

– Não estamos acostumados ao fumo. E eu odeio o cheiro a tabaco.

A mulher observou-o de forma mortiça, com o cigarro por acender a cair-lhe preguiçosamente dos lábios. Guardou-o. Na verdade, só desejava um copo de água. Desde que fora internada que passara a padecer de enxaquecas, que naquela ocasião em particular estavam a atacá-la violentamente.

– Deve ser a esposa do Richard. – Sofia tentou apaziguar os ânimos. Nunca chegara a conhecê-la. – É um prazer tê-la em nossa casa. Quero que saiba que lamento profundamente o que o meu ex-marido lhe fez e que, na minha opinião, a Christie's cometeu um erro sem precedentes quando a dispensou.

»Ainda na semana passada, tentei comprar-lhes um vaso antigo e devo dizer-lhe que já estou farta de me colocarem tantas dificuldades. As coisas nunca mais foram as mesmas desde a sua saída.

Catherine fez um esgar, contraindo os lábios numa linha fina. Giancarlo Baresi destruía-a, levando para o seu caixão uma parte dela que julgava nunca vir a recuperar. De pouco lhe valia agora o que a sua viúva pensava. Os danos eram irreparáveis.

Vendo que ela não reagia, a italiana chamou Maria, que entretanto desaparecera, enfiando-se na cozinha. A empregada surgiu pouco depois, alisando o cabelo como se estivesse a penteá-lo.

– Por favor, ajuda a senhora Waterhouse. Dá-lhe tudo de que necessitar para que se sinta confortável e mostra-lhe o quarto, no andar de cima. Talvez se se deitar durante um pouco, comece a sentir-se melhor.

O telemóvel de Adam tocou subitamente. Vendo pelo indicativo que se tratava de uma chamada internacional, atendeu-a rapidamente. A conversa durou cerca de um minuto, o tempo suficiente para lhe colocar um sorriso de regozijo no rosto.

— Era a Working Title — disse ele, dirigindo-se a Sofia, ao terminar o telefonema. — O filme está pronto e a candidatura foi aceite. Vai mesmo a concurso.

— Parabéns — felicitou-o ela, afagando-lhe o braço.

Reparando em Richard, que continuava parado à entrada da sala, observando o casal, enquanto tentava perceber disfarçadamente o assunto da conversa, a empresária italiana satisfez-lhe a curiosidade:

— O Adam adaptou o seu livro mais recente e escreveu um argumento. O filme vai ter a antestreia no Festival de Cinema de Veneza.

— Que maravilha. Com quem é?

O escritor inglês, que quando o conhecera em Amesterdão, não gostara logo daquele homem cheio de tiques, e que para além do mais se sentira irritado por a noiva o ter convidado e à esposa para passarem ali uma temporada com eles, resolveu apenas ladrar-lhe um nome, só pelo prazer de testar a sua ignorância:

— Com a Geneviève.

— É verdade que vocês... — Richard achou melhor não terminar a frase, dada a presença de Sofia. — Oh, adoro-a. Não sabia que também representava.

— Foi a sua primeira experiência.

— Tenho a certeza de que estará fabulosa no papel. Vê-se logo o carisma de uma figura pública, quando passa a ser referida apenas pelo nome próprio. É como a Adele, a Madonna, ou a Mariah.

Adam foi para acrescentar algo, mas não conseguiu. O diretor de coleção tinha alguma tendência para não deixar falar mais ninguém.

— Que a rainha me coma e dê os restos aos cavalos! O que em nome de Deus é aquilo? — gritou ele, num tom de voz repentinamente excitado. O seu braço ia e vinha nervosamente na direção da parede, acabando por deixar dois dedos pousados elegantemente sob o duplo queixo.

— É... Não pode ser... Trata-se de um Rubens?

— Pertence ao Adam — explicou Sofia, fitando inexpressivamente *A Adoração dos Reis Magos*, a única pintura que existia na sala.

Nem sequer a pendurara, não querendo ofender o noivo. Tinha-a apenas encostada a uma das paredes, arrumada discretamente num canto.

– Julguei que... – gaguejou o homem – ... que se encontrava na capela de King’s College.

– Comprei-o – anunciou Adam, com uma expressão triunfante.

– É lindíssimo – admitiu Richard, aproximando-se da tela. – Acabou de me tornar a vida muito difícil, menina Conti. Não sei como farei para conseguir equiparar o resto da sua coleção privada a esta pérola da arte mundial.

– Trate-me por Sofia, por favor – pediu-lhe ela.

O impasse com Adam prosseguia sem qualquer alteração. A sua única esperança era que ele viesse a reconsiderar. Queria o quadro. Quem sabe a viagem a Londres que tinha marcada para os próximos dias lhe fizesse bem.

– Combinado – acedeu ele. Virou-se novamente para Adam: – Que significado tem para si este quadro?

– Os meus pais, sobretudo a minha mãe, venerava-o.

– O que lhe aconteceu?

– Morreu.

– E o seu pai?

– Morreu

– Ambos?

– Sim – admitiu Adam, com um ar lúgubre.

– Como? Pensei que ainda fossem jovens.

– A minha mãe caiu de um lanço de escadas e o meu pai faleceu num acidente de carro, quando ia buscar ajuda para salvá-la.

Richard foi para soltar uma nova exclamação, provavelmente de como aquela história era trágica, mas Sofia, sabendo que o escritor não gostava que se falasse no assunto, tentou desviar rapidamente a conversa, atraindo-o para o andar de cima, onde a esposa já deveria encontrar-se a

repousar. Cruzaram-se com Maria, que descia os degraus, depois de ajudar Catherine a instalar-se.

A rapariga deixou-os rapidamente a sós e dirigiu-se à cozinha. O jantar seria servido dali a poucas horas, para quatro pessoas; era melhor que começasse a trabalhar, para não se atrasar.

O seu telemóvel soltou um gemido. A rapariga largou imediatamente a tarefa em mãos e viu de quem provinha a mensagem. Era dele. Desconhecia porquê, mas naquele dia em particular, o homem com quem vinha a encontrar-se nas últimas semanas estava particularmente ansioso, chamando, precisando dela, mais do que uma vez.

Maria sorriu, sentindo-se desejada, e leu a mensagem. De repente, ruborizou-se.

Ele tinha um pedido especial a fazer-lhe.

Cannaregio, Veneza, Itália

Alguns Dias Depois

Maria foi vista pela última vez com vida junto à Ponte de Guglie, num fim de tarde em que alguma névoa ensombrou o canal e os turistas deambulavam sem rumo, ávidos de uma bebida refrescante que os salvasse daquele ar abafado. Disse à Polícia quem passou por ela, que a confundira com uma noiva católica, vestida de branco.

Segundo parecia, passara os dias que antecederam a sua morte a entrar e a sair freneticamente das lojas de alta-costura que rodeavam a Praça de São Marcos, à procura do melhor cetim. A rapariga fora sempre uma sonhadora, mesmo nos tempos que vivera como um rapaz.

Mario sabia desde criança que era diferente. Gostava de brincar com bonecas e odiava qualquer jogo que envolvesse uma bola. Enquanto crescera, a família, que seguia os preceitos severos da tradição judaica ortodoxa, tentara protegê-lo — do escárnio dos outros meninos; da incompreensão da comunidade; da própria vergonha que ele os fazia sentir.

Era o cabelo cada vez mais comprido, que insistia em manter liso, apesar dos caracóis rebeldes com os quais nascera. Eram as lentes de contacto, que passara a usar para poder dizer que tinha olhos verdes. Eram os ensaios musicais que fazia às escondidas, cantando quando se apanhava sozinho em casa, vestido com as roupas que conseguia roubar do armário da mãe. Eram os enchumaços que colocava sobre o peito, por dentro da roupa justa, a imitar uns seios protuberantes. Ou era a magreza extrema e os produtos adelgaçantes que usava, na esperança vã de esculpir melhor a sua silhueta. Havia ainda a maquilhagem cara.

Primeiro, começara por comprá-la com a sua mesada, indo furtivamente aos salões de beleza da cidade, onde era olhado de cima a baixo. Depois, quando os pais descobriram tudo e lhe cortaram o dinheiro, passou simplesmente a roubá-la, escondendo-a no sutiã de cada vez que ia ao supermercado.

Até ao dia em que foi apanhado. Na altura, Mario tinha 16 anos.

O pai expulsou-o de casa, aos gritos. Só cerca de trinta pessoas é que viviam no bairro judaico de Veneza, com eles incluídos, mas o homem fizera questão de que todos os vizinhos o ouvissem. Aquele não era o filho que ele e a esposa tanto tinham pedido a Deus. Sentiam-se embaraçados pela sua feminilidade ordinária, que nem tentava disfarçar, não sabendo como se comportar. Seria melhor assim. Estava entregue à própria sorte.

O rapaz obedeceu. Humilhado pela família, acabou por ser salvo por Giorgia, uma menina morena com olhos exóticos que desde pequena brincava consigo. De noite, passara a dormir no seu quarto, entrando à socapa, sem os pais dela saberem, pela janela que deixava entreaberta. De dia, vagueava pelas ruas, à procura de um emprego, acabando a pedir esmola.

Todos passaram a conhecer a história triste daquele rapaz efeminado. Troçavam dele, chamando-lhe *il effeminato*.

A transformação iniciou-se quando finalmente conseguiu arranjar um emprego. Começou por trabalhar para uma empresa de limpezas, que fazia serviço num hotel, onde a sua aparência invulgar, com o cabelo esticado e excesso de maquilhagem, rapidamente deu que falar. Por isso, assim que recebeu o primeiro ordenado, tratou de comprar uma peruca platinada, lentes de contacto novas e umas roupas condizentes. Quando não estava fardado, era um grande fã das minissaias. Um ano depois, colocou implantes mamários, que foi obrigado a retirar, porque o seu corpo franzino não aguentava o peso.

O tempo foi passando. Giorgia arranjou-lhe um quarto, perto da sua casa, nas imediações do bairro judaico, e as colegas do hotel, que

mudavam todos os meses, passaram a conhecê-lo somente como Maria. Nasceria homem, mas quem o visse, diria encontrar-se na presença de uma mulher. Ou, pelo menos, era assim que ele se idealizava.

Maria acabou por ser vítima dos seus sonhos. Na tarde em que desapareceu, fantasiou sobre a sua lua de mel durante mais de uma hora, o tempo que ele a fez esperar. O homem com quem vinha a encontrar-se nas últimas semanas fizera-lhe um pedido especial.

Normalmente, quando estavam juntos, costumavam ir passear um pouco para as *fondamentas* mais escondidas, enquanto comiam um gelado, ou bebiam um refresco. Ele era comprometido e precisavam de ter cuidado para não serem vistos juntos. Mas tomara uma decisão e estava pronto para dar o próximo passo. Queria que, daquela vez, o encontro fosse especial. Não aguentava mais de desejo. Precisava de desflorá-la.

Os transeuntes que deram o seu testemunho ao inspetor Guido Pelosi afirmaram ter visto vários indivíduos passarem por ela, junto à Ponte de Guglie. Alguns aparentavam ser turistas, outros seriam certamente locais, mas todos eles tinham uma aparência comum, confundindo-se com qualquer outra pessoa.

Houvera quem mencionasse um homem de barba; outros disseram que era alto e bem-parecido, mas na realidade ninguém conseguiu providenciar uma identificação que pudesse ser considerada coerente, porque ao fim de um certo tempo de a verem esperar, todos deixaram de prestar qualquer atenção àquela noiva abandonada.

Veneza era a cidade dos romance eternos, onde certamente não faltaria a mesma quantidade de deceções. A jovem de cabelo platinado, vestida de cetim branco, seria apenas mais um entre os muitos casos de desamores que ainda estariam por acontecer.

Maria viu-o chegar ao fim da tarde, oriundo de São Leonardo, como sempre. Vinha de mangas arregaçadas, revelando os braços fortes, tal como ela gostava. Ele cumprimentou-a com um elogio, admirando o

vestido, e ela sorriu-lhe perante o ramo de flores que recebeu. De seguida, conduziu-o atrás de si. Iria finalmente levá-lo até sua casa.

Os dois percorreram as ruelas sinuosas do gueto judaico, de mãos dadas, um anseio antigo que a jovem fez questão de cumprir. Havia qualquer coisa de redentor na passagem por aquele bairro de paredes velhas e degradadas com janelas de ferro, no qual nascera e de onde fora escorraçada.

Queria mostrar ao mundo todo o seu amor. O cabelo esvoaçava exuberantemente sob o véu comprido e as pregas do vestido acetinado ondulavam ao ritmo dos seus passos, parecendo-lhe que estava nas nuvens.

Contudo, o idílio foi breve e terminou mal.

Maria acolheu-o no quarto. Tímida, fitou-o com expectativa. Aquela seria a sua primeira vez e ela não sabia como se comportar, ou o que ele esperaria de si. Deixou-se ficar à sua frente, admirando a beleza do seu corpo, até o homem a puxar.

Pensou que iria beijá-la, mas acabou por empurrá-la para baixo, pelos ombros, obrigando-a a ajoelhar-se. Seria assim que tudo começaria. Pois que fosse. Abriu-lhe o fecho das calças. Amava-o e sentia-se certa de que o noivo a amava também.

O som do plástico a restolhar antecedeu o ataque. O homem enfiou-lhe um saco grande na cabeça e puxou-a para cima, apertando-o em torno do seu pescoço, privando-a de ar. Assustada, Maria tentou debater-se, mas era fisicamente muito mais frágil e acabou por ceder. Ele atirou-a para cima da cama, colocou o corpo em cima do dela e asfixiou-a até ela morrer.

Foi uma operação célere, meticulosa e bem planeada, executada por um homicida frio e sem escrúpulos. De seguida, com o transexual deitado sobre aquele colchão velho e imundo, o seu assassino extravasou toda a repulsa que sentia. Puxou o vestido para cima, rasgou-lhe as cuecas

com um só puxão e violou-a barbaramente, urrando como um animal a cada estocada violenta que dava, até ejacular em poucos minutos.

Numa das mensagens que tinham trocado, ela confessara-lhe que era virgem.

Obviamente, o único sangramento que existiu foi quando o homem sacou da faca e lacerou o seu sexo masculino.

De seguida, arranjou-a, deixando-a numa posição passiva, à disposição de quem mais desejasse aproveitar-se. Foi-se embora.

Finalmente, Mario seria para sempre Maria.

Gueto Judaico, Cannaregio, Veneza, Itália

Cerca de Quarenta e Oito Horas Depois

A morte do jovem transexual abalou a comunidade de Veneza. A cidade apresentava um índice baixo de criminalidade e, mesmo que um ou outro caso mais violento aparecesse ocasionalmente, na realidade, ninguém poderia estar verdadeiramente preparado para lidar com uma partida como aquela.

A família recebeu o corpo ao início da tarde, quase dois dias depois da hora do falecimento, tal como determinara a autópsia. A Polícia fora chamada ao quarto por um vizinho, que entrou em choque assim que, ao chegar a casa, regressando tardiamente do trabalho, se deparou com aquele cenário horrível, próprio de um livro de Dante.

Os exames forenses realizados não revelaram muito mais do que o esperado — fibras de algodão, amostras de células epiteliais, pelos púbicos e sémen —, que de pouco serviram ao inspetor Guido Pelosi. Não existiam quaisquer suspeitos com os quais pudessem tentar encontrar uma correspondência.

O assassino revelara ser um homicida experiente, provavelmente habituado a conviver com a morte, em mais do que uma das suas formas. Deixara vestígios, sombras do que era, mas nada que pudesse ser associado a ele.

Giorgia, uma jovem que estudava na Universidade de Veneza, que rapidamente se percebeu ser a única amiga da vítima, relatou à Polícia que Maria conhecera um homem por intermédio de uma daquelas aplicações informáticas para relacionamentos, que ultimamente estavam cada vez mais na moda. Mas os agentes da Polícia vasculharam todo o

quarto e inclusivamente o prédio, e nunca conseguiram descobrir o telemóvel. Certamente fora levado pelo assassino.

Entretanto, também não surgiu ninguém que conseguisse fazer um relato credível de como seria a fisionomia do seu agressor. Algumas pessoas admitiram recordar-se de ver uma noiva sentada nos degraus que davam acesso à Ponte de Guglie, na marginal do Canal do Cannaregio. Mas ao fim de algum tempo, durante o qual ela continuara fielmente à espera, haviam-se simplesmente cansado e tinham passado a ignorá-la. Poderia ter sido abordada por uma miríade de homens, que ninguém repara especialmente em nenhum.

O momento da entrega do corpo à família foi o mais doloroso de todos os que Guido teve de suportar naquelas quarenta e oito horas. O pai, que usava um chapéu preto e vestia um fato da mesma cor, com meias brancas, e calçava um par de sapatos antiquados, ficou de pé, à entrada da sinagoga, vendo o caixão chegar. Até que os *peots* começaram a baloiçar e ele soçobrou, destroçado, agarrando-se à madeira a chorar.

Depois de se recompor, ele, a esposa e a jovem Giorgia ficaram encarregados de lavar e purificar o cadáver. Fora uma vida curta, marcada pela diferença, mas apesar de estarem dilacerados, sentiam que era seu dever entregá-la a Deus.

A tradição mandava seguir o Livro de Eclesiastes – assim como viera, assim partiria. Para os judeus, a passagem tem um tratamento semelhante ao que é dado aos recém-nascidos, que devem ser imediatamente lavados quando saem do útero, para que fiquem fisicamente limpos e espiritualmente puros. Acreditam na imortalidade da alma, no mundo que ainda estará por vir e na ressurreição dos mortos.

Por isso, o pai, envergando um *tallit*, começou por lavar o corpo, enrolando-o numa mortalha branca e devolvendo-o ao caixão de pinho. Tomada por um carpido agoniado, a mãe colocou a mão sobre o pano e começou a recitar em aramaico a oração da *kaddish*:

– Bendito sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do Universo, o verdadeiro juiz.

De seguida, o marido, pesaroso, cortou parte da lapela do fato que vestia, do lado do coração. A vida fora inglória para a filha, mas ainda mais para ele, que teria de lidar com a culpa de a renegar, só porque ela se recusara a trair a sua verdade. Giorgia colocou-lhe três pedras que apanhara no largo do gueto velho – uma no olho esquerdo, outra no direito, e finalmente, nos lábios. Depois, fechou-se o caixão.

Durante o século XVI, o Conselho dos Dez, decretara que todos os judeus deveriam ficar confinados à ilha de Cannaregio. O quarteirão estava isolado do restante *sestiere* por dois canais largos e o acesso às pontes era controlado pela guarda cristã. O bairro passou a ser apelidado de *ghetto*, por ser a palavra italiana para fundição, a fábrica que outrora ocupara o local, uma nomenclatura que acabou por se alargar a todos os enclaves judaicos espalhados pelo mundo.

Contudo, o isolamento que caracterizou o nascimento daquela região não se manifestou quando, cinco séculos mais tarde, chegou o momento de se despedir de uma das suas filhas. Ao sair da sinagoga, os seus habitantes acolheram-na, como se nunca tivesse saído dali.

Um grupo de «chapéus negros», a designação informal para os *haredim*, os judeus ultraortodoxos, pegou no caixão e começou a transportá-la. Seria levada para o cemitério, localizado na ilha funerária de São Miguel. O jazigo já fora preparado, ficaria numa avenida de cedros altos e era simples. Por baixo da estrela de David, a inscrição diria apenas Maria.

Sofia e Adam ficaram à porta da sinagoga, esperando no Campo do Gueto Novo que o caixão saísse. Tinham sabido da morte da rapariga quando o inspetor Guido Pelosi fora à *Cà* Dario interrogá-los. Não eram suspeitos, claro, mas queria saber se alguma vez tinham ouvido, ou visto algo, que pudesse lançá-lo no encalço daquele assassino selvagem.

Infelizmente, tanto um como o outro não tinham sido grande ajuda. Ambos mantinham uma relação algo distante com a empregada,

sobretudo ele, que não simpatizava com ela. Recordava-se de vê-la mexer frequentemente no telemóvel, como se estivesse a digitar mensagens que enviava para alguém, mas nunca se intrometera. Arrependia-se agora, mas na altura considerara que se tratava de assuntos do seu foro privado.

O pequeno corso encabeçado pelos pais, Giorgia e o casal, seguiu atrás do caixão carregado por quatro *haredim*. Os «chapéus negros» caminhavam devagar, atravessando o largo e entrando nas ruas estreitas e sinuosas do Gueto Velho, passando pelas lojas de comida *kosher* e pelos prédios antigos. A erosão do tempo era óbvia nas fachadas de tijolo, engalanadas por floreiras, de onde pendiam sardinheiras em tons de branco, vermelho e lilás.

O funeral passou o túnel que saía do bairro judaico de Veneza e chegou finalmente ao Canal do Cannaregio, o antigo canal real e outrora a entrada principal na cidade. Uma gôndola funerária aguardava o caixão. Giorgia e os pais de Maria desceram pelo ancoradouro e saltaram para a embarcação. Seriam eles que acompanhariam Maria durante a passagem.

Adam e Sofia ficaram de pé, na *fondamenta*, vendo-os partir. A dor da família era assinalável, não só pela morte violenta que a filha conhecera, mas pela vida de sofrimento que certamente marcara a sua existência terrena. Mas havia também naquela imagem algo de belo, enquanto o caixão se afastava vagorosamente ao longo do canal, sob o sol de fim do dia, que baixava.

O inglês agarrou subitamente na mão da noiva, que reagiu, sentindo-se surpresa e incomodada.

— O que se passa? — perguntou-lhe ela.

— Preciso de falar contigo.

— Agora?

— Não, em casa.

— O que é assim tão importante, que não possas dizer-me aqui?

Adam fitou-a. Os olhos verdes estavam mais sombrios do que nunca, com uma tonalidade escura que ela nunca lhes vira. Parecia perturbado,

como se algo de muito mau tivesse acontecido.

Sofia começou a andar ao seu lado, tentando acompanhar o passo apressado. O palacete ainda ficava longe e teriam de fazer o caminho a pé. Haveria muito tempo para falarem, se era isso que ele queria mesmo fazer.

— Diz-me o que se passa — pediu-lhe ela, cada vez mais sobressaltada pelos seus modos bruscos.

O escritor olhou em redor, para as pessoas que passavam por eles. Pareciam ser inocentes, mas existiam ouvidos nos locais menos esperados.

— Há algo que devo confessar-te.

Veneza, Itália

Durante os Dois Meses que Antecederam a Morte de Adam Immanuel

Muito mudou durante os dois meses que se seguiram à descoberta do cadáver da *Noiva Judia* naquele quarto velho e degradado, localizado nas imediações do gueto. Algumas pessoas partiram da cidade, outras regressaram, mas, apesar dos esforços que a Polícia desenvolveu para conseguir estabelecer algum tipo de ligação, duas delas conseguiram esconder habilmente a sua relação com aquele crime hediondo.

O inspetor Pelosi manteve o caso aberto. Parecia-lhe impossível que o homicida não tivesse deixado uma única pista. Os indícios que tinham sido recolhidos de nada serviam, a menos que se começasse a testar toda a população de Veneza. E nem assim se teria a certeza de que a Polícia seria bem-sucedida. Porquê excluir a hipótese de que o homicida fosse um turista? Já ouvira falar de casos semelhantes, homens que aproveitavam o facto de estarem num local estrangeiro, onde ninguém os conhecia, para extravasar toda a sua perversidade. Depois, simplesmente partiam, e ninguém mais sabia deles.

Já no Palacete Dario, a morte de Maria teve outros efeitos. Sofia sentira-se forçada a pedir ajuda. Resgatara Francesca a Como, que, embora contrariada, passara a cuidar novamente da casa, mantendo-se vigilante. Não era apenas o ambiente pesado da habitação que a preocupava, mas igualmente o bem-estar da patroa. A sua relação com o noivo parecia fria, demasiado distante, para duas pessoas que dali a alguns meses iriam casar-se.

Leonardo, o tigre, gostou da mudança e acalmou-se, acabando por se habituar ao jardim mais pequeno. Sofia estava diariamente com ele, de manhã ou à noite, brincando com o felídeo, ajudando a dar-lhe as

refeições, ou encostando-lhe a mão ao peito e sentindo o pulsar vigoroso do seu coração. Poderia parecer absurdo, mas estavam cada vez mais próximos. Partilhavam segredos. A ligação que tinham era forte.

Por outro lado, a coleção da italiana começara finalmente a ganhar forma, com a aquisição de um par de quadros de Veronese, que tinham passado a decorar a sala. Iriam precisar de restauro, mas o preço fora em conta, graças à intervenção de Richard. *A Adoração dos Reis Magos* manteve-se encostada à parede, cautelosamente arrumada a um canto. Ao fim de algum tempo, passou a ter a companhia de um vaso de porcelana. A Christie's despachara-o finalmente.

Poderia parecer que, durante aqueles dois meses, Sofia estivera consideravelmente atarefada, mas Adam é que não parara. O inglês desdobrara-se em viagens constantes entre Veneza e Londres, sendo chamado por várias vezes aos escritórios da produtora do filme, para afinar pormenores, ou escrever uma ou outra cena adicional. No entanto, valera a pena. *A Morte do Papa*, agora um filme que esperava surpreender por ter sido inteiramente gravado com uma câmara de 8 milímetros, estava pronto a estrear no Festival de Arte Cinematográfica da Bienal, que decorreria na ilha do Lido.

Quanto a Richard e Catherine, que haviam entrado na cidade com retumbância, abandonaram-na muito mais discretamente. A antiga curadora ia como chegara, apática, sob o efeito de sedativos fortes, a única forma que encontrara de suportar o calor infernal do verão de Veneza, os mosquitos, os turistas, os italianos e tudo, em geral.

O marido seguira ao seu lado, de pé, no barco que os levara embora, mas com um semblante muito mais fechado. Disse quem os viu que, enquanto ele tratava dos dois *check-in* no balcão — da classe executiva, claro —, o diretor de coleção do Museu Nacional dos Países Baixos se mostrara com um semblante particularmente agastado. Algo de grave acontecera durante o tempo que passara na cidade.

No fim de tudo aquilo, até a famosa maldição da *Cà* Dário se cumpriu e uma das pessoas que a habitava acabou mesmo por morrer.

Tudo começou na tarde em que um jovem chegou de comboio à cidade. Tratava-se de Daniele Accardi.

Estação Ferroviária de Santa Lucia, Veneza, Itália

No Dia da Morte de Adam Immanuel

O jovem desceu a escadaria e identificou-o adiante. O escritor encontrava-se parado na rua, encostado ao automóvel, um *Alfa Romeo* de aparência potente, que reluzia intensamente sob a luz do sol, estacionado à entrada de Veneza, junto ao limite até ao qual os carros estavam autorizados a circular. Adam removeu do rosto os óculos e fitou-o com um olhar enigmático, dizendo apenas com a sua voz grave:

— Queres ir dar uma volta?

Daniele hesitou. Sentia-se indeciso e esfomeado. A viagem de comboio desde Roma até Santa Lucia fora longa e era a primeira vez que os dois se encontravam. Não fazia ideia de para onde é que ele desejava levá-lo.

Tentado a ficar por ali, olhou em redor, compondo o colete que vestia. Veneza dizia-lhe claramente para seguir o seu instinto e não aceitar o convite. Como era bela, aquela cidade. A noite começava a cair sobre a imensidão da água do porto e o céu via-se tingido com os últimos raios de sol que havia no dia, como se fossem pinceladas vermelhas, desferidas furiosamente pela mágoa e dor profundas de um artista em sofrimento.

Adam pressionou-o e o rapaz titubeou. Nas suas costas, por trás da fachada do edifício, o apito de um comboio soou no ar e anunciou a partida iminente. Poderia ser a sua derradeira hipótese de se salvar.

— Vem comigo — porfiou o escritor.

Daniele deixou-se ficar imóvel. Sentia-se tentado a aceitar a proposta. Admirava Adam.

— Vem comigo — voltou ele a insistir. — E dar-te-ei um presente.

O rapaz viu o inglês apontar com o queixo na direção de uma *osteria*, quase adivinhando o seu apetite voraz, e levou-o até lá. Queria mostrar-lhe o Lido, uma ilha ao largo de Veneza, popularizada em igual medida por ser o local no qual se realizava o Festival Internacional de Cinema da cidade, e por oferecer a maior extensão de areia da lagoa. Tratava-se do único sítio por perto onde era possível fazer praia, andar de bicicleta, ou circular livremente de carro, e ele tinha de conhecê-lo.

A casa de vinhos estava praticamente vazia e os dois jantaram uma refeição rápida, *tagliolini gratinati al prosciutto*, massa de fitas de presunto gratinada no forno. De seguida, Adam pegou no carro e eles embarcaram num dos *ferries*. O escritor decidiu durante a viagem que talvez fosse melhor ir para a zona menos turística da estância balnear, de modo a poderem conversar à vontade.

Já era de noite e, daquele modo, evitavam as hordas de turistas que, àquela hora, se juntavam nos bares e jantavam ruidosamente, enquanto bebiam canecas de cerveja. Além deles, havia ainda que pensar nos fotógrafos. O festival arrancaria no dia seguinte. Ele era uma pessoa de interesse. Portanto, o melhor que teriam a fazer seria encontrarem alguma privacidade.

Depois de chegarem à pequena vila de Alberoni, o inglês sugeriu que fossem até à praia. O céu estava estrelado e a temperatura do ar, agradável. Enveredou por uma estrada mais periférica e, com os gravetos e outro tipo de lixo a crepitar sob o peso dos pneus, estacionou numa zona baldia, localizada atrás das dunas.

As ondas brincavam ao longe, marulhando discretamente, enquanto se enrolavam devagar sobre a areia, e o luar entrava pelo para-brisas do carro. Apesar das luzes do automóvel estarem apagadas, os dois viam-se perfeitamente. Conversaram durante algum tempo, essencialmente acerca de banalidades. O primeiro sinal de alarme deu-se quando Adam colocou o braço por cima das costas do banco de Daniele.

— Tens namorada?

O rapaz hesitou. Já não era menor, mas tinha pouca experiência, para além de algumas dúvidas sobre o quê, ou de que género realmente gostava.

– Porque é que isso é importante?

– Gosto de saber. As relações que mantemos são sempre uma boa definição de quem somos.

– Escreveu isso num dos seus romances?

– Deverias saber. Disseste-me há pouco que os leste todos.

– Não. Menti.

Adam fitou-o durante vários segundos. Os olhos verdes faiscavam de interesse pela aparência inocente de Daniele.

– E então, tens ou não?

– O quê?

– Uma namorada.

– Não.

– E um namorado?

O rapaz baixou o olhar. Tivera uma infância e adolescência difíceis. O desaparecimento da irmã, quando ele era ainda uma criança, devastara completamente a sua família.

Gabriella e a busca pelo seu paradeiro passara a dominar todas as conversas, os dias e os anos. Não estava a habituado a ter muita atenção. Habituara-se a existir, dividindo a vida com uma pessoa que, no fim, se descobrira estar morta.

A mão de Adam subiu das costas do banco para a nuca do rapaz, algo que ele na altura não rejeitou. Soube-lhe bem o gesto de carinho.

– Tenho uma proposta para te fazer.

– De que se trata?

O escritor inglês olhou em redor. Junto às dunas, via-se um amontoado de gravetos e outros paus pequenos. Apontou na sua direção:

– Quero usá-los em ti.

Daniele não percebeu imediatamente o sentido daquelas palavras. Só quando ele tentou puxá-lo para si, é que compreendeu.

— Não — respondeu-lhe.

Poderia estar nervoso, mas fora bastante assertivo.

— Sei que gostas. Não resistas.

— Já disse que não!

Adam indeferiu a sua recusa e tentou forçá-lo, agarrando-o pelo pescoço, mas ele mordeu-o, aproveitando a dor que lhe infligiu para o empurrar e se libertar. De seguida, abriu a porta do carro e começou a correr desenfreadamente pela areia.

Porém, a sua fuga demorou pouco. Havia entre os dois uma diferença física assinalável. O inglês tinha o corpo de um homem. Não só era maior e mais ágil, como forte. Agarrou-o ao fim de alguns metros, puxando-o pelo colete, que acabou por despir involuntariamente. Os dois caíram na areia, envolvendo-se numa luta.

A primeira coisa a que Daniele conseguiu deitar mão para se defender foi uma tábua de madeira que detetou por perto. Esticou-se, agarrou-a e deu-lhe com ela, fazendo-o cair para trás. Adam soçobrou, mas não ficou incapaz de reagir e fez uma nova tentativa. Foi nessa altura que o jovem perdeu a cabeça e começou a bater-lhe furiosamente com ela no crânio, na cara e onde mais conseguisse.

Dominando-o finalmente, o rapaz correu de seguida para o carro. A única coisa que queria era fugir dali. Por isso, com a respiração entrecortada, deu à ignição e colocou o motor a trabalhar.

Daniele acelerou pelo banco de areia. Estava escuro. O luar não era suficiente para iluminar o caminho e a única coisa que ouvia era o trabalhar suave do *Alfa Romeo* e o som dos gravetos e demais lixo a estalar ruidosamente debaixo dos pneus do carro.

Até que o automóvel deu um solavanco grande, acompanhado de um barulho enorme. Foi nessa altura que o atropelou.

Assim decorreu a noite em que Adam Immanuel, um escritor famoso de nacionalidade inglesa, cujo primeiro filme estrearia no dia seguinte,

no Festival Internacional de Arte Cinematográfica da Bienal de Veneza, morreu.

Pelo menos, esta foi a versão dos factos que Daniele Accardi, o jovem que pouco tempo depois foi intercetado por uma patrulha, devido a excesso de velocidade, enquanto acelerava desesperadamente ao longo da Via Alberoni, relatou à Polícia.

Praia de Alberoni, Lido de Veneza, Itália

No Madrugada do Dia Seguinte

O cadáver de Adam Immanuel foi encontrado por um grupo de pescadores algumas horas mais tarde, pela alvorada, já o Sol rompia no horizonte e raiava sobre o mar calmo. Fora deixado numa zona baldia, cheia de gravetos, lixo, preservativos usados e outra espécie de detritos, protegido de olhares indiscretos pelas dunas que antecederiam o caminho até à praia da vila.

Evidenciava no rosto diversos hematomas e tinha espalhadas pelo corpo muitas outras contusões, como os chorões negros que cobriam sinistramente os bancos de areia. Fora encontrado um pedaço de madeira, que mais tarde a Polícia veio a recolher do local, partido e ensanguentado, junto a um colete manchado de carmesim. As roupas estavam rasgadas e o corpo apresentava rastros de pneu. Sofrera uma morte horrível, atropelado.

Não houve testemunhas diretas do homicídio, apenas alguns relatos de turistas e locais, que consubstanciaram o percurso descrito pelo jovem Accardi à Polícia entre a estação ferroviária de Santa Lucia, localizada à entrada de Veneza, e a pequena vila de Alberoni, situada numa das extremidades da ilha do Lido.

Tal deveu-se sobretudo ao silêncio do único homem que, além da vítima e do agressor, presenciara o crime.

Ao contrário do se pensara, não morrera, estando vivo e de boa saúde.

Tratava-se do irmão mais velho de Adam, que em tempos que preferia não recordar, se chamara Mark Emanuel.

Arredores de Londres, Reino Unido

Um Ano Depois da Morte dos Pais de Adam Immanuel

Mark não chegara a ver os irmãos depois do acidente de viação, no qual o pai perdera a vida. A Polícia encontrara-o várias horas depois, já no dia seguinte, quando fora a casa da família. Ainda chovia, mas não tanto como na noite anterior.

As autoridades depararam-se com um cenário tétrico. No átrio das escadas, o sangue coagulava sob o corpo frio de Elizabeth Emanuel. Quanto ao filho mais velho, sentava-se diante da lareira apagada, a chorar em silêncio, sem grande capacidade de reação.

O rapaz, que na altura tinha 26 anos, fora levado para a esquadra apenas para ser interrogado. Contara aos agentes o que acontecera — que estava sentado na sala, na companhia da irmã, quando ouvira a mãe discutir com Adam; que ele a agredira; e que, num momento de descontrolo e fúria, a empurrara do cimo da balaustrada.

No hospital, o irmão do meio relatara a versão inversa da história — que Mark descobrira uma carta de Elizabeth dirigida a outro homem; que ameaçara contar ao pai tudo sobre a sua infidelidade; e que, no fim, quando ela o enfrentara, os dois se tinham envolvido numa discussão, que terminara quando ele a empurrara do cimo da balaustrada.

Poderia parecer que a versão de um adulto seminarista teria mais credibilidade do que uma historieta qualquer inventada por um adolescente com uma imaginação fértil. Sim, seria verdade e lógico, se não fosse pelo depoimento da única testemunha neutra de toda a alteração — Lizzie, que misteriosamente corroborara o relato de Adam.

Mark fora condenado pelo homicídio da mãe, se bem que a opinião pública que na altura seguira o caso o considerasse também como

moralmente culpado pela morte do pai. Thomas Emanuel fugira de casa, numa tentativa de salvar os dois filhos mais novos da loucura momentânea do filho mais velho. Ele e *Bubbles*, o gato que na verdade provocara o acidente, tinham deixado o mundo como heróis.

Algum tempo depois de ser preso, Mark deu por si encarcerado na solitária. Ao contrário da fama que pesava sobre os seus ombros, não era um assassino, mas um jovem bondoso, sensível e crente em Deus. Porém, a partir do momento em que os outros reclusos descobriram que se tratava de um seminarista formado em Literatura Inglesa, começou imediatamente a ser assediado.

Chamavam-lhe nomes, faziam-lhes propostas ordinárias quando se cruzavam com ele, durante o recreio, no pátio, ou demoravam-se mais do que era preciso, roçando-se desnecessariamente no seu corpo, enquanto se vestiam depois do banho, nos balneários. Até que, um dia, à noite, um deles entrou na sua cela e tentou violá-lo.

Mark fora sempre um jovem pacato, que preferia a mudez de um livro à festa mais animada. Durante o tempo que passou na penitenciária, permaneceu quase sempre calado. Raramente falava, além do indispensável, sofrendo em silêncio com a injustiça da sua condenação. Até àquela noite. Nessa ocasião, disse tudo o que lhe pesava no peito, enquanto agredia aos gritos o outro recluso com socos e pontapés, até o deixar inconsciente. No dia seguinte, o diretor castigou-o e ordenou que fosse encarcerado na solitária.

Algumas semanas depois de ser isolado dos outros prisioneiros, desidratado e enregelado, Mark virou a cara para uma réstia de sol que chegava indiretamente à cela por uma grade minúscula. O silêncio no qual mergulhara foi quebrado pelo som de uma voz que barafustava. Bradava que estava inocente e que nada tinha que ver com o crime do qual era acusado.

Os guardas prisionais correram o ferrolho e atiraram para a divisão o corpo de um jovem. De seguida, fecharam a porta com estrondo. Poderia gritar o mais que conseguisse, que, ali, ninguém iria ouvi-lo.

Prostrado, julgando que se encontrava sozinho, rodeado por bicharada, o rapaz tentara levantar-se, fincando com força os joelhos no chão. Foi quando se levantou que se apercebeu de que havia mais alguém lá dentro. Primeiro, ainda foi para gritar, mas o vulto colocou-lhe as mãos nos lábios, pedindo-lhe que se calasse.

Mark expôs o rosto à claridade e os dois ficaram frente a frente, observando-se. Eram sócias, exatamente iguais.

Não era apenas o rosto dos dois rapazes — o cabelo, os olhos e o nariz —, como até o corpo, que eram idênticos. As suas histórias de vida também revelavam muitos pontos em comum. Tal como Mark, James, assim se chamava o outro jovem, era crente em Deus, se bem que nunca tivesse sentido a vocação de entrar para um seminário. Por outro lado, alegava também que fora injustamente condenado. Estava inocente e nada tivera que ver com a morte e violação da criança das quais era acusado.

A ideia de trocarem de identidades foi do mais velho dos irmãos Emanuel. Recebia visitas frequentes de Laura e Peter, os tios paternos, que desde o início, contra a convicção da Polícia, nunca tinham acreditado que fosse culpado da morte da mãe, achando que algo se passara no carro, antes do acidente que vitimara Thomas, e que condicionara o depoimento de Lizzie, a testemunha principal do caso. A rapariga parecia amedrontada, sobretudo quando se encontrava na presença de Adam.

No entanto, Mark manifestara sempre pouca vontade de, mesmo no caso de vir a ser ilibado, regressar ao passado. Os irmãos tinham-no traído e o pouco que construía para si estava completamente destruído. Daí, ter feito uma proposta a James — se alguma vez fossem inocentados, arranjariam uma nova vida.

A perseverança e o dinheiro dos tios acabou por dar frutos. Depois do incidente que o levava a ser fechado na solitária, o seu percurso na prisão tornou-se calmo e exemplar. Era um recluso que não dava problemas e o seu bom comportamento acabou por servir de atenuante da pena. Quatro anos depois, precisamente por ocasião do décimo oitavo aniversário do irmão que o acusara injustamente, foi libertado.

Mas quem naquele dia saiu da penitenciária não foi ele. Sim, o sócia, James.

A parecença entre os dois jovens era tal que James assumiu facilmente a sua identidade. De modo inteligente, nunca tentou aproximar-se da família Emanuel, mas ingressou no seminário do qual Mark lhe falara, onde, a bem da redenção que procurava, mudou também de nome. Passou a chamar-se Joseph Flanagan.

O prelado Flanagan foi colocado na diocese de Armagh, uma das cidades mais pequenas do Reino Unido, conhecida sobretudo por ser a capital eclesiástica da Irlanda do Norte, e onde acabou por fazer um percurso notável. Muitos anos mais tarde, foi nomeado cardeal diácono, sendo posteriormente convidado para assumir a responsabilidade pelo Arquivo Apostólico do Vaticano e pela Biblioteca Apostólica Romana.

Com a morte do Papa Mateus II, que sucedeu ao cardeal Stefano Uggeri, foi convidado para secretário do camerlengo, cargo que aceitou. Depois, caiu em desgraça e acabou por ser desordenado.

O verdadeiro Mark Emanuel permaneceu na prisão de livre vontade durante mais quatro anos. A justiça inglesa foi lenta, mas finalmente lá descobriu o responsável pela morte e violação da criança das quais o seu sócia fora acusado.

Com 30 anos, o rapaz saiu da penitenciária e agradeceu a Deus pelo sol que lhe aquecia o rosto. Depois, sem olhar para trás, começou a andar, apanhou um autocarro e desapareceu. Ressurgiu algum tempo depois na pele de um assassino a soldo.

Na sua nova vida como James, não seguiu os desígnios divinos, aos quais, quando fora jovem parecera estar destinado. Todavia, foi exatamente por causa disso, desse chamamento frustrado, que adotou um cognome curioso. No submundo do crime, no qual passou a movimentar-se, todos passaram a conhecê-lo por um epíteto.

Chamavam-lhe o *Cardenal*.

Livro Quarto

Som

(nome masculino)

sensação auditiva produzida por vibrações mecânicas de frequência compreendida entre determinados valores (20 e 20 000 vibrações por segundo, em média); emissão de voz.

Praça de São Pedro, Cidade do Vaticano Cerca de Dois Anos Antes da Morte de Adam Immanuel

O *Cardeal* embrenhou-se no braço da colunata de Bernini. A sotaina escura que vestia, oscilava, acompanhando os passos determinados. A noite estava cálida e o santuário apresentava-se quase deserto, vendo-se apenas, ao longe, de pé junto ao Arco dos Sinos, uma sentinela apoiada numa alabarda.

Protegido do soldado pelas colunas dóricas, o homem que em tempos se chamara Mark Emanuel desapareceu entre os pilares, avançando sorrateiramente, até estabelecer contacto visual com um outro guarda suíço, que guardava o Portão de Bronze, o acesso principal ao Palácio Apostólico, com um saco na mão.

Os dois trocaram um olhar de entendimento. Tal como fora combinado, o assassino avançou, recolheu o embrulho e começou a percorrer os corredores decorados com figuras sacras, enquanto os sapatos de sola macia afagavam silenciosamente o chão de pedra. Entrou por uma porta e refugiou-se numa sala vazia. De seguida, despiu a batina.

As roupas negras caíram sobre o soalho antigo, expondo o corpo nu e viril à luz artificial. Uma nova transformação estava prestes a ocorrer.

O fardamento azul do guarda suíço, próprio das zonas mais privadas do Palácio Apostólico, reluziu sob o candeeiro que iluminava o pátio antigo. O assassino subiu um lanço de escadas, com paredes de mármore cor-de-rosa, como se tivessem sido pintadas com a menstruação de uma virgem, e a sua mão enluvada rodeou uma maçaneta. De seguida, entrou.

Havia gente naquela ala mais recôndita do Palácio Papal. Ouvia-se o som de vozes e de passos, e o odor a incenso e água benta era forte. O mercenário avançou discretamente e encontrou guarida numa capela, dentro da qual se trancou. Os seus olhos frios como uma cortina de gelo admiraram as paredes revestidas de mosaicos de inspiração ortodoxa. Pequenos, quase minúsculos, eram alumados por um par de velas, que ardia com simplicidade no altar.

O homem ajoelhou-se, vergando-se perante a imagem do Menino e de Maria, e sussurrou um desejo de redenção, assaltado repentinamente por imagens da vida da qual abdicara — uns dedos engelhados de encontro aos seus lábios; a ordenação sob a forma de um beijo no Anel do Pescador; um homem de sobrepeliz branca e batina vermelha, incandescente, como a cor do sangue que estaria disposto a derramar em nome de Deus, e ele, estendido no chão aos Seus pés, em admiração, subjugado perante os mandamentos divinos.

O transe no qual o *Cardeal* mergulhara passou. Perdera a noção do tempo, absorto nas orações. Sabendo que estava na hora do maior de todos os seus crimes, olhou em frente, para a representação sacra de Jerusalém e inspirou. As narinas expandiram-se e o peito encheu-se de ar. Não ouvia qualquer som para além daquelas paredes. O Palácio Apostólico estava finalmente em silêncio, em reclusão, e as palavras de ordem do homem que o contratara vieram-lhe à memória — os seus lábios tinham-lhe dito para matar.

O assassino regressou ao corredor, reparando na ironia escondida por trás das portas pelas quais passava. Eram simples murmúrios, que não conseguiam camuflar o pecado disfarçado por aquelas vozes sussurradas: a gula culpada de uma freira ao comer um bolo entre as pernas despidas; a voz abafada de um homem que gemia de prazer, agitando sofregamente as mãos debaixo dos lençóis; os uivos de dor contidos por outro, enquanto se autoflagelava com um chicote, redimindo-se do mal.

A visão de uma porta devolveu-lhe subitamente a calma. Fora deixada destrancada, como combinado. Ao entrar no quarto, a primeira coisa em

que reparou foi na janela entreaberta. Dava para a Praça de São Pedro, antecipando os primeiros vestígios de luz da alvorada. A segunda, foi o Papa. Indefeso, dormia.

No interior do quarto papal, o mercenário que passara a chamar-se James contemplou o homem santo que jazia diante dele. Tinham-lhe encomendado uma morte limpa, sem dor, barulho ou vestígios. No entanto, alguém chegara primeiro do que ele. O cardeal Stefano Uggeri estava morto. Rapidamente, um escorpião dourado surgiu de entre os lençóis, saltando para cima da mesa de cabeceira e desaparecendo para debaixo da cama.

O mercenário ouviu um som chegar ao quarto. Deitou um olhar respeitoso ao Papa e, com a agilidade de um felino, saltou sem hesitar pela janela do quarto. Os pés aterraram em surdina sobre o telhado. Hábil e bem treinado, pendurando-se na base da estátua de um santo, desceu por um dos pilares da colunata, até os sapatos embaterem no empedrado da Praça de São Pedro.

Foi o único som que se ouviu. Depois, o silêncio sepulcral regressou ao santuário. E foi então que uma presença estranha se aproximou.

Um homem com o cabelo encaracolado e olhos verdes, como os seus, caminhava em direção a ele, com a basílica pelas costas e uma pasta na mão. Os dois ficaram a poucos metros de distância um do outro e o olhar de ambos cruzou-se. Reconheceu-o. Há quase vinte anos que não se viam.

Simultaneamente, o som de um pássaro a esvoaçar ecoou na praça. Era um corvo grande, maior que os mais comuns. Saído do meio da colunata, passou entre ambos, ganhando lentamente altitude, com as asas de um negro profundo a ondular pesadamente em direção ao céu. Um raio de sol incidiu sobre ele e as penas revestiram-se de uma tonalidade carmesim, da cor do sangue. A profecia desvaneceu-se, asfixiada pelas nuvens tenebrosas, que cobriam a praça.

Adam e Mark Emanuel fitaram-se em silêncio. Depois de sair da prisão, o irmão mais velho alterara várias vezes a sua fisionomia, como uma forma de se proteger, mas os traços familiares perduravam, no cabelo, no formato do rosto e na expressão do olhar.

Um carpido de agonia, vindo da janela entreaberta do Palácio Apostólico, chegou à praça. O corpo deveria ter sido descoberto. Os dois homens retomaram o seu curso e passaram um pelo outro, desaparecendo em sentidos opostos.

A noite em que o Papa morreu foi a última vez em que os dois irmãos se viram.

Bastante longe dali, numa sala pintada de cinzento, escondida algures no Luxemburgo, com uma janela de vidro espelhado, um jovem de sobretudo olhava para o vazio. O rosto estava ferido, depois de algumas horas antes ter sido arrastado pela terra, quando fora capturado.

O rapaz, um pirata informático que dava pelo nome de Pedro, estremeceu quando um homem de fato e gravata bateu com o punho na mesa, irritado pelo seu silêncio. O telemóvel, depositado sobre o tampo de madeira com o ecrã aceso, saltou igualmente, mas a imagem que mostrava manteve-se nítida, bastante reveladora.

O agente olhou para o sinal que o telefone reproduzia, repetindo mais uma vez a pergunta — qual era o seu interesse naquela gravação? Vinha do circuito de videovigilância da Cidade do Vaticano e mostrava a Praça de São Pedro.

O rapaz fitou o telemóvel. A preto-e-branco, dois homens de cabelo encaracolado encaravam-se, num confronto mudo, mas certamente pleno de significado. De seguida, um pássaro negro manchado de sangue saiu do interior da colunata, enquanto as asas pretas ondulavam pesadamente contra o céu tenebroso, vergadas pelo prenúncio de morte que carregava consigo.

O jovem permaneceu como estava — em silêncio.

Trinta e três dias depois daquela noite, um homem com vestes cardinalícias entrou num gabinete de aparência austera. Na mão, levava uma agenda preta, que deixou sobre a secretária, junto ao tinteiro. Abandonou a sala de trabalho, em passos largos e decididos. Era de madrugada, o Sol ainda não rompera e os corredores estavam desertos.

O *Cardeal* chegou à rua e embrenhou-se na colunata. Protegido pelos pilares, recolheu na manga da sotaina o tinteiro que trocara no interior do palácio. Continuou a andar e desapareceu, entrando na Via della Conciliazone. Não se via viva alma. Ia completamente sozinho.

Horas mais tarde, no escritório, o camerlengo do Papa Uggeri, um homem calvo, frágil e magro, escrevia sentado à secretária, quando uma sombra repentina se abateu sobre ele. Os passos de um rival fratricida afastavam-se, ecoando pelo corredor. Assustado, sentindo o aparo da caneta travar contra o papel, piscou os olhos pequenos e parou momentaneamente. Virou-se sobre o ombro. Um grande corvo pousara no parapeito da janela, observando-o, com os seus olhos acusatórios. Seguiu-se outro.

O cardeal Horace Tremblay fez um novo esforço, fincando a pena contra o papel. No entanto, a ponta partiu-se, gerando um grande borrão. Com gestos lentos, tentando sobreviver, esticou a mão para outro conjunto de escrita, mas o veneno que horas antes fora diluído na tinta acabou por ser mais forte do que ele, vencendo-o.

Morreu, antes de fazer a sua última confissão.

Alguns meses depois, no barco que mantinha ancorado no Prinsengracht, um dos canais principais de Amesterdão, um homem vestido com um fato cinzento-escuro e uma camisa branca guardou no interior do envelope a fotografia do seu novo alvo. Tratava-se do pirata informático que era conhecido por «Pedro».

O *Cardeal* deitou um olhar de despedida ao corpo nu de Mathilde, a amante, que dormia, com a pele despida a reluzir sob o sol que entrava

pelas escotilhas. De seguida, colocou um silenciador numa arma, guardou-a numa mala preta, subiu para o deque e começou a andar descontraidamente pela calçada. Tinha uma reserva num hotel.

Cerca de um quarto de hora depois, na receção, o assassino recolheu uma chave eletrónica e, no meio dos executivos, circulou pelo átrio, até entrar num elevador. Usou o cartão para o acionar e as portas fecharam-se. Sozinho, começou a subir com leveza, mas rapidamente. Não tardou a passar o andar onde se localizava o quarto.

A mala preta de cabedal foi a primeira coisa que o segurança de serviço ao corredor viu surgir. Aberta, caía sobre o chão alcatifado, enquanto uma mão retirava do interior uma pistola equipada com um silenciador. A seguir, surgiu um homem de cabelo encaracolado e olhos mortíferos.

O assassino avançou com passos decididos. De arma em riste, disparou um tiro, que fez o seu opositor soçobrar, sem vida. Alarmados, três colegas dele apareceram, puxando do coldre. Foi demasiado tarde.

Um som fino ouviu-se no corredor. Seguiu-se outro. E depois, mais outro.

O mercenário passou por cima dos cadáveres, evitando pisar as manchas de sangue que se alastravam rapidamente pelo chão alcatifado. Ao chegar a uma porta, sacou de uma chave eletrónica. A porta cedeu e ele entrou no quarto de hotel.

Seguiu a aragem que sentiu no rosto e deparou-se com uma cama. Do outro lado, virado para uma vista desafogada sobre o canal, o alvo trabalhava, sentado a uma secretária, concentrado num ecrã de computador. Era vigiado por um homem.

Os dois viraram-se para trás. Não lhes dando tempo para reagir, o *Cardeal* apontou-lhes a sua arma e colocou o dedo sobre o gatilho. De seguida, disparou.

O assassino contemplou o rosto amedrontado, salpicado de sangue, do pirata informático. Ao seu lado, com um buraco na testa, o polícia caía

lentamente no chão, de joelhos, até o corpo ficar inerte, estendido na alcatifa.

Pedro tentou recuperar do choque, esforçando-se por falar. Mas Mark Emanuel olhou friamente para ele, dizendo-lhe apenas duas palavras — estava livre. Depois, compôs o fato ligeiramente desalinhado e saiu do quarto.

Alguns meses depois, no fim do inverno do ano seguinte, mantendo-se integrado num grupo de clérigos por intermédio da batina negra que vestia, o *Cardeal* ouviu em silêncio o elogio fúnebre que era feito em honra da tia, Laura, que entretanto fora encontrada morta. Encontrava-se em King's College, exatamente no mesmo lugar onde quase três décadas antes a sua vida começara a mudar.

No fim da missa, Mark Emanuel acompanhou os presentes até à rua, onde o decano confortava Lizzie. A sua irmã passou por ele sem o reconhecer e afastou-se, enveredando pela Passagem da Casa do Senado no meio da neve que se acumulara nos últimos dias sobre a calçada, até desaparecer momentaneamente da sua vista.

Um grupo formado pelo reitor John Ashton-Davies, alguns reverendos, um jovem assistente universitário e um professor catedrático seguiram atrás, num passo mais lento, enquanto conversavam. Não conseguia perceber inteiramente sobre o que falavam, mas pareciam discutir o homicídio da tia, a pretensão de Adam de comprar *A Adoração dos Reis Magos* e um grupo de pessoas que surgira recentemente em Cambridge, cuja ocupação preferida era escalar os edifícios da universidade. Tratava-se de alpinistas urbanos.

Junto ao grupo, o mercenário viu Lizzie desaparecer definitivamente. E foi então que, vinda do lado de Caius College, apareceu uma mulher com um véu, vestida de preto, a caminhar depressa, seguindo atrás dela. O professor catedrático que acompanhava o grupo estacou sobre a neve, intrigado. Também a vira. Trocou mais algumas palavras e foi aí que tudo aconteceu.

Uma lâmina surgiu do interior da manga da batina de o *Cardeal*. E rapidamente foi desferida contra o corpo de John Ashton-Davies. Ninguém deu por nada até que o sangue começou a escorrer-lhe em catadupa dos lábios, enquanto, agarrado ao ventre, tentava conter a mancha vermelha que se alastrava rapidamente por dentro da roupa. De seguida, tombou.

Caído no chão, amparado pelos braços do professor, os olhos do reitor da Universidade de Cambridge olhavam para os flocos de neve que caíam sobre si, perdendo brilho, até deixar de respirar. Por baixo dele, uma poça de sangue vermelho espalhava-se cada vez mais, estendendo-se com a forma de folhas carmesins, tal qual as pétalas de um cardeal.

Na extremidade oposta da Passagem da Casa do Senado, vestido com uma batina preta, que usara para se infiltrar entre os demais reverendos, o homem que em tempos se chamara Mark Emanuel continuava a afastar-se descontraidamente em sentido contrário, ao mesmo tempo que escondia na manga um punhal ensanguentado.

Sentindo-se desesperado, com o corpo do reitor nos braços, apenas um homem se apercebeu da sua presença, fitando-o. Era o professor e chamava-se Afonso Catalão.

Pátio Antigo, Universidade de Pádua, Itália
Duas Semanas Depois da Morte de Adam Immanuel

De passagem pela cidade italiana durante uns dias para apresentar à comunidade universitária a edição de autor do seu livro mais recente, Afonso Catalão tentou justificar-se perante o reitor por não poder naquele momento falar com ele, ocupado pela chamada telefónica que mantinha com a esposa.

– *Mi scusi. Mia moglie mi fa saltare la testa.*

– Eu ouvi isso – avisou Diana.

Contrariamente à aflição do professor português, o reitor reagiu com mais descontração. Logo conversariam melhor no dia seguinte. Queria falar-lhe sobre um assunto.

Afonso ficou parado no alpendre, vendo-os afastarem-se. Distraíra-se com a conversa. Resignado, dirigiu-se ao Arquivo Antigo da Universidade, onde recolheu a sua velha pasta de cabedal coçado. Já todos se tinham ido embora.

Diana telefonara-lhe durante a palestra que ministrara. Temendo que se tratasse de algo relacionado com Rodrigo, o professor Catalão, sentindo-se preocupado, devolvera imediatamente a chamada. O menino encontrava-se bem, mas a jornalista tinha grandes novidades para lhe contar. Fizera uma descoberta inesperada, que ocorrera relativamente perto da cidade de Pádua – em Veneza.

A revelação da morte de Adam Immanuel surpreendera-o, mas como todas as histórias que envolviam o escritor inglês, aquela surgira associada a uma grande dose de mistério. Sofia Conti, que não via há mais de um ano, quando fora à mansão de Como tentar confrontá-la com o seu interesse pelo quadro *A Adoração dos Reis Magos*, era agora a

sua noiva. Fazendo recordar uma viúva-negra, fora vista numa gôndola a acompanhar o caixão com o corpo do escritor, a caminho da ilha funerária de São Miguel.

Por outro lado, havia muito por explicar no homicídio de Adam. Um rapaz chamado Daniele Accardi admitira ter cometido o crime, alegando que agira em legítima defesa para se defender de uma tentativa de agressão sexual. No entanto, a empresária italiana dera recentemente uma entrevista, na qual defendia que o noivo não era bissexual e existiam pormenores na cena do crime para os quais a Polícia não encontrava explicação: um molho de chaves, uma camisola e uma impressão digital na ombreira da porta do carro. Nenhum dos indícios pertencia a Adam, ou ao seu homicida confesso. Os exames forenses *post-mortem* tinham revelado ainda algo perturbador: a quantidade de lesões no corpo do inglês era tal que não poderiam ter sido infligidas por somente uma pessoa. O próprio apelido do jovem rapaz que o atacara fazia soar alguns alarmes.

— Accardi, como a Gabriella Accardi? — quis confirmar Afonso, continuando a falar ao telefone com Diana, dando passadas largas, enquanto saía do Palácio Bo, o edifício da Universidade de Pádua, e se embrenhava nas ruas.

— A própria. Trata-se do irmão.

— É uma coincidência estranha, admito-o.

— Lembras-te de quando fomos com o Paolo àquela igreja romana, onde descobriste a escultura de Bernini?

— Era a Basílica de Santa Maria Del Popolo.

— Sim. Nesse dia, o Daniele apareceu lá e o Paolo ainda tentou falar-lhe, mas ele fugiu. Tem a certeza de que o rapaz queria dizer-lhe mais qualquer coisa.

— Sobre o desaparecimento da irmã? Ela está morta.

— Não, acerca do Pedro.

Afonso suspirou, aconchegando o casaco ao corpo. Corria por Pádua uma brisa fresca e até as praças, pelas quais ia passando, lhe pareciam

algo despidas, prontas a acolherem o outono.

– Nunca mais ouvi falar nele.

– Precisamente, desde que o Jack prendeu o Adam, por causa dos *Crimes de Cambridge*, que desapareceu. Tal como o Mark, aliás.

– Qual Mark?

– O Emanuel, o *Cardeal*.

– Outra vez este assunto? É um assassino profissional. Deixa-o em paz.

– Ninguém desaparece assim, da noite para o dia.

– Já pensaste que ele talvez simplesmente não queira falar contigo? Afinal, és uma jornalista.

– Não.

– Porque achas que há aqui uma relação?

– É uma história estranha, admite-o. Pelo menos, merece que lhe dediquemos um olhar mais atento.

– Tu e eu?

– Claro. Somos o Watson e o Holmes, recordas-te?

– Temos uma criança para criar, Diana. Já é altura de ganharmos juízo. O que aconteceu em Amesterdão serviu-me de lição.

– Estou sem emprego, outra vez. Preciso de trabalhar, ou começo a ficar demasiado chata, sempre a implicar contigo. Faz-me a vontade. O nosso casamento precisa disto.

A provocação de Diana ficou sem resposta. Estranhando-o, ela calou-se, indecisa sobre se fora demasiado longe. Estava apenas a tentar convencê-lo, valendo-se do seu melhor humor e sarcasmo, mas o silêncio do marido começou a incomodá-la.

– Afonso?

O professor não lhe respondeu. Parado na rua, junto à entrada de um dos bairros mais antigos de Pádua, olhava em frente, perplexo, sem saber ao certo se a visão que estava a ter era real.

Vários metros à frente, uma figura familiar passava entre as colunas antigas, desaparecendo imediatamente a seguir. Uma cesta na mão; as roupas tradicionais; um lenço a cobrir-lhe o cabelo.

Tratava-se de uma mulher.
E julgara-a enterrada no seu passado.

Gueto Velho, Pádua, Itália

Na Mesma Tarde

Afonso ficou parado na rua, diante das arcadas que davam acesso ao bairro judaico da cidade, tentando perceber se não estaria enganado. Depois de passar entre as colunas antigas, a mulher, que era de uma beleza assinalável, seguiu para o interior do antigo enclave. A tez morena e os olhos, grandes, cor de azeitona não mentiam. Caso ele estivesse certo, deveria ter entre 35 e 40 anos. O professor tinha dúvidas, porque a informação que existia sobre ela era incipiente e remontava a 2004, o ano em que, quando ainda era uma adolescente, envenenara Yasser Arafat.

Árabe judia, Esther vinha de uma família humilde. Natural de Jerusalém, cidade nas imediações das quais viveu, trabalhara até à idade adulta numa empresa de produção têxtil. No entanto, essa fábrica tinha uma particularidade. Eram ali que se faziam os *keffiyeh*, os lenços quadriculados brancos e pretos usados pelo mítico líder da Organização para a Libertação da Palestina, a OLP.

A 29 de outubro de 2004, Yasser Arafat, ou *O Descontraído*, como era apelidado, fora internado num hospital nos arredores de Paris, acabando por morrer treze dias depois, a 11 de novembro. A doença que o vitimou levava ao surgimento de várias teorias, pois, segundo a versão oficial emitida pelos médicos que o assistiram, falecera de uma moléstia no sangue, que nunca explicaram como teria contraído.

A 12 de agosto de 2012, Suha, a esposa, que não acreditara nessa explicação, dera entrada nos tribunais franceses com um pedido de exumação do corpo. No depoimento que prestara posteriormente à cadeia de televisão al-Jazeera, um dos responsáveis pela investigação

admitira ter encontrado no cadáver níveis de Polónio 210, um poderoso elemento químico radioativo, numa porção dezoito vezes superior ao normal.

Esther era a jovem adolescente que, diretamente da fábrica onde trabalhava, levava ao antigo Prémio Nobel da Paz os *keffiyeh*, os lenços que tanto amava. Recrutada pelos serviços secretos de Israel, envenenara-o lentamente.

O disfarce que a mulher árabe judia passara a usar depois de concluir a operação acabara por ser comprometido em duas ocasiões. A primeira, acontecera quando, depois de ir estudar para a Universidade de Telavive, a Mossad não fora capaz de conter os rumores que, entretanto, tinham surgido. Resolveram o assunto levando-a para bem longe: Londres.

Fora durante a estadia no Reino Unido que ela conhecera Jonathan Reis Campbell, um jovem lusodescendente por quem se apaixonara. No entanto, pouco tempo depois, um rapaz que estudara com ela na capital israelita reconheceu-a, contando tudo ao rabino da sinagoga sefardita de Bevis Marks, que ambos frequentavam.

No entanto, o amante era um jovem com segredos. E fora em nome dos mesmos que aceitara ser incriminado por um homicídio que não cometera, esperançoso de que tal crime, macabro e cruel quanto bastava, servisse para camuflar os dela.

A ligação de Afonso Catalão a esta história começara vários anos antes e provocara-lhe um sofrimento atroz, ao ponto de ter estado na origem da sua saída da Universidade de Cambridge. O professor conseguira ingressar na Faculdade de Estudos Orientais, mas acabara por ser alvo dos rumores provocados pela paixão de uma aluna, Hannah. Ela e Jonathan eram gémeos, filhos de Judite Reis, uma mulher com raízes em Portugal, na zona do Alentejo. Fora o seu primeiro amor.

A jovem estudante, cuja paixão nunca fora correspondida, acabara por se suicidar, vítima de depressão, depois de dar à luz um menino. Numa carta escrita por ela, publicada no jornal da universidade, relatara os motivos da sua amargura: Seth, o bebé, era filho de Afonso Catalão.

O professor negara-o sempre, mas sentindo-se envergonhado, partira de Cambridge, rumo a Istambul. Só anos mais tarde, quando, a propósito da prisão de Jonathan, voltara a reencontrar-se com a família Reis Campbell, é que a verdade viera ao de cima. Fora o rapaz quem escrevera a carta. Fizera-o para encobrir a relação incestuosa que mantinha com a irmã.

Curiosamente, a carta só acabara por ser publicada no jornal universitário por obra e graça de outro jovem, de seu nome Adam Emanuel. Fora contemporâneo de Jonathan e da irmã, tendo nutrido uma paixão secreta por ela. Desconhecendo a natureza da relação entre os dois gémeos, o artigo fora o modo que encontrara para humilhar o homem que responsabilizava pela perda do seu amor – o português Afonso Catalão.

Cada vez mais certo de que se tratava de Esther, Afonso enveredou pelo bairro judaico, seguindo-a. A mulher continuava a andar ao longo das ruas estreitas, levando com ela uma cesta de verga, que baloiçava lentamente. Para ele, aquela visão era um regresso inusitado ao passado.

A última vez que se encontrara com Jonathan Reis Campbell fora em Cambridge, quando visitara propositadamente a cidade com o intuito de confrontá-lo com toda a verdade que descobrira sobre ele, a irmã e o homicídio de Bevis Marks. Depois, perdera-lhe o rasto. Aparentemente, mudara-se para Pádua. Fazia sentido. A universidade era das melhores do mundo e eles deveriam ter conseguido uma vaga como professores.

Afonso viu Esther contornar uma esquina e desaparecer. Com os primeiros pingos grossos de chuva a caírem sobre ele, estugou o passo, tentando não a perder de vista. No entanto, ao descrever o cotovelo, deparou-se com um largo, que desembocava em vários pares de bifurcações. Ela não se encontrava em nenhum deles.

Frustrado, o professor conteve uma palavra de exasperação. Esther desaparecera. Cada vez mais molhado, resolveu voltar para trás. Foi aí que ela surgiu de repente. Estivera sempre ali.

– Porque me seguia?

Afonso emudeceu. Não tinha uma explicação lógica para dar. Como Jonathan Reis Campbell lhe dissera, a relação entre ele e Hannah fora consensual e acontecera quando eram ambos adolescentes, logicamente da mesma idade. Não cometera qualquer ilegalidade.

No entanto, na ótica do professor, os crimes que o rapaz perpetrara eram sobretudo de índole moral, além de originarem todo o sofrimento e humilhação com os quais tivera de viver depois, durante vários anos.

– Agradecia que parasse de me seguir – insistiu a mulher, com um tom de voz assertivo.

– Vi-a quando passou pelas arcadas e quis ter a certeza de que seria mesmo a Esther. Estou de passagem por Pádua.

– Sei. Recebi o anúncio à sua palestra.

– Dá aulas na universidade?

Sob a precipitação que caía, a mulher torceu ligeiramente os lábios, fazendo uma expressão neutra, mas que, mesmo assim, revelava a sua intenção.

– Não me parece que a minha vida lhe diga respeito.

– Não diz. Mas a do Jonathan, sim.

A referência ao nome do rapaz alterou qualquer coisa no semblante de Esther, que Afonso não conseguiu compreender bem o que era. Não se tratava de surpresa, o que talvez indiciasse que continuavam juntos, mas simultaneamente havia nela alguns sinais de constrangimento. O que se passaria?

– Por favor, deixe-nos em paz. Só queremos viver sossegados.

– Então, presumo que ele também se encontre em Pádua. Dão ambos aulas na universidade?

– Contrariamente ao que alegou, não considero que a vida do meu noivo seja da sua conta. O Jonathan sofreu imenso quando foi preso, para me salvar, e estou certa de que as atrocidades às quais se sujeitou terão sido mais do que suficientes para garantir a sua redenção.

— Vão casar-se? A Esther não poderá ficar-lhe eternamente grata pelo que ele terá feito para a proteger. Nenhuma dor, ou mácula, poderá ilibar-nos completamente do pecado. Eu que o diga. O que o Jonathan fez à irmã foi monstruoso e eu não compreendo como é que alguém inteligente como você é capaz de viver com um homem assim, olhando-lhe todos os dias para a cara, sabendo qual é a verdade que se esconde por trás daquele rosto.

Esther suspirou. Subitamente impaciente, tentou arrancar, mas o professor Catalão barrou-lhe o caminho. A chuva intensificara-se e já caía pesadamente sobre ambos.

— Deixe-me em paz — pediu-lhe ela. — Sou apenas uma mulher, que em tempos entregou um lenço a um homem que já estava moribundo.

O professor Catalão apercebeu-se de uma presença súbita numa das ruelas. Alarmado, reconheceu o rosto de Jonathan Reis Campbell, observando-os com um semblante carregado:

— Ele é perigoso — avisou-a Afonso, evitando confrontá-lo. — Conheço poucas pessoas assim. É pura maldade. Por favor, tenha cuidado.

Os olhos cor de azeitona de Esther fitaram duramente o professor através da cortina de água que caía entre os dois. Depois, voltou a arrancar na direção do noivo, dizendo-lhe apenas:

— Vá-se embora. Está encharcado.

Pádua, Itália
Naquela Noite

Sentado no sofá da sala de estar do apartamento da universidade onde se hospedava, Afonso afastou o telemóvel da orelha e esforçou-se por conter um espirro, embora sem sucesso. Mais recomposto, rodeado por uma mobília de aspeto antiquado e pouco agradável, encostou-se para trás e regressou à chamada telefónica que estava em curso. Continuando a conversa, Diana revelou-se ainda mais sagaz:

– Vês? É um sinal.

– De quê?

– De que temos uma história.

– Acho que hoje já discutimos esse teu uso do plural.

– Sinto-me desesperada, Afonso. – A esposa armou um tom de voz que roçava a autocomiseração. – Tenho um livro para escrever e ainda não passei da primeira página.

– Deveria servir-te de lição para não fazeres promessas em vão. O bloqueio de escritor é tramado.

– Não se trata disso. Apenas estou encalhada. O *Cardeal* recusa-se a falar comigo. Não compreendo o que se passa.

– Já pensaste que talvez não queira mesmo falar contigo?

– Haverias de ver a pesquisa toda que já fiz.

– Não estou interessado, mas se quiseres, posso interceder por ti junto do reitor da minha universidade. Dava-me jeito um assistente.

– No nosso caso, seria mais o contrário.

– O que queres dizer com isso?

– Quando eu for para aí investigar o caso, tu irás naturalmente passar por meu assistente. É assim que costumamos apresentar-nos.

Afonso calou-se, atacado por uma vontade súbita de espirrar, mas desta feita conseguiu controlá-la.

– Usaste duas expressões que não me parece ficarem muito bem juntas.

– Quais foram?

– Vir para aqui e investigar o caso. Vou-me embora de Pádua dentro de três dias e tu não vens.

Diana fez um silêncio prolongado. Sentado no sofá, o professor conseguia imaginá-la do outro lado, com os olhos castanho-claros a brilharem de inteligência, a tentar encontrar uma forma de conseguir persuadi-lo.

– A presença da Esther e do Jonathan em Pádua não são suficientes para te convencer? Poderia escrever um artigo de seguimento ao que fiz na altura em que tu descobriste toda a verdade, aquele que intitulei «Pecados Santos». Valeu-me um prémio.

– Nunca irão aceitar falar contigo — rematou o marido. — E além do mais, já lhe disse o que queria; avisei-a sobre o Jonathan. Ela foi muito clara na resposta que me deu. Só quer que os deixemos em paz.

A jornalista portuguesa remeteu-se ao silêncio. Esgrimir argumentos com o professor Catalão era uma tarefa árdua. Afonso fizera-o com outros estudiosos, durante toda a vida, ao longo da carreira académica.

– Há uma ligação entre eles os dois e o *Cardeal*... — recomeçou ela a falar devagarinho.

– Sim, através do Adam, que é irmão dele e que tinha ciúmes do Jonathan. No mínimo, a relação é ténue.

– Mas a morte do Adam é uma boa história.

Afonso suspirou. Doía-lhe a cabeça e começava a sentir-se cansado. Não deveria ter ficado tanto tempo à chuva.

– O Jonathan não matou o Adam. Essa ideia é completamente absurda. Quem o fez foi o Daniele Accardi. Confessou o crime e tudo.

– Permita-me discordar, senhor professor, mas todo esse ceticismo não lhe fica bem. Há demasiadas pontas soltas nesta história. Admite-o.

– Talvez, mas se for o caso, então, como é que explicas o seu envolvimento?

– Ora, aí está uma boa pergunta.

– Em relação à qual tu não tens qualquer intuição.

– Não é bem assim.

Afonso fez um ar contrariado. Diana era muito teimosa. No entanto, só o facto de não continuar a insistir revelava que talvez tivesse na manga algo sobre o qual ele não pensara bem.

– O que é que queres dizer com isso?

A gargalhada da jornalista ouviu-se claramente através da chamada telefónica:

– És adoravelmente curioso, meu querido Holmes.

– Não intuas coisas que não sinto, caro Watson. Sabes que sou um homem difícil de conquistar. Vá, diz-me tudo o que tens.

Diana voltou a rir-se e fez-lhe finalmente a vontade:

– De onde é que conhecíamos este rapaz chamado Daniele Accardi?

– Pela história da irmã dele, a Gabriella.

– E de que modo é que chegámos até ela?

– Por causa da morte do cardeal Uggeri.

– Certo – concordou Diana. – Mas eu perguntei-te como.

Afonso semicerrou os olhos por trás dos óculos de leitura. Dispensava o raspanete. Vendo que ele não respondia, ela fê-lo no seu lugar:

– Através do Paolo, lembraste?

– Talvez – respondeu o professor Catalão, não querendo propositadamente dar o braço a torcer.

– Porque eu e ele andávamos a investigar a mesma história, o Pedro.

– Ah, sim, já me recordo – retaliou Afonso, sem evitar uma ponta de sarcasmo. – Foi por causa do Pedro que tu entraste na *Dark Web* e eu passei uma noite na prisão.

– Amor – disse Diana, com um tom pausado –, não revivas constantemente o passado. Deixa-te amargurado.

O professor reclinou-se no sofá e tirou os óculos, esfregando a vista. Já não sabia o que fazer. O mal-estar alastrava-se rapidamente por todo o seu corpo e, agora, até os olhos lhe ardiam. A mulher voltou à carga, explicando mais uma vez a pertinência das relações entre Adam, o *Cardenal*, Daniele Accardi e Pedro.

— Pronto, vem quando quiseres! — barafustou o professor. Amava-a, mas naquele momento a voz da jornalista retinia-lhe nas têmporas, tornando-se insuportável.

Em Portugal, Diana fez um sorriso de júbilo. Tinha a cabeça a latejar de tantas ideias. Depois, rematou com um sentido de oportunidade matador:

— Vês? Eu sabia que não consegues viver sem mim.

Pádua, Itália

No Fim de Semana Seguinte

Quando Diana e Rodrigo chegaram à cidade, já Afonso se sentia consideravelmente melhor. Passara dois dias de cama, isolado de forma previdente até saber os resultados de um teste ao vírus SARS-CoV2, o que acabara por ser pelo melhor. Não fora infetado, mas a doença servira de desculpa perante o reitor da universidade para adiar as palestras, justificando, assim, a sua continuidade na cidade.

O professor estava hospedado num apartamento localizado na Piazza dei Erbe, um largo medieval delimitado de um dos lados pelas arcadas de um palácio, que funciona como mercado ao ar livre para o comércio de vegetais e outros produtos alimentares de cultivo. O prédio era amarelo, quase acastanhado, com uma fachada velha e pouco cuidada. As janelas tinham taipais verdes, de madeira, e por baixo existia uma ervanária, ou, como Rodrigo fez notar quando entraram, *L'erbolario*. Lia tudo aquilo que conseguia.

Afonso, que fora buscá-los à estação ferroviária, acolheu-os no interior do apartamento, com o menino às cavalitas. A casa pertencia à Universidade de Pádua, servindo para albergar docentes e outros convidados, que, como ele, se encontravam na cidade para participar nas atividades letivas apenas de modo passageiro. Diana achou que esse era exatamente o espírito da habitação, mas conteve-se, preferindo não o dizer.

A jornalista tivera de usar de toda a sua capacidade de persuasão para convencer a professora de Rodrigo, mas conseguira-o, prometendo que, quer fosse através de aulas por videoconferência, ou do estudo em casa, ele não iria atrasar-se nos programas curriculares. Por isso, sentia-se

apenas contente por ter conseguido ir a Itália, independentemente das condições do apartamento. Mal podia esperar pela oportunidade de ficar a sós com o marido e de lhe contar tudo o que arquitetara.

Depois de regressarem com a criança da rua, que pedira para visitar a universidade, Afonso e Diana jantaram calmamente. A jornalista aproveitara o passeio para comprar algumas coisas, uma vez que o marido não tinha praticamente nada em casa. O menino lambuzou-se com um prato de massa fresca, tagarelando, excitado, mas rapidamente foi vencido pelo sono e, menos de cinco minutos depois de ser levado para o quarto, adormeceu.

O casal sentou-se em silêncio na sala com a televisão apagada. A jornalista puxou do braço do esposo e colocou-o por cima dos seus ombros, aconchegando-se a ele. Não tinha frio, mas o contacto com o seu corpo sabia-lhe bem. De seguida, deitou a mão à mala onde costumava guardar o computador portátil e sacou de lá uma caneta e um caderno. Abriu-o e começou por uma folha em branco, na qual desenhou ao centro um círculo.

– O que estás a fazer?

– Vou explicar-te o que diz a minha intuição.

Afonso viu-a escrever uma palavra no interior da figura geométrica: «Adam». Depois, continuou o esquema, desenhando quatro retângulos, um em cada canto da página. No que se localizava no canto superior esquerdo escreveu um nome sobre o qual anteriormente já tinham falado bastante e, garatujando uma nota breve e unindo a caixa ao centro por uma seta, disse:

– O Pedro desapareceu de cena na mesma altura em que o Adam foi preso, suspeito de matar a tia e o menino que vivia na casa em frente. A última vez que ouvimos falar dele foi quando publicou na plataforma *emanuel* – explicou ela, referindo-se ao *site* através do qual o pirata informático revelava ao mundo as suas descobertas – as fotografias que a Polícia italiana tirou quando descobriu o cadáver do Papa Mateus II. O que é que isso te sugere?

Afonso não precisou de muito para fazer a dedução. Era óbvia:

– Que o desaparecimento do Pedro esteve relacionado com a prisão do Adam.

– Ou que o Adam e o Pedro são a mesma pessoa?

– Não. Quando tu e eu fomos a Haia encontrar-nos com o rapaz que tu conhecias como sendo o Pedro, na realidade ele disse-nos que já não o era.

– O Henrique.

– Certo

– Ou seja, que fora ele quem começara a plataforma *emanuel*, mas sempre como uma fachada de outrem, que não sabia quem era, mas que entretanto o dispensara.

– Insinuou tratar-se do Adam.

– Que sendo controlador como era, não seria exatamente uma surpresa.

– Ele negou-o, mais do que uma vez. Tu confrontaste-o na livraria, através da irmã, Lizzie, na noite do lançamento de *A Morte do Papa*, e eu também, quando no ano passado o visitei na prisão – acrescentou Afonso. – E ele foi bastante perentório.

– É natural. Estragar-lhe-ia a imagem – concluiu Diana.

– Será que o Henrique nos contou tudo o que sabia?

– Em que estás a pensar?

– Não sei. Já passaram dois anos. Por onde anda ele agora?

– Não sei. Julgo que continua a colaborar com a Europol. Pelo menos, foi assim que o deixámos.

A jornalista começou de seguida a desenhar uma nova seta entre o círculo central, que continha o nome do escritor inglês, e a caixa que se localizava no canto inferior esquerdo.

– O *Cardenal* – anunciou ela, escrevendo a palavra e tirando uma nova nota. – Fechou o canal de contacto comigo desde o ano passado, quando o confrontei com o facto de ser irmão do Adam.

– Não foi apenas isso que se passou.

– Está bem. Sobreviveu a um atentado...

– Executado por um outro assassino profissional, sobre o qual nada sabemos – interrompeu-a o marido. – Aparentemente, os dois eram rivais e havia umas contas a ajustar entre eles. Quem te diz que na realidade a tentativa falhada de o matar não foi consumada posteriormente?

Diana fez um esgar aborrecido.

– Recuso-me a aceitar que o Mark esteja morto. Olha só o que consegui descobrir sobre ele.

A jornalista desencostou-se ligeiramente e retirou do interior da mala do computador um conjunto de folhas de tamanho A5 plastificadas, presas com um elástico. Como sempre, era metódica e extremamente organizada.

– O que é isso?

– Aquilo que te disse que gostaria de te mostrar. São artigos que recolhi de alguma imprensa escrita estrangeira.

Ela deu-lhos para a mão. O primeiro mostrava um santuário japonês, mas o artigo estava escrito em inglês.

– Trata-se do Templo Dourado de Quioto. Foi lá encontrado um homem barbaramente assassinado por uma catana. Na mesa, fora deixada uma flor, precisamente um cardeal.

Afonso ficou mais atento ao ouvir falar na referência à flor, mas a esposa prosseguiu, chamando a sua atenção para outra folha:

– Veneza, *Cà D'oro*, um dos palácios mais conhecidos da cidade. Um *Don* foi encontrado morto na água do Canal Grande. Um homem vestido de cardeal terá sido visto nas imediações, em direção ao bairro judaico. E as coincidências continuam, olha só.

Diana mostrou uma imagem do sambódromo do Rio de Janeiro, durante o Carnaval, na qual se via um desfile. Era inspirado na Igreja Católica e a fotografia estava cheia de homens fantasiados de cardeais.

– Nesta mesma noite, o presidente de uma associação importante morreu. Um dardo com veneno foi encontrado no camarote. E há mais.

Recordo-me perfeitamente de durante uma das trocas de *e-mails* que mantive com o Pedro, ele me ter dito que se encontrava em Veneza. Os dois poderão ter estado em simultâneo na cidade.

– Achas que existe uma ligação entre o *Cardeal* e o Pedro?

– Tem estado perante os nossos olhos todo este tempo, ou esqueces-te de que o vídeo que a plataforma *emanuel* publicou com as movimentações na Praça de São Pedro, na noite em que o Stefano Uggeri morreu, foi manipulado, de modo a ocultar a presença de o *Cardeal*?

O professor Catalão ficou a pensar durante algum tempo, vendo a mulher devolver à pasta o maço de recortes.

– Deverias tentar falar outra vez com o Henrique. Poderá não saber mais nada sobre, afinal, quem é o Pedro, mas talvez explicar melhor esta ligação.

A jornalista tomou nota do facto, para não se esquecer.

– Poderás ter razão nestas associações que fizeste — continuou o marido —, mas nenhuma delas prova que o Mark está vivo. São todas anteriores ao ano passado.

– Recuso-me a acreditar que morreu.

– É uma possibilidade, admite-a.

– Não. Ele salvou-me naquela tarde. É muito bem capaz de se defender.

Afonso arqueou uma sobrancelha. Não partilhava do otimismo dela sobre o estado de saúde do irmão mais velho de Adam Immanuel. De qualquer modo, como já lhe concedera o benefício da dúvida, incentivou-a a prosseguir com o seu raciocínio. Ela estabeleceu uma nova ligação, daquela vez com o retângulo que se localizava no canto inferior direito e escreveu «Daniele».

– O rapaz que confessou ter matado o Adam.

– Que mentiu à Polícia, queres tu dizer — corrigiu-o Diana.

– Tanto quanto me explicaste, encontra-se preso, o que significa que os responsáveis pelo caso hão de discordar.

– Escolheram a solução mais conveniente, sobretudo num caso com este grau de mediatismo. Não te esqueças de que o filme estava prestes a ser exibido no Festival de Cinema. Foi o remate perfeito, numa história que poderia ter-se tornado muito difícil de gerir. Não os censuro.

– Mas discordas da investigação que realizaram.

– Sim, porque encontraram objetos na cena do crime que não pertenciam ao Daniele, nem ao Adam, como a camisola ensanguentada, ou as chaves.

– Então, a quem pertenciam?

Diana escreveu cuidadosamente na última caixa vazia o nome que faltava para completar o esquema – «Sofia».

– A tua amiga, a menina Conti.

– Não lhe chamaria isso.

– O noivado fulgurante foi inusitado.

– Sim, mas o que teria ela a ganhar com isso?

– Segundo consta, *A Adoração dos Reis Magos* não foi devolvida à capela de King's College, o que significa que a tem ainda em sua posse. E nós sabemos bem o quanto ela adorava aquele quadro.

– Não fará muito sentido enviá-lo de volta à universidade. Venderam-no.

– Então, quem fica com o quadro?

– Os herdeiros do Adam.

Diana matutou naquilo durante uns segundos e foi para acrescentar uma quinta caixa ao desenho. Começou a escrever um nome, mas o professor Catalão interrompeu-a, discordando:

– Deixa a Lizzie fora disto. Encontra-se presa.

– Pela morte de quem?

– Da tia e do John.

– E de estar implicada na de Andy. Nunca se explicou bem como é que o menino morreu.

– Sim, mas pelo menos confessou a do John – insistiu Afonso, sentindo-se incomodado. – Sabes que ele era meu amigo. Custou-me

imenso.

Sem saber que se tratava do irmão, a rapariga contratara o *Cardeal* para o matar, receando que o reitor da universidade de Cambridge expusesse o irmão pelo que se passara quando eram crianças. Pelo menos, essa fora a versão dos factos que no momento da sua prisão admitira perante a Polícia.

— Pode não ser culpada de um crime, mas, pelo menos, de outro, é — continuou o professor. — Está presa. Vamos deixá-la fora disto.

A jornalista fincou a caneta contra o papel e depois, lá riscou o acrescento. Contornou várias vezes o nome de Sofia, destacando-o:

— Sei que foi tua aluna e que de alguma forma te sentes na obrigação de a proteger, mas ela é o peão mais importante nesta história, de certeza.

Afonso fitou o esquema, admitindo o óbvio:

— É ardilosa como ninguém. Não dá ponto sem nó. O que tens sobre ela?

— Pouco. De acordo com a entrevista que deu à tal revista italiana, defendeu que o Adam não era bissexual, ou seja, também contrariou o testemunho do Daniele. O que na verdade só a prejudica. Se o caso vier a ser reaberto, a sua participação no crime terá de ser forçosamente reavaliada.

— Continua em Veneza?

— Sim, numa casa que comprou. Na verdade, trata-se de um palacete. Chamam-lhe Dario e contam os locais que está amaldiçoado.

Afonso riu-se. Encaixava perfeitamente no perfil da sua antiga aluna. Já Diana, continuou a contornar a caixa que continha o nome da italiana, ao ponto de quase se tornar num borrão.

— O que dizes de irmos a Veneza? — alvitrou ela.

— Não é longe daqui. Apanhemos o comboio e vamos e vimos. O Rodrigo vai adorar.

Diana levantou a cabeça do seu peito e fitou-o demoradamente com os olhos castanhos a reluzirem.

– Não era nisso que estava a pensar.

O professor levou algum tempo a compreendê-la, até que se sobressaltou com a ousadia da sua proposta.

– Diana... Eu... Não me parece que isto seja muito boa ideia.

– Alugamos uma casa e mudamo-nos para Veneza uns dias! Sempre desejei conhecer a cidade e, assim, livramo-nos deste apartamento horrível.

– Não digas isso. É apenas antigo.

– Não interessa. Precisamos de falar com a Sofia e é lá que ela se encontra.

– Precisamos?

– Ela é a chave para todo este mistério. Só a tua querida ex-aluna poderá explicar o que levou o Adam a marcar um encontro com o Daniele.

– E como é que vamos fazer isso? Aparecemos à porta da casa nova dela, como eu fiz em Como, no ano passado? Começa a parecer que andamos a persegui-la.

– Pensei que tínhamos concordado em repensar o uso que andamos a fazer do plural, querido.

Afonso soltou uma gargalhada, não tanto por achar piada à graçola da esposa, mas porque se sentiu subitamente nervoso.

– Terás de ser tu. Ela mal me conhece. Vimo-nos só uma vez, no casamento dela, em Londres, com o Giancarlo Baresi, mas em ti, julgo que irá confiar.

– Não faço ideia de como poderei falar com ela, Diana, ou de como vamos mudar-nos para Veneza.

– Dás as tuas palestras e, a seguir, logo tratamos disso.

– As casas são caríssimas e difíceis de arranjar.

– Deixa isso comigo. Casaste-te com uma escritora de sucesso, que por acaso recebeu na semana passada o adiantamento de duas traduções. Estou «cheia de massa» e a sentir-me poderosa, querido. Vou a uma daquelas plataformas de arrendamentos e trato de tudo num instante.

O professor ficou parado a olhar para ela. Levou a mão à testa e apoiou-se nos cotovelos. Ainda não se sentia completamente recuperado.

— Para que isto resulte, a Sofia terá de pensar que nos deparámos casualmente com ela e isso necessitará de alguns dias, de estudar como é o seu quotidiano, por onde anda.

— O especialista em missões de espionagem és tu.

Afonso olhou lentamente para ela e, ao fim de algum tempo, a sua expressão suavizou-se.

— Talvez possa ajudar — admitiu ele, raciocinando rapidamente. — Há um contacto, ou outro, que poderei tentar estabelecer.

— A sério? — confirmou Diana, animada. — O que é que tens em mente?

O professor fez um sorriso travesso. Já que se encontrava na presença de uma escritora de sucesso, muito bem, ela que comesse por abrir um pouco os cordões à bolsa. Simplesmente, disse-lhe:

— Depende da quantidade de dinheiro que estiveres disposta a gastar.

Veneza, Itália

Uma Semana Depois

A operação demorou vários dias a ser montada, envolveu diversas pessoas, mas contou com uma baixa de peso. O motociclista — curiosamente, o mais velho da equipa idealizada por Afonso Catalão — era o único agente especial cujo rosto Sofia Conti já vira. Na altura em que fora cortejada pelo primeiro marido e ainda colaborava com as autoridades internacionais num plano montado para desmascarar Giancarlo, fora necessário fazer-lhe ciúmes. Vivera, então, uma paixão tórrida com um *playboy* internacional de ascendência italiana e árabe-saudita, que a imprensa cor-de-rosa passara a seguir fervorosamente.

Gigi e Sofia, a encontrarem-se à porta da embaixada na qual ela trabalhava, prontos para um fim de semana escaldante num hotel de luxo de Milão; Gigi e Sofia, sem conseguirem tirar as mãos de cima um do outro, enquanto jantavam um prato de *ossobuco* na esplanada de uma *trattoria* lombarda com vista para o Duomo; Gigi e Sofia, muito agarrados, a partilharem uma bicicleta de assento duplo, enquanto passeavam pelas ruas de Brera e aproveitavam em pleno o fim de semana a dois; Gigi e Sofia, abraçados, a tirarem fotografias com a fachada da catedral gótica por trás, enquanto ele lhe segredava algo maroto ao ouvido; e, finalmente, Gigi e Sofia, vestidos de gala, a levantarem os bilhetes que a relações públicas dele reservara para ambos assistirem a um espetáculo no magnífico Teatro alla Scala.

A encenação fora um sucesso, levando a que o ladrão de arte e a noiva reatassem o relacionamento, acabando por casar-se, algum tempo depois. Quanto a Gianluigi Asiri, ou Gigi, o homem que na realidade era mais conhecido pela sua predileção especial por veículos de duas rodas,

simplesmente desaparecera. Fora visto pela última vez a sentir-se destroçado, de coração partido, ao mesmo tempo que embarcava num voo rumo à sempre apaziguadora Nova Iorque.

Perto dele, mas suficientemente longe, tinham andado sempre três pessoas: um jovem de aparência latina que gostava de ler; uma mulher alguns anos mais velha do que ele, com um corte de cabelo moderno, como o de uma grande executiva numa empresa de topo; e uma jovem de aparência camaleónica. Naquele dia, usara o cabelo pintado de ruivo, fazendo-se passar por hospedeira, enquanto tratava do embarque do *playboy* no avião mais recente da frota da companhia aérea para a qual trabalhava, mas antes já o tivera louro, a sua cor natural, ou coberto por uma peruca, enquanto fingia ser um simples mimo. Aqueles três agentes eram a sua equipa.

Por isso, Afonso considerou que o melhor seria deixar de fora o motociclista, ainda que isso reduzisse a experiência de campo da equipa. O objetivo seria estudar o quotidiano de Sofia, de modo a criar uma oportunidade que permitisse ao professor falar com ela.

Ao longo dos dias em que a mulher foi vigiada, muito se passou em seu redor do qual ela não se apercebeu. Foram pormenores, pequenas insignificâncias estrategicamente planeadas, que permitiram traçar rotinas e descobrir por onde andava e o que fazia diariamente a noiva do falecido Adam Immanuel.

Foi numa dessas ocasiões que a italiana não reparou sequer no casal jovem, de mão dada, que tirava fotografias na praça em frente à sua casa, enquanto ela apanhava sol na varanda e fechava a aquisição de um novo quadro para a sua coleção. Na manhã do dia seguinte, Sofia também não se apercebeu da presença de uma mulher pela sua idade, de ar apressado e um corte de cabelo moderno, que comprava peixe na banca ao lado, enquanto ela e Francesca escolhiam um pargo para o almoço no sempre luxuriante e vibrante mercado do Rialto.

Nessa mesma tarde, Sofia não reparou igualmente no rapaz moreno que lia avidamente, sentado numa esplanada do Campo de Santa

Margarida a beber um chocolate quente, enquanto ela entrava e saía de uma loja de artesanato, que vendia têxteis para a casa. E um dia mais tarde, não detetou ainda uma jovem loura, de ar fresco e descontraído, que experimentava um vestido no provador ao lado do seu, numa boutique de alta-costura, à qual a italiana encomendara um modelo exclusivo para usar na inauguração de uma exposição que se aproximava.

No entanto, a sua falha maior aconteceu no fim de semana seguinte, quando, no sábado de manhã se dirigiu à Praça de São Marcos. Foi aí que nem sequer se deu conta do menino louro, com óculos vermelhos, que brincava aos saltos, com um papagaio na mão, em frente ao edifício grandioso da basílica; da mulher ruiva e muito bonita que o vigiava atentamente; ou do homem de cabelo encaracolado e grisalho, e corpo seco, que escondia o rosto atrás de um jornal aberto.

Vestida com um saia-casaco carmesim, com o cabelo claro apanhado num carrapito elegante, Sofia emergiu das arcadas do Museu Correr e avançou para o grande saguão do centro de Veneza, no meio dos pombos que esvoaçavam à sua passagem. O céu estava carregado e a temperatura continuava a baixar, acompanhando o outono, que chegara recentemente.

Apesar disso, os turistas já enchiam aquele que Napoleão, quando invadira a cidade, considerara ser o melhor salão de visitas da Europa. Ao fundo, o edifício exótico da Basílica de São Marcos, um híbrido da arquitetura bizantina e ocidental, velava por todos, serenamente, com a sucessão de domos, arcos, agulhas, estátuas de mármore, anteparos e mosaicos de folha de ouro a atraírem claramente toda a atenção dos transeuntes.

Acompanhava-o a Torre do Relógio, um campanário no topo do qual era possível ver até aos Alpes, e o Palácio Ducale, o paço fascinante onde em tempos se sentara o doge, o líder das antigas repúblicas de Génova e Veneza, agora convertido num dos maiores museus clássicos do mundo.

Sofia ignorou o movimento da Praça de São Marcos e enveredou por uma das laterais, protegendo-se sob as arcadas, até entrar no Caffè

Florian, que, a par do Procope, em Paris, reclamava ser o botequim mais antigo do mundo. Era um espaço clássico e requintado, com uma história inegável, que no passado já fora frequentado por figuras notáveis da Literatura mundial, tais como Goethe, Proust, Dickens e até o libertino Giacomo Casanova.

A italiana foi recebida à porta por um empregado vestido com calças pretas e um casaco e camisa brancas, que ao reconhecê-la, lhe sorriu. Era uma cliente habitual. De seguida, conduziu-a pelas salas decoradas faustosamente até a deixar na do Senado. Sentada nos bancos de veludo, enquadrada maravilhosamente pelos painéis dourados, uma mulher alguns anos mais velha do que ela, com o cabelo preto e comprido, que lhe chegava à cintura, bebericava delicadamente de uma chávena de chá, enquanto aguardava pacientemente por ela. Tratava-se de Stella, um das embaixadoras da Christie's em Itália.

As duas cumprimentaram-se discretamente, começando pouco depois a falar de negócios. Tinham assuntos em comum a tratar. Duas mesas afastadas, de costas para elas, uma hospedeira de bordo, de passagem pela cidade, aproveitava para compor a maquilhagem, enquanto se preparava para o próximo voo. Ruiva, conseguia vê-las perfeitamente pelo espelho que segurava na mão para retocar o rosto.

Afonso esperou na Praça de São Marcos, lendo distraidamente o jornal, que a jovem saísse do Caffè Florian. Viu-a algum tempo depois, quando apareceu à porta, com a farda da companhia aérea e a mala no ombro direito. Era um sinal. O professor trocou um olhar com Diana, que continuava por perto, e arrancou de seguida, estugando o passo. Ela pegou em Rodrigo e imitou-o. Ambos tinham aonde ir.

Passados vários minutos, Sofia abandonou igualmente o botequim. Vinha sozinha e, vendo o largo pejado de turistas, optou por prosseguir caminho sob as arcadas clássicas. Do alto da *loggia* dos cavalos, por cima dos arcos que contavam a história da Basílica de São Marcos, uma mulher que levava pela mão uma criança com óculos vermelhos observava-a. Só se tinham visto uma vez, aquando do seu casamento,

mas, mesmo assim, ela não a reconheceu. Pegou no telefone e fez uma chamada que durou dois segundos.

A italiana passou a Torre do Relógio e, paralelamente à fachada principal do Palácio Ducale, caminhou em direção à marginal da lagoa. Duas colunas de granito, no cimo das quais se via um par de estátuas, de São Teodoro e do leão de São Marcos, enquadravam um templo imponente, inspirado em elementos gregos, que se via ao longe, noutra ilha, para lá da extensão de água. A fachada deslumbrante de mármore da Igreja de San Giorgio Maggiore era uma das mais emblemáticas do horizonte veneziano.

Sofia cruzou a *piazzetta*, enveredou por Riva degli Schiavoni e andou durante vários metros. Havia algum movimento por ali. Além dos turistas, várias embarcações, incluindo gôndolas, iam e vinham a partir dos ancoradouros, fazendo-se à água. Assim que chegou a um dos cais, estugou o passo, apanhando no último minuto o *ferry* que partia.

A viagem pela lagoa não demorou mais de cinco minutos. A ilha de San Giorgio Maggiore ficava relativamente próxima, ao largo da zona central de Veneza. Quando saiu do barco, a mulher dirigiu-se imediatamente ao edifício neoclássico da igreja. Passou o majestoso pórtico de quatro colunas e entrou.

Sofia benzeu-se e avançou pelo interior amplo da nave, onde a luz entrava graciosamente pelas janelas elevadas e se refletia nas abóbadas alvas. Sentia-se ansiosa e os seus olhos apenas se focavam numa visão distante, que ia crescendo gradualmente para ela, à medida que se aproximava. Passou os portões de ferro preto que davam acesso ao coro e contemplou-a finalmente. Exposta por cima de um grande painel de madeira, ali estava ela, a magnífica pintura a óleo de Tintoretto — a sua representação do episódio bíblico de A Última Ceia.

Só depois de algum tempo é que ela se apercebeu de que não se encontrava sozinha. Sentado na extremidade oposta, nos cadeirais de madeira, por baixo de *A Queda do Maná*, outra obra do mesmo pintor renascentista italiano, encontrava-se um homem de cabelo encaracolado

e grisalho, e físico seco, que a cumprimentou com um ar sério. Afonso Catalão disse simplesmente:

– Olá, Sofia. Lamento imenso a sua perda. Como tem passado?

Igreja de San Giorgio Maggiore, Veneza, Itália

Tempo Presente

De pé no átrio do coro, Sofia fitou Afonso, surpreendida por o ver ali. O professor tinha um brilho curioso no olhar, como se fosse um felino que acabara de concretizar um plano bem elaborado para apanhar a sua presa. Fez um gesto discreto e convidou-a a sentar-se, o que ela aceitou orgulhosamente. Os dois ficaram frente a frente, sozinhos na nave, instalados nos cadeirais de madeira, cada um com uma obra de Jacopo Tintoretto por cima da cabeça.

— Como é que me encontrou aqui?

— A escolha é óbvia — explicou ele, apontando com o queixo para *A Última Ceia*.

Tratava-se de uma versão muito diferente da que fora celebrizada por Leonardo da Vinci, com o fresco que pintara na parede do refeitório de Santa Maria delle Grazie, em Milão. De uma forma simples, era muito mais escura, pintada com tons menos suaves, representada de uma forma ousada, num plano picado diagonal, ao invés dos usados tradicionalmente, o frontal.

Nela, o centro da pintura não era ocupado pelos apóstolos, mas por uma mulher e outros serviçais, que carregavam pratos. Em torno de Jesus e dos discípulos, viam-se ainda anjos, que adornavam o topo da tela.

— Apenas gosto de vir aqui. É uma igreja sossegada, mais nada — justificou-se Sofia. — No entanto, quando lhe perguntei como me encontrara, não me referia a San Giorgio Maggiore, mas a Veneza.

— Se quisesse manter-se discreta, não deveria ter dado uma entrevista a uma revista de atualidades.

– Ah, isso – desabafou ela – Para um homem casado, diria que insiste demasiado em andar atrás de mim. Presumo que este nosso novo *rendez-vous* não seja accidental.

– Não seja tola, Sofia. Sempre a respeitei. Só quero falar um pouco consigo, mais nada.

– Mais nada? Ou terá medo de cair em tentação?

– Sou imune a isso.

– Talvez, mas será que sempre o foi no passado? Quem sabe, em Cambridge?

– Nunca toquei na Hannah.

– O que importa, professor Catalão, não é se lhe tocou ou não. O que deveria preocupá-lo é a quantidade de vezes que desejou ardentemente fazê-lo.

– O meu passado não é para aqui chamado. Cinjamo-nos ao presente.

– Muito bem. O que deseja saber?

Afonso Catalão permaneceu em silêncio, fitando-a. A sua ex-aluna era uma mulher inteligente e conseguia perceber no brilho de desconfiança que emanava dos seus olhos castanhos que há muito que ela adivinhara o que se passava. A própria referência a Hannah deveria advir daí. Só poderia ter sido o noivo a contar-lhe.

– O Adam.

Sofia suspirou talvez um pouco exageradamente, algo em que o professor reparou. Parecia ansiosa por se mostrar desinteressada.

– O meu noivo morreu, caso ainda não saiba.

– Sim, tomei recentemente conhecimento do que se passou. Pelo que vi, foi amplamente divulgado nas notícias. Aliás, se bem se lembra, foi comigo a dar-lhe os pêsames que começámos esta conversa.

– Ele era muito mediático, talvez um pouco de mais, para seu próprio bem.

– Parece encarar de ânimo leve a sua morte – ironizou Afonso, reparando na cor carmesim do seu vestido.

– Tive um encontro de negócios. Achei que o preto seria algo exagerado.

– É curioso, mas a morte parece andar sempre à sua volta.

– O que quer dizer com isso?

– A Sofia é como uma viúva-negra. As pessoas, especialmente os homens, tendem a morrer depois de se relacionarem consigo. O Giancarlo, o Adam, os seus pais...

A mulher calou-se momentaneamente, enquanto a expressão dos olhos castanho-claros endurecia. Fora atraída para uma cilada e aquele encontro fortuito com o professor Catalão tirara-lhe o tapete de debaixo dos pés, surpreendendo-a e despertando nela a irritabilidade de quem não dispusera de tempo para se preparar para o confronto.

– Não se atreva a fazer essa insinuação, Afonso – avisou-a ela, com um tom de voz que se tornou drasticamente cortante. – De todas as que já fez, essa é sem dúvida a pior.

»Quantas vezes terei de lhe dizer que não assassinei o meu marido? O Giancarlo morreu devido a um imprevisto trágico, depois de me esbofetear, só porque me recusei a compactuar com mais um dos seus logros, isto numa altura em que, deverá recordar-se, eu estava a trabalhar sob a *sua* orientação, para o entregar às autoridades. E não tive nada que ver com o acidente que tirou a vida aos meus pais. Era meu professor, na altura, e deverá recordar-se bem do sofrimento que isso me causou.

– Mas o Adam esteve envolvido nos dois acidentes que vitimaram os pais dele, não é verdade? – contrapôs Afonso, mantendo-se extraordinariamente calmo.

– A nossa intimidade nunca chegou ao ponto de discutirmos a sua adolescência.

– Tratou-se de um compromisso bastante repentino. Há quanto tempo é que se conheciam?

– Não tingi o meu cabelo de preto e muito menos fui a Cambridge, onde me fiz passar por uma viúva-negra, só por causa de um quadro, se é aí que deseja chegar. Isso são apenas ilusões da sua cabeça.

– O que é feito de *A Adoração dos Reis Magos*? É verdade que o Adam trouxe o quadro com ele, quando veio para Veneza?

– Sim, encontra-se em minha casa.

– Ele ofereceu-lho?

– Não. Apenas está à minha guarda. É uma recordação do que vivemos juntos e ainda não sei o que lhe farei. Pertence à irmã, que se encontra detida.

– O que acha que aconteceu na noite em que o seu noivo faleceu?

– Como assim?

– Na entrevista que deu, pareceu-me que duvidava da explicação dada pelo jovem Daniele Accardi.

– Não, como deverá concordar, tenho relutância em acreditar que o homem com quem partilhava a cama era bissexual. O Adam era um amante excepcional.

– Então, quem o matou?

– Não sei, mas existiam várias pessoas com motivos para o fazer. Por exemplo, já pensou no seu editor?

– O Ellis Bloom?

O professor Catalão não o conhecia, apenas o vira ao longe, uma vez, a caminho do seu escritório minimalista num dos arranha-céus mais famosos de Londres, quando Diana o entrevistara, a propósito dos *Crimes de Cambridge*.

– Passou a odiar o Adam desde que ele se retirou durante uns tempos, para vir para aqui e escrever em paz. A zanga foi tão grande, que tratou logo de arranjar um substituto, um tal de John Christ. Ele não gostou e fez um contacto, a pedir uma entrevista a uma jornalista que conhecia. O artigo saiu pouco tempo antes de morrer, apesar de o Ellis ter tentado impedir a sua publicação. São afirmações arrasadoras.

– Sei mais ou menos de quem fala. A meu ver, trata-se de um sujeito inofensivo. Está a exagerar.

– O meu noivo era odiado por imensas pessoas.

– Começando por si?

Sofia reagiu novamente mal à acusação. Levantou-se intempestivamente e fez-se aos portões de ferro que delimitavam o coro. Afonso não se inibiu e seguiu-a.

– Amava ou odiava o homem com quem iria casar-se?

– Está fora de si, Afonso. Deixe-me e siga com a sua vida.

– Para uma mulher que dizia levar a sério a sua viuvez, esta sua nova paixão parece-me muito mal contada. Foi por causa do quadro que aceitou comprometer-se com ele?

– Amava o Adam. A sua perda continua a causar-me um sofrimento imenso.

– Pelo menos, tolerava-o o suficiente para aceitar comprometer-se com ele.

– O que vai dentro do meu coração não é para aqui chamado.

– Não me parece assim tão certa dos seus sentimentos.

– Pare de ser um professor abelhudo e deixe-me em paz – pediu-lhe ela, quando chegaram finalmente à saída. Um barco aproximava-se velozmente, vindo da marginal de Veneza.

– Não – respondeu assertivamente Afonso. – Há um pirata informático que desapareceu misteriosamente, um jovem que por um motivo absurdo confessou um crime que não cometeu e um quadro, ao qual uma mulher ambiciosa sempre quis deitar a mão. E o Adam, e muito provavelmente você, Sofia, estão envolvidos em todos estes segredos até à última ponta dos vossos cabelos.

Os olhos cor de mel da italiana faiscaram duramente. Estava pronta para o embate que se avizinhava e não sairia daquela contenda facilmente derrotada.

– Se quiser voltar a falar comigo, poderá encontrar-me na reabertura ao público da Coleção do Museu Peggy Guggenheim. Passe bem, Afonso. Espero que goste de visitar a cidade.

O professor Catalão ficou parado à porta da igreja, sob o pórtico de quatro colunas, vendo-a apanhar rapidamente o *ferry* que partia da ilha

de San Giorgio Maggiore, de regresso a Veneza. A embarcação ganhou velocidade e rapidamente se afastou, navegando pela água.

Ele pegou no telemóvel e fez uma chamada rápida para Diana. Tinha algumas coisas para lhe relatar, mas o melhor seria fazê-lo quando se encontrassem. Iria ter com ela de seguida. Queria falar-lhe acerca da insinuação sobre Ellis Bloom, mas sobretudo da forma agressiva como a italiana se comportara. Era uma mulher inteligente, que no passado usara frequentemente a farsa, o embuste e a manipulação para conseguir discretamente o que desejava. Aquela fora uma reação demasiado genuína para alguém que alegava não ter nada a esconder.

Porém, quando Afonso arrancou, deu-se conta da proximidade de dois homens, que caminhavam em direção a si pelo empedrado marginal à lagoa. O professor franziu o sobrolho, reconhecendo vagamente um deles, da época em que ajudara a desmascarar Giancarlo Baresi, o malogrado primeiro marido de Sofia. Tratava-se de Luca Detti, um jovem inspetor do Departamento de Proteção ao Património Cultural dos *Carabinieri*.

O outro era um homem ligeiramente mais velho, pela sua idade, com uma barba de alguns dias. Quando se apresentou, o polícia disse-lhe o seu nome. Chamava-se Guido Pelosi.

Ilha de San Giorgio Maggiore, Veneza, Itália

Tempo Presente

Com o barco no qual seguia Sofia a afastar-se cada vez mais, rumo à marginal de Veneza, que se via ao longe, Afonso acompanhou silenciosamente os dois polícias ao longo do empedrado até contornarem o edifício da igreja, deparando-se adiante com uma pequena marina. O mais velho dos dois homens indicou-lhe um restaurante, junto ao edifício acastanhado da abadia. Os três sentaram-se na esplanada e foram acolhidos por um empregado. Estavam bem. Queriam apenas uma água.

– Desculpe-me por o intercetar deste modo, mas o Luca reconheceu-o, quando o viu a entrar na igreja – explicou-se Guido.

– Por que motivo estão aqui? Andam a espiar a Sofia?

– É uma dedução muito perspicaz da sua parte, *professóre Cataloni*. Mas poderíamos perguntar o mesmo.

Afonso ainda foi para o corrigir, mas achou que seria melhor não o fazer. Dada a quantidade de anos que já passara no estrangeiro, ao longo da sua vida haviam sido inúmeras as vezes que alguém resolvera adaptar o seu último nome. *Cataloni, Catalan*, enfim...

– Queria apenas conversar com ela – justificou-se ele.

– Acerca do quê, pode dizer-nos?

– Da morte do noivo.

– Porque é que está interessado na morte do Adam?

– Conheci-o.

Guido e Luca trocaram um olhar, pouco convencidos. O mais novo dos dois permaneceu em silêncio, mantendo ocultos os motivos para a sua presença ali.

– Decide pedir satisfações de cada vez que alguém seu conhecido morre?

– Não, só se a Polícia arranjar uma explicação esfarrapada.

A expressão do inspetor Pelosi alterou-se ligeiramente, passando de um semblante apazível para outro mais fechado e sério.

– O que sabe acerca daquela noite?

– Que prenderam a pessoa errada.

– Porque é que diz isso?

– Recolheram provas no local do crime para as quais não conseguem encontrar uma explicação. A camisola que não pertence ao Daniele, as chaves desirmanadas e mais outras coisas sobre as quais não irei alongar-me.

Guido não respondeu. Parecia ser um homem cansado.

– Vejo que não o nega, *ispettore* — arriscou Afonso.

– Está a investigar sozinho?

– Está a admitir que há algo sobre o qual investigar?

– Vou ser franco consigo, *professóre Cataloni*. A imprensa desconhece-o, porque comunicámos exatamente o contrário, mas na realidade a nossa investigação não foi encerrada. Continuamos a trabalhar no crime.

– É por isso que anda a seguir a Sofia?

– Ela foi a última pessoa a ver o Adam antes de ele ir encontrar-se com o jovem Accardi, para além de terem vivido juntos durante o último ano. É a peça mais importante desta partida de xadrez.

– Consideram-na suspeita?

Guido calou-se novamente, voltando a olhar para Luca Detti.

– Supondo que o Daniele não cometeu o crime... — tentou ajudar Afonso.

– Dir-lhe-ei se me responder primeiro à pergunta que lhe fiz.

– Qual foi? — O professor já não se recordava.

– Se está a investigar sozinho.

O português foi para responder, mas o empregado de mesa aproximou-se, trazendo-lhes as águas. O inspetor Pelosi esperou que o rapaz se fosse

embora e depois fitou-o gravemente. Poderia começar a falar.

– Não, a minha mulher está a ajudar-me. Bom, na realidade é um pouco o contrário. Ela tem mais interesse nesta história do que eu.

– Porquê?

– É jornalista. Está a escrever um livro.

Guido fez um ar assombrado. O menos que desejava era uma repórter metediza, pronta a sonegar toda a informação à qual pudesse deitar as garras afiadas.

– Sobre quem é o livro, a Sofia?

– Não.

– Então, o Adam?

– Talvez não. Está um pouco indecisa. Daí ter vindo a Veneza, à procura de saber mais, para ver se realmente tem aqui uma história.

– Não tem – apressou-se a dizer o inspetor. – Como sabe, prendemos uma pessoa.

Afonso sorriu ironicamente. A profissão de Diana poderia ser intimidante. Felizmente para o polícia, os dois ainda nem sequer se tinham conhecido. Nessa ocasião, é que veria realmente do que ela era capaz.

– Se estivesse assim tão certo, não consideraria a Sofia como suspeita.

– Não disse isso.

– Não, de facto não disse. Estas últimas palavras foram todas minhas. Que mais suspeitos é que têm?

– Ninguém. Tem sido difícil associar o Adam a mais alguém que viva em Veneza.

Afonso decidiu ser generoso. Os dois homens não lhe tinham mostrado uma ordem judicial, pedindo-lhe apenas que colaborasse com eles.

– Quando falámos, no interior da igreja, a Sofia mencionou um nome que talvez queiram investigar, se bem que o ache demasiado rebuscado.

Guido puxou prontamente de um bloco de notas e preparou o lápis.

– Ellis Bloom, o editor do Adam.

– Conhece-o?

– Não, mas a minha mulher sim, e não tem má impressão dele. É apenas um pouco nervoso. Parece-me que será inofensivo.

Guido registou o nome no papel, garatujando-o rapidamente.

– E que mais lhe contou ela?

– Mais nada.

– Estiveram quase trinta minutos a conversar e ela só lhe disse isso?

– Há mais de um ano que não nos víamos. Tínhamos imensa conversa para pôr em dia. Mesmo assim, descobri mais do que vocês. É só o que têm?

O inspetor Pelosi virou-se novamente para Luca, que anuiu. Já trabalhara com Afonso e sabia que o professor era uma pessoa de confiança.

– Há um casal, Richard e Catherine, que passou uma temporada em casa da Sofia e do Adam, e que nos tem intrigado.

– Espere... Richard e Catherine? Qual é o apelido? Será Waterhouse?

O inspetor Detti confirmou-o através de um simples aceno de cabeça. Também se recordava bem dos dois.

– Sim, ele veio a Veneza com o intuito de ajudar a Sofia a decorar a casa, mas entretanto partiu, com a mulher, regressando a Amesterdão. Os dois já cá não estavam quando o Adam morreu.

– São suspeitos?

– Não. Apenas pessoas de interesse. Fizemos algumas perguntas e já percebemos que algo se passou para se irem embora mais cedo do que o previsto. Queremos apenas saber o que foi, não vá existir algum tipo de relação.

Afonso bebeu um trago da sua água e ficou a refletir sobre aquela revelação. Não esperava voltar a encontrar-se com o casal Waterhouse. Ainda se recordava bem da ocasião em que Diana fora à Academia Real das Artes de Londres, fingindo-se interessada em entrevistá-lo. Parecera-lhe ser um homem de boas intenções, mas exageradamente deslumbrado.

– Quão bem conhecia o Adam? – perguntou-lhe Guido.

– Não muito bem – confessou ele. – Falámos algumas vezes, sobretudo no ano passado, por causa da morte da tia.

– Laura, não é? Já estou a par. Também investigou esse caso? – O inspetor não evitou um tom ligeiramente mordaz.

– Não, na realidade, foi um pouco o contrário.

– O que quer dizer com isso?

– A morte de Laura Emanuel foi apenas um dos três homicídios que compuseram o caso que, na altura, a Polícia local apelidou de *Crimes de Cambridge*. Um deles foi o do reitor da universidade, que morreu nos meus braços. É natural que me tenha envolvido.

– Lamento.

O professor anuiu. Independentemente das suas falhas como homem, John Ashton-Davies fora um grande exemplo académico para ele. Devia-lhe imenso.

– Mas por que razão me perguntou se conhecia bem o Adam? Por esta altura, imagino que já devam saber sobre ele muito mais do que eu.

Guido baixou o olhar. Daria tudo para deixar aquele caso em aberto, se pudesse fechar outro, com o qual sentia uma maior ligação.

– Dois meses antes da morte do Adam, um jovem transexual conhecido aqui em Veneza foi assassinado por um homem misterioso com quem vinha a encontrar-se. Chamava-se Maria e era empregada doméstica da Sofia e do seu noivo.

– Como assim?

– Foi um crime violento, com mutilação dos órgãos genitais. Preferia não entrar em mais pormenores. Chamamos-lhe *A Noiva Judia*.

Afonso abanou a cabeça. Nem Adam, por mais vil e cruel que fosse, seria capaz de uma coisa assim. De repente, virou a atenção para Luca, que desde que o interpelara com Guido, à saída da igreja, ainda não dissera uma palavra.

– Mas é por causa disso que o *ispettore* Detti se encontra aqui? Não vejo o que tem que ver com o roubo de arte.

– Não – respondeu ele.

– Então, porquê?

Luca trocou um olhar com o colega. O professor Catalão parecia sentir-se relativamente descontraído. No entanto, o polícia soubera do que lhe acontecera antes, em Amesterdão, e agora, pressentia que estivesse prestes a ficar bastante mais tenso. Era altura de as coisas se tornarem excepcionalmente interessantes.

– O nome *Isaac e Rebeca* diz-lhe alguma coisa?

Praça de São Marcos, Veneza, Itália

Tempo Presente

Afonso encontrou Diana sentada na varanda, com o telemóvel sobre a mesa e um caderno aberto, no qual tomava notas. Rodrigo sentava-se ao seu lado, de auriculares nos ouvidos, olhando atentamente para o rosto da professora, que via no ecrã do computador portátil.

Atrás dos dois, muito perto, estavam os arcos da basílica, onde os mosaicos de Nártex, ladrilhos dourados sobre azulejos de vidro, brilhavam intensamente, refletindo a luz do sol, que entretanto abria. Representavam episódios do Antigo Testamento, ao lado dos magníficos entalhes localizados sobre a porta central.

Diana alugara um apartamento situado no último andar de um prédio baixo, de cor amarela, contíguo à Praça de São Marcos, que oferecia uma vista desafogada sobre o largo antigo. Lá em baixo, o fluxo de turistas continuava a aumentar, entretidos num vaivém constante, enquanto ao longe, as ilhas de San Giorgio Maggiore e Giudecca se mantinham a observá-los, serenamente. O professor preferira não saber quanto é que estariam a pagar pela diária. Não havia localização mais central do que aquela.

Diana apercebeu-se de que algo se passava com o marido pelo seu semblante carregado. Telefonara-lhe ao sair da igreja, onde se encontrara com Sofia, e parecera-lhe bem. No entanto, demorara-se a regressar e, agora, a sua cara denotava alguma frustração. Abandonou o *e-mail* que escrevia a Henrique no telemóvel e perguntou-lhe o que acontecera.

- Fui abordado pela Polícia, antes de apanhar o barco para Veneza.
- Em San Giorgio Maggiore?

— Sim. Ficámos lá a conversar durante um bocado, na esplanada de um restaurante. Por isso é que me demorei.

Diana foi acometida por um mau pressentimento. Era obstinada e trabalhadora, mas no passado já prejudicara Afonso, o que fora muito desagradável.

— Desculpa — pediu-lhe, sentindo remorsos, embora sem saber porquê.
— Meti-nos, sobretudo a ti, em sarilhos, não foi?

O professor Catalão foi para responder, mas Rodrigo interrompeu-o, desligando abruptamente a aula por videoconferência e levantando as mãos no ar, com uma expressão satisfeita.

— Acabei! — exclamou o menino.

— Ótimo, querido — felicitou-o Diana.

— O que é que vamos fazer a seguir? — perguntou-lhe. Não obtendo resposta, virou-se na direção de Afonso: — Vamos andar de bicicleta?

— Não as trouxemos — explicou ele, pacientemente. — E além do mais, é proibido fazer isso aqui.

— Porquê?

— São as regras, mas se quiseres, um destes dias, levo-te ao Lido e alugamos um par, só para nós os dois. Lá, deixam-nos.

— Onde é que isso fica?

— Por trás daquela ilha, ainda mais longe. — Afonso apontou na direção de San Giorgio Maggiore. — Não se vê daqui.

— Temos de atravessar o mar?

— Sim.

— Como o Tejo?

— Não, esse é um rio.

— Ai.

Vendo o sobrinho com um ar muito atrapalhado, Diana interveio:

— Olha, e se fosses buscar-nos um gelado? Vai lá dentro, ao congelador, e espreita só o que eu comprei.

Rodrigo arregalou os olhos e desapareceu imediatamente, enfiando-se no interior da casa. Alguns segundos depois, os sons das mãos dele à

procura das colheres chegou à varanda, onde Diana e o marido se mantiveram. Assim que a criança se fora embora, o ar preocupado do professor regressara.

– Diz-me o que se passa, Afonso – pediu-lhe ela. – Se te arranjei problemas, quero saber. Vamos embora e logo escrevo um livro sobre outro tema qualquer.

– Não se trata disso.

– Então, do quê?

– Acho que esta história poderá ter ramificações para as quais não estávamos preparados.

– Explica-te melhor, por favor.

– Um dos polícias que me abordou era o inspetor Guido Pelosi, o homem que liderou a investigação sobre a morte do Adam. Está igualmente envolvido noutro caso, no qual há a possibilidade de o Adam também estar implicado.

– Qual é?

– A Polícia chama-lhe *A Noiva Judia*. Dois meses antes do que aconteceu no Lido, um transexual foi assassinado, violado e mutilado, nas imediações do gueto de Veneza. Tratava-se da empregada da Sofia. Há agora algumas suspeitas que recaem sobre o Adam.

– Que horror! – Diana fez uma careta. – E o que disse a Sofia? Quando me telefonaste, à saída da igreja, fiquei com a sensação de que tinhas descoberto alguma coisa.

– Não o mencionou. Falou, sim, no Ellis, o editor do noivo. Ao que parece, houve uma grande discussão entre os dois quando ele decidiu vir viver para Veneza e, recentemente, despeitado por causa de outro escritor, terá dado uma entrevista a maldizê-lo.

– Terei de ver se consigo encontrá-la, ou, quem sabe, falar com ele. Já o fiz uma vez. Será muito fácil repetir a façanha. De qualquer modo, acho que a menção ao nome do Ellis não passa de uma manobra de diversão da Sofia, para desviar as atenções de cima dela.

– Concorde.

Oriundo do interior do apartamento, um grande estardalhaço chegou à varanda, sobrepondo-se até ao bulício que os turistas faziam na praça. Diana levantou a cabeça e olhou pelas portas de vidro, tentando certificar-se de que estava tudo bem. Rodrigo andava muito atarefado, à procura de um tabuleiro.

Mais descansada, a jornalista voltou a dar atenção ao marido, cujo semblante, apesar do relato que acabara de lhe fazer, não se desanuviara, nem sequer ligeiramente.

– Não foi só isso que aconteceu, pois não, Afonso?

O professor fitou-a com os olhos castanho-escuros cheios de preocupação.

– Não – admitiu.

– Conta-me tudo, por favor.

Ele suspirou, mas assentiu:

– Além do inspetor Pelosi, também conversei com o outro polícia que o acompanhava. Chama-se Luca Detti e conhecemo-nos na altura em que o SIS me pediu para interceder junto da Sofia, com o intuito de apanharmos o Giancarlo.

– Tenho uma ideia vaga de dizeres qualquer coisa. O que fazia ele por aqui?

– O inspetor Detti pertence à unidade italiana de combate ao crime de arte e quis falar comigo por causa do que se passou em Amesterdão, no fim do inverno.

Diana compreendeu imediatamente o pesar que se abatera sobre os ombros do marido. Recordava-se perfeitamente de o ver chegar a casa, destroçado, depois de mais de um dia a viajar de comboio entre os Países Baixos e Portugal. Simplesmente agarrara-se a ela e começara a chorar.

– Como é que a morte do Adam está relacionada com isso?

– Através da Sofia – concluiu Afonso.

– Como?

– O quadro que tentámos recuperar em Amesterdão era um Rembrandt, intitulado *Isaac e Rebeca*. Apesar de, no geral, a missão ter

corrido mal, nesse pormenor foi bem-sucedida e a pintura acabou por ser entregue ao museu do qual fora roubada, o nacional dos Países Baixos, mais conhecido como Rijksmuseum.

– E então, qual é o problema? Parece-me natural.

– E é. Só que, entretanto, a Sofia não só contratou o diretor de coleção daquele museu para lhe decorar a casa nova, como já fez mais do que uma oferta bastante avultada para comprar o quadro. E imagina só quem é este senhor? – O professor Catalão não deixou a esposa responder: – Richard Waterhouse.

Diana foi tomada pela estupefação. Não esperava voltar a ouvir falar naquele homem excêntrico.

– O inspetor Detti acha que... – A jornalista hesitou ligeiramente, tentando organizar o seu raciocínio. – Acha que ela vai roubar o quadro?

– O Luca anda em cima dela desde a morte do Giancarlo. Diz que os ladrões são incorrigíveis. Se não lho venderem, o que é altamente improvável, uma vez que se trata de um museu, irá certamente roubá-lo.

– Estou a ver – comentou Diana.

Julgava que os museus eram locais bem guardados, mas, na altura do envolvimento do marido no caso de *A Última Ceia*, concluíra que não era inteiramente verdade.

– Não, não estás – contradisse-a Afonso. – O POC morreu por causa daquele quadro e eu não vou permitir que a ambição da Sofia faça com que o seu sacrifício tenha sido em vão. Já perdi demasiadas pessoas na minha vida.

Cambridge, Reino Unido
Quando Afonso Catalão Tinha 38 Anos

De pé, na sala de estar da casa que alugara na cidade universitária, com o telemóvel ao ouvido, o professor fitava melancolicamente a romãzeira que existia no jardim dos seus vizinhos. Continuou a ver a copa alta e larga da árvore antiga abanar violentamente, sob o efeito do vento e da chuva que a atacavam, enquanto esperava que atendessem a sua chamada. Até que uma voz rouca, com a respiração pesada, o fez finalmente.

– Afonso?

– Olá, pai. Como tem passado?

Apesar da saudação aparentemente cordial, a voz do professor soou fria e mais distante do que sempre. Vendo que ele não reagia, passou imediatamente ao motivo pelo qual iniciara o telefonema.

– Estou a ligar-lhe porque queria que soubesse que me vou embora de Cambridge.

– Vais... Estás de regresso a Portugal?

– Não. Vou mudar-me para Istambul. Consegui uma boa vaga no *campus* de Beyazit.

O homem, a quem aqueles nomes pouco diziam, remeteu-se novamente ao silêncio. Ouvira falar do Médio Oriente e Helena, que detestava muçulmanos, estava sempre a dizer-lhe que era perigoso.

– Tens a certeza?

– Sim, pai. Far-me-á bem.

– Porquê?

– Terminei os meus estudos em Cambridge. Concluí o doutoramento há dois anos. Desculpe se não lhe disse — escusou-se, mais por uma

questão de boa educação, do que por achar que deveria fazê-lo.

– Não gosto da ideia. Por favor, vem para casa.

O pai foi subitamente acometido por um ataque de tosse, que se prolongou durante mais de um minuto. Afonso permaneceu de pé, escutando-o, à janela de casa, sem tirar os olhos castanho-escuros da romãzeira. Quando a convulsão parou, disse, finalmente:

– Não posso. O meu futuro está em Istambul. Consigo senti-lo.

– Mas se não queres vir para Portugal, não podes, pelo menos, ficar aí? Inglaterra sempre é mais seguro.

– A Turquia é um país pacífico. Nada de mau me acontecerá por lá.

– Por favor, fica aí. Não quero que morras.

Afonso sentiu-se subitamente irritado pela ignorância do pai e, de uma forma exasperada, acabou por contrapor:

– Não. Odeio Cambridge! Não consigo ficar aqui nem mais um dia. Não suporto este tempo e as pessoas são todas umas snobes antipáticas.

O professor arrependeu-se imediatamente da forma como falara. O seu problema não era a cidade, mas aquilo que se dizia dele sempre que passava pelos corredores da universidade.

O escândalo sobre o seu envolvimento com Hannah Reis Campbell dera-se em 2005, dois anos antes, mas apesar de ter feito um teste de paternidade e de sempre afirmar que nunca lhe tocara, alguém publicara uma carta no jornal, alegadamente escrita por ela.

A consciência de Afonso estava tranquila, mas a verdade é que a nota, que a sua aluna escrevera antes de se suicidar, era demolidora. Nela, a rapariga confessava-lhe todo o seu amor e pedia-lhe que cuidasse do filho recém-nascido. Era dele.

O resultado do teste de paternidade fora negativo, mas, mesmo assim, a dúvida pairava sobre si, insistindo em não o largar, apesar do par de anos que tinham passado. Esse sentimento manifestara-se na altura, pela bofetada que sofrera das mãos de Judite, a mãe de Hannah e o seu primeiro amor, quando fora despedir-se da jovem ao seu funeral e lhe levava um ramo de romãzeira, um símbolo da vida, ou mais

recentemente, de forma continuada, nos comentários que ouvia serem sussurrados nas suas costas. Considerava-se um homem íntegro, mas o que diria a sua mãe, se o visse naquele momento?

– Então, volta para casa, Afonso. Gostaria de ter ver antes de morrer e tens o David, o teu irmão.

– Pai, por favor... – pediu-lhe o filho, sentindo-se incomodado.

Apenas lhe telefonara para o informar acerca da sua mudança e, de repente, via-se no meio de uma crise emocional. Sabia que não estava doente. Ele que fosse procurar conforto na sua nova família.

– A sério, Afonso, podes vir dar aulas para Beja, ou mesmo para Lisboa.

– Não, pai, não se iluda, porque isso não irá acontecer. Vou viver para Istambul convicto de que estou a fazer uma escolha que será positiva para mim. Quero esta experiência. Agora, tenho de desligar. Estou a começar a atrasar-me para uma consulta no oftalmologista.

– No... No oftalmologista, Afonso?

– Sim, agora uso óculos. Fartei-me de tantas dores de cabeça.

O som daquelas palavras fez com que o pai se calasse. Até que a sua voz regressou, ainda mais desesperada.

– O meu filho usa óculos... – constatou ele, lamentando-se. – Como é que eu haveria de saber, se desde que foste para Cambridge, há nove anos, nunca mais voltaste a Portugal. Viste o David duas vezes, duas vezes!

O professor Catalão cerrou os dentes, enfurecido. Na rua, uma rajada de vento mais forte abanou a romãzeira e um ramo partiu-se, caindo aparatosamente no chão. Era um prenúncio dos fantasmas que a sua ida para Istambul ainda haveriam de lhe trazer. Porém, incauto, continuou a sonhar.

Pouco interessado, disse apenas:

– Adeus, pai.

De seguida, desligou a chamada.

Livro Quinto

Edição

(nome feminino)

seleção e montagem de materiais gravados e filmados com vista à constituição de um todo coerente.

Cais de Eminönü, Istambul, Reino Unido

Quando Afonso Catalão Tinha 43 Anos

De pé, junto à Ponte de Galáta, Afonso fitou melancolicamente o porto natural que separava em três a cidade turca. Estava na sua altura preferida do dia, o entardecer. O Sol punha-se, cobrindo o Mar de Mármara com um espelho prateado, capaz de fazer sonhar até o mais cético dos homens, e um odor forte a peixe grelhado pairava no ar, oriundo das bancas onde os turistas e os locais se confundiam, vorazes.

À sua frente, as pessoas iam e vinham, atravessando o Corno Dourado, misturando-se com os pescadores, que, sentados no parapeito, deitavam canas à água. Era um cenário idílico, dotado de um exotismo magnetizante, onde nem sequer faltava o *adhan*, o chamamento da oração. Cantado pela voz emocionada de um homem, os mais belos versos em árabe ecoavam pela rua, escapando-se dos altifalantes das mesquitas que se viam ao longe, espalhadas pelas colinas de Istambul.

O professor apercebeu-se de um bando de corvos, que voava em círculos, no céu acobreado, em redor dos minaretes, crocitando sem parar. A visão daquelas aves de mau agoiro incomodava-o e foi então que o seu telemóvel começou a tocar. Viu de quem era a chamada. Tratava-se do pai.

— Sim. — A voz do professor soou mais lúgubre do que nunca.

— Afonso? Afonso, és mesmo tu?

— Sim, pai, sou eu. — Os dois não se falavam há cinco anos, desde que ele o informara de que iria viver para Istambul. — O que se passa?

A chamada telefónica revelava-se problemática. Havia algum eco e uma estática miudinha, mas o professor percebeu que o homem se

engasgara. Depois de conseguir recuperar, voltou à fala, expressando-se custosamente:

– Onde é que estás?

– Em Istambul. Eu disse-lhe.

– Quando é que vens a Portugal?

Afonso engoliu em seco. Tomara a decisão naquela manhã e já comprara o bilhete para o voo:

– Dentro de uma semana. Resolvi regressar a Lisboa. Consegui uma vaga na Universidade Nova.

Um barulho impercetível, que Afonso não conseguiu identificar se era pieira, ou algo que o pai tivesse dito, perturbou a chamada.

– Acho que não viverei tanto tempo – acabou por lamentar-se o homem, de modo mais audível.

– Está doente?

– Não, mas sinto-o. Vi a tua mãe no outro dia. Vou morrer.

O professor estarreceu, mas tentou não dar muita importância ao assunto.

– Com certeza que foi um sonho qualquer.

– Não, não. Ela apareceu-me. Estava sozinho em casa. A Helena tinha saído e ela apareceu ao pé de mim.

– Quando eu for aí, poderá contar-me tudo novamente – disse Afonso, tentando desviar o assunto. Falar sobre a mãe e a sua morte era algo que ainda o incomodava.

– Virás cá a casa?

O professor ficou momentaneamente em silêncio, fitando a Ponte de Galáta. A recordação da visão de uma mulher de cabelo negro, com um amuleto contra o mau-olhado ao pescoço a atravessá-la, veio-lhe à memória. Tentou concentrar-se e respondeu ao pai:

– Tentarei. Prometo que farei um esforço.

– Preciso que tomes conta do teu irmão.

Afonso sentiu uma pontada de remorso. Calculava que David deveria estar com dezasseis, ou dezassete anos. Não tinha a certeza. Vira-o

apenas duas vezes, na altura em que era recém-nascido. Perante o seu silêncio, o pai continuou a falar:

– Deverá ir para a universidade daqui a dois anos. Diz que quer ir para Lisboa – resmungou o homem, com um tom que indiciava alguma revolta. – Prometes que tomas contas dele?

– Vou tentar.

– Por favor, olha por ele, Afonso. É importante para mim.

Na rua, em Istambul, sentindo-se sozinho, mas rodeado por estranhos, o professor Catalão anuiu, como se o pai pudesse vê-lo. Não queria prometer algo que não sabia se conseguiria cumprir, mas o seu tom de voz suplicante estava a incomodá-lo.

– Sei que pensas que matei a tua mãe.

Aquelas palavras arderam em Afonso como as chagas do Inferno.

– Sei que entraste no quarto e me viste com a almofada na mão.

O professor levou a mão à boca, tentando sufocar um soluço agoniado.

– Mas não é verdade. Ela morreu com a cabeça pousada naquela almofada e eu segurava-a, porque era a única coisa que tinha para me agarrar a ela. Perdoa-me, Afonso. Perdoa-me, por favor. Sei que te tratei mal, que te negligenciei, que nunca deveria ter-me casado tão depressa com a Helena, mas sentia-me sozinho e não sabia o que fazer contigo, como te criar. Perdoas-me, por favor?

O professor ficou com a respiração em suspenso, sem saber o que dizer. Sentia um peso no coração. Assim que conseguiu falar, desligou atabalhoadamente a chamada, prometendo ao pai que brevemente iria visitá-lo. Chegaria a Portugal dali a uma semana. Seria apenas uma questão de tempo.

Afonso fitou novamente a água e a ponte que sobre ela cruzava o Corno Dourado. Passara cinco anos em Istambul. Tanto acontecera; cometera tantos erros.

O seu pensamento regressou novamente a Fatima, a mulher com quem se casara e pela qual se convertera ao Islão. Fora ali, no cais de Eminönü que a conhecera.

Sentindo uma dor forte a apertar-lhe o coração, arquejou. Sabia que teria de deixá-la. Se não o fizesse, definharia, até morrer.

Só havia uma forma de fazê-lo.

Coleção Peggy Guggenheim, Dorsoduro, e Praça de São Marcos, Veneza, Itália

Tempo Presente

Vestido com um fato completo preto, uma camisa branca e um laço, Afonso passou os portões de ferro e entrou no jardim. O Palazzo Venier dei Leoni resplandecia, completamente iluminado, com a claridade que emanava pelas janelas a refletir-se no Canal Grande, à medida que anoitecia.

O céu de Veneza escurecia gradualmente, adormecendo o bairro de Dorsoduro, enquanto os turistas se sentavam para jantar nas esplanadas dos restaurantes e as gôndolas e demais embarcações que costumavam navegar pela água se iam recolhendo. No entanto, ali, naquele paço inacabado do século XVIII, que contrastava com os edifícios circundantes pela sua altura baixa e as paredes de pedra, de uma brancura alva, a animação era grande.

Vestidos de gala, homens e mulheres conversavam alegremente, com uma bebida na mão, enquanto celebravam a reabertura ao público da Coleção Peggy Guggenheim, um museu fundado pela mulher com o mesmo nome, conhecida pelo seu filantropismo e gosto particular pela pintura surrealista. Veneza era a sua maior obra de arte.

Sentindo-se algo deslocado, Afonso continuou a andar discretamente pelo jardim, ao longo de um caminho de lajes de pedra. As árvores eram antigas, com a copa alta, e rente ao chão, alternando com bancos e esculturas, havia arbustos e outra vegetação extraordinariamente bem arranjada.

O professor entrou no edifício e admirou a decoração elegante. Os padrões do portão que vira à entrada replicavam-se ali dentro, nas estruturas metálicas que separavam as alas; o chão era de mármore, de

um tom indefinido entre o cor-de-rosa e o castanho-claro, e, à semelhança da imagem que caracterizava o palácio, as paredes eram brancas, de uma pureza quase incandescente.

Afonso recusou a oferta de um criado que se aproximou com uma bandeja e começou a explorar as divisões do museu. As pessoas continuavam a conviver, conversando baixinho, ou admirando em silêncio as obras que integravam a coleção surrealista. Para ele, cujo gosto pela pintura se resumia aos clássicos, nomeadamente à arte sacra, parecia-lhe que eram todas muito coloridas, de uma exuberância extravagante.

Foi junto a uma delas que a encontrou. Sofia, que envergava um vestido preto, comprido, e usava o cabelo claro apanhado num carrapito, falava com uma mulher alta, de cabelo negro, longo, com um copo de champanhe na mão. Apercebendo-se da sua presença, a italiana fez uma expressão neutra, que tanto poderia dar-lhe as boas-vindas, como esconder uma irritação pulsante.

Por trás dela, fixo na parede branca, encontrava-se um quadro. Chamava-se *O Traje da Noiva*.

Diana beijou a testa de Rodrigo e apagou o candeeiro, deixando o seu rosto corado iluminado apenas pela claridade que entrava pela fresta da porta, vinda do corredor. O menino adormecera passados dez minutos de o deitar e lhe ler um livro que trouxera de Portugal. Era sempre o mesmo, sobre um urso que se perdia numa floresta e formava uma banda, alimentando-se de potes de mel. Adorava-o.

A jornalista deixou-o sossegado e dirigiu-se à sala, sentando-se no sofá com o computador no colo e um caderno ao lado. Na televisão, passava uma série de ficção italiana que ela apanhara em exibição todas as noites, desde que chegara a Veneza, mas que, apesar de compreender facilmente a língua, ainda não entendera bem, e na rua, pelas janelas, viam-se os arcos dourados da Basílica de São Marcos.

Diana tirou o som à emissão e contemplou o santuário da cidade. Não tinha a beleza convencional das grandes igrejas católicas da Europa, como a da Praça de São Pedro, na Cidade do Vaticano, mas era o exotismo da decoração bizantina que lhe dava um toque especial. Mais distante, na *piazetta*, a praça calçada que dava para a marginal, as duas colunas de São Marcos enquadravam a imponente ilha de San Giorgio Maggiore e a sua abadia de Andrea Palladio.

Veneza era de facto um local lindíssimo, onde, quem sabe, depois de Rodrigo crescer e se emancipar, e ela e Afonso se reformarem, os dois pudessem regressar e passar mais algum tempo. Imbuída por este pensamento, a mulher sorriu ironicamente, enquanto ligava o computador. Como se dizia por ali, só esperava que, até lá, a cidade não se afundasse.

A portuguesa foi direta ao programa com o qual fazia a gestão do seu correio eletrónico. Uma campainha soou timidamente quando o abriu, mas tratou-se de um falso alarme. A única mensagem que tinha era publicidade a uma loja de vestuário masculino, onde costumava comprar algumas das roupas que oferecia a Afonso. O marido tinha péssimo gosto.

Diana folheou o caderno e consultou as notas que tomara. O esquema que fizera em Pádua, enquanto se enroscava contra o peito do professor, fora passado a limpo e estava agora mais completo, com as ramificações da história a perceberem-se melhor. Também mudara um pouco a lógica subjacente ao mesmo. Já não era circular, mas essa não fora a única alteração. Adam deixara o centro, passando agora para a periferia da história, dando o lugar a outra personagem, igualmente predominante — Sofia.

Calculava que àquela hora, o marido devesse estar a falar com ela. Decidira ir à reabertura da Coleção Peggy Guggenheim para a interpelar sobre o seu envolvimento nos acontecimentos que tinham conduzido à recuperação de *Isaac e Rebeca* pelo Museu Nacional dos Países Baixos e, sobretudo, acerca do seu interesse recente em comprar o quadro.

Sentindo-se frustrada por ter de ficar em casa, Diana suspirou, olhando casualmente pelas janelas. Depois, fitou as notas e os olhos deslizaram pelas outras caixas do esquema que fizera. Desde que chegara a Veneza, já arriscara mais do que uma vez ir à *Dark Web* tentar estabelecer contacto com o *Cardeal*, mas o silêncio do assassino mantivera-se.

Por outro lado, também procurara falar com Henrique, o jovem lusodescendente que em tempos fora Pedro, o pirata informático que se celebrizara aquando do escândalo que envolvera a morte do Papa Stefano Uggeri, mas o resultado fora semelhante: não respondera.

Sem mais nada para fazer senão esperar que o marido regressasse a casa, ou ver um programa de televisão aborrecido, a jornalista resolveu insistir. Não havia mais nada ao seu alcance.

No interior da Coleção Peggy Guggenheim, Afonso contemplou rapidamente *O Traje da Noiva*, uma pintura a óleo de Max Ernst com noventa e seis centímetros e três milímetros de altura por cento e vinte e nove centímetros e seis milímetros de comprimento, que se encontrava em exibição numa parede branca, enquadrado por uma moldura da mesma cor.

Nela, uma mulher nua com a cabeça de uma coruja era vestida por outra, igualmente despida, que replicando a imagem que via presa numa parede distante, a cobria com um manto vermelho, enquanto era vigiada por uma garça feia com uma lança na mão. A pompa e elegância da representação contrastavam com os elementos primitivos que a compunham — cores berrantes, formas animais, quase monstruosas, e a aparência fálica da arma segura pela ave. O pássaro era um *alter ego* do próprio artista.

Sofia escusou-se perante Stella, a embaixadora em Itália da leiloeira Christie's, que a acompanhava, e virou-se na direção de Afonso, dando-lhe atenção, enquanto lhe perguntava se gostava de surrealismo. Era algo que parecia não se enquadrar bem na sua personalidade mais clássica e reservada.

– Nem por isso – contrapôs o professor, com um tom de voz que deixava transparecer alguma acidez. – Prefiro pintores renascentistas, ou flamengos. Recentemente, cruzei-me com um Rembrandt extraordinário. Presumo que já tenha ouvido falar sobre ele. Chama-se *Isaac e Rebeca*.

A máscara neutra de Sofia manteve-se, sendo apenas traída por um ligeiro brilho, momentâneo, mas diferente, que passou pelo seu olhar. Fitou o quadro e as pessoas que se encontravam em redor. Stella afastara-se. Achou por bem fazer o mesmo.

– Importa-se de me acompanhar? – pediu ela a Afonso, apontando na direção do pátio térreo do museu, que dava para o Canal Grande. – Prefiro que falemos em privado sobre este assunto.

Sentada na sala de estar da casa que alugara junto à Praça de São Marcos, Diana passou a folha de um livro com uma capa preta, na qual se via a fotografia de costas de um homem cabisbaixo e um título com um fundo amarelo. Tratava-se do autor preferido do marido, que, enquanto arregalava os olhos com um ar guloso, lhe dissera apenas: «Vais gostar!»

Um som vindo das colunas embutidas do computador portátil desconcentrou-a. Levada pela curiosidade, largou o livro e viu do que se tratava. Sabia que era uma tola por se iludir, mas tinha a esperança secreta de que Henrique lhe tivesse respondido.

Surpreendida, sorriu, ao ler o endereço do remetente. Subitamente empolgada, abriu a mensagem, que retribuía finalmente as quatro que nos últimos dias ela lhe enviara.

De: peterthejumpingrabbit¹@gmail.com

Para: dianasantosilva@sapo.pt

Assunto: Re: Preciso de falar consigo (por favor).

Olá, Diana,

Desculpe-me se o meu português não for o melhor. Sabe que apenas aprendi a língua em casa, com os meus pais.

Lamento também por não ter conseguido responder-lhe antes. A minha vida mudou muito, desde que nos conhecemos, em Haia, e agora tenho um emprego fixo, que me consome algum tempo.

Sei quem é o nosso amigo em comum. Se tiver disponibilidade para viajar, podemos falar um pouco sobre ele, embora com alguma cautela. Como referiu, aprendi a considerá-lo como um amigo, e, sabendo o que faz para ganhar a vida, talvez não seja boa ideia irritá-lo.

Cumprimentos.

H.

A jornalista portuguesa não perdeu tempo. Com os dedos a segredarem rapidamente ao teclado, respondeu-lhe imediatamente. Estava decidida a não comprometer novamente o contacto com o rapaz.

De: dianasantosilva@sapo.pt

Para: peterthejumpingrabbit@gmail.com

Assunto: Re: Preciso de falar consigo (por favor).

Boa noite, Henrique.

Obrigada por retribuir a minha mensagem. Fiquei agradavelmente surpreendida quando a li. Como lhe expliquei anteriormente, conversei em duas ocasiões com o nosso amigo em comum. Estou muito preocupada com o seu bem-estar, uma vez que fechou sem motivo aparente o canal de contacto que mantinha comigo.

Mencionou que teria de viajar para me encontrar consigo. Neste momento, estou em Veneza, com o meu marido e o meu filho, a trabalhar num novo livro. Recordo-me das conversas que mantivemos no passado, em que o Henrique me disse que vivia no Luxemburgo, embora, na realidade, passasse o seu tempo em hotéis, um pouco por todo o mundo. Onde deverei ir ter consigo? Tem disponibilidade brevemente?

Obrigada.

Espero que esteja bem.

Diana.

A jornalista portuguesa enviou prontamente o *e-mail*. Depois, ficou com o computador no colo, forçando o programa a atualizar constantemente a sua caixa da entrada, à espera da resposta.

Sofia e Afonso passaram por uma estátua equestre e avançaram até à extremidade do pátio térreo do museu. Nas suas costas, por trás das janelas com gradeamentos de ferro preto, que formavam um padrão elaborado, algumas pessoas continuavam a beber, a conversar, ou simplesmente a passear, enquanto admiravam a coleção. A mulher inspirou um pouco do ar fresco e contemplou a vista desafogada sobre o Canal Grande.

De um lado, via-se a Ponte da Academia, uma estrutura de madeira em forma de arco, que conduzia ao museu com o mesmo nome, composto por três edifícios antigos, com origens religiosas, cujo acervo variado e valioso, indo desde o estilo bizantino ao barroco, o equiparava às Galerias Uffizi, de Florença. Do outro, encontrava-se uma das visões mais emblemáticas de Veneza, a curva que o leito de água fazia, contornando delicadamente a igreja de Santa Maria da Saúde, que sobressaía majestosamente por cima das casas antigas.

— Não é bonito, aqui fora? — perguntou Sofia, absorvendo o cenário.
— Aquela é a minha casa — apontou ela.

Afonso seguiu a sua indicação e identificou um palacete que lhe parecia ter três andares, com as paredes pintadas de um tom ocre e arcos góticos na fachada. Destacava-se dos outros edifícios por ter uma aparência mais sombria, quase misteriosa.

— Como é que surgiu esta ideia de vir morar para Veneza?

— Era o sonho da minha avó. Ela veio cá uma vez, quando era nova, e saiu daqui em lágrimas, apaixonada pela cidade.

– Não seria melhor para si estar em Como? Tendo o *Leonardo*, suponho que precise de espaço. Além de ficar mais próxima dos negócios que herdou do Giancarlo.

– Sim, mas fiz obras adicionais há pouco tempo, no jardim, e consegui deixá-lo mais confortável. – E de repente, como se fosse apenas um pormenor, acrescentou: – Não sei se ficarei muito mais tempo por Veneza. A Francesca, a minha empregada, não gosta de estar aqui.

Afonso recordava-se da mulher. Não a achava nada simpática, além de proteger a patroa incondicionalmente, mesmo na altura em que ela não passava da conquista mais recente do dono do império Baresi. Foi para aproveitar a deixa e introduzir um dos temas que o tinham levado ali naquela noite, mas Sofia cortou-lhe a palavra:

– Presumo que não tenha vindo até ao museu só para apreciar a arte. O Surrealismo não me parece ser nada o seu género.

O professor anuiu, reparando que a italiana recuperara o semblante esfíngico que lhe conhecia, ao contrário da surpresa e agressividade que revelara quando a confrontara inusitadamente, na Igreja de San Giorgio Maggiore. Provavelmente, os poucos dias que haviam passado tinham sido suficientes para se recompor e repensar a sua atitude. Era uma estratega nata.

– Não. Vim aqui porque acho que no outro dia deixámos alguns assuntos por falar.

– Tais como? Sabe que gosto de ajudar.

O professor mudou de ideias e resolveu começar pelo tema mais fácil da conversa. Receava que, se fosse excessivamente duro com ela, o desfecho poderia ser desagradável, como acontecera anteriormente.

– Qual era a natureza da relação entre o Adam e o Daniele Accardi?

A italiana abriu ligeiramente os olhos na direção do canal, como se estivesse cansada de repetir o óbvio.

– Segundo o próprio rapaz, o Adam insinuou-se sexualmente a ele.

– Não faça jogos comigo, Sofia – aconselhou-a o professor. – Eu e você já sabemos que não é assim tão inocente.

Ela contraiu os lábios, fazendo uma expressão ligeiramente arreliada.

– Muito bem, diga-me concretamente o que quer saber. Mas seja específico e direto, porque acho que estamos ambos a precisar de ter esse tipo de conversa.

– Como é que o Adam marcou aquele encontro com o Daniele na estação ferroviária de Santa Lucia? Conheciam-se? Estavam em contacto previamente?

– Não e sim.

– Não a percebi.

– Não se conheciam, mas estavam em contacto.

– O Adam confidenciou-lhe isso? Tendo em conta a natureza escandalosa do relato que o rapaz fez à Polícia, não me parece que esse tipo de assuntos seja tópico de conversa entre um homem e uma mulher que estão prestes a casar-se.

– Já lhe disse que o Adam não era bissexual.

– Então, porque é que o Daniele o afirmou?

– Não sei. Provavelmente, é só um jovem deslumbrado, que se deixou impressionar pela atenção que recebeu de um escritor de fama internacional, como era o meu noivo.

– Então, o Daniele mentiu no depoimento que deu?

– Presumo que sim.

– Tendo em conta que o rapaz está preso, isso não faz qualquer sentido. Presume, ou tem a certeza?

– Tenho a certeza.

– Porquê?

– O Adam chegou a partilhar comigo algumas das mensagens que trocavam.

Afonso ficou surpreendido pela revelação. A intuição de Diana estava certa desde o início. Pelo menos, Sofia sabia de parte do que verdadeiramente acontecera na ilha do Lido.

– Partilhou essa informação com a Polícia?

– Não.

– Porquê?

– Porque mancharia a reputação do Adam – esclareceu ela, com uma dureza súbita no olhar. – Estávamos noivos. Não sou esse tipo de mulher.

– Partilhe comigo o que descobriu, por favor. Prometo que também não contarei à Polícia e sabe perfeitamente que não sou nada impressionável.

A italiana fez um gesto que revelava alguma impaciência e respirou fundo, como se estivesse a ganhar coragem para aturar aquele professor velho e chato. Por fim, explicou-se melhor:

– O Daniele trabalhou em tempos para o Adam.

– A fazer o quê? – Afonso não percebia qual poderia ser a associação.

– Não sou a pessoa mais indicada para explicá-lo muito bem, mas o Ellis, o editor dele, poderá confirmá-lo. Julgo que a ideia terá surgido em prol do leitor. Peguemos no exemplo do livro mais recente, *A Morte do Papa*. Imagine-se a lê-lo e, de repente, o seu telemóvel mostra-lhe os cenários da Cidade do Vaticano. Todavia, o projeto sofreu alterações.

»Deve ter amigos que já se queixaram de que desconfiam de que eles, ou os pais idosos ouvem mal e, no dia seguinte, quanto entram numa rede social, ou acedem a um *site* com publicidade paga, são bombardeados com anúncios a aparelhos auditivos.

O professor ficou momentaneamente em silêncio. Sim, não era o seu caso, mas recordava-se de Filipe mencionar algo semelhante, relativamente à calvície. Sentindo-se ligeiramente desiludido pela explicação obtida, tentou pressioná-la:

– Mas, como?

– Não sei explicar os pormenores técnicos,

– Não, o que perguntava era há quanto tempo é que o Daniele trabalhava para o Adam.

– Desde que nos conhecemos que o via agarrado ao telemóvel a trocar mensagens com ele. Como deve compreender, trata-se de uma clara manipulação do jogo, que ele não queria que se soubesse. Imagine-se a

entrar numa livraria, passar por um livro que nem sequer lhe interessa, e uns tempos depois, quando entra num motor de pesquisa à procura de um presente para oferecer à sua esposa, sem se aperceber, acaba por ir navegar no *site* oficial do autor.

– E tem a certeza de que a relação entre os dois era meramente comercial?

– Sim. Sentindo-me intrigada, ou com ciúmes, sei lá, cheguei a ver uma mensagem, ou outra. O Daniele é formado em Engenharia Informática e, aparentemente, muito bom naquilo que fazia.

– Então, como explica a confissão do crime? O encontro junto à estação e a própria ida para o Lido hão de ter ocorrido de uma forma muito diferente daquilo que se sabe.

– Isso é algo que terá de perguntar-lhe. Só ele poderá explicar-lhe os motivos que o levaram a tomar tal decisão.

Afonso fez uma pausa breve. Diana não iria gostar muito de saber daquilo. A esposa acreditava que o jovem não tivesse realmente matado Adam Immanuel, apostando completamente em Sofia, o que continuava a ser uma possibilidade forte. Mas para quem andava à procura de respostas, aquela teoria só levantava ainda mais perguntas. O professor resolveu enveredar por um caminho mais sinuoso:

– No outro dia, depois de nos encontrarmos em San Giorgio Maggiore, fui abordado pelo inspetor Guido Pelosi.

Sofia manteve um semblante neutro, deixando-o prosseguir.

– Falou-me de um caso em aberto, que aconteceu aqui em Veneza, há cerca de três meses, que a Polícia apelida de *A Noiva Judia*. Disse-me que a vítima era sua empregada.

– Sim, a Maria.

– Sabia que era transexual?

– Nunca foi algo acerca do qual falássemos, mas tinha as minhas suspeitas. Esforçava-se por fazer-se passar por uma mulher, mas havia traços nela que eram nitidamente de um homem.

– Não se sentia incomodada?

– Não percebo a sua pergunta, Afonso. A pobre rapariga era apenas minha empregada, e não minha dama de companhia. Está a ser preconceituoso.

– Compreendeu-me mal. O que queria dizer era se ela a fazia sentir-se pouco à vontade.

– Não.

– E ao Adam?

Sofia esboçou uma expressão sábia, como se há muito tivesse antevisto aquela insinuação.

– Já lhe disse que o meu noivo não era bissexual.

– Mas era um homem violento.

– Discordo. Nunca o vi ser agressivo com ninguém. Está a confundir as coisas, Afonso. Era sobretudo prepotente e arrogante.

– Mas poderá tê-la matado?

A italiana arregalou os olhos, chocada pela franqueza do professor.

– Não – acabou por dizer simplesmente.

– Tem a certeza ou, desta vez, presume?

– A Maria sofreu uma morte horrível. Foi enganada por um homem sem escrúpulos, mas garanto-lhe que, por mais defeitos que ele tivesse, não foi, nem sequer na hipótese mais remota, o meu noivo.

– Muito bem – respondeu Afonso, tentando não se mostrar contrariado. – Então, e o inspetor Luca Detti, importa-se que falemos agora sobre o que ele me relatou?

– Quem?

– Conheceu-o no dia em que o seu primeiro marido morreu. Trabalha no Departamento de Proteção ao Património Cultural dos *Carabinieri*. Foi ele quem investigou o seu primeiro marido e, se a memória não me falha, terá sido ele quem a interrogou, na minha presença, naquela tarde, em que fomos prendê-lo à mansão de Como.

– Ah, sim, já me recordo. Encontra-se aqui, em Veneza?

– Sim.

– Vivemos num mundo realmente muito pequeno. Que coincidência.

O professor Catalão ignorou a ironia subjacente à observação da italiana. Estava pouco interessado. A única coisa que desejava era confirmar o seu interesse em *Isaac e Rebeca* e se poderia ter tido alguma coisa que ver com a morte do POC. O atentado na Praça Dam, a faca ensanguentada a ser recolhida por uma mão para o interior do elétrico eram imagens que ainda não esquecera.

Foi franco e perguntou-lhe diretamente se era verdade que Sofia iria comprá-lo e qual fora a sua participação na sequência de acontecimentos que haviam permitido às autoridades recuperar aquela obra de arte. Nela, mais nada poderia surpreendê-lo.

Estranhamente divertida, a mulher riu-se, vendo Stella, que lhe acenava, do interior do museu. Queria ir para casa.

— Não ouviu? — perguntou-lhe Sofia. — O Museu Nacional dos Países Baixos emitiu ainda hoje de manhã um comunicado, com um longo pedido de desculpas por me ter vendido um Veronese falsificado. Decidi gastar o dinheiro numa coleção de barcos que a Christie's descobriu, uma vez que irão oferecer-me *Isaac e Rebeca*. Mal posso esperar. Aquele Rembrandt vai ficar lindamente na minha casa.

Afonso teve alguma dificuldade em orientar-se depois de abandonar o Palazzo Venier dei Leoni. As ruas nas imediações da Coleção Peggy Guggenheim ainda eram bem iluminadas, mas depois de transpor o Canal Grande pela Ponte da Academia e passar o Largo de São Vidal, embrenhou-se numa zona mais antiga e sinuosa, perdendo momentaneamente a perceção de onde se encontrava e para que lado ficava a Praça de São Marcos.

Os candeeiros eram poucos e alguns dos locais pelos quais passava, escuros, até que resolveu pegar no telemóvel, para se orientar. Ainda não se habituara à geometria intrincada da cidade. Quando estava prestes a entrar numa ponte pequena, levantou a cabeça do ecrã, tentando perceber por onde haveria de seguir. Ao fundo, sobre uma gôndola que

deslizava devagar, uma figura de costas, vestida com um manto e capuz vermelhos, surgiu no seu campo de visão.

O professor pestanejou, subitamente assustado. Mas o barco continuou a navegar, até desaparecer. Ele seguiu a sua direção, tentando não lhe perder o rasto, mas, de repente, ao cruzar mais um canal, a mesma visão repetiu-se, embora no lado oposto da qual a esperava.

Afonso estugou o passo, correndo sem nexo pelas ruas, tentando perceber quem era aquela figura misteriosa, mas foi incapaz, até se perder de vez.

O professor chegou a casa mais de uma hora depois de ter saído da Coleção Peggy Guggenheim. Sentia-se esfomeado, cansado e perturbado. Passou pelo quarto de Rodrigo, onde, pela fresta da porta conseguiu perceber que dormia profundamente e seguiu para a sala de estar. Encontrou Diana com um livro que lhe emprestara aberto sobre uma das almofadas do sofá e o computador portátil com a tampa levantada no colo.

Afonso sentou-se ao lado dela, fechando o livro cuidadosamente. Tratava-se de uma edição de colecionador do seu autor preferido e, por isso, a estima que sentia por aquela encadernação de toque suave era grande.

— Como correu a tua conversa com a Sofia? — perguntou-lhe a esposa, com um ar entusiasmado.

O professor fez um esgar enjoado, de quem não se sentia com muita vontade de falar sobre o assunto.

— Já te conto. Acho que ando a ver coisas — acabou ele por dizer. — O que fazes?

— Estou a tratar da nossa próxima viagem.

O professor mostrou-se aturdido.

— Outra vez?

— Sim, querido Holmes, amanhã, por esta hora, tu e eu já estaremos a dormir em Amesterdão.

Pedro, o coelho saltitante, em inglês.

Bairro da Luz Vermelha, Amesterdão, Países Baixos

Tempo Presente

Com Rodrigo pela mão, entre ela e Afonso, Diana fez o possível por ignorar o ambiente suspeito do bairro de prostituição da cidade. Tinham chegado de Veneza no dia anterior, perto do fim da noite, e haviam ido diretamente para o quarto, num hotel localizado perto da estação central, com janelas panorâmicas viradas para o centro histórico.

O casal aterrara no Aeroporto de Schiphol a sentir-se exausto. Não era fácil sair da cidade italiana, sobretudo tendo uma criança com eles. Qualquer forma de transporte em que pensassem envolveria sempre um trajeto pela água. A única ligação rodoviária ao continente era através da estação de Santa Lucia, mas para lá chegarem teriam de recorrer a um barco, ou andar muito.

Por isso, foram práticos e apanharam um *vaporetto* em Zaccaria, o cais que servia a Praça de São Marcos. Ia lotado com turistas e cidadãos locais a deslocarem-se entre pontos de Veneza, ou outras pessoas, como eles, que se despediam da cidade.

O professor ainda largara uma piada, quando, a meio do Canal Grande, foram ultrapassados por uma lancha, que galgava a água, animada a boa velocidade. Era ocupada por um casal bem vestido, com idades semelhantes às deles. Ao vê-los passar, Afonso murmurara apenas que, aparentemente, a escritora famosa e bem-sucedida ficara sem dinheiro. Diana não achara grande graça.

A sentir-se mais recuperada, em Amesterdão, a jornalista portuguesa tentou ignorar os grupos de homens com latas de cerveja na mão que olhavam para as janelas das casas, à espera de que aparecesse lá uma mulher, e distraiu-se com Rodrigo, que lhe fazia perguntas sobre quando

voltariam a casa. Era de tarde, passando um pouco da hora de almoço, mas o bairro mais famoso da cidade já evidenciava alguma agitação.

Ao seu lado, o marido chamou-lhe a atenção ao ver surgir um homem, vindo de uma transversal. Usava um boné cinzento na cabeça, debaixo do qual fugia o cabelo escuro e espetado, e vestia um sobretudo azul-marinho com um corte elegante e que lhe assentava perfeitamente.

Reconhecendo-o, Diana acenou na direção de Henrique, que devolveu a saudação. O jovem, cuja idade deveria rondar os 30 anos, acercou-se do casal e sorriu-lhes. Parecia muito diferente do rapaz tenso que, mais de dois anos antes, tinham entrevistado em Haia, dentro de uma cabina de uma roda gigante suspensa sobre o Mar do Norte, enquanto, lá em baixo, no cais de madeira, vários agentes da Europol o vigiavam atentamente.

Na altura, todos achavam que se chamava Pedro, um pirata informático polémico, que se celebrizara através da exposição da conta bancária de alguns dos políticos europeus mais importantes, e não só. Revelara ainda uma infidelidade comprometedora e ganhara ainda mais destaque ao publicar informações classificadas sobre os acontecimentos da noite em que o Papa Uggeri morreria, bem como acerca das medidas desesperadas que a Santa Sé colocara em marcha para os encobrir.

No entanto, o jovem, que entretanto deixara de ser responsável pela plataforma *emanuel*, enquanto o fora, quebrara várias leis ao aceder a tais informações, acabando por se tornar numa pessoa de interesse mundial e, como tal, muito procurada, sendo irremediavelmente preso pela Polícia europeia, à custa do amor que sentia por uma mulher.

Naquele anoitecer que Diana e o marido tinham passado com ele fechados no interior da cabina da roda gigante da praia de Haia, parecera à jornalista que se encontravam na presença de um homem amargurado, atormentado pela desilusão que sofrera. Daí que ficasse surpreendida com a atitude descontraída que revelava agora, ao cumprimentá-los no Bairro da Luz Vermelha de Amesterdão. Assim, resolveu começar a conversa por aí, pela mudança que ocorrera nele.

– A vinda para a cidade fez-me muito bem – justificou-se Henrique, abrindo os braços, enquanto eles e Rodrigo caminhavam rente às casas, paralelamente a um canal.

– Há quanto tempo é que está cá a viver?

– Há cerca de um ano e meio, quase dois anos.

A portuguesa retrocedeu mentalmente no tempo, tentando balizar a data.

– Então, terá sido pouco tempo depois de nos encontrarmos consigo, em Haia – concluiu ela.

– Sim, cerca de três ou quatro meses depois. A minha colaboração com a Europol terminou nessa altura.

– Julgava que fizera um acordo com eles. Cooperava, em troca da manutenção da sua liberdade.

– Não era propriamente livre. Inicialmente, fechavam-me nos escritórios deles, escoltando-me para e a partir de um apartamento minúsculo, só com uma janela, ao qual se referiam como sendo a minha casa. Controlavam tudo o que eu fazia. Se bem se recorda, estavam comigo, quando nos encontrámos em Haia.

– Sim. E depois?

– Não parei de me queixar e, então, passaram a manter-me em quartos de hotel. Sempre era um pouco mais agradável.

– O que é aquilo? – interrompeu-os Rodrigo, coçando o gorro de lã, enquanto largava a mão de Diana e apontava na direção das janelas.

Numa das montras encontrava-se agora uma mulher em roupa interior, com uns seios volumosos que não poderiam ser verdadeiros, lábios carnudos pintados de escarlata, uma barriga protuberante e o cabelo asa de corvo a baloiçar, enquanto fazia poses sugestivas na direção dos transeuntes.

– Oh, é só a Suzy – riu-se Henrique. – Está grávida.

– Conhece-a? – perguntou-lhe Diana, espantada, tentando que o sobrinho olhasse para outro lado.

– Sim. É o meu novo emprego. Sou responsável pela plataforma que gere as marcações *online* dos clientes com estas mulheres. Garanto que o serviço está sempre de pé.

Vendo-a abismada, Afonso trocou um olhar sub-reptício com a mulher, contendo a vontade de rir desencadeada pelo bom-humor do rapaz. Os Países Baixos, especialmente Amesterdão, tinham a sua fama, e desde o início do encontro com o rapaz que lhe parecera que ele estava plenamente imbuído de um espírito descontraído.

Mais à vontade com a cidade do que ela, sugeriu que fossem sentar-se adiante, na praça que circundava a igreja de Oude Kerk. Era contraditório, mas o libertino Bairro da Luz Vermelha convivía diariamente com a basílica gótica mais antiga da cidade. Talvez ali Rodrigo fizesse perguntas menos embaraçosas.

Os quatro chegaram finalmente ao largo e sentaram-se num par de bancos, deixando Henrique frente a frente com o casal e a criança. Mais recomposta, Diana conteve um arrepio de frio e retomou a conversa.

– Dizia que a Europol o mantinha em hotéis. Essa situação durou quanto tempo?

– Até ser libertado. Ainda pensei em regressar ao Luxemburgo, mas depois achei que ficaria melhor aqui.

– Porque é que o deixaram sair? Imagino que alguém com os seus conhecimentos lhes fosse extremamente útil, sobretudo com todos os crimes relacionados com a cibersegurança que existem hoje em dia.

Henrique pigarreou, compondo o boné.

– Bem, não o fizeram exatamente de livre vontade. O nosso amigo comum deu uma ajuda – explicou, piscando o olho.

– O *Cardeal*?

– Sim.

– Ele libertou-o?

– Sim.

– E sente-se seguro, aqui?

– O melhor esconderijo é à vista de todos. Pode não parecer, mas levo uma vida pacata. Arranjei um barco, que tenho ancorado não muito longe daqui, e faço tudo a partir de lá, através do meu computador, tomando as devidas precauções.

– A invisibilidade do quotidiano – interveio Afonso.

– Sim.

– E quando é que isso aconteceu? – indagou a jornalista portuguesa.

– O quê?

– Quando é que ele o libertou? Em que data?

– Foi como lhe disse, um pouco antes de me fixar em Amesterdão. Portanto, há cerca de um ano e meio, quase dois anos.

Diana voltou a fazer contas ao tempo e sentiu-se invadir pela desilusão, um sentimento que partilhou com o marido, olhando para ele, aborrecida. Encontrara-se com o mercenário há menos tempo do que isso, certamente. Não havia provas de que estivesse vivo.

– Voltou a ter contacto com ele? – perguntou-lhe, ainda com alguma esperança.

– Com o James?

– Sim. – Diana não tinha a certeza se Henrique saberia que o seu nome verdadeiro era Mark Emanuel. Por isso, achou por bem não o contradizer.

– Não. Nunca mais ouvi falar nele. Porquê?

– Como lhe disse, pouco tempo depois também perdemos o contacto um com o outro. Receio que possa estar morto.

– Não acredito. Sei pouco acerca da sua vida, mas já percebi que é um sobrevivente.

– Qual era a natureza da vossa relação? Eram amigos?

– Não diria tanto, se bem que lhe deva a minha liberdade.

– Como é que se conheceram?

– Em Veneza.

A jornalista congratulou-se. Já desconfiava.

– Como é que isso aconteceu?

— Foi há algum tempo, quando ainda estava a dar os primeiros passos com a plataforma *emanuel*. Recordar-se de que eu lhe disse que nessa altura viajava imenso e que passava a maior parte do tempo a entrar e sair de hotéis?

— Sim, era uma manobra de diversão.

— Também, se bem que sempre tenha gostado de viajar — admitiu o lusodescendente. — De qualquer modo, nessa altura encontrava-me na cidade. Recordo-me de que caía uma tempestade horrível e, sem nada para fazer, entrei no circuito de videovigilância. Foi aí que o detetei a entrar na *Cà D'oro*.

»Era um bocado irresponsável e destemido, na altura, e, a sentir-me curioso, sem me preocupar com a chuva, fui até ao palácio. Tive muita sorte. O James acabara de executar um contrato, mas não me matou. Passou por mim e desapareceu pouco depois.

»No entanto, continuei a segui-lo. Não foi fácil mantê-lo no meu radar, mas sentia-me na obrigação de retribuir o gesto, até que a oportunidade surgiu, exatamente aqui, em Amesterdão. Um dia, detetei-o entre os passageiros que chegavam ao Aeroporto de Schiphol. Vinha agarrado a um braço, claramente em sofrimento.

— Ele vivia aqui?

— Sim, num barco que tinha ancorado no Prinsengracht. Consegui segui-lo até ao canal, através do circuito de segurança da cidade, e depois fui socorrê-lo. Encontrei-o ferido, inanimado, e levei-o ao hospital.

— E o que aconteceu a seguir? — perguntou Diana, absorvida pela história.

— Já lhe disse. Libertou-me da Europol. Nunca mais o vi desde essa altura.

Diana abanou a cabeça, sem conseguir afastar a frustração. Continuava a esbarrar naquele marco temporal. Fora a última pessoa a ver o assassino. Resolveu deitar a mão à mala e mostrar a Henrique a coleção de recortes que fizera com as migalhas que o *Cardeal* deixara ficar para trás. Entre elas, estava precisamente Veneza.

O telemóvel de Afonso começou a tocar. O professor franziu o sobrolho ao ver a identidade da chamada e, levando Rodrigo com ele, afastou-se, para atender o telefonema com maior privacidade. Henrique revirou a folha plastificada com a notícia sobre o que acontecera na *Cà D'oro* e fez um sorriso nostálgico. Pertencia a outra vida. Diana voltou à carga:

— Quando nos encontrámos em Haia, disse-me que já não era o Pedro. Faz alguma ideia de quem o seria, na altura?

O rapaz abanou a cabeça. Não dispunha de uma resposta objetiva para lhe dar. Ela arriscou um nome:

— Seria o Adam Immanuel? Morreu, há cerca de um mês. Foi assassinado.

Henrique fez um ar surpreendido, mas nem assim foi mais útil:

— Tinha as minhas suspeitas sobre o seu envolvimento. Sempre achei que era ele o grande cérebro por trás da plataforma *emanuel*, mas duvido que alguma vez tenha chegado a ser o Pedro. Havia certamente alguém a mando dele que fazia o seu trabalho sujo.

— Porque diz isso?

— Conheço-o mal, mas de certeza que não tinha conhecimentos técnicos para algo desta envergadura.

— Daí, ter recorrido ao Henrique?

— Primeiro, a mim. Depois, a outra pessoa qualquer.

A jornalista deitou um olhar a Afonso, que batia com os pés no chão, para os aquecer, enquanto falava ao telemóvel. Pela mão, Rodrigo imitava-o.

— O meu marido tem estado a ajudar-me na investigação e falou recentemente com a mulher com quem o Adam iria casar-se. Ela disse-lhe que ele andava sempre a trocar mensagens com um rapaz italiano, que contratara para aumentar as vendas dos seus livros, através de uma nova tecnologia que permitia influenciar as navegações que fazemos na *internet* com os nossos dispositivos móveis.

– Sim, já ouvi falar disso. Funciona de forma semelhante aos códigos QR, mas de modo passivo, o que é muito mais eficaz, utilizando princípios da realidade aumentada.

– Um jovem com essa capacidade teria conhecimentos técnicos suficientes para assumir a identidade do Pedro e ficar responsável pela plataforma *emanuel* quando o Henrique se afastou?

– Sim – admitiu o rapaz, fitando-a com alguma surpresa.

Diana devolveu o olhar. Quando dois dias antes Afonso regressara do encontro com Sofia na Coleção Peggy Guggenheim e lhe relatara o teor da conversa que tivera com ela, fizera essa sugestão. O marido limitara-se a torcer os lábios, indeciso, mas a jornalista acreditava na sua capacidade de dedução e aquela era uma possibilidade a não esquecer.

– Obrigado – disse-lhe Henrique, devolvendo-lhe os recortes de imprensa. – Estes artigos são muito interessantes. Permitem conhecer um pouco melhor o nosso amigo comum.

– São uma espécie de assinatura que ele foi deixando em alguns dos contratos que executou. Reparou no pormenor do cardeal no Templo Dourado de Quioto?

O rapaz inclinou a cabeça, pouco convencido. Tinha outra opinião.

– Acho que está enganada.

– Porque diz isso?

– Estes vestígios não são assinaturas de um assassino. Foi a forma que o James encontrou de chamar a atenção para o seu passado. Como lhe disse, conheci-o mal, mas aprendi uma coisa ou outra sobre ele. Tem uma história de vida impressionante.

– Sei. Refere-se à troca de identidades na prisão.

– Como é que soube disso?

– Através do seu sócia. Entrevistei-o no ano passado, quando estava hospitalizado em Roma – explicou a portuguesa, referindo-se ao prelado Joseph Flanagan, então um cardeal –, depois de evitar um atentado ao camerlengo dessa altura, o atual Papa Donato.

— Então, suponho que sabe por que razão o nosso amigo em comum utiliza o epíteto de o *Cardeal*.

— Presumo que seja por ter sido seminarista, além de possuir um sentido de ironia muito apurado.

— Não, está enganada.

— Então, porquê?

— Já o disse. Porque queria chamar a atenção para o seu passado. O *Cardeal* é o título do primeiro livro que o Adam escreveu. Nele, embora de forma metafórica, são descritos os acontecimentos que marcaram a infância e a adolescência dos três irmãos, incluindo a morte dos pais.

Diana barafustou baixinho. Aquele assunto já se cruzara com ela antes, mas na altura, ao sair de Cambridge à pressa, por causa do confinamento, acabara por não o seguir mais. Talvez fosse o momento de retomá-lo. Tinha de tirar de uma vez por todas aquela história a limpo e só havia uma forma de fazê-lo.

Afonso e Rodrigo juntaram-se novamente a eles. O marido guardou o telemóvel no bolso, cabisbaixo, nitidamente preocupado. A chamada telefónica não deveria ter trazido boas notícias.

Sem mais perguntas para fazer, Diana foi para se despedir de Henrique. Ainda ficariam na cidade pelo menos até ao dia seguinte e, quem sabe, poderiam almoçar juntos. O hotel onde a família Catalão se encontrava hospedada tinha no topo um restaurante com esplanada. O tempo frio do outono poderia não ser aliciante; no entanto, certamente que a vista compensaria.

Mas o rapaz ficou momentaneamente parado, como se quisesse dizer algo mais, até que arranjou coragem:

— Peço desculpa pelo encontrão que lhe dei — começou ele, dirigindo-se ao professor Catalão. — Espero não o ter magoado.

Diana e o marido entreolharam-se, sem perceber de onde vinha aquilo.

— Como? — perguntou o professor Catalão.

— Este ano, no fim do inverno. Fui eu quem o derrubou, na Praça Dam.

Afonso ficou atônito, sendo assaltado rapidamente pelas memórias daquele anoitecer fúnebre no centro de Amesterdão. Ele no chão, vendo o POC a afastar-se, à frente do elétrico; a carruagem a passar; o homem a falecer nos seus braços, esvaindo-se em sangue.

— O homem com o sobretudo — deduziu o professor, olhando para a forma como Henrique estava vestido. — Era você. Derrubou-me.

— Sim.

— Mas... Como...

— Foi a única forma que encontrei de o salvar.

Diana, que também se sentia perplexa com a revelação, intrometeu-se.

— O Henrique sabia do atentado na Praça Dam?

— Sim. Recebi uma mensagem a avisar-me de que um assassino iria estar presente na praça e a pedir-me para intervir.

— E o alvo era o meu marido?

— Não. Um rabino.

— E como é que o P... — Afonso conteve-se a tempo. — Quem morreu foi outra pessoa. Porquê?

— Tratou-se de um acidente. Meteu-se no meio.

— E eu?

— Reconheci-o, quando cheguei à praça. Tomei uma decisão e salvei-o.

O professor ficou mudo, sem saber de haveria de agradecer ao rapaz, ou abaná-lo até que deitasse para fora as respostas a todas as questões que naquele momento o assaltavam.

— Quem é que o avisou?

— Não sei. O *e-mail* tinha um remetente não identificado.

— Poderá ter sido o *Cardeal*? — indagou Diana.

— Não sei.

— E o alvo era o rabino?

— Sim.

— Faz ideia porquê?

— Não, mas calculo que fosse por causa do quadro. Não era isso que estava a ser trocado?

– Portanto, alguém queria impedir que o homem que estava a extorquir o rabino Gabriel ficasse com o quadro – concluiu Diana. – Mas quem?

– A Sofia? – arriscou Afonso.

– Porquê? Não disseste que o museu vai oferecer-lhe o quadro, como compensação?

– Sim, mas antes quis comprá-lo, o que pode significar que anda há muito tempo obcecada com a ideia de o ter em casa. Primeiro, tentou roubá-lo, matando alguém; depois, falhando, nada mais lhe restou senão comprá-lo; até engendrar um plano maquiavélico qualquer para o receber de graça. É típico dela!

– De quem é que estão a falar? – perguntou Henrique.

– De ninguém – respondeu o casal em unísono.

Sentindo-se a mais, o rapaz reiterou tudo o que já explicara, garantindo que não sabia de quem viera o aviso. O professor agradeceu-lhe pelo seu altruísmo, mas, enquanto Henrique se afastava, Diana, vendo que as rugas de preocupação na testa do marido se mantinham, pressionou-o a contar-lhe o que se passara durante a chamada telefónica, ao que ele acedeu.

Ahmad provocara desacatos na Mesquita Central de Lisboa, alegadamente porque queria dinheiro para comprar cigarros e ninguém lho dera. Afonso não sabia sequer que o jovem muçulmano começara a fumar. Não o fazia, antes de ser preso.

No entanto, Diana também tinha algumas coisas com as quais se preocupar. A conversa que tivera com Henrique deixara-a perante um dilema.

– Acho que temos de nos ir embora – anunciou ela, algo receosa.

– Ainda bem. Não vejo a hora de chegarmos a Lisboa.

A jornalista pigarreou, reunindo coragem para prosseguir:

– Hum, não me referia a isso.

– Ao quê, então?

— Acho que cometi um erro na minha investigação. A conversa com o Henrique elucidou-me melhor acerca disso.

— Ao que te referes?

— Preciso de perceber melhor qual é o enredo do primeiro livro que o Adam escreveu, *O Cardeal*.

— Tenho ideia de que não chegou a ser publicado, pois não?

— Não. Logo, só há uma forma de saber o que contém o manuscrito.

Afonso pestanejou, pouco interessado, mas acabou por dizer:

— A Una?

— Sim.

— Nem penses, Diana. Devemos regressar a Lisboa. Fiquei preocupado com o que se passou na mesquita e ainda há a escola do Rodrigo. São muitos dias afastado das aulas.

— Sei — admitiu ela. — O que dizes se desta vez fosse apenas eu a Cambridge, novamente?

Cambridge e Londres, Reino Unido
Mesquita Central de Lisboa, Portugal
Tempo Presente

Diana não precisou de se esforçar muito para conseguir marcar um encontro com Una. Bastou-lhe recuperar o seu registo no fórum de discussão de *adamAeve*, um clube de fãs não oficial de Adam Immanuel, organizado por uma rapariga chamada Eva, que usara o próprio nome para fazer um trocadilho com o dele.

O clube tinha como designação uma combinação inspirada entre a abreviatura alfanumérica *adamAever*, uma expressão coloquial sinónima de «Adam para sempre», e «Adão para Eva». Era constituído quase integralmente por raparigas, que faziam leituras simultâneas, trocando impressões sobre os livros, ou que, ocasionalmente, frequentavam as sessões de autógrafos do escritor. Ele odiava-as.

Era um local ligeiramente fútil, mas que no passado se revelara de alguma utilidade, e ao qual a jornalista regressara sempre que precisava de descobrir alguma informação menos oficial. Da última vez que o fizera, travara conhecimento com uma utilizadora que dava pela alcunha de Unalovesbooks².

A mulher, com quem mais tarde chegara a trocar algumas mensagens, alegava que tivera acesso a um original antigo de Adam, um livro que escrevera antes do primeiro que publicara, mas que nunca fora editado. Intitulava-se *O Cardeal*. Além do seu amor incondicional pela leitura, Una tinha ainda outra peculiaridade — tratava-se da esposa do inspetor que tomara conta do homicídio de Laura, a tia de Adam e Lizzie Emanuel.

Sentada a uma mesa com vista para a rua em Portugal Place, um restaurante acolhedor situado nas margens do rio Cam, muito famoso na

cidade universitária, Diana viu surgir uma mulher de cabelo escuro, pelos ombros, com caracóis largos e algum excesso de peso. Assim que entrou, acenou-lhe calmamente, tentando não a assustar. As duas nunca haviam chegado a conhecer-se, sendo aquela ocasião a primeira vez em que se encontravam.

Una tinha um ar muito composto. Mostrando-se ansiosa, segurando com as duas mãos a mala pequena à frente do corpo, aceitou sentar-se e beber um chá. Diana tomara a liberdade de pedi-lo, tal como uns biscoitos de manteiga, os quais não chegara a mordiscar. Eram todos para a sua convidada, que os fitou com um ar guloso, rindo-se nervosamente.

— Obrigada por ter vindo — agradeceu-lhe a portuguesa, bebericando da chávena.

Lá fora, não chovia, nem nevava, mas corria uma aragem cortante.

— É verdade que é jornalista?

— Sim, mas não quero que se sinta forçada a responder a uma pergunta que considere comprometedora. Sei quem é o seu marido.

— Conhece o Jack? — Una tinha uma voz estridente, aquilo que popularmente se designa por cana-rachada.

— Sim. Estive em Cambridge no ano passado, quando o Adam foi preso, e cheguei a falar com ele. Pareceu-me ser um bom homem. A Una é uma mulher de sorte.

Diana piscou-lhe o olho, tentando mostrar-se simpática e deixá-la mais à vontade, ao que Una correspondeu, rindo-se novamente. Parecia ter poucos interesses na vida, além dos livros e do marido.

— O que quer saber?

— No ano passado, quando trocámos aquelas mensagens através do fórum do clube de fãs do Adam, disse-me que tivera acesso ao manuscrito de *O Cardeal*, o seu primeiro livro.

— Oh, coitadinho — interrompeu-o a mais velha das duas mulheres, com as faces rosadas. — Ainda não consigo acreditar que morreu de forma tão trágica.

– Sim, é por isso que estou hoje, aqui, a falar consigo – continuou Diana, tentando que ela não comesse a divagar. – Comecei há algumas semanas a investigar o caso. Quero relatar o que aconteceu naquela noite, mas para isso preciso da sua ajuda.

– Claro que sim. Por favor, diga.

– Conte-me como é o enredo de *O Cardeal*. De que trata a história?

– Não conversámos já sobre isto, quando trocámos mensagens?

– Sim, mas na altura foi pouco importante para o livro que eu estava a escrever e agora preciso de aprofundar o assunto.

Os olhos de Una esbugalharam-se, enquanto tirava rapidamente do prato outro biscoito de manteiga e o comia ainda mais depressa.

– Está a escrever um livro?

– Sim – admitiu Diana.

Na fase em que se encontrava, sem passar da página de rosto, tratava-se de um eufemismo, mas isso eram pormenores técnicos, dos quais a sua convidada não necessitava de saber.

– E eu irei fazer parte do livro? – indagou ela.

– Só se aceitar. Se não, posso citá-la como uma fonte anónima, ou nem o fazer, sequer, caso não autorize.

Una levou novamente à boca a chávena e suspirou. Era uma decisão tão difícil... No entanto, tomou-a rapidamente, começando a falar:

– Bom, adorei *O Cardeal*. Acho que é o melhor livro do Adam.

– Diga-me, por favor, do que trata.

– É uma história curiosa. Centra-se numa família, no duplo homicídio dos pais e em um dos filhos, um jovem seminarista que depois de ser injustamente acusado de os matar, sai da prisão e refaz a sua vida, sendo nomeado cardeal.

A jornalista reconheceu as metáforas às quais Henrique se referira três dias antes, no Bairro da Luz Vermelha de Amesterdão.

– Quantos irmãos eram?

– Três. Dois rapazes e uma rapariga, a mais nova.

– E qual deles matou os pais?

– O do meio.

Diana pensou em Adam. A expiação através de um livro.

– E a história anda toda à volta disso?

– Não. Tem alguns contornos diferentes, com elementos de terror, que nunca encontrei nos seus outros livros.

– Poderia explicar-se melhor?

– Tudo se passa no início do século passado. Trata-se de uma casa senhorial, amaldiçoada, em torno da qual a ação acontece.

– Mas o irmão do meio mata os pais, ou eles morrem por causa desses mistérios?

– É ele quem os assassina.

– Porquê?

– Começa pela mãe, que foi infiel ao pai. Fá-lo por vingança.

– E o que aconteceu depois?

– A culpa acabou por recair sobre o irmão mais velho, devido a uma história mal contada.

– E o do meio?

– Mentiu, em conjunto com a irmã.

– Como é que eles conseguiram viver com isso?

– A rapariga acaba por se suicidar quando é adulta, não conseguindo aguentar o sentimento de culpa.

– E o rapaz do meio, que destino teve?

– Desaparece e só regressa no fim, muitos anos depois, quando se reencontra com o irmão mais velho. Não pede perdão.

Diana ficou a pensar naquela história. Também lera todos os livros do escritor inglês. No início, antes de ele se cruzar no seu caminho, fizera-o por simples curiosidade, atraída pelas capas. Sentira mesmo uma ponta de inveja, reconhecendo nele uma grande qualidade narrativa. Depois, tivera de continuar, não só para perceber o fenómeno de popularidade em que se tornara, como também para compreender o homem que investigara.

— Porque é que fez tantas perguntas? Qual é o seu interesse no livro? — perguntou-lhe Una, naturalmente curiosa.

— Peça-lhe que não conte isto a ninguém, mas acredito que existe um paralelismo muito grande entre a história da vida da família Emanuel e o enredo de *O Cardeal*. Nunca foi divulgado, todavia, o Adam é o filho do meio de três irmãos, sendo que o mais velho era seminarista e foi preso injustamente pelo homicídio dos pais. E há ainda a Lizzie, a mais nova.

— Não pode ser.

— Acredite em mim, Una, por favor. As semelhanças saltam à vista.

— Discordo. Tome como exemplo o caso da Lizzie.

— Felizmente, não se suicidou, mas está presa. Não escrevo ficção, mas compreendo o uso das metáforas. O encarceramento também é uma forma de morte.

A mulher olhou com um ar muito surpreendido para a jornalista. Tirou mais um biscoito. Era o último.

— Lamento, mas está enganada — disse-lhe.

— Porquê?

— Porque a Lizzie já não está presa.

Em Lisboa, Afonso subia as escadas da Mesquita Central de Lisboa, entretido a falar ao telemóvel com Diana. Rodrigo encontrava-se na escola e ele regressara ao trabalho presencial na universidade, tendo aproveitado a hora de almoço para ver como estava o imã Yusef.

— Como assim, já não está presa?

— A Una recusou-se a adiantar mais pormenores — explicou a esposa do professor. — O Jack investigou o caso.

— O caso? — perguntou Afonso, aturdido, parando à entrada do templo. No céu, reparou que um bando de corvos passava, a voar. — Pensei que o homicídio da Laura e da criança que vivia na casa em frente à da família Emanuel fosse um assunto encerrado.

— Aparentemente, não.

– Fazes ideia do que poderá ter motivado este volte-face?

– A Una deu-me um nome – admitiu Diana. – Susanna Perkins.

– Não me diz nada. Sabes de quem se trata?

– É a diretora da Biblioteca de Wren, em Trinity College, onde a Lizzie trabalhava.

– E achas que conseguirás falar com ela?

– Já tentei. Fi-lo assim que saí do café, mas bati com o nariz na porta. Estava fechada. Falei com umas pessoas, que me disseram que reabre amanhã.

– E agora?

– Agora, vou a Londres. Estou prestes a apanhar o comboio. Já que cá me encontro, vou tentar falar com o Ellis Bloom e confirmar o que descobrimos sobre ele.

– Marcaste uma reunião com o editor?

De pé, à entrada da mesquita, o professor ouviu a mulher engasgar-se. Por fim, acabou apenas por dizer:

– Sabes bem que sou uma mulher com um grande poder de persuasão.

Afonso despediu-se de Diana e entrou finalmente no santuário muçulmano. Cumprimentou um homem que se encontrava sentado à entrada, a pedir donativos para a comunidade, o que o deixou feliz. Era bom ver que a normalidade estava a regressar e que as pessoas já não tinham o acesso condicionado ao templo, pelo menos, não tanto como durante os tempos do recolhimento.

O professor dirigiu-se à secretaria, mas o escritório estava vazio, prosseguindo na direção do saguão. No entanto, assim que se aproximou das divisórias, deparou-se com uma cena que o deixou em sobressalto.

Yusef encontrava-se sentado no seu lugar preferido, num banco de madeira que existia à porta da sala de orações, junto à estante onde os fiéis costumavam deixar os sapatos. Ahmad estava de pé, ao seu lado, ligeiramente curvado com o dedo apontado ao ancião, numa atitude que a Afonso pareceu ser ameaçadora.

– O que se passa aqui? – perguntou ele, avançando rapidamente pelo pátio.

O rapaz levantou o rosto e fez uma expressão arrelviada por o ver.

– O que é que ele estava a dizer-lhe, imã?

Mas Yusef parecia noutra mundo, algo alheio, devido à idade e à doença.

– O que é que estavas a dizer-lhe, Ahmad? – insistiu Afonso, pegando-lhe num dos braços pelo cotovelo. – Quero saber.

O rapaz olhou para a mão do professor com um ar determinado. Deu um safanão, soltando-se, e só depois é que respondeu:

– Estávamos apenas a conversar, mais nada.

– É verdade que andaste a provocar desacatos?

– Só queria que me emprestassem dinheiro. Preciso de comprar tabaco.

– Desde quando é que começaste a fumar? O teu pai não iria gostar nada de saber, se fosse vivo.

– Mas morreu, não é? Tal como a minha irmã.

– Deus coloca-nos perante as provações para que aprendamos a sobreviver a elas. É difícil, mas é uma lição, a qual devemos agradecer.

– O seu Deus é diferente do meu, professor Catalão. E o que fala comigo é tudo, menos misericordioso.

O rapaz arrancou de imediato, avançando pelo alpendre, até às escadas que davam acesso ao piso superior. Afonso ainda o interpelou, tentando chamá-lo à razão, mas foi em vão. Ahmad simplesmente desapareceu, batendo estrondosamente com a porta. Em redor do saguão, um bando de corvos encontrava-se pousado sobre telhado.

Em Londres, com um copo de papel com chocolate quente a fumegar na mão, Diana viu as horas no relógio de pulso e fitou a entrada principal do *The Gherkin*, um arranha-céus de escritórios com uma fachada de vidro espelhado, que refletia as nuvens e os ramos despidos

das árvores. Começou a andar e, preocupada, olhou para o céu. Suspeitava que pouco faltaria para começar a chover.

Nem sequer deu oportunidade ao porteiro de falar. Enfiou a mão no interior da grande mala colorida que usava há anos e colocou-lhe a carteira profissional à frente dos olhos, passando rapidamente para o interior, sem os dois trocarem uma palavra. Depois de apanhar o elevador, começou a andar por um corredor, lendo as placas nas paredes, à procura do escritório de Ellis.

Assim que reconheceu o logótipo da editora que publicava os livros de Adam Immanuel, estacou, indecisa. Ainda foi para tocar à campainha, mas repentinamente, a porta de madeira abriu-se e um sujeito de estatura baixa e franzino, vestido com um casaco de *tweed* azul-escuro, uma camisa clara e um laço, que segurava uma pasta preta, de pele de crocodilo, surgiu à sua frente.

— Você? — perguntou o homem, assarapantado. — Outra vez?

A conversa que tinham tido naquele escritório, no ano anterior, não correra bem, com Diana a ter de impor a sua presença, face à relutância do editor.

— Olá, Ellis. Como tem passado? — perguntou-lhe ela, cumprimentando-o com o seu melhor sorriso. — Ouvi dizer que bem. Importa-se que entre? Oh, deixe estar, já conheço os cantos à casa. Sei o caminho.

O inglês ficou estupefacto, enquanto a jornalista passava por ele sem pedir licença e se instalava no sofá com vista para o rio Tamisa, sentando-se com as pernas elegantemente traçadas e um bloco de notas na mão.

— Vem? Estou pronta a começar a nossa entrevista.

— Eu... Eu — gaguejou ele. — Ia agora para casa.

— Mais um motivo para não ficar aí especado. Vá lá, despache-se. Se formos breves, ainda irá chegar a horas do chá.

O homem soltou um suspiro resignado. Fechou a porta e regressou ao interior do escritório, sentando-se diante da jornalista portuguesa, à secretária. Diana reparou que tinha uma pilha de livros sobre a mesa, no

topo dos quais se encontrava um da autoria de John Christ. Começou por aí.

– Estou a investigar a morte do Adam Immanuel. É verdade que ele odiava esse autor?

Os óculos de Ellis escorregaram-lhe pela cana do nariz. A conversa ainda mal se iniciara e já se sentia nervoso.

– Não sei. Nunca falámos sobre o assunto.

– Quando foi a última vez em que o fizeram?

– Há mais de um ano, quando veio ao escritório dizer-me que ia para Veneza.

– Porquê?

– Alegou que andava a sofrer de bloqueios. É muito comum nos escritores, sobretudo nos mais famosos, que escrevem sob grande pressão.

Sentada no sofá, Diana discordou:

– Segundo falámos no ano passado, esse era um problema antigo, que aliás levava a que a irmã começasse a escrever os livros no seu lugar.

– Nunca confirmei essa informação. E nego-o as vezes que forem precisas – exaltou-se ligeiramente o homem.

A portuguesa ignorou-o. Era natural que não quisesse admiti-lo. Nenhuma editora que desejasse ser respeitada o faria.

– O que achou da decisão do Adam de ir morar para Veneza?

– Não concordei. Achei-a precipitada.

– Porquê?

– Porque na verdade tudo se deveu a uma mulher.

– A Sofia Conti – afirmou Diana, ao que o homem anuiu. – Foi nessa altura que conheceu o John Christ?

– Não, o seu livro era um manuscrito ao qual já tivera acesso e decidira publicar. Estava apenas à espera da melhor altura para fazê-lo.

– O que aconteceu logo a seguir.

– Sim.

– Qual foi a reação do Adam?

Ellis sentou-se melhor na cadeira. Parecia realmente pequeno atrás da grande secretária.

– Não estou a perceber a sua pergunta.

– Segundo apurei, leu um artigo numa revista semanal muito conceituada, escrito por si, com o qual ficou bastante ofendido. Achou que o John Christ era uma imitação dele, alguém construído pelo Ellis para o substituir.

Os óculos do homem voltaram a escorregar-lhe pela cana do nariz.

– É mentira! – bradou ele. – Tudo o que ele disse nessa maldita entrevista não passam de falácias, coisas que ele inventou, só para ter o prazer de me agredir.

– Refere-se à entrevista que foi publicada pouco tempo antes de morrer, a maldizê-lo?

– Sim – resmungou o editor. – Afirmou que a editora apenas tivera interesse nele enquanto continuasse a escrever ao ritmo de um livro por ano, que o tinha usado e agora queria deitá-lo fora, que eu nunca li nenhum dos seus livros, nem qualquer dos outros que publicou, e que a sua necessidade de parar durante um tempo fora o ponto de viragem. Garanto-lhe que não é verdade. Sei de cor várias passagens de *Raiva* e de *Dor*. Com todo o meu coração! – acrescentou, desolado.

– E foi?

– O quê?

– O ponto de viragem, o momento catalisador que fez mudar a relação que mantinham.

– Não.

– Andei a consultar as redes sociais da editora e verifiquei que, no último ano, mais de metade das vossas publicações são sobre o livro do John Christ. A última que fizeram acerca do Adam tem mais de dezoito meses.

Ellis fungou com indiferença e encolheu os ombros, não negando o reparo feito por Diana.

— Mesmo assim — continuou ela —, deverá admitir que a sua decisão de ir viver para Veneza foi benéfica. Concluiu poucos meses depois o filme sobre *A Morte do Papa*, que entretanto já está pronto a estrear.

O editor soltou um riso abafado, limpando as lágrimas que entretanto lhe haviam molhado o rosto.

— Porque reage desse modo?

— Como assim?

— Com escárnio.

Ellis fitou-a com os olhos pequenos a faiscarem de ódio por trás das lentes dos óculos.

— Porque o filme é horrível. Já o vi e não passa de lixo. Vai ser arrasado pela crítica, quando chegar às salas de cinema.

— Achei que seria um dos principais candidatos aos festivais de prémios.

— Não — voltou a rir-se ele. — Até a Geneviève quis afastar-se, durante a rodagem.

— Refere-se à atriz principal, a modelo?

Diana gostava de cinema e tentava manter-se a par das novidades, mas a família e a profissão ocupavam muito do seu tempo.

— Sim. Foram namorados, em tempos, no início da carreira dele.

— Estou a par. Como era a relação entre os dois, nessa altura?

— O Adam foi sempre muito possessivo — explicou o editor. E acrescentou: — Tal como julgo que tenha sido de todas as vezes que se envolveu com alguém. Ela teve de o deixar, porque ele armava um escândalo de cada vez que um homem lhe dava alguma atenção.

— E mesmo assim, a Geneviève aceitou participar no filme?

— É uma profissional. Adoro-a. Está à procura de uma carreira na representação e a oportunidade pareceu-lhe boa. Discutiram várias vezes no *set* do filme, sempre que ele foi visitar as rodagens.

— Por que motivo?

— O Adam encheu o argumento de cenas de sexo fortuito, que não estão incluídas no livro, e ela não gostou.

– Porque é que ele fez isso?

O homem riu-se, com ironia:

– Para a envergonhar. Por despeito de ela o ter deixado. Era esse tipo de homem.

Diana ficou a pensar por alguns segundos, voltando novamente à carga:

– Disse que a Geneviève quis afastar-se. E o Ellis, qual foi a sua reação?

– Não estou a perceber aonde quer chegar. Ao contrário dos livros, nunca me envolvi com a produção do argumento, ou do filme. Não era um assunto meu.

– Duvido que esteja a ser sincero comigo. Se o filme é assim tão mau, o que irão pensar dele as pessoas que ainda não leram o livro? De certeza que evitarão lê-lo.

O editor não respondeu, ficando meramente a fitá-la com os olhos pequenos muito abertos. Era impossível saber em que pensava. A jornalista, vendo que escurecia no exterior, resolveu abreviar a a entrevista, apontando com o queixo na direção de um dos livros que se encontrava na pilha, depositada sobre o tampo de madeira da secretária.

– É da Vanessa Robbins?

O homem limitou-se a anuir, com um ar ligeiramente incomodado.

– Então, sempre resolveu publicá-la.

– Foi um erro. Se soubesse o que sei hoje, não o teria feito.

– O que o levou a tomar essa decisão? – sorriu Diana, sentindo-se divertida. – Segundo me lembro da nossa conversa no ano passado, negou veementemente ter assumido um compromisso com ela.

– A Vanessa cresceu imenso nos últimos tempos, aumentando de popularidade. Ela recorre frequentemente às redes sociais, onde passa todo o dia enfiada, e essa dedicação conseguiu atrair a atenção de muitas das pessoas que ficaram em casa durante os confinamentos. Até criou uma livraria *online*, que funciona por subscrição, com a qual tem tido muito sucesso.

– Então, por que razão está arrependido? Imagino que tenha sido uma boa aposta.

– Não.

– Porquê?

– Temos recebido imensas reclamações. As pessoas queixam-se de que ela não sabe escrever, que não passa de uma deslumbrada que anda sempre à procura de polémicas fúteis e, além do mais, o livro nem sequer vendeu bem. Ninguém gosta daquilo que ela escreve. Apenas a seguem pelo deboche em que se tornou.

Diana arrumou o caderno, pouco interessada, pronta a ir-se embora.

– Ellis, uma última pergunta, por favor – pediu-lhe, enquanto pegava na mala. – Onde se encontrava na noite em que o Adam morreu?

Sentado no sofá da sua sala de estar com um prato de romãs e um bocado de pão sobre o colo, Afonso escutou atentamente a voz da mulher, com quem falava ao telemóvel. Já deitara Rodrigo, que dormia, confortado pelo banho quente que tomara antes de lhe dar o jantar. Agora era a sua vez de descansar, mas Diana telefonara-lhe novamente. Era a terceira ocasião naquele dia em que o fazia. Contrariamente ao seu, o dela fora extremamente produtivo.

– E dizes que reagiu de forma atabalhoada, quando lhe perguntaste onde é que se encontrava, na noite em que o Adam morreu? – perguntou-lhe, referindo-se a Ellis, com quem ela se reunira, durante a tarde daquele dia.

– Sim, foi muito evasivo. Deu uma desculpa esfarrapada, relacionada com uma clínica de repouso, mas se me der ao trabalho de telefonar para lá, a perguntar, não sei se não o apanharei a mentir.

– O fracasso de um livro devido a um mau filme parece-me um motivo muito fraco para se matar alguém.

– Concordo, mas o ódio não. Não foi a Sofia que te disse que o noivo era odiado por muitas pessoas?

– Sim.

– Então, já chegámos a várias. Temos o Daniele, que hipoteticamente terá sido assediado sexualmente.

– Não acredito nessa teoria – interrompeu-a o marido.

– Também não, mas há ainda o Mark, o irmão mais velho; agora o Ellis; a própria Sofia e, quem sabe, a Lizzie, que foi misteriosamente libertada.

– Ela, sim, era quem tinha mais motivos para querer vê-lo morto. Sempre achei que ele a ludibriou de alguma forma, quando foi presa.

– Sei. Amanhã, vou ver se consigo deslindar essa história. Vou à procura da Susanna Perkins.

Os dois despediram-se. Diana sentia-se muito cansada, depois do encontro matinal com Una e das duas viagens de comboio que fizera entre Cambridge e Londres, desejando apenas uma boa noite de sono reparador, que lhe proporcionasse algum descanso. Quanto a Afonso, a fome era grande. Ainda foi para começar a descascar a romã, mas o som do telemóvel interrompeu-o novamente. Preocupado que Rodrigo não acordasse, atendeu rapidamente a chamada. Tratava-se de Helena, a madrasta.

A conversa foi breve, como sempre. Os dois tinham muito poucos interesses em comum e o diálogo entre eles revelara-se sempre difícil. Sem pedir desculpa, o professor explicou apenas que nos últimos meses publicara um livro, que inclusivamente fora para o estrangeiro, a trabalho, e que ainda não tivera tempo, ou disposição, para pensar se iria comprar ou não a antiga casa do pai.

Helena foi perentória. Caso não se decidisse nas próximas semanas, colocá-la-ia à venda. Já tinha outro comprador em vista.

No dia seguinte, Diana atravessou calmamente os claustros de Trinity College, em Cambridge, protegendo-se sob as galerias antigas da chuva que caía. Com frio, abotoou o casaco comprido até acima e dirigiu-se à entrada da biblioteca. Foi recebida por uma jovem loura de cabelo

espetado, com sardas no rosto e franzina, que a cumprimentou alegremente.

A jornalista identificou-se e pediu para falar com a diretora, pedido ao qual a rapariga acedeu prontamente, desaparecendo, para ir chamá-la, deixando-a sozinha, a contemplar o edifício.

A Biblioteca Wren de Trinity College era famosa mundialmente, não só pelo acervo notável do qual dispunha, que incluía originais de Newton e de outros autores ilustres, como pela decoração antiga e sóbria, de uma beleza deslumbrante. Ao longo de um corredor longo, delimitado pelo busto de várias personalidades que haviam frequentado a universidade, estantes de madeira antiga e pesada erguiam-se até ao teto, carregadas de livros, com uma imponência magistral.

O som dos passos de uma mulher de saltos altos começou a aproximar-se, crescendo gradualmente na sua direção. Diana desviou a atenção do interior do edifício e fitou-a. A diretora, que era mais baixa do que ela, estendeu-lhe a mão, cumprimentando-a com um ar muito empertigado.

– Susanna Perkins – apresentou-se.

– Diana Santos Silva. Obrigada por dispensar um pouco do seu tempo para me receber.

– Em que posso ajudá-la?

– Gostaria de falar consigo acerca da Lizzie Emanuel. Estou a escrever um livro sobre a morte do irmão e disseram-me que foi libertada. Também me confidenciaram que a Susanna teve um papel importante nesse desfecho. Importa-se que falemos?

– Ah, a Elizabeth Ann! – exclamou ela, lançando um olhar reprovador à rapariga loura que a substituíra na biblioteca. – Por favor, venha comigo – pediu-lhe, encaminhando-a na direção do seu gabinete, com um ar cúmplice. – Sei de tudo o que se passou.

Una adora livros, em Inglês.

Cambridge, Reino Unido

Veneza, Itália

Durante os Quatro Meses que Antecederam a Morte de Adam
Immanuel

Susanna deitou um olhar casual à montra, atrás da qual se via um tabuleiro com *scones* e chávenas de chá de porcelana. Sentindo-se orgulhosa, meteu a chave na fechadura da porta de um prédio de tijolo vermelho, com janelas e portas de ferro preto, e cantarias brancas.

No interior, a bibliotecária reparou numa bicicleta com algum pó e um ar abandonado, que se via ao fundo, junto àquilo que julgou ser o acesso à arrecadação. Tratava-se de uma pasteleira que conhecia bem. Determinada, subiu as escadas e entrou finalmente num apartamento. Estava completamente vazio.

A mulher contemplou a sala despida. O soalho de madeira castanho-clara enquadrava-se bem nas paredes de uma tonalidade creme, discreta. Não conhecia o antigo proprietário, Adam Immanuel, embora sentisse alguma familiaridade em relação a ele, uma vez que no passado trabalhara diariamente com Lizzie, a irmã.

Os paços de Susanna ecoaram dentro da casa vazia, enquanto ela passava pela cozinha e se dirigia a um dos quartos. Parada à entrada, contemplou-o. Fora ali que Laura Emanuel morrera. O agente imobiliário que tratara da venda do apartamento tentara omiti-lo, a bem do negócio, mas rapidamente percebera que estava a cometer um erro. Os homicídios atraíam as pessoas.

A bibliotecária continuou a deambular pela habitação, pouco se importando com o passado. Apesar de não ter mobília, havia naquelas paredes algo de mágico, que a seduzia. Talvez fosse o facto de Adam ser escritor. Era algo pelo qual ela sempre ansiara. Imaginava a sua fotografia num cartaz, na montra de uma livraria, com um livro ao lado,

uma expressão inteligente no rosto e uma parangona por baixo do seu nome escrito em caracteres gigantes – «O Regresso Triunfal da Rainha do Crime!».

Ou então, dentro de um táxi com o seu agente e a sua editora, enquanto os três corriam por Londres, muito atarefados, de um estúdio de televisão para o outro, porque todos os canais queriam entrevistá-la sobre o livro do momento – o dela. Não, talvez fosse melhor adicionar uma quarta pessoa, o secretário, um rapaz jovem e musculado com o melhor rabo da cidade, com quem nos intervalos teria um romance tórrido, capaz de fazer corar a E. L. James.

Susanna fizera umas tentativas frustradas, mas cedo chegara à conclusão de que havia outras formas de trabalhar na área que a apaixonava, os livros, nem que para isso tivesse de gerir uma biblioteca como se fosse um comandante militar a fazer a ronda às tropas. Só havia uma abelha-mestra naquela colmeia. E era bom que todos soubessem de quem se tratava – ela.

A mulher acabou por ir para o escritório, imaginando Adam sentado a uma secretária, enquanto escrevia afincadamente. A imagem desvaneceu-se depressa e a bibliotecária aproximou-se da janela da divisão. Conseguia ver os telhados de Cambridge e, logo ali, a casa da frente, onde uma mulher com um ar desmazelado, com um cigarro na boca, recolhia o jornal.

Ela fitou-a demoradamente. Deveria ser Julia, a mãe de Andy, o menino que aparecera morto uns dias depois de Laura Emanuel. Lera tudo ao qual conseguira deitar a mão sobre os *Crimes de Cambridge*.

Um estrondo fê-la sobressaltar-se e virar-se para trás. Fora a porta do apartamento. Alguém batera com ela.

Durante as duas semanas que se seguiram, Susanna não voltou a suspeitar de que mais alguma coisa estranha se passasse na casa que acabara de comprar. Na altura, certificara-se imediatamente de que tudo

estava fechado, não podendo ter sido uma corrente de ar. Alguém estivera com ela dentro do apartamento e saíra, batendo com a porta.

As primeiras noites que lá passara, após receber a mobília, dois dias depois da visita inicial, tinham sido difíceis. Revistara completamente o apartamento, abrindo e fechando os armários, e espreitando debaixo da cama, até se certificar de que não havia mais ninguém lá em casa. Só conseguira adormecer algum tempo depois.

Quando começava a sentir-se mais tranquila e confortável, algo de inusitado aconteceu. Nessa ocasião, encontrava-se na Biblioteca de Wren, onde Veronica, uma estudante louca que substituíra Elizabeth Ann, entrara no seu escritório sem pedir licença. A rapariga era impertinente, insolente e preguiçosa.

Ainda por cima, não queria nada de importante; apenas dizer-lhe que um homem estava na receção e pedira para falar com ela. Não dissera o nome. Que falta lhe fazia a irmã de Adam Immanuel.

Susanna demorara algum tempo a acabar o que tinha em mãos. Ele bem que poderia esperar. Até que lá resolveu ir ver o que se passava. Ficou agradavelmente surpreendida quando finalmente chegou à receção.

Tratava-se de um homem alto, entre os 40 e os 50 anos, irresistivelmente charmoso, com o cabelo encaracolado e um brilho intenso nos olhos verdes. A bibliotecária, cuja vida sexual se resumia aos livros eróticos que lia à noite, enquanto se tocava na cama, imaginou-se imediatamente a sós com ele, numa das alas mais recônditas da biblioteca, de saia arregaçada, montada nas suas ancas, enquanto ele a fazia gemer contra as estantes.

Mas não, a sua presença ali resumiu-se a uma pergunta: se ela tinha algum contacto com Lizzie Emanuel. Susanna hesitou na resposta, acabando por dizer apenas que há muito tempo que andava a pensar em ir visitá-la.

De seguida, o homem foi-se embora.

Dois dias depois, Susanna ia na rua. Já era de noite. Como sempre, saíra tarde da biblioteca. Ao chegar ao seu prédio, enquanto metia a chave na fechadura da porta, apercebeu-se de vozes, que gritavam.

A mulher hesitou e, sentindo-se curiosa, tentou localizar de onde vinha o som, até que viu Julia, a mãe do menino que morrera, à porta de casa. Discutia com um homem louro, que quando cruzou o olhar com o seu, se fez rapidamente à saída e se afastou, rua afora.

Susanna, ao ver os olhos da vizinha depositados nela, ficou envergonhada. Entrou depressa em casa, aproveitando para ver se tinha correio. As primeiras faturas do seu novo apartamento começavam a ser enviadas. Era melhor estar atenta.

A bibliotecária tirou alguma correspondência não solicitada, como panfletos e outros anúncios, mas havia algo mais no interior da caixa, um envelope comprido sem remetente, apenas com uma frase escrita à mão. Numa letra bonita, masculina, dizia apenas: «Lizzie Emanuel não matou o reitor John Ashton-Davies.»

Depois de ler tantos policiais, a inspetora criminal que existia dentro dela levou a melhor. Atabalhoadamente, Susanna abriu a carta, mas deixou cair o conteúdo no chão.

As folhas espalharam-se pelo piso vidrado do átrio do prédio. Algumas eram fotografias, mostrando John Ashton-Davies em várias situações quotidianas. Mas houve duas que se destacaram. A mulher pegou-lhes.

Uma era uma impressão da troca de várias mensagens. A outra era o comprovativo de uma transferência bancária em nome de um tal James Cardinal.

Em ambos os casos, o remetente era o mesmo, Mark Emanuel. Quem seria Mark Emanuel?

Susanna ficou sem saber o que fazer ao envelope que encontrara na caixa do correio. Quem o deixara lá? O que significam aquelas

fotografias e as folhas remanescentes? Já lera um número assinalável de livros de espionagem, tendo-se imaginado vezes sem conta numa cena parada de um dos romances de John le Carré, ou em cima de uma mota, à cavalitas de um homem com as têmporas grisalhas, vestido com um blusão de cabedal, no papel de Chiara Allon, numa sequência de ação trepidante escrita por Daniel Silva.

Recentemente, ainda se deparara com as capas de um tal Nuno Nepomuceno, mas a sua curiosidade fora travada pela barreira da língua. Só estava publicado em Português, ou Húngaro, para além de, depois de vasculhar todos os recantos do seu *site*, passando freneticamente a galeria fotográfica presente na página com a sua biografia, ter acabado por desistir, tomada por uma certeza – era só mais uma cara bonita.

Portanto, a bibliotecária sabia. As folhas eram provas de um contrato de execução para matar o reitor John Ashton-Davies. No entanto, pelo que lera no jornal, aquele era um dos crimes pelos quais a irmã de Adam fora presa.

A sua confusão aumentou ainda mais quando poucos dias depois se viu forçada a abandonar a meio o encontro nacional de bibliotecárias, em Londres. Uma das participantes desenvolvera sintomas de infeção por SARS-CoV2 e a organização enviara todas as mulheres vacinadas, como ela, para casa.

Susanna regressou a Cambridge no primeiro comboio do dia seguinte, ainda de madrugada. Querendo ir trabalhar, resolveu passar no apartamento, para deixar as malas. Como seria de esperar, a habitação acolhera-a em silêncio, mas assim que entrou no seu quarto, a mulher desatou a gritar.

Havia um homem lá dentro. Era loiro, com olhos azuis, e fugiu imediatamente, empurrando-a ao passar por ela.

Jack McCallister, chefe da Polícia de Cambridgeshire, o condado no qual se inseria a esquadra da cidade universitária de Cambridge, encontrava-se em casa, a tomar o pequeno-almoço com a esposa, quando

o telefone tocou. Una, que na noite anterior lera até muito tarde, estava excitadíssima com o novo escritor que descobrira recentemente — John Christ.

O marido, que como sempre se fingia interessado, ainda arqueou uma sobrancelha, mas depois, aproveitando a oportunidade, levantou-se da mesa e atendeu a chamada. A esquadra da cidade universitária fora contactada por uma mulher a gritar, histérica, que tinha pormenores inéditos a revelar sobre os *Crimes de Cambridge*.

Jack interrogou Susanna ainda naquele dia. A bibliotecária falava muito depressa, citando títulos de livros dos quais ele nunca ouvira falar, e fazendo extrapolações para contratos de execução, assassinos a soldo e mortes encomendadas.

O inspetor ouviu-a atentamente; afinal, era o seu trabalho. Mas só lhe deu alguma credibilidade quando ela mencionou o homem louro, de olhos azuis, que discutira com a mãe de Andy e que apanhara a dormir lá em casa.

No entanto, a mulher, que o viu ir-se embora sem lhe dizer mais nada, ficou a sentir uma grande frustração. Já ninguém ligava a uma donzela indefesa. Quem lhe dera ser a Rainha dos Dragões. Alguém idiota como aquele homem certamente teria uma morte hedionda num dos livros do George R. R. Martin.

Por isso, só havia uma solução. Tinha de falar com ela. Na realidade, sentia saudades de Lizzie. A Biblioteca de Wren nunca mais fora a mesma desde que fora privada do seu trabalho.

— Elizabeth Ann — dissera-lhe, dois meses antes da morte de Adam Immanuel, sentada diante da sua irmã na prisão mista de Peterborough, a fazer um esforço enorme para suportar a carpete azul-celeste —, sei quem matou a tua tia. E uma coisa posso garantir — assegurara, convictamente. — Certamente não foste tu.

Todavia, Jack não ficara tão desinteressado quanto a bibliotecária julgara. O homem, que não tinha filhos, sofrera imenso durante a investigação dos *Crimes de Cambridge*, porque envolvera uma criança. Por isso, a ideia de reabrir o caso era, para ele, insuportável.

No entanto, as palavras de Susanna tinham-no marcado, sobretudo pela descrição que ela fizera do homem louro, com olhos azuis, que encontrara na sua casa e vira a discutir com Julia, a mãe de Andy. Durante o tempo em que trabalhara nos homicídios que tinham abalado a pacata cidade universitária, só se recordava de alguém que correspondia àquela descrição.

Tratava-se de um sujeito que costumava praticar esgrima com Adam. Tinha interrompido um jogo entre ambos no dia em que prendera o escritor inglês.

Ignorando a insistência de Susanna, Jack levou algumas semanas a investigar o caso, mas o seu trabalho deu frutos. Contrariamente ao que se pudesse pensar, não foi imediatamente ao seu encontro, preferindo averiguar o que a cidade sabia sobre ele. Aparentemente, imenso.

Sentindo-se motivado, dezoito meses depois de sair de King's College com um homem algemado, o inspetor McCallister voltou a entrar na universidade, levando consigo dois dos seus agentes. Não precisaram de ajuda para os guiar. Encontraram Pierre no gabinete que antes pertencera a Adam Immanuel.

O jovem professor suíço, que estava ocupado com a redação da sua tese quando os polícias chegaram, tirou os olhos do monitor e fitou-os com uma expressão pouco confiante. O cabelo algo comprido, a barba por fazer e as olheiras davam-lhe um ar cansado. Após a troca de algumas palavras de circunstância, Jack foi direto ao assunto:

- Qual era a natureza da sua relação com Adam Immanuel?
- Porque está a perguntar?
- Tivemos uma queixa de que terá entrado sem autorização na sua antiga casa, algo que, de acordo com os testemunhos que recolhi na

vizinhança, suspeito que terá ocorrido mais vezes. Prefere responder à pergunta cordialmente e conversar um pouco comigo, ou arrumamos este assunto e levo-o diretamente para a esquadra? Apesar de ser de fora, já deverá ter percebido que Cambridge é uma cidade sossegada. Temos imensas celas livres.

Pierre pediu ao homem que se sentasse no sofá, o que ele e os dois agentes que o acompanhavam recusaram. De pé, o inspetor McCallister reiterou a pergunta:

– Qual era a natureza da sua relação com Adam Immanuel?

– Ele era o meu orientador, antes de ir para Veneza.

– E durante o tempo em que trabalharam juntos nesta universidade, como descreveria os laços que os uniam? Eram amigos?

– O Adam era o meu ídolo – admitiu o suíço. – Vim para Cambridge para estudar com ele.

– Então, eram amigos?

– Sim.

– Quanto profundo era esse sentimento?

– Não estou a perceber aonde quer chegar.

Jack apontou para o par de polícias que o acompanhavam e disse:

– Sou amigo destes dois. Conheço-os há uns anos. Dizemos umas larachas; às vezes, tomamos um copo juntos, depois do trabalho; mas nunca os levei a minha casa. Aliás, nenhum conhece sequer a minha mulher. Frequentava a casa de Adam Immanuel?

– Não.

– Tem a certeza? Vários vizinhos me disseram que se recordam de o ver entrar e sair frequentemente, até mesmo antes da morte da tia, a Laura.

– Sim, cheguei a lá ir. Por vezes, ele preferia trabalhar em casa e eu tinha de me sujeitar. Coisas de estrelas.

– Deve ter sido um suplício para si. – O inspetor fez uma pausa breve, aproveitando para mudar ligeiramente de assunto. – Alguma vez saíram juntos?

– Para beber uns copos e dizer umas larachas? Não.

A forma como Pierre pronunciou aquelas palavras, escarnecendo ligeiramente, deixando subjacente que tal coisa seria depreciativa para dois intelectuais como eles, deixou Jack irritado.

– Classificaria a vossa relação como sendo íntima?

– Íntima, como?

– Íntima, como eu e a minha mulher, sobretudo quando estávamos casados de fresco.

– Não.

– É homossexual?

Pierre ruborizou-se e não respondeu.

– Dizem por aí que tem um apetite sexual voraz.

O professor suíço voltou a não responder.

– Aliás, todos sabem da sua predileção por homens morenos, quanto mais masculinos, melhor.

– Não vejo por que razão tenho de discutir consigo a minha vida privada.

– Porque poderá explicar um crime. Alguma vez passou alguma noite em casa dele?

O som do telemóvel de Pierre, que acusou a receção de uma mensagem, interrompeu os dois homens. O professor olhou gravemente para o ecrã do aparelho, bloqueou-o rapidamente e admitiu perante o inspetor McCallister que pernoitara em casa do escritor inglês.

– Pensei que apenas lá fosse de vez em quando, por pouco tempo. Porquê?

– Às vezes, trabalhávamos até tarde.

– Só isso? Onde dormia?

– No escritório dele, ou na sala.

– Portanto, se eu sair por esta porta e interrogar a irmã, que por acaso está presa, acusada dos crimes que em tempos eu julguei que cometera, irá confirmá-lo?

– A Lizzie é uma criminosa. O seu depoimento não será certamente fiável.

Jack aproximou-se da secretária, apoiando os braços no tampo de madeira.

– Ela é uma criminosa, ou alguém fez com que ela passasse por uma? Qual era a natureza da sua relação com Adam Immanuel?

– Já lhe disse, éramos amigos.

– Nessas noites que passou lá em casa, nunca se esgueirou para o quarto dele e se enfiou debaixo dos lençóis?

– Não, nem todos regem a vida pelo sexo.

– Mas foram vistos juntos, nus, numa praia fluvial, durante o primeiro confinamento, após a detenção da irmã. O que andaram por lá a fazer?

Sentindo-se acossado, Pierre respirou fundo, até que tomou uma decisão:

– Não respondo a mais uma pergunta sem estar na presença do meu advogado. Por favor, saia.

O inspetor McCallister fitou-o duramente, mas, seguido pelos colegas, assim fez. Mal saiu a porta, sentiu uma vontade enorme de vomitar.

Apesar da forma dura como interrogara Pierre, Jack deixou-se tomar pela frustração nas semanas que se seguiram. Destacou uma equipa para vigiar o jovem suíço e pôs-se a tentar recolher provas que permitissem corroborar a sua intuição. O rapaz estava implicado na morte de Laura Emanuel e, quem sabia, na do pequeno Andy.

Quando fora presa, Lizzie sempre afirmara que desconhecia o que acontecera ao menino e que o irmão a tramara para esconder a própria culpa. Na altura, dera-lhe pouca credibilidade, achando que tentava apenas arranjar desesperadamente um bode expiatório, mas, agora, o inspetor duvidava do seu discernimento. Havia provas que a ilibavam do atentado a John Ashton-Davies, além daquela estranha obsessão do professor suíço por Adam Immanuel. Mas como poderia construir uma acusação? Com base em quê?

A resposta foi-lhe dada por Una, a esposa, que num daqueles dias lhe telefonou para o emprego, a chorar. Sentado à sua secretária, Jack sobressaltou-se ao ouvir os guinchos da mulher, enquanto lhe relatava o sucedido. Crente de que era o carteiro, que lhe batera à porta para lhe entregar um livro que encomendara *online*, ela fora atendê-lo, mas quando abrisse a caixa deparara-se com uma faca de trinchar suja. Era sangue seco.

A arma do crime fora sempre a peça que faltara para resolver coerentemente o homicídio de Laura Emanuel. Deveria ter sido uma almofada, uma vez que se apurara que morrera asfixiada. Porém, o que sucedera fora consideravelmente pior e agora ali estava ele, o objeto que se usara para a esquartejar e levá-la discretamente para fora do apartamento no cesto da pasteleira da sobrinha.

Quando entregou a faca no laboratório forense, os resultados dos exames realizados resolveram o caso – o sangue era da idosa; quanto às impressões digitais no cabo, essas pertenciam a Pierre.

Três carros da Polícia de Cambridgeshire partiram da esquadra, em direção à rua na qual o professor suíço vivia. Era de noite e, enquanto entravam no prédio, os homens conseguiam ver as luzes acesas do apartamento.

Contudo, quando lá chegaram, apesar da vigilância que Jack ordenara, foram vencidos pela decepção. Pierre desaparecera.

As provas que Susanna tinha recebido na caixa do correio também foram escrutinadas. O inspetor tentara apanhar o rasto dos dois homens cujo nome surgia nos papéis, mas fora malsucedido. Mark Emanuel era o irmão mais velho de Adam, mas a última vez que alguém ouvira falar dele fora no dia em que a sua pena fora atenuada e ingressara num seminário. A partir daí, desaparecera completamente.

Una, que lera o primeiro livro do escritor inglês e que reconheceu a semelhança entre a história real e a ficcionada, ainda sugeriu ao marido que ele tivesse mudado de nome e sido nomeado cardeal. Mas o homem

não encontrou quaisquer indícios desses factos, e achou que eram apenas fantasias que a esposa ia buscar ao que lia.

Quanto a James Cardinal, conseguiu algo mais concreto. Com a ajuda da Europol, chegaram ao registo de propriedade de um barco, que descobriram estar ancorado no Prinsengracht, um dos canais mais famosos de Amesterdão. No entanto, quando lá chegaram, a embarcação encontrava-se deserta. Os exames forenses revelaram vestígios de sangue.

Pertenciam a Mathilde Dubois, uma médica cujo corpo muitos meses antes fora encontrado a boiar, por baixo de uma ponte, e a um assassino há muito procurado pelas autoridades internacionais. Sabiam que se chamava o *Leopardo*, embora desconhecessem o seu paradeiro. Uma terceira pessoa ficou por identificar. Presumiu-se que pertenceria ao tal James Cardinal, mas ninguém teve a certeza.

Lizzie Emanuel foi libertada numa tarde de verão, cerca de quinze dias antes da data em que o seu irmão viria a falecer. A jovem tinha à sua espera Jack, que lhe pediu desculpa, e Susanna Perkins, que lhe ofereceu de volta o lugar que ocupara como sub-bibliotecária no arquivo histórico de Trinity College.

Porém, a jovem, cuja magreza se acentuara ainda mais, apenas desejava uma coisa – sair de Cambridge e nunca mais lá regressar.

Lizzie começou uma viagem sem rumo, deixando-se ir à deriva para onde o comboio a levasse. Da cidade universitária foi para Londres e, depois, na estação ferroviária internacional de St. Pancras, apanhou o Eurostar, o TGV para Paris. Passou alguns dias na capital francesa, entrou na Bélgica e, seguidamente, apeteceu-lhe ir mais para norte.

Toda a vida fora uma mulher solitária, que se dedicara a cuidar da tia enferma, ou a evitar que a carreira literária do irmão se desmoronasse. A sua dedicação à família levava-a à prisão, uma experiência que queria esquecer. Por isso, decidiu ir para Amesterdão, a cidade mais libertina que conhecia.

Nos poucos dias que acabou por passar na metrópole dos Países Baixos, duas coisas aconteceram, que foram particularmente marcantes. A primeira deu-se numa das ocasiões em que foi à estação central e se deparou com uma revista internacional exposta nas bancas. A capa, que chamava a atenção para declarações bombásticas, escondia um artigo ainda mais revelador, protagonizado pelo irmão. Leu-o avidamente, pouco interessada pelo ódio que dirigia a Ellis, até descobrir um facto importante. Adam, com quem tinha contas a ajustar, ainda se encontrava a viver em Veneza. Seria para lá que ela iria a seguir.

A segunda ocorreu na noite antes de se ir embora. Sozinha como sempre, fora ao bar do hotel, onde, tal como via nos filmes com os quais fantasiava quando era jovem, um rapaz ligeiramente mais velho que ela, meteu conversa. Era um homem bonito, bem-educado, com uma barba castanha cerrada e muito atraente, que facilmente conseguiu levá-la para o quarto.

Lizzie sempre ouvira dizer que a perda da virgindade envolvia alguma dor, mas nada a preparara para aquilo. Enquanto ele a penetrava violentamente sem sequer a beijar, meteu-lhe as mãos no pescoço, apertando-o, quase ao ponto de a sufocar.

A rapariga conseguiu soltar-se, clamando por ar, mas rapidamente ficou desnorteada, sem saber o que pensar das sensações novas que percorriam o seu corpo. Percebendo que ela gostara, ele esbofeteou-a.

Lizzie fez-lhe exatamente o mesmo.

Quanto a Pierre, chegou a Veneza na tarde do dia em que Adam morreu. O jovem professor suíço, que estava em fuga das autoridades, baixou o rosto ao sair da estação ferroviária de Santa Lucia, procurando passar despercebido, concentrando-se apenas no seu telemóvel. A obsessão por Adam Immanuel continuava.

Apesar de o escritor inglês nunca ter atendido nenhuma das chamadas telefónicas que ele efetuara, há algum tempo que andava a trocar mensagens consigo, dizendo-lhe que gostaria de revê-lo em Veneza. No

entanto, de acordo com a última que lhe enviara, aquele ainda não era o momento.

Adam encontrava-se no Lido, a ilha onde se realizava o Festival Internacional de Arte Cinematográfica da Bienal de Veneza. Sem hesitar, Pierre dirigiu-se ao cais e apanhou o primeiro *vaporetto* que conseguiu encontrar, não reparando em duas pessoas.

Um era o jovem Daniele Accardi, que, nas suas costas, vindo de Roma, descia as escadas da estação; a outra era um homem de óculos escuros, encostado à carroçaria de um *Alfa Romeo* de aspeto potente.

Avenidas Novas, Lisboa, Portugal

Tempo Presente

Diana regressou a casa um dia depois de Susanna, a bibliotecária de Trinity College, lhe ter contado tudo o que sabia sobre os acontecimentos que haviam levado à libertação de Lizzie Emanuel. A mulher, que parecera a narradora de um *thriller* psicológico, forçara-a a relativizar algumas das coisas, uma vez que tinha uma tendência para se dispersar, sobretudo acerca do homem misterioso que lhe perguntara pela antiga subalterna. Desconfiava que ele e quem colocara o envelope na sua caixa do correio eram a mesma pessoa.

Afonso ainda se rira, quando, naquela noite, depois de a jornalista deitar Rodrigo, ela lhe contara que o sujeito tentara seduzi-la, levando-a para uma ala recôndita da biblioteca. Só sobrevivera depois de, tal qual a heroína de um romance de aventuras juvenil, lhe dar com um *spray* nos olhos verdes insinuantes.

O professor não acreditou, tal como Diana, porque ela estava convicta de que se tratara de Mark Emanuel, James, o assassino, ou simplesmente o *Cardenal*. Quanto ao resto da história, confirmara-a, indo imediatamente à esquadra de Cambridgeshire e fazendo uso da sua carteira profissional para arrancar a Jack McCallister tudo de que precisava.

O homem, que não simpatizara particularmente com ela na altura em que se tinham conhecido, por ocasião dos *Crimes de Cambridge*, acabou por admitir o que podia: Lizzie estava em liberdade, algures pela Europa, em viagem; quanto a Pierre — o agora principal suspeito da morte de Laura Emanuel, e de Andy, o menino que vivia com a mãe e o

padrasto, Stevie, na casa em frente —, infelizmente tinham-lhe perdido o rasto. Um mandado de captura internacional fora já emitido.

— O que achas que realmente aconteceu na noite em que o Adam morreu? — perguntou Diana, com o cabelo ruivo encostado ao peito do marido.

Os dois continuavam na sala de estar, com a televisão apagada e Rodrigo a dormir sossegadamente na sua cama.

— Não sei. Mas acho que esta revelação muda tudo.

— Achas que a Lizzie foi para Veneza e matou o irmão?

— Ela certamente teria a capacidade de atrair a atenção dele — concluiu Afonso. — Mas como é que uma mulher tão franzina conseguiu provocar aquela quantidade de hematomas? Parece-me improvável.

— E o Pierre, lembras-te dele?

— Sim, interrompemos um jogo entre os dois na noite em que fomos pela primeira vez à procura do Adam, em King's College — recordou o professor.

— Estava longe de pensar na volta que esta história ainda iria dar.

— É ele, a tua aposta?

— Descartamos o Ellis, a Geneviève e o Daniele?

— Com tudo o que já sabemos, acho que são suspeitos muito pouco plausíveis e que, mais cedo ou mais tarde, algo irá acontecer que permita ilibar o rapaz. É óbvio que ele não o fez.

— Para mim, é óbvio que ele é o Pedro e que foi por causa disso que, naquela tarde, se encontrou com o Adam. Só não consigo é prová-lo — lamentou-se Diana.

— E há ainda a Sofia — disse Afonso, pausadamente.

— Não confias nela, pois não?

O professor ficou em silêncio, fitando a escuridão noturna para lá das janelas. As últimas palavras do POC, moribundo nos seus braços, na Praça Dam, vieram-lhe ao pensamento.

— Sabes que o Jack me contou que seguiram os dois nomes que constavam das provas do atentado — explicou Diana. — Claro que não o

expus, mas, para mim, o nome de James Cardinal diz-me muito.

»Encontraram um registo de propriedade, que os levou a um barco ancorado no Prinsengracht. Lembras-te de que o Henrique nos disse que era aí que o *Cardeal* vivia? Foram lá encontrados vestígios de sangue que pertenciam a três pessoas diferentes, uma médica cujo corpo fora encontrado algum tempo antes, alguém que não conseguiram identificar e um tal de *Leopardo*, um mercenário, do qual a Europol já andava à procura.

»E se o *Leopardo* é o mesmo assassino que no ano passado tentou matar o Mark e me ia atingindo? E se os dois tinham uma disputa qualquer, e o ajuste de contas se deu no barco?

– Então, achas que o Mark, ou o James, como prefiras chamá-lo, está morto?

– Não, sou da opinião de que sobreviveu. Só ele é que poderá ter deixado os papéis na caixa de correio da Susanna, para além da descrição que ela fez, bater certo com o pouco que sabemos dele.

– Mas a Lizzie confessou ter contratado a morte do John. Já te ocorreu que esses papéis devem ser falsos?

– Sim. Mais uma razão para pensarmos que este homem era o irmão. Quis ajudá-la.

Afonso suspirou, aborrecido. O comportamento de Ahmad continuava a criar problemas na mesquita e ele receava que alguma coisa pudesse acontecer. Além disso, havia outros problemas a preocupá-lo: o que fazer com a casa do pai?

– Já decidiste? – perguntou-lhe Diana.

– Não.

Cemitério Velho de Santa Clara, Beja, Portugal

Quando Afonso Catalão Tinha 43 Anos

O professor agradeceu ao taxista e pagou-lhe pela corrida, apeando-se do carro. O automóvel arrancou novamente, deixando-o diante de um muro branco, no meio do qual se via um portão preto, grande, de ferro. Estava ligeiramente entreaberto. Meteu as mãos nos bolsos do sobretudo que vestia, deu um passo em frente e entrou.

Passara uma semana desde que o pai lhe telefonara, encontrava-se ele no cais de Eminönü. Alguns dias depois, a voz seca da madrastra, Helena, sem qualquer preparação, dera-lhe a notícia de chofre. O pai falecera devido a um acidente vascular cerebral inesperado.

Afonso ainda tentara antecipar o voo para Portugal, mas não conseguira. Os últimos dias que passara em Istambul haviam sido de uma intensidade dramática, que o tinham esgotado. Fora para a Turquia cheio de sonhos, convicto de que seria lá que iria encontrar-se.

Porém, a sua nova vida revelara-se nefasta, cheia de provações para as quais não estava preparado. Fugira de Cambridge para escapar aos murmúrios que ouvia nos corredores, de cada vez que saía de casa, pegava na bicicleta e entrava na universidade, mas não esperava que o seu exílio no Oriente apenas contribuísse para criar novos sussurros dentro do seu coração.

Eram espetros, fantasmas, almas negras como corvos, com os quais pressentia que passaria a conviver para sempre. Fatima morrera e ele era agora um homem viúvo, sem rumo, desorientado e solitário, cujo único propósito era regressar a Lisboa.

Comprara uma casa nas imediações da universidade, um apartamento amplo, localizado num prédio antigo, mas acabado de renovar, com uma

bonita fachada pintada de amarelo e branco, e varandas de ferro verde. Ainda não conseguira visitá-lo. Assim que aterrara em Lisboa, apanhara um táxi e fora diretamente para Beja.

Afonso entrou no cemitério e começou a caminhar ente os jazigos, ao longo da estrada de terra. Estava um dia frio de outono, de céu limpo, onde o Sol brilhava palidamente, antevendo a nova estação, que se aproximava. Havia poucas pessoas por ali; apenas uma ou outra, que ocasionalmente cuidavam da última morada daqueles que mais amavam.

O professor identificou mais abaixo um grupo vestido de negro, que se unia em torno de um caixão, enquanto um padre, segurando um crucifixo, recitava a última bênção. Com a pasta que levava na mão a balouçar junto às suas pernas e os óculos de leitura postos nos rosto, seguiu na direção do funeral.

Afonso passou o ajuntamento de pessoas e dirigiu-se a uma outra zona, caminhando devagar, até chegar ao seu destino. Com um ar destroçado, baixou-se, fitando uma laje de mármore.

Helena escolhera um tom cinzento-escuro, que condizia bem com a personalidade fria e severa do pai. Esticou a mão, na direção da lápide, querendo tocar-lhe, mas não conseguiu. Chegara demasiado tarde. Os olhos dançavam por trás das lentes, lendo nervosamente o que dizia a inscrição:

«CARLOS AFONSO MARQUES CATALÃO
ESPOSO E PAI
1941 - 2012»

O professor sentiu a garganta embargada e as pernas a fraquejarem. Deixou-se cair no chão, sem forças. Ajoelhado sobre a terra do cemitério, tirou os óculos e pousou-os juntamente com a velha pasta de cabedal sobre a campa do pai.

De seguida, os olhos encheram-se de lágrimas e ele começou a chorar.

Epílogo

Veneza, Itália

Dois Meses Depois da Morte de Adam Immanuel

O inspetor Guido Pelosi continuou a olhar com um ar aborrecido para as folhas que a pasta continha. Era o processo de *A Noiva Judia*, um arquivo pouco extenso, essencialmente fotográfico, com o que tinham conseguido recolher: as imagens do corpo do transexual mutilado, cheio de sangue, os relatórios do laboratório forense e mais nada. O telemóvel de Maria, que deveria ser a chave para todo o mistério, continuava desaparecido.

O homem cofiou a barba e colocou tudo de lado. Não gostava de ter casos por resolver e a sua vida estava cada vez mais entediante. A aproximação do inverno trouxera a *acqua alta*, a expressão que os venezianos utilizavam para descrever os picos das marés do Mar Adriático que faziam com que a água da lagoa, que nascia sob a cidade, inundasse Veneza. As ocorrências corriqueiras sucediam-se.

Um jovem polícia surgiu repentinamente no seu gabinete, irrompendo por ele adentro sem pedir licença. Ruborizado e esbaforido, trazia consigo uma caixa pequena, que chegara por correio registado. Não tinha remetente.

O jovem, que Guido conhecia de o ver constantemente agarrado ao telemóvel a ler as notícias internacionais, ainda se alarmou quando o inspetor foi para abrir o volume, começando a gritar que era um ataque de gás *sarin*. Mas Pelosi não era homem para essas cerimónias e rapidamente rasgou o cartão. No interior, encontrava-se um envelope pequeno.

O invólucro continua duas coisas: uma mensagem escrita à mão, com uma letra elegante, mas que parecia pertencer a uma mulher e que dizia

«O Daniele Accardi está inocente.»; e a etiqueta de um porta-chaves. Continha um endereço.

Os *Carabinieri* irromperam pela casa onde Pierre se escondia, localizada no bairro do Castello, o maior de todos os *sestieri* de Veneza. Era um prédio degradado, como todos na cidade, mas que correspondia bem ao estado em que encontraram o jovem — com a barba grande e os olhos dilatados, desnordeado e sem perceber o que estava a acontecer-lhe.

A Polícia italiana levou-o para o quartel, onde permaneceu, assim que se aperceberam da existência de um mandado internacional de captura. A Europol chegou no dia seguinte, altura em que estabeleceram a ligação com a morte de Adam Immanuel.

O professor suíço, que não sabia falar italiano, pouco disse naqueles dias, além de que estava inocente. No entanto, as provas contra ele tornaram-se irrefutáveis — as chaves encontradas no Lido eram da sua casa, em Cambridge, tal como o anel, uma recordação da sua licenciatura, na Suíça, mas que também costumava guardar consigo, na cidade universitária. Só a impressão digital anónima ficou por explicar.

De qualquer modo, Daniele Accardi foi imediatamente libertado. Quando lhe perguntaram por que motivo assumira a culpa, deu uma justificação, que deixou Guido a pensar se não seria mais uma invenção, mas, daquela vez, o caso contra o suíço era muito forte.

O jovem alegara que trabalhava para o escritor, prestando-lhe assessoria informática. Os dois não se conheciam antes de se encontrarem naquela tarde, na estação ferroviária de Santa Lucia, a pedido de Adam. A natureza do projeto em comum levava o inglês a sugerir que fossem conversar para uma zona mais privada, o Lido, uma vez que se hospedara num dos hotéis da ilha, de modo a poder participar na antestreia de um dos filmes a concurso no Festival de Cinema, cujo argumento escrevera.

Claro que não o levava para o quarto, sugerindo, pelo contrário, um passeio de carro. Quando estavam estacionados atrás das dunas, um

homem louro e jovem aparecera, começando a discutir com o escritor, enciumado. Os dois tinham-se confrontado e ele pegara no carro. Acidentalmente, atropelara Adam.

Depois, Pierre ameaçara-o. Sabia de tudo sobre o trabalho que ele fizera para o inglês, tinha provas e estava determinado a denunciá-lo, caso o jovem não se assumisse como culpado. Uma coisa era ser acusado da morte de um homem; outra bem diferente seria cair nas mãos da Europol.

O inspetor Pelosi não ficou completamente convencido, mas sempre era menos um caso por encerrar, pelo menos, para ele. Quanto a Pedro, a investigação internacional foi reaberta.

Estabelecimento Prisional Masculino de Belmarsh,
Sudeste de Londres,
Reino Unido

Quatro Meses Depois da Morte de Adam Immanuel

Pierre permitiu que o par de guardas prisionais o guiasse pelo corredor até ao parlatório. Levava os pulsos algemados à frente do abdómen e arrastava os pés pelo chão de linóleo ao ritmo dos seus acompanhantes. O cabelo louro estava desgrenhado e os olhos azuis haviam perdido o brilho de outrora.

O jovem professor suíço reparou na neve que caía para lá das janelas altas de vidro. Era janeiro, o que lhe custou ainda mais, fazendo-o recordar-se do tempo em que vivera em Cambridge, com os telhados cobertos de branco e as chaminés a fumegarem. Pagara um preço elevado pelos seus sonhos de estudar Literatura sob a alçada do melhor.

Diana e Afonso Catalão anuíram na sua direção, ao vê-lo caminhar devagar. Quando ele se sentou, agradeceram-lhe por aceitar falar com eles e reaperentaram-se. Ela estava a escrever um livro sobre um homem, cuja vida se cruzara com os *Crimes de Cambridge*, ocorridos dois anos antes. Não disse quem era, mas deu a entender que se tratava de alguém que em tempos se relacionara com a família Emanuel.

– Recordo-me de ambos – explicou Pierre, com um ar conformado. – Interromperam um dos meus treinos com o Adam.

– Importa-se que grave a nossa conversa? – pediu-lhe a jornalista.

Os olhos azuis de Pierre fitaram-na gravemente:

– Não.

Diana desbloqueou o telemóvel e abriu a aplicação do gravador.

– A Polícia de Cambridgeshire apurou que frequentava a casa dos irmãos Emanuel. Desde quando e como começou esse hábito?

— Entrava todas as noites — admitiu ele. — Primeiro, foi para estudar. As tarefas na universidade e a vida ocupada do Adam não permitiam que trabalhássemos juntos, senão naquele horário.

— E depois?

— Tornámo-nos íntimos.

— Sexualmente?

— Não. Eu sentia-me claramente atraído pelo Adam e no fundo acho que ele sempre soube, mas também não tinha amigos e acabou por agradecer a minha companhia. Nunca me incentivou, nem sequer tentou qualquer tipo de contacto físico.

— E o Pierre tentou?

— Não. Respeitava-o demasiado.

— Suponho que a Lizzie soubesse das suas idas ao apartamento. Porque é que ela não o mencionou às autoridades?

— Nem por isso. O Adam era um homem mais sensível do que se poderia pensar e não queria que a sua reputação, ou a minha, fosse manchada. Por isso, fez o possível para esconder a minha presença na casa.

»Deu-me uma chave do prédio, para que pudesse aceder ao edifício. Depois, deixava sempre a porta do apartamento aberta, para eu entrar, sem fazer barulho, acabando por me oferecer também uma réplica. A Lizzie estava demasiado concentrada a ler, na cama, e nunca deu por nada.

— Foi assim que a Susanna o apanhou lá dentro?

— Sim. Nunca deitei fora aquela cópia e, com o tempo, depois de ele partir para Veneza, passei a ir ao apartamento. Era a minha forma de matar saudades.

Diana tomou nota do facto, apesar de a conversa estar a ser gravada.

— E o que aconteceu naquela noite do homicídio da Laura Emanuel?

— Matei-a.

— Porquê?

— A Laura estava a ter uma noite horrorosa e o Adam também andava muito em baixo, tendo tomando inclusivamente alguns comprimidos. Cheguei tarde ao apartamento, já quando ele dormia, mas os lamentos da tia começaram a fazer com que acordasse. Então, fui ao quarto dela.

— O que aconteceu? — perguntou Afonso.

— A Laura confundiu-me com ele e começou a gritar, acusando-me de ser um assassino, algo que não percebi. Depois, asfixiei-a. Foi um ato irrefletido, desesperado e irracional, do qual naturalmente me arrependo.

— E onde entra a Lizzie, no meio de tudo isto?

— Para ela, foi sempre o irmão quem matou a tia. Faria qualquer coisa para defendê-lo.

— Porquê?

— São irmãos. Julgo que a força dos laços que mantêm advém de terem ficado órfãos muito cedo, para além de haver algo no passado de ambos, que nunca aprofundei, mas que tenho a impressão de provocar nela alguma espécie de remorsos, ou de sentimento de culpa.

— Referia-me ao motivo pelo qual a Lizzie julgou que foi o irmão quem matou a Laura — esclareceu Diana.

— Ah, isso. Foi um mero acaso. O Adam apercebeu-se da agitação que se gerou e do silêncio súbito que se seguiu. Quando apareceu, tirou-me a almofada das mãos. E foi assim que a Lizzie nos encontrou, com a tia asfixiada, morta na cama; eu de pé, no quarto; e o irmão, a segurar o objeto que a sufocara.

— Então, e o depoimento à Polícia?

— O que tem?

— A Lizzie declarou que ela e o irmão dormiram durante toda a noite e só acordaram na manhã seguinte.

— Foi tudo inventado. Como se sabe, a Lizzie passou a noite acordada, transportando os membros da tia até ao rio, enquanto eu e o Adam lavámos o apartamento com lixívia, para apagar os vestígios de sangue.

— Porque optaram por desmembrá-la? Qual o motivo para ainda mais violência?

— Queríamos afastar a hipótese de asfixia. Por outro lado, assim, foi muito mais fácil livrarmo-nos do corpo, feito em pedaços, transportando-o dali para fora no cesto da pasteleira da Lizzie.

— E onde é que entra o Andy, nesta história?

Pierre baixou o olhar e suspirou. Era tudo muito mau, mas aquela parte, por envolver o menino, tornava-se mil vezes pior.

— Fomos vistos pelo padraço, o Stevie.

— Naquela noite?

— Viu-nos em duas ocasiões. No escritório do Adam, a discutirmos, pela claraboia que tinha no sótão. E na rua, a ajudarmos a Lizzie a carregar os sacos.

— Quando é que soube que os espiara?

— Poucos dias depois, quando foi a minha casa e me confrontou.

— A sua casa? Porquê?

— Estava desempregado e a sua única ocupação era fazer biscates. Recorri algumas vezes a ele. O meu apartamento em Cambridge não era novo e tinha frequentemente problemas de canalização. Nunca tive muito jeito para esse tipo de reparações.

— E confrontou-o? — insistiu Diana.

— Tratava-se de um homem pouco corajoso. Apenas conseguia bater na mulher e em crianças, mas insinuou-se, disse-me que vira coisas, que me observara várias vezes a entrar no prédio e a sair.

— A partir da própria casa?

— Da claraboia do sótão. Na noite em que a Laura morreu, encontrava-se lá, porque se arrependera do que fizera ao menino.

— Que fora?

— Tentara vendê-lo.

— Para tráfico de órgãos? — arriscou Afonso.

— Não, para uma rede de pedofilia, na *Dark Web*. Foi assim que eu o convenci a ir até ao moinho, fazendo-me passar por um interessado

noutra criança qualquer que ele quisesse arranjar.

– O Pierre matou-o, simulando o seu suicídio?

– Sim.

– Foi o Pierre quem colocou as chaves da casa do Adam nas suas roupas e forjou as provas?

– Sim.

– Porquê?

– Para o incriminar e fazê-lo pagar por matar o Andy.

– O Stevie matou o Andy?

– Sim, esperou por ele numa paragem do autocarro que o transportava para a escola e fê-lo sair, para o vender a um homem. Como não teve coragem, e o menino ameaçou contar à mãe, acabou por matá-lo, deixando o corpo perto da Ponte Matemática, onde foi encontrado.

Diana recostou-se na cadeira, tentando assimilar tudo aquilo. Na altura, investigara a história, mas nada a fizera suspeitar desta verdade. Afonso trocou com ela um olhar e intrometeu-se na conversa, acabando por sentir alguma pena de Pierre. Tratava-se claramente de um homem derrotado.

– Como se declara relativamente aos *Crimes de Cambridge*?

– Culpado.

– E quanto à morte de Adam Immanuel?

O suíço fitou o casal e por momentos, os olhos azuis, que durante toda a entrevista tinham estado mortiços, brilharam com orgulho. Ainda lhe restava algum.

– Inocente.

Praça de São Marcos, Veneza, Itália

Quatro Meses Depois da Morte de Adam Immanuel

Afonso e Diana atravessaram o largo abraçados um ao outro. Apesar de ser inverno, o Sol brilhava, embora timidamente, sem bastar para os aquecer. Tinham chegado há um dia de Londres, onde haviam entrevistado Pierre.

A jornalista andava a fazer um périplo, tentando novamente apurar factos que lhe permitissem construir o corpo do seu novo livro. Quanto ao primeiro, já era oficial: a edição norte-americana confirmara-se. Como dissera o professor quando a esposa lho contara, começava a sentir-se um catedrático insignificante ao pé dela.

Rodrigo ficara em Lisboa, com Raquel e o filho dela, que era da mesma idade. O casal já falara com ele naquela manhã, mas a conversa fora breve. Estava muito atarefado, a mudar de sala de aulas.

Aproveitando bem o tempo a sós, os dois acabaram por se largar, ao chegarem ao Caffè Florian. Já passava da hora de almoço. Tinham dormido até tarde. O hotel onde se encontravam hospedados era muito bonito, com uma fachada degradada, mas com um interior completamente remodelado e de extremo bom gosto.

A Praça de São Marcos estava como eles se recordavam, embora com menos turistas, uma vez que decorria o mês de janeiro. O edifício de inspiração bizantina continuava a dominar o espaço, com uma imponência deslumbrante, que quase os fazia pensar que se encontravam na Ásia. E no topo da Torre do Relógio, o sino tocava, afugentando os pombos.

Os dois abriram ligeiramente os casacos grossos que vestiam e cumprimentaram dois homens, que esperavam por eles, sentados na

esplanada – os inspetores Guido Pelosi e Luca Detti.

– Continuo pouco convencida de que foi o Pierre quem matou o Adam – começou Diana, dirigindo-se ao mais velho dos polícias.

– São as provas que obtivemos. Desta vez, não podem dizer-nos que não sabemos a quem pertenciam.

– Todas, menos a impressão digital.

– Quem sabe, não seria antiga.

– Não acredito. Falei com o Pierre e ele assumiu a culpa pelos *Crimes de Cambridge*, mas não pela morte do Adam. Não faz sentido.

– Que explicação dará no seu livro?

– Se tivesse de acabá-lo hoje?

O inspetor Guido Pelosi anuiu.

– Limitar-me-ia a relatar os factos e a apontar as incongruências.

– Essas incongruências incluem os objetos pessoais que encontramos?

– Não, mas a Polícia não pondera a hipótese de terem sido colocados lá?

– Quem iria a Cambridge buscá-los?

Era uma boa pergunta, à qual Diana não respondeu. Experimentou outro caminho:

– Então, e as mensagens que ele disse que o Adam lhe enviara, chamando-o a Veneza?

– Conseguimos recolher o telemóvel, mas o cartão desaparecera. Na prática, estava em branco, exceto do lado do Pierre, que guardava tudo no aparelho.

– Verificaram que ele foi efetivamente ao Lido?

– Duvida da minha competência, *signora Cataloni*?

Afonso dirigiu a Diana um olhar que recomendava alguma prudência. O inspetor estava a fazer-lhe um favor, ao deixá-la intrometer-se nas suas responsabilidades.

– Não – respondeu ela, percebendo o marido. – Estou apenas a tentar comparar o meu trabalho com o vosso.

– *Certo*. Continua a achar que a menina Conti está envolvida.

A jornalista portuguesa encolheu os ombros.

– Quando conheceram o meu marido, vocês andavam atrás da Sofia. Faziam-no somente porque a achavam bonita?

Julgando-a demasiado insolente, Guido foi para contrapor algo. Afonso, receando que se gerasse uma discussão, interveio, interpelando Luca, o jovem inspetor, que até ali se mantivera calado.

– Não temos nada sobre ela, nem sequer um postal roubado.

– Então, e quanto a *Isaac e Rebeca*? Já o tem em Veneza?

– Não, mas parece que irá recebê-lo brevemente, embora, segundo descobrimos, a Sofia esteja prestes a regressar ao Lago de Como. Parece ter-se fartado da cidade.

Diana, que ainda tinha mais perguntas a fazer, conteve uma observação algo mais ácida. Fizera a viagem para obter esclarecimentos e arriscava-se a ficar com pouco, ou nada, que pudesse utilizar.

O telemóvel do inspetor Guido Pelosi tocou, começando a ecoar pela esplanada do Caffè Florian. Um empregado veio à porta, pedir que desligasse o aparelho, de modo a permitir que os demais clientes tomassem sossegados as suas refeições, ou simplesmente conversassem.

Mas Diana, que compreendia sem dificuldades a língua italiana, aproveitara-se da situação e, enquanto olhava distraidamente para a basílica, os seus ouvidos escutavam o que Pelosi dizia. Uma mulher encontrava-se à espera dele na sua esquadra. Dizia que sabia quem matara *A Noiva Judia* e que tinha como prová-lo.

Apesar de os dois inspetores permitirem que o casal Catalão os acompanhasse de regresso à esquadra, não os deixaram fazer muito mais. Diana não se esquecia de que a Polícia ponderara a hipótese de ser Adam o homem que matara e mutilara o transexual. Por isso, achava-se no direito de saber o que se passara.

Assim, o casal ficara na rua, ao relento, à espera de ver alguém. Até que, vindo do interior do edifício, surgiu um rosto. O professor sentiu um frio na barriga e as pernas a soçobrem. Mal podia acreditar.

Trava-se de Esther, a árabe judia.

Jonathan Reis Campbell foi preso ainda naquele dia, em Pádua, no bairro judaico da cidade, onde ele e a noiva tinham um apartamento, uma vez que eram ambos docentes na universidade. Esther acusara-o, encontrando acidentalmente entre os seus pertences um telemóvel que não lhe pertencia.

Foi um ato de grande bravura, sobretudo para ela. Há algum tempo que o noivo vinha a ser mais agressivo com a mulher de etnia árabe judia, sobretudo quando eram íntimos, e ela, por mais que o amasse e se sentisse grata pela forma incondicional como ele a protegera no passado, não poderia compactuar com algo tão horrível. Uma coisa era a violência com que se impunha sobre ela; outra bem diferente era o que descobriu que fazia a outras mulheres. O telemóvel do transexual continha tudo, desde a troca de mensagens na caixa de entrada da aplicação para encontros que ambos usavam, até às fotografias mais ousadas, dos seus órgãos sexuais, que ele lhe enviara.

Afonso, que enquanto se encontrou em Itália, seguiu o caso pela imprensa com a ajuda de Diana, nunca tentou qualquer espécie de contacto com o filho de Judite. Sabia qual era a sua índole e, de uma certa forma, era surpreendente que só agora tivesse sido revelada.

Curiosamente, depois de ser preso, várias mulheres acabaram por abordar a Polícia, queixando-se. Fora por diversas vezes infiel a Esther, usando os seus casos extraconjugais para extravasar tudo o que de mau tinha dentro dele, maltratando as suas amantes, todas elas casos ocasionais, de apenas uma noite. Fora assim quando era jovem, com a irmã, que engravidara; também com uma jovem israelita, que um dia tentara estrangular; e Esther, que sofrera em silêncio.

De todas as suas vítimas, só uma não apresentou queixa.

Tratou-se de Lizzie Emanuel.

Um dos dias que Afonso e Diana passaram em Veneza foi igualmente marcado por algo inesperado. Acabando por nunca mais se cruzar com

Sofia, o casal resolvera ir ao palacete, tentando falar com ela. A jornalista precisava de mais declarações, nomeadamente para perceber qual era a posição da empresária italiana em relação a Pierre.

Foram atendidos por Francesca, que, como sempre, se mostrou antipática. Desconhecia onde se encontraria a patroa, ou quando estaria de regresso a *Cà* Dario. De seguida, fechara a porta do jardim com estrondo.

Nessa ocasião, embora não fosse tarde, já estava escuro em Veneza. O Sol punha-se cedo, o que só tornava as ruas que se seguiam à Ponte da Academia ainda mais exíguas e sombrias. Afonso parara junto a um canal, tentando perceber para que lado ficaria o hotel onde se encontravam hospedados.

Foi nessa altura que um vulto surgiu sobre a água, de pé, deslizando suavemente a bordo de uma gôndola. De costas, vestia um manto vermelho com capuz, como se fosse o traje de uma noiva numa pintura surrealista.

A jornalista também viu aquela figura, que rapidamente desapareceu. Materializou-se a seguir, do outro lado do curso de água, sumindo-se novamente, só para surgir outra vez. Depois, nunca mais a viram.

O casal ficou aturdido, tentando tirar algum sentido daquele encontro fortuito. Ou muito se enganava, ou aqueles vultos misteriosos eram três pessoas diferentes.

Embora nunca viessem a ter a certeza, a sua intuição estava correta.

As figuras cobertas por capuzes eram mulheres, que navegavam pelos canais, a caminho de um encontro secreto.

Estação Ferroviária de Santa Lucia, Veneza, Itália

No Dia da Morte de Adam Immanuel

Distante o suficiente para não ser reconhecida, Sofia viu o jovem Daniele Accardi descer a escadaria e falar brevemente com o noivo. O escritor estava encostado a um automóvel que comprara recentemente, um *Alfa Romeo* de aparência potente, que reluzia intensamente sob a luz do sol. Removeu do rosto os óculos escuros e fitou-o com um olhar enigmático.

Os dois conversaram durante alguns minutos e de seguida dirigiram-se a uma *osteria* que havia por perto. Depois, regressaram ao carro e embarcaram num dos *ferries*. A empresária italiana ia logo atrás, num *vaporetto*, igualmente em direção ao Lido.

Quando chegaram à ilha onde se realizava o Festival de Veneza, Sofia fez um pequeno compasso de espera, aguardando junto ao cais no interior de um automóvel alugado. Passados alguns minutos, vendo Adam e Daniele afastarem-se no *Alfa Romeo*, uma mulher entrou para o lugar do pendura. As duas entreolharam-se e seguiram atrás do carro do escritor, deixando sempre margem suficiente para que não as visse.

Tinham-se conhecido quando a árabe judia se apercebera da mudança de comportamento em Jonathan. O companheiro estava a tornar-se cada vez mais agressivo, sobretudo nos momentos mais íntimos, durante os quais a magoara, independentemente das suas queixas.

Veio a descobrir que passara novamente a ser afetado por fantasmas antigos. Encontrara-se casualmente com Adam Immanuel na universidade, onde o escritor dera algumas aulas, e aproveitara para o atormentar com os demónios do passado, sob o pretexto de uma ideia para escrever um livro. Seria inspirado na sua história com Hannah.

A insistência de Adam fizera-o reviver os espectros que ela pensava que o rapaz debelara. Estava enganada, até que o impensável acontecera: a descoberta do telefone e do crime hediondo que ele cometera. Teria de denunciá-lo, mas antes, pedira ajuda à única pessoa que se disponibilizara para tal.

No dia em que fora à *Cà* Dario para confrontar Adam e lhe solicitar que parasse de atormentar Jonathan com as histórias de Cambridge e do que se passara com a irmã gémea, o escritor não se encontrava em casa, estando ausente numa viagem a Londres a propósito da adaptação cinematográfica do seu livro mais recente.

Fora, então, recebida pela noiva, que rapidamente percebeu o que se passava. O futuro marido tinha esse poder sobre os outros. Conseguia puxar o mal que havia neles e, tal como Esther, ela também não gostava dele. A relação que mantinham era de mera conveniência. Por isso, as duas uniram-se.

Ao chegarem à praia de Alberoni, as mulheres estacionaram mais atrás, vendo adiante, antes das dunas que davam acesso ao areal e ao mar, o carro no interior do qual se encontravam Adam e Daniele. Saíram.

Sofia delineara o plano depois do funeral de Maria, a empregada transexual que Jonathan Reis Campbell seduzira e matara. Na altura, num momento de rara fraqueza, o noivo pedira para lhe contar algo e fora assim que, na varanda do palacete, confessara os seus maiores pecados: a forma como Pierre, um amigo de Cambridge, matara a tia e o modo vil como os dois tinham incriminado a irmã; a sua ligação antiga a Pedro, um pirata informático de quem sempre fora o *alter ego*. O jovem Accardi era o seu mais recente colaborador, depois de o principal, um lusodescendente, ter sido apanhado pela Europol.

A italiana urdira bem o seu plano, chantageando Daniele. Só precisava que ele sofresse um pouco, exigindo um encontro e assumindo a culpa pelo homicídio do escritor. Ela trataria do resto: incriminar Pierre no seu lugar e matar o noivo.

Dentro do *Alfa Romeo*, o rapaz continuou a conversar com Adam, provocando uma discussão. Como combinara com Sofia, saiu do carro, começando a gritar toda a verdade para quem quisesse ouvi-lo. Vinda por trás, a noiva viu o escritor abrir a porta do automóvel e, de repente, deu-lhe com uma prancha de madeira na cabeça.

Atordoadado, ele ainda se virou, tentando perceber o que acontecera. Mas foi aí que Esther o atingiu. As duas mulheres começaram a espancá-lo violentamente, até o deixarem estatelado na areia.

O inesperado aconteceu quando Daniele entrou em pânico, apercebendo-se da loucura em que se envolvera. A colecionadora tentou acalmá-lo, garantindo-lhe que conseguiria resolver tudo e foi aí que Esther gritou. Nas costas das duas, Adam, ensanguentado, corria para elas.

O barulho de um carro a acelerar ouviu-se de repente. Ao volante do *Alfa Romeo*, Lizzie atropelou-o.

Alguns minutos depois de conseguirem acalmar Daniele, as três mulheres aperceberam-se da presença de uma outra pessoa na praia. Era um homem alto, de cabelo encaracolado e olhos verdes, com uma idade entre os 40 e 50 anos, muito atraente.

Sofia reconheceu James, o ex-amante, ficando sem saber o que fazer. Mas ele ignorou-a, dirigindo-se ao corpo moribundo do irmão. Tocou-lhe, virando para baixo o rosto cheio de hematomas. De seguida, com as mãos sujas de sangue, ordenou a Daniele que se concentrasse e seguisse o plano, obrigando-o a entrar no carro, apoiando-se na ombreira, que inadvertidamente sujou. Conhecia a empresária e ela certamente seria capaz de o libertar.

Sofia atirou com uma camisola de Pierre para dentro do *Alfa Romeo*. Fora ela quem trocara mensagens com ele, roubando o telemóvel ao noivo e apagando-as de seguida, atraindo-o a Veneza. Removeu o cartão do aparelho, que mais tarde destruiu, e, finalmente, deixou cair na areia um molho de chaves e um anel do suíço, que conseguira roubar quando

fora a Cambridge durante uma das ausências de Adam. Tudo acabaria por dar certo.

O homem que preferia ser chamado de *Cardeal* dirigiu-se a Lizzie, que ainda chorava, e abraçou-a ternamente.

– Não te preocupes, bolota – disse-lhe. – Eu perdoo-te.

De seguida, afastou-se, desaparecendo.

Museu Nacional, Amesterdão, Países Baixos Cinco Meses Depois da Morte de Adam Immanuel

Um táxi encostou ao passeio e as pernas longilíneas de uma mulher, decorosamente tapadas por uma saia travada dois dedos abaixo do joelho, revelaram-se, saindo para o exterior. Ela atravessou o bonito jardim que se via à entrada do edifício vermelho, de decoração gótica e renascentista, enquanto o automóvel arrancava.

Entrou no túnel, com o cabelo claro, quase louro, a ondular suavemente sobre as costas, ao som do troar que os seus sapatos altos faziam pisando o empedrado. Fardado com uma camisa azul-clara e uma gravata escura, o funcionário do Museu Nacional dos Países Baixos fitou-a, assim que se aproximou. Estavam encerrados, o que só poderia significar uma coisa; tratava-se de uma visita privada. Deitou um vislumbre à lista que lhe fora cedida pela direção e alvitrou um nome.

— Conti Baresi — corrigiu-o Sofia, ao ser chamada apenas pelo apelido do ex-marido.

O segurança ficou a olhar para ela, achando que a conhecia de outra ocasião. Depois, autorizou-a a entrar.

A mulher atravessou calmamente o átrio, apesar da curiosidade de um ou de outro funcionário que andava por ali. O telhado de vidro deixava passar alguma da luz do dia, que se refletia sobre uma jarra enorme, cheia de tulpas vermelhas, que existia ao centro, no meio da ilha que compunha a receção.

De seguida, dirigiu-se às escadas, passou o cartaz alusivo aos trabalhos de recuperação de *A Ronda da Noite* e transpôs as portas de vidro, entrando num corredor enorme, em tons de madrepérola, o qual percorreu, indiferente a algumas das maiores obras de arte do mundo.

O som que os sapatos altos da mulher faziam enquanto andava cessou subitamente. Sentindo-se maravilhada, com dificuldade em esconder o êxtase, Sofia contemplou *Isaac e Rebeca*. Vestidos sumptuosamente, um homem e uma mulher inclinavam-se ternamente na direção um do outro. Ele abraçava-a com carinho, enquanto ela tinha o olhar sonhador.

A italiana sobressaltou-se e desviou a atenção ao ouvir o som de passos. Ecoavam ao longo do corredor vazio, indo até ela. Virou-se e deparou-se com um homem que conhecia. Tratava-se de Afonso Catalão.

O professor colocou-se ao seu lado, admirando o Rembrandt. Era realmente uma obra de arte excepcional.

– Quando é que lho entregam?

– Amanhã – respondeu ela.

– Ainda me pergunto como é que alguém consegue que um museu lhe ofereça um quadro.

Sofia manteve um semblante fechado. Não esperava reencontrar ali o professor.

– É simples – explicou ela. – Basta sermos burlados. O museu escolheu a solução mais fácil. Ou me compensava, ou era humilhado em tribunal.

– Ah, o Veronese. É verdade que o tem na *Cà Dario*, ao lado de *A Adoração dos Reis Magos*?

– Sim, foi uma oferta da Lizzie. Ela não o quis. Disse que a pintura a faz recordar-se da infância, o que é doloroso.

– Sei. Vi-a recentemente, quando estive em Londres. Parece que está a escrever um livro.

A italiana remeteu-se ao silêncio. Não percebia o rumo daquela conversa de circunstância.

– Sabe, Sofia... – prosseguiu Afonso, fazendo um ar de entendido na direção do quadro. – Na minha viagem, também me cruzei com o Richard Waterhouse, que julgo que conheça bem.

– Não diria tanto. Passou apenas uns dias em minha casa.

– Segundo sei, foram mais de dois meses.

– Talvez. Aconteceu tanta coisa naquela altura.

– Concordo; ele que o diga. Foi afastado da direção deste museu, alegadamente porque no inquérito que se seguiu à descoberta do Veronese falsificado, veio a apurar-se que se deixara ludibriar por uma mulher de cabelo negro, comprido, que se fez passar por uma embaixadora da Christie's, enquanto viveu em Veneza. Não era aquela sua amiga, com quem a vi na Coleção Peggy Guggenheim?

– Quem, a Stella?

– Talvez.

– Quem diria? Só espero que o meu vaso de porcelana e a coleção de navios que lhe comprei não sejam também falsos. Nunca mais a vi.

– E a Esther, alguma vez se reencontrou com ela?

– Com quem?

– A mulher que denunciou o assassino da Maria.

– Não a conheço. Lamento.

– Tal como a Lizzie, aposto.

– Quase fomos cunhadas, mas na realidade apenas nos vimos uma vez, num escritório de advogados, quando ela me cedeu *A Adoração dos Reis Magos*. Tem outra teoria?

Afonso sorriu-lhe. Era cheia de ardis.

– Sabe o que é mais curioso, Sofia? – perguntou-lhe, antes de se ir embora. – É o nome deste Rembrandt.

– *Isaac e Rebeca*?

– Durante muito tempo chamou-se assim. Atualmente, os historiadores de arte designam-no de outro modo.

– Como? Não faço a menor ideia.

– *A Noiva Judia*.

Beja, Portugal
Veneza, Itália
Tempo Presente

Diana acompanhou o marido na viagem até à cidade onde nascera. Depois de ela estacionar o carro, a família Catalão percorreu o passeio e entrou no prédio. Estava um dia bonito de inverno, com um ligeiro sabor à primavera que vinha a caminho.

Os três subiram as escadas até ao terceiro andar. Os degraus estavam gastos, embora limpos, e a luz de presença fraca que existia nas paredes também não melhorava o ambiente. Quando chegaram à porta, o professor hesitou, tentando inserir na fechadura a chave. A mão tremia e, nas têmeoras, surgiam os primeiros sinais de transpiração.

A jornalista afagou-lhe suavemente as costas, tentando encorajá-lo, mas ele respirava pesadamente, afetado pelo momento. Até que a chave finalmente rodou e os três entraram.

O apartamento estava muito diferente do que Afonso se recordava. Talvez fosse do cheiro a mofo, ou da mobília antiquada, mas naquele instante inicial, tudo lhe pareceu pequeno e deslocado. Viu-se em criança na cozinha, ou na varanda, onde gostava de ler na companhia da mãe, e nada lhe pareceu certo. Talvez fosse ele quem estivesse errado. Quem sabe seria o professor que já não pertencia ali.

O som de uma mota a percorrer a rua chegou ao interior da casa, até parar. Ele foi a uma janela e viu lá em baixo, junto ao passeio, um homem vestido de negro com um capacete da mesma cor na cabeça. Discretamente, levantou um dedo na sua direção. Era um cumprimento, ou um sinal de algo novo, que estaria por vir.

O seu telemóvel começou a tocar. Vendo que a chamada provinha da mesquita, atendeu, sob o olhar preocupado de Diana. Enquanto ouvia

aquelas palavras, sentiu uma náusea súbita e a força das pernas a desvanecer-se.

Em Veneza, um homem de cabelo encaracolado e olhos verdes, com uma idade entre os 40 e os 50 anos, cruzou a Praça de São Marcos, sob o olhar interessado da jovem bonita que passava por ele. Mark Emanuel, James Cardinal, ou simplesmente o *Cardeal*, ignorou-a, continuando a andar, passando a basílica, até se meter por uma transversal. Alguns metros depois, chegou a uma casa, mas, no último instante, manteve-se numa posição mais resguardada, protegido por uma esquina, enquanto observava uma mulher a sair. Tinha o cabelo negro e era voluptuosa, como só as italianas sabem ser.

O assassino esperou que ela se afastasse e, vendo-a finalmente muito longe, dirigiu-se à casa, batendo na porta de madeira. Um homem pela sua idade, que evidenciava traços que de alguma forma poderiam ser descritos como sendo parecidos com os seus, veio atendê-lo. Ele nem sequer esperou pelo convite para entrar. Empurrou-o e seguiu para o interior.

Exasperado, o padre Flanagan, o seu sócia e o homem que dois anos antes fora desordenado do título de cardeal, virou-se para ele, barafustando. Mas Mark ignorou a reprimenda, rindo-se:

— Joseph, seu pervertido adorável, que bom que é reencontrar-te. Sabia que não irias conseguir mantê-lo dentro da batina.

— Fala baixo. As paredes têm ouvidos. A Silvana é casada.

— E essa é a tua maior vergonha?

O ex-cardeal de Armagh calou-se. Mark era seu amigo. O tempo que tinham passado juntos na prisão dera-lhes uma intimidade e uma confiança inabaláveis, mas às vezes ele passava das marcas.

— Diz o que queres. Tenho uma missa para dar.

Mark Emanuel sorriu-lhe enigmaticamente:

— É por causa do Papa Donato, o homem que te desordenou. Cancela a missa. Acho que vais querer ouvir o que tenho para te contar.

Na antiga casa do pai, que agora era sua, Afonso desligou o telefone. Diana aproximou-se dele e puxou-o para ela, tentando confortá-lo. O imã Yusef acabara de ser levado para o hospital, depois de ser agredido por Ahmad, que o roubara. O prognóstico sobre a saúde do ancião era reservado.

O professor começou a deambular pela casa, pedindo a Rodrigo e à esposa que lhe dessem alguns momentos a sós. Até que parou diante da porta do quarto da mãe. Abriu-a e foi com surpresa que o encontrou exatamente como se lembrava. O pai nunca lhe mexera. Estava tudo no mesmo lugar, a cama, o roupeiro e a cómoda.

Afonso viu uma estátua da Virgem Maria. Pertencera à mãe.

A sua vida passou-lhe rapidamente pelos olhos – os ensinamentos que ela lhe transmitira; a infância perdida depois da sua morte; a ida para Inglaterra; a conversão desastrosa ao Islão; e o regresso a Lisboa, onde passara somente a acreditar.

O professor Catalão tocou a estátua da santa e fechou os olhos, pensando em Yusef. Foi então, que começou a rezar.

«Se sabe que sou um descrente, então, conhece-me melhor do que eu. Posso ser um descrente, mas sou um que sente uma nostalgia pela crença.»

Pier Paolo Pasolini

Nota do Autor e Agradecimentos

Às 22h30 do dia 1 de novembro de 1975, o poeta, maestro e cineasta italiano Pier Paolo Pasolini foi visto nas imediações da estação terminal ferroviária de Roma, um local habitualmente frequentado por prostitutas, onde convidou um jovem de 17 anos a dar «uma volta» em troca de um presente. Os dois jantaram num restaurante perto da Basílica de São Pedro e, de seguida, partiram na direção de Ostia, uma das praias mais próximas da capital transalpina.

Às 01h30 da madrugada do dia 2 de novembro, uma patrulha dos *Carabinieri* interceptou um *Alfa Romeo* perto de Ostia. O carro ia em excesso de velocidade e ao volante encontrava-se Giuseppe Pelosi, o jovem prostituto que fora aliciado pelo realizador italiano. O rapaz ofereceu resistência, mas acabou por ser preso pelo furto do automóvel, que as autoridades identificaram como pertencente a Pasolini. Duas horas mais tarde, o cadáver do cineasta foi descoberto num campo de futebol. Fora espancado até à morte e deixado no meio de vários restos de madeira ensanguentados.

Pelosi confessou à Polícia o que sucedera. Depois de ser aliciado junto à estação terminal de Roma, ele e Pasolini tinham ido no seu carro para Ostia, onde o homem lhe propusera algo que ele recusara — ser sodomizado com um pau. O jovem tentou fugir, conseguiu apanhar dois pedaços de madeira e usou-os para se defender, acabando por o matar. Ao fugir no carro, também o atropelou.

Giuseppe foi condenado em 1976, embora os exames forenses realizados no âmbito da investigação do crime tenham determinado que o realizador fora vítima de um ataque perpetrado por mais de uma pessoa. O caso foi reaberto em 2010 pelo presidente da Câmara

Municipal de Roma, embora sem conclusões de maior. Ao longo dos anos, a família e amigos de Pier Paolo Pasolini descobriram novas provas, que indicaram que Pelosi não o teria assassinado: uma camisola verde que fora encontrada no carro e que não pertencia a nenhum dos dois ocupantes, umas chaves desirmanadas, uma impressão digital do realizador no teto do automóvel, e o testemunho de locais, que disseram ter visto o *Alfa Romeo* a ser perseguido por um carro e motas, e o corpo do cineasta a ser arrastado por cinco homens no campo de futebol.

Em 2005, em entrevista à televisão italiana, Pelosi afirmou que três homens tinham matado Pasolini, enquanto o insultavam relativamente à sua orientação sexual. Três anos mais tarde, emendou o seu depoimento, alegando ter sido ameaçado na noite do crime por uma milícia, que o obrigou a assumir a culpa pelo crime, em troca da salvaguarda da família. Julga-se que o realizador italiano terá sido assassinado devido às suas convicções políticas, embora, na realidade, o caso fosse novamente encerrado, sem explicações adicionais.

Além deste homicídio, recorri a outras histórias reais para formar o enredo de *A Noiva Judia. Cà Dario*, o palacete na margem do Canal Grande de Veneza que Sofia compra para restaurar e nele constituir a sua coleção privada, existe mesmo. Tentei ser o mais factual possível na história desta casa, que os habitantes da cidade dizem estar amaldiçoada. As histórias que contei brevemente no capítulo em que ela e Adam chegam à casa aconteceram mesmo, acreditando-se que os seus proprietários estão destinados a incorrer num grande infortúnio, muito provavelmente a ruína, ou a morte precoce.

Atualmente, esta casa está abandonada, julgando-se que pertence a um norte-americano cuja identidade não é conhecida. No entanto, alguns dos pormenores que relatei sobre o palacete não correspondem à realidade, tendo sido alterados por mim para efeitos narrativos. Refiro-me à praça onde se localiza, que não passa de uma praceta bastante pequena, ao jardim, que não daria para manter um tigre como *Leonardo*, ou à entrada. O acesso à casa é direto e faz-se por intermédio de uma

passagem entre a habitação e a casa vizinha, que está fechada por um portão de ferro.

Todas as obras de arte que refiro no livro existem. Felizmente, *A Adoração dos Reis Magos*, de Rubens, e *A Noiva Judia*, um dos Rembrandt mais famosos, jamais saíram da capela de King's College e do Museu Nacional dos Países Baixos, respetivamente, e nunca foram vendidos ou roubados, a menos que Sofia Conti Baresi exista mesmo. *O Traje da Noiva*, a pintura surrealista de Max Ernst que inspirou as passagens das mulheres com o capuz vermelho, faz parte da coleção pública do Museu Peggy Guggenheim. No entanto, este museu nunca encerrou durante a pandemia. A reabertura, na qual Afonso comparece para confrontar Sofia, foi encenada por mim, tal como o título do quadro que em Português não reúne consenso. Em inglês, designa-se por *The Atonement of The Bride*.

Comecei a escrever em 2003, algo que só dei a conhecer nove anos mais tarde. Nunca o escondi por embaraço. Não sinto vergonha do meu primeiro livro, *O Espião Português*, nem muito menos daqueles que escrevi depois. *A Célula Adormecida* foi planeado para ser apenas um livro isolado, que de repente se transformou em muitos outros.

Ao longo destes anos, em que passei do completo anonimato a algo que não anda assim tão longe disso, ouvi e vi escritas coisas acerca de mim que não correspondem à verdade. Não sou reservado por ter a pretensão de o ser, mas porque é assim que sou. Tenho feito um esforço para ser mais expansivo, mas continuo a acreditar no meu valor, naquilo que tenho aprendido durante todas as quedas que tenho sofrido, e estes seis livros, a série *Afonso Catalão*, são o resultado do meu esforço, dedicação e trabalho, algo que fiz sozinho, recorrendo pontualmente à ajuda de consultores externos, e do qual muito me orgulho.

Diz a sabedoria popular que aprendemos com os nossos erros e não sou exceção. *A Noiva Judia* poderá ser o desfecho da história da vida deste professor universitário tão singular, mas não será o fim da minha

carreira literária, nem muito menos o meu. Quando regressar, fá-lo-ei quando me sentir novamente preparado e de acordo com os meus termos.

Para não escrever uma despedida, termino esta nota com um agradecimento aos profissionais da Cultura Editora e da Agência das Letras que desde 2017 trabalharam na série *Afonso Catalão* e nas reedições da trilogia *Freelancer*. O meu obrigado a Liliana Sousa, Marina Oliveira, Vera Braga, Isabel Garcia Pereira, Maria João Gomes, Manuel Fonseca, António Fonseca Tavares, Ana Gaspar Pinto, Joana Ribeiro, Tiago Cação, Patrícia Silva, Miguel Pereira, Romão Cunha e Ana Teresa Barreiros.

Gostaria também de agradecer aos fotógrafos Assunção Castelo Branco, Anna McCarthy, Marisa Martins e Luka Mario, pela paciência, e por me terem emprestado o seu talento para ilustrar um pouco do que foi o universo Catalão. Estendo esta gratidão às pessoas que serviram de consultores na produção dos livros, o *sheikh* David Munir, a senhora Ana Araújo, guia da sinagoga sefardita de Lisboa, Maurice Davies, o diretor de coleção da Academia Real das Artes de Londres, e ao agente do SIS, que me ajudou com os primeiros livros da série, e com quem desenvolvi uma amizade.

Obrigado também a Vanessa Leão, a relações públicas da Agência das Letras, pela amizade e preocupação, e por me ouvir, bem como a João Gonçalves, o meu agente, e editor na Cultura Editora, que em 2017 me deu uma oportunidade quando eu estava no limiar de desistir de escrever. Um agradecimento sentido a Paula Caetano, a revisora que trabalha comigo desde *Pecados Santos*, com a qual não só tenho aprendido imenso, como mantenho excelentes conversas.

Agradeço ainda aos meus amigos e família, por me perdoarem as ausências e continuarem a apoiar-me, e, claro, aos melhores leitores do mundo. Foi no vosso carinho que consegui encontrar a vontade de continuar a escrever.

Nuno.
Janeiro 2022.



Nuno Nepomuceno agradece a disponibilidade do Museu Nacional dos Países Baixos na realização da produção fotográfica dedicada a *A Noiva Judia*.

